



O Papel do Protocolo na Organização e Planeamento de Eventos Académicos *O Dia da UBI*

Teresa Margarida Fortuna Da Cunha Casteleiro

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações-Públicas
(2º ciclo de estudos ou mestrado integrado)

Orientadora: Professora Doutora Sónia Sá

maio de 2025

Declaração de Integridade

Eu, Teresa Margarida Fortuna Da Cunha Casteleiro, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M13388 de Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações-Públicas da Faculdade de Artes e Letras, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridade da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço profundamente à Professora Doutora Sónia Sá, minha orientadora, pela orientação científica rigorosa, pela paciência nos momentos mais exigentes, pelas sugestões sempre pertinentes, que enriqueceram este trabalho desde o início, e pelo seu apoio e amizade constantes.

Gostaria de manifestar o meu enorme agradecimento aos Senhores Professores Doutores Mário Raposo, Reitor da Universidade da Beira Interior, e aos antigos Reitores, Professores Doutores Manuel Santos Silva, João Queiroz e António Fidalgo, e à Dr^a Graça Castelo-Branco pela generosidade com que aceitaram colaborar nesta investigação. A sua disponibilidade para participar, a clareza dos testemunhos partilhados e o contributo valioso das suas reflexões foram determinantes para o desenvolvimento e enriquecimento desta dissertação. A todos, o meu mais sincero reconhecimento.

Ao Professor Doutor Pedro Gaspar agradeço por todo o apoio, amizade e motivação constantes.

À Professora Doutora Gisela Gonçalves e a todos os meus Professores do curso, aos Professores Doutores Mário Freire e Pedro Inácio, à Professora Doutora Tânia Lima, que, de forma mais visível ou discreta, contribuíram com o seu tempo, saber ou disponibilidade, expresse o meu reconhecimento.

Aos meus amigos Raquel Sousa, Inês Monteiro, Patrícia Inácio, Celsa Gil, Celiana, Diogo e Francisco Venâncio, Dina Braçais, Raquel Rosa, Patrícia Barata, Andreia Alves, Miguel Rebelo, Carlos Micaelo Farias, Hélder Antunes e Tatiana Nunes que estiveram sempre por perto — nos bons e nos maus dias —, o meu obrigado por cada palavra de incentivo, por cada momento de riso e por me ajudarem a manter o equilíbrio e a motivação quando mais precisei.

Ao meu Pai, que já partiu, e à minha Mãe, por todo o amor incondicional, pelos princípios que me transmitiram e por tudo o que fizeram por mim. Foram eles que me ensinaram, pelo exemplo e pelas palavras, a ser quem sou hoje.

Por fim, aos meus filhos Catarina e Rodrigo e ao meu marido Carlos Casteleiro deixo a mais sentida gratidão. O vosso amor, apoio incondicional e a vossa confiança foram fundamentais. Esta conquista é também vossa.

A todos os que, de uma forma ou de outra, caminharam comigo nesta jornada e me possibilitaram a realização deste sonho: **muito obrigado a todos por me fazerem sentir que uma vez *ubiana*, para sempre *ubiana*!**

"Tenho em mim todos os sonhos do mundo."

— Fernando Pessoa

Livro do Desassossego

Resumo

Esta dissertação analisa o papel do protocolo na estruturação, execução e percepção de eventos e cerimónias académicas, utilizando o *Dia da UBI* como objeto de estudo principal. O trabalho aborda os apontamentos históricos e o conceito de protocolo, bem como a sua aplicação específica no contexto universitário. É destacada a função do protocolo universitário no reforço da identidade e imagem da instituição, na garantia da solenidade e eficácia dos eventos, e na promoção dos valores fundamentais da comunidade académica.

Este estudo também se debruça sobre a análise dos discursos proferidos por diferentes reitores ao longo dos anos durante as cerimónias do *Dia da UBI*, identificando padrões temáticos, variações discursivas e elementos estruturais que evidenciam as prioridades institucionais e as transformações ocorridas na universidade. Esta análise qualitativa visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada trajetória da UBI, através das visões dos seus dirigentes e dos desafios associados à realização do principal evento público da universidade, o dia 30 de abril.

A dissertação formula o problema de estudo em torno da influência das práticas de protocolo na organização, execução e percepção da cerimónia académica, a partir do *Dia da UBI*. A análise das áreas de melhoria identificadas e as sugestões para o plano do próximo evento apontam para aspetos cruciais na gestão de imprevistos e no aprimoramento do planeamento e da comunicação.

Em suma, esta dissertação demonstra como o protocolo, enquanto conjunto de normas, rege a organização e a conduta nos eventos académicos, contribuindo para o sucesso das cerimónias, fortalecendo a identidade institucional e promovendo uma experiência padronizada e respeitosa para todos os participantes.

Palavras-chave

Protocolo, Eventos Académicos, Comunicação Universitária e Identidade Institucional.

Abstract

This dissertation analyses the role of protocol in the structuring, execution, and perception of academic events and ceremonies, using "UBI Day" as its primary case study. The work addresses historical notes and the concept of protocol, as well as its specific application within the university context. The function of university protocol is highlighted as essential for reinforcing the institution's identity and image, ensuring the solemnity and effectiveness of events, and promoting the core values of the academic community.

This document also examines the speeches delivered by different rectors over the years during the "UBI Day" ceremonies, identifying thematic patterns, discursive variations, and structural elements that reveal institutional priorities and the transformations experienced by the university. This qualitative analysis aims to provide a deeper understanding of UBI's trajectory through the perspectives of its leadership and the challenges associated with organising the university's main public event, held annually on April 30th.

The research question is centred on the influence of protocol practices on the organisation, execution, and perception of academic ceremonies, using "UBI Day" as the starting point. The analysis of identified areas for improvement and the suggestions for planning the next event highlight crucial aspects of contingency management and the enhancement of planning and communication.

In summary, this dissertation demonstrates how protocol, as a set of formal norms, governs the organisation and conduct of academic events, contributing to the success of ceremonies, strengthening institutional identity, and fostering a standardised and respectful experience for all participants.

Keywords

Protocol, Academic Events, University Communication and Institutional Identity.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice	6
Índice de Tabelas	7
Acrónimos	8
1. Introdução	9
1.1 O processo formal da UBI	10
2. Protocolo: história e conceito	13
2.1 Apontamentos históricos	13
2.2 O Conceito	16
2.3 O protocolo nas RP	19
2.4 O Protocolo Universitário.....	21
2.4.1 A UBI e o seu protocolo.....	25
3. Protocolo, Cerimonial e a Comunicação Universitária	29
3.1 A comunicação institucional universitária	31
3.1.1. O cerimonial universitário	35
3.1.2. Da identidade universitária	37
3.1.3. Eventos universitários.....	40
3.1.4. A padronização	42
3.1.5. Diretrizes.....	43
4. Metodologia	47
4.1 Estudo empírico.....	47
4.1.1. Recolha de dados	49
4.2 Análise	52
4.2.1 Análise documental	55
4.2.2 Análise de conteúdo (discursos audiovisuais)	57
4.2.3 Análise do Discurso do Reitor Manuel Santos Silva	60
4.2.4 Análise do Discurso do Reitor João Queiroz	63
4.2.5 Análise do Discurso do Reitor António Fidalgo	66
4.2.6 Análise do Discurso do Reitor Mário Raposo	68
4.3 Análise das entrevistas	71
4.3.1 Nuances e Ênfases	79
5 Discussão	80

5.1.1	Propostas.....	84
6	Conclusão.....	86
6.1	Sugestões de trabalhos futuros.....	87
7	Referências	89
8	Anexos.....	100

Índice de Tabelas

Tabela n.1 – Análise de parâmetros de cada discurso. Tabela elaborada pela autora durante a dissertação.

Tabela n.2 – Análise da Categorias. Elaborada pela autora durante a dissertação.

Acrónimos

GMIC	Gabinete de Marketing, Imagem e Comunicação
IFRS	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
UBI	Universidade da Beira Interior
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
RJIES	Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior
SASUBI	Serviços de Ação Social da Universidade da Beira Interior
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNITA	European Economic Interest Grouping

1. Introdução

Ao longo deste trabalho irá ser abordado e estudado o protocolo, mais concretamente o Protocolo Académico na organização e planeamento do *Dia da Universidade da Beira Interior* (UBI). O *Dia da UBI*, comemorado a 30 de abril todos os anos, é uma data comemorativa importante para a instituição de ensino superior em Portugal, que simboliza sua história, missão e valores. A celebração destaca a importância da UBI no ensino, investigação e transmissão de conhecimentos, inspirando um sentido de integração e unidade na comunidade académica e de integração e proximidade com as comunidades e entidades externas. Ora, é também uma oportunidade para divulgar as atividades e projetos da universidade, fortalecendo sua reputação nacional e internacional. Este evento é um momento de celebração, reflexão e reconhecimento do papel da instituição na criação de profissionais qualificados e na produção de conhecimento científico de qualidade.

Inspirada na obra “O Livro do Protocolo” (Serrano, 2015), que aborda as normas, regras e práticas de protocolo que são aplicáveis em eventos formais, cerimoniais e contextos institucionais, a autora desta dissertação explora neste trabalho as diversas facetas do protocolo, a organização de eventos oficiais, especialmente a cerimónia de aniversário da UBI. Esta escolha justifica-se pelo interesse da investigadora pelo tema e pela reflexão sobre o conhecimento e a aplicação das normas protocolares, enriquecido pela sustentação histórica e cultural da importância destas práticas ao longo do tempo.

No contexto específico da UBI, Universidade localizada na Covilhã, a cerimónia do *Dia da UBI* representa um momento singular de celebração, reflexão e integração. Esta data é marcada pelo aniversário da instituição, é uma ocasião de significado muito relevante, reunindo estudante e antigas/os estudantes, docentes, técnicas/os e membros da comunidade em torno de valores comuns e conquistas partilhadas. No entanto, por detrás da aparente grandiosidade e fluidez destes eventos e cerimónias, reside um intrincado e complexo acordo de práticas protocolares (ver: RJIES - Lei n.º 62, 2007 e deliberação do Senado n.º 26/95, 1995), cujo impacto e eficácia muitas vezes passam despercebidos.

Para aprofundar a compreensão do protocolo em eventos e cerimónias académicas, esta dissertação integra contribuições de diversos autores das áreas do protocolo, do cerimonial, da comunicação e das relações-públicas. Avançando para além das formalidades externas, a investigação agora apresentada explorou as dimensões

simbólicas, comunicativas e relacionais das cerimónias, que moldam a experiência dos participantes e contribuem para o robustecimento da identidade institucional. Entre as referências utilizadas neste estudo, destaca-se o trabalho de Mateus (2009) sobre o protocolo no âmbito das relações-públicas e da comunicação para a imagem da empresa, bem como a abordagem de Corraliza Coba (2019) sobre o protocolo universitário a partir do uso do traje académico na Universidade de Sevilha. Além disso, os despachos reitorais assinados por António Fidalgo (2013, 2014), à data reitor da UBI, fornecem contributos relevantes sobre a importância do protocolo na vida académica. A convergência dessas perspetivas enriquece a abordagem multidisciplinar deste estudo, que visa contribuir para a reflexão crítica e construtiva sobre a relevância do protocolo em cerimónias académicas e na construção da identidade institucional.

1.1 O processo formal da UBI

A definição do objetivo é o primeiro passo para a organização de uma cerimónia bem-sucedida. É fundamental identificar claramente qual é o propósito e o público-alvo a que se destina o evento, conforme a deliberação do Senado nº 26/95, em 1995. Em seguida, o planeamento da cerimónia também é uma etapa crucial, onde são definidos a data, o local, o orçamento, a logística, a programação e outros detalhes importantes, conforme preconizado pela UBI. Para garantir o sucesso do evento, é essencial elaborar um cronograma com prazos e atividades a serem cumpridas, como destacam Spina França & Nogueira Vellutini em 2018. Além disso, a solicitação de orçamentos e a contratação de serviços e fornecedores necessários são passos fundamentais, segundo Nunes Braga & Garlet (s/data). A divulgação da cerimónia é outro ponto chave, para a qual são desenvolvidas estratégias de marketing e comunicação para promover o evento e atrair as diversas camadas de públicos internos e externos.

Por fim, a gestão da lista de convidados, a preparação do local da cerimónia, a coordenação do evento durante sua realização e a avaliação pós-cerimónia são outras etapas importantes no processo de organização de uma cerimónia bem-sucedida. Apenas seguindo estas orientações e cuidando de cada detalhe, é possível garantir o sucesso da cerimónia e identificar pontos positivos e áreas de melhoria para futuras edições, tal como, servir de exemplo para outras cerimónias da UBI e de outras universidades portuguesas e estrangeiras. Estas dimensões abrangem todas as etapas críticas para a organização e execução de uma cerimónia, desde a conceção inicial até à avaliação final.

Os eventos e cerimónias académicas (deliberação do Senado nº 26/95, 1995) são momentos de significado profundo nas instituições de ensino superior, marcados pela

celebração de conquistas e pela manifestação dos valores fundamentais da comunidade acadêmica. No âmago dessas ocasiões está o protocolo, um conjunto de normas que rege a organização e a conduta, garantindo a solenidade e eficácia. Ao explorar este contexto específico, o protocolo aplicado à cerimônia do *Dia da UBI 2024*, procura-se compreender como contribui o protocolo para a experiência e percepção destes eventos e cerimônias acadêmicas.

Esta dissertação estrutura-se em capítulos que exploram a fundo o tema proposto. O Capítulo 1, Introdução, estabelece o foco no processo formal da UBI para eventos acadêmicos, como o *Dia da UBI*, identificando a definição clara do objetivo (propósito e público-alvo) como o primeiro passo crucial para o sucesso, e a importância de seguir orientações e cuidar dos detalhes para garantir o sucesso e identificar melhorias futuras. No Capítulo 2, Protocolo: história e conceito, o trabalho debruça-se sobre os apontamentos históricos e o conceito de protocolo como um conjunto de normas que regem comportamentos em diversos contextos, incluindo a sua aplicação em Relações Públicas e, especificamente, no Protocolo Universitário. É destacada a função do protocolo universitário no reforço da identidade e imagem institucional, na garantia da solenidade e eficácia dos eventos e na promoção dos valores da comunidade acadêmica. É também apresentado o protocolo específico da UBI, incluindo normativas internas e o seu apoio à internacionalização. O Capítulo 3, aborda teoricamente a importância da padronização e das diretrizes no protocolo institucional. O Capítulo 4, Metodologia, descreve os métodos de investigação qualitativa utilizados no estudo, que incluiu análise documental, análise de conteúdo de discursos audiovisuais proferidos por cinco reitores da UBI, e entrevistas semiestruturadas com reitores e a Chefe de Gabinete. Foi utilizada a técnica de análise de conteúdo discursivo (sistematizada por Bardin, 2006) para identificar temas e padrões, e a triangulação dos dados para validar as interpretações sobre o papel do protocolo na reputação institucional da UBI. O capítulo detalha as análises dos discursos dos reitores, explorando críticas, tipos de discurso e relevância para a identidade da universidade, bem como a análise das entrevistas, que revelaram diversas perspectivas e categorias sobre os aspetos protocolares e organizacionais do evento. O Capítulo 5, Discussão, analisa como as práticas de protocolo influenciam a organização, execução e percepção das cerimônias acadêmicas, tomando o *Dia da UBI* como caso de estudo. Confirma a existência de normas e procedimentos estabelecidos na UBI e identifica os principais desafios na sua implementação, como a gestão de imprevistos e o equilíbrio entre formalidade e envolvimento da comunidade. Apresenta ainda recomendações e propostas para melhorar o protocolo e a organização do *Dia da UBI*. Por fim, o Capítulo 6, Conclusão, reitera que o protocolo é fundamental na

organização de eventos académicos, contribuindo significativamente para a estruturação, execução e perceção das cerimónias da UBI. Sublinha o seu papel no reforço da identidade institucional e na garantia da solenidade e eficácia dos eventos. Menciona que as sugestões de melhoria identificadas visam otimizar o evento e fortalecer a imagem da instituição, terminando com sugestões para trabalhos futuros na área do protocolo universitário.

2. Protocolo: história e conceito

2.1 Apontamentos históricos

O protocolo é um conjunto sistemático de normas e regulamentos que orientam comportamentos em contextos sociais, oficiais e diplomáticos, possui uma rica e intrincada história que se entrelaça com a evolução das civilizações e das interações humanas (Serrano, 2015). A história do protocolo é uma narrativa abundante e multifacetada que reflete a evolução social, política e cultural da humanidade. Desde as suas origens nas civilizações antigas até às suas manifestações contemporâneas num mundo globalizado, o protocolo desempenha um papel crítico na mediação das relações humanas (Rodrigues & Martins, 2004; Cardim, 2004; Bouza, 2015).

Tradicionalmente associado a eventos cerimoniais e relações diplomáticas, o protocolo abrange uma gama mais ampla de interações sociais e culturais. A sua evolução reflete transformações na sociedade, na política e nas relações internacionais ao longo do tempo (Saaïda, 2024; Pshtyka, 2011). Este trabalho analisa a importância nas relações-públicas do protocolo, tal como a complexidade do campo, como trabalhado por Ruão (2023) ou Carrillo-Duran & Tato Jiménez (2005).

Assim, na antiguidade, o conceito de protocolo surgiu como um conjunto de normas sociais fundamentais, encontrando expressão em civilizações como a Grécia e Roma, em que a ordem social e a etiqueta eram necessárias para a convivência pacífica (Cardim, 2004). Na Grécia antiga, a participação em eventos públicos, como as ágoras (grande praça aberta reservada a atos públicos) e festivais, exigia a obediência de um conjunto de regras de conduta que garantiam a harmonia social. Já os romanos, com a sua organização militar e política, estruturaram normas que iam desde o cumprimento de salvas a discursos formais. Tais práticas evidenciam a importância da cerimónia nas esferas públicas e militares, refletindo não apenas a ordem social, mas também os valores da época (Cardim, 2004; Rich, 2013).

Neste contexto, o protocolo não apenas assegurava uma convivência ordenada, mas também exercia um papel central na construção da identidade coletiva. As interações entre cidadãos romanos, por exemplo, eram cuidadosamente reguladas por normas que definiam a posição social e o status dos indivíduos. Assim, o protocolo configurou-se, desde os primeiros tempos, como um reflexo das hierarquias sociais e das relações de

poder, assinalando quem poderia ocupar determinado espaço ou ser ouvido em assembleias e eventos públicos (Hossó, 2021; Hölkeskamp, 2010).

O período medieval trouxe uma formalização ainda mais robusta do protocolo, especialmente no contexto religioso. As cerimônias litúrgicas eram regidas por normas estritas que regulamentavam vestimentas, a posição dos participantes e a sequência dos eventos (Ershov et al., 2019). A igreja católica, como principal instituição da época, desempenhou um papel fundamental na definição do que constituía o “comportar-se adequadamente” em contextos sagrados. A reverência, a honra e o respeito pelas tradições da igreja eram essenciais e refletiam-se em cada aspeto das práticas protocolares (Harper, 1991).

Simultaneamente, os grandes feudos e cortes reais estabeleciam os seus próprios códigos de etiqueta. A corte feudal tornou-se um espaço onde o protocolo era, não apenas um indicador de status, mas, também, um instrumento de poder político. As interações sociais dentro destas cortes eram rigorosamente regulamentadas, onde a moda, os gestos e a linguagem tornaram-se manifestações essenciais da identidade de classe (Cubitt, 2003; la Peña, 2023). Esse desenvolvimento moldou a conceção de que o protocolo era indispensável para a organização social e política, estabelecendo um cenário em que a etiqueta e o comportamento adequados não eram meramente questões de formalidade, mas sim questões de sobrevivência política e social (Alberts, 2020).

Com o aparecimento do renascimento e o fortalecimento das nações-estado, o protocolo começou a assumir um caráter mais diplomático. A ascensão do estado moderno e a extensão das relações internacionais criaram a necessidade urgente de um sistema normativo que estabelecesse as regras de interação entre os soberanos e os seus representantes (Hall, 2010). A diplomacia, que já se configurava nas interações entre os estados, procurava uma série de normas protocolares que poderiam minimizar conflitos e facilitar negociações. A formalização do papel dos diplomatas e a teorização das relações internacionais culminaram em protocolos que definiram claramente privilégios e imunidades (Froideville & Verheul, 2016).

Ruão (2023) salienta que o protocolo não é apenas um conjunto de regras formais, mas uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de relações harmoniosas entre estados-nação. O protocolo tornou-se fundamental para o entendimento formal e para a construção de identidades e relações de poder no cenário internacional contemporâneo, refletindo as maneiras pelas quais os estados procuravam a legitimidade e o reconhecimento num sistema internacional em mudança (Ruão, 2023; Afyare, 2020).

O século XIX revelou-se um marco na codificação de normas protocolares. O surgimento de alianças e tratados entre potências europeias evidenciou a necessidade de diretrizes formais para regular tanto as interações diplomáticas quanto as sociais (Santos Costa, 2015). Os encontros entre líderes mundiais, como aqueles que foram realizados no Congresso de Viena (1814-1815), foram precursores para o que viria a ser o Protocolo de Viena de 1961, no qual as regras específicas foram estabelecidas para as relações diplomáticas (Schroeder, 1996).

As teorias desenvolvidas nesse período por estudiosos de ética e protocolo mostraram-se cruciais para a formalização dessas interações. Ruão (2023) argumenta que, além do papel prático do protocolo em prevenir conflitos, este atua como um fator de coesão social entre nações, ajudando na construção de normas partilhadas que facilitam a comunicação e o entendimento entre diferentes culturas e sistemas políticos.

O século XX trouxe novos desafios e dimensões ao protocolo, especialmente à luz da globalização e da crescente interdependência entre nações. A fundação das Nações Unidas, em 1945, estabeleceu novos padrões para interações internacionais, integrando uma série de regras protocolares que respeitavam e uniam diversas culturas (Pio Borges & Kalout, 2022; Friedman, 2005). Carrillo Durán & Tato Jiménez (2005) ressaltam que a adaptação às diferentes culturas em protocolos contemporâneos é vital para a promoção da paz e do entendimento mútuo entre estados. Argumentam ainda que, num mundo onde as interações são cada vez mais multiculturais, o protocolo deve ser flexível e inclusivo, permitindo o apreço e a apreciação das diferenças culturais. Eventos como cúpulas internacionais e conferências multilaterais exigem, precisamente, esta abordagem mais inclusiva e flexível, possibilitando ambientes nos quais diferentes culturas podem interagir de maneira respeitosa e produtiva (Ruggi, 2014).

O desafio tornou-se não apenas codificar regras, mas adaptar aquelas regras aos contextos específicos nos quais eram aplicadas, reafirmando a importância do entendimento intercultural como um elemento-chave do protocolo moderno (Serrano, 2015).

Atualmente, o protocolo difunde-se para além de contextos cerimoniais tradicionais, abrangendo novas formas de interação. A era digital trouxe consigo o conceito de *netiquette*, que se refere às normas de conduta em ambientes virtuais, exigindo que o protocolo se adapte à nova realidade das comunicações digitais (Heitmayer & Schimmelpfennig, 2024; Al-Khatib, 2023). Além disso, a crescente mobilidade global exige que profissionais e diplomatas se ajustem às normas culturais de diferentes países,

salientando a necessidade de uma abordagem intercultural ao protocolo (Froideville & Verheul, 2016; Trompenaars & Hampden-Turner, 2012).

Este milénio tem, assim, intensificado discussões sobre a ética, a responsabilidade social e o cuidado com a diversidade, em torno do protocolo, refletindo as complexidades das sociedades modernas (Chiraz & Frioui, 2012). Adapta-se às interações quotidianas, enriquecendo o tecido social e destacando o seu papel não apenas em contextos oficiais, mas também nas relações interpessoais e profissionais (Carrillo Durán & Tato Jiménez, 2005).

As contribuições de investigadores como Ruão (2023) ou Carrillo Durán & Tato Jiménez (2005) iluminam as diversas facetas do protocolo, destacando a sua importância não apenas em contextos formais, mas também na construção de relações interculturais e na promoção do entendimento mútuo. O protocolo, continua, assim, a evoluir, adaptando-se às exigências e desafios neste mundo em constante transformação.

2.2 O Conceito

O dicionário português define Protocolo como sendo a ata, nota ou registo dos documentos governamentais, dos atos oficiais, da correspondência de um governo ou tribunal, de uma empresa, universidade etc. Ainda de acordo com o mesmo dicionário, em sentido figurado, são normas e procedimentos que se devem respeitar em cerimónias públicas; formalidade. Etimologicamente, a palavra protocolo vem do francês *protocole* e do latim *protocollum* (Dicionário Online de Português, 2024).

O conceito de protocolo é amplamente utilizado em diversas áreas do conhecimento, desde as ciências exatas até às ciências sociais, mas a sua essência permanece a mesma: é um conjunto de regras/diretrizes estabelecidas para garantir uma comunicação eficaz, uma ação coordenada ou o cumprimento de determinadas normas.

Hoje, na área das relações-públicas e da comunicação estratégica, o protocolo não se limita ao ambiente governamental. Expandiu-se para o contexto empresarial, com o objetivo de facilitar interações, fortalecer a imagem e identidade organizacional e gerir perceções. O protocolo ajuda a assegurar que a comunicação entre a organização e o público-alvo siga um padrão que garanta credibilidade e coerência na representação institucional (Austin & Pinkleton, 2015).

Na sua aplicação mais técnica, na área da tecnologia da informação e das redes, um protocolo é um grupo de regras que definem como os dados devem ser formatados,

transmitidos e recebidos entre sistemas. Exemplos clássicos incluem o Protocolo de Transferência de Hipertexto (HTTP), usado na navegação na *Web*, e o Protocolo de Controle de Transmissão/Protocolo Internet (TCP/IP), que define a base para a comunicação na internet. Estes protocolos garantem que diferentes dispositivos e sistemas possam se comunicar de forma eficiente, independentemente de suas especificidades técnicas (Napoleon, 2024).

O progresso e a disseminação das interações digitais, o protocolo teve de evoluir e adaptar-se ao novo contexto. Nesta era, em que as relações não se limitam a encontros presenciais, as regras de convivência e de comunicação tiveram de ser ajustadas para atender às particularidades da comunicação digital. As redes sociais, os fóruns de discussão e as plataformas de mensagens instantâneas configuram um ambiente complexo, onde o protocolo desempenha um papel crucial na construção de uma comunicação eficiente, ética e respeitosa (Moreno-Cabanillas et al., 2024).

No universo digital, o protocolo tem a função de estabelecer tanto o tom quanto o formato das interações. Uma das principais preocupações é o tratamento de críticas e a resposta a interações em tempo real. Diferentemente do ambiente físico, em que as interações são, geralmente, mais formais e mais espaçadas no tempo, o ambiente digital exige uma resposta rápida e, muitas vezes, espontânea. Isso cria uma procura por normas que orientem a comunicação de forma a evitar mal-entendidos e desgastes nas relações (Fontaine et al., 2018).

Para empresas e personalidades públicas, por exemplo, o protocolo digital orienta desde a resposta a comentários e críticas até a forma de lidar com situações de crise. No caso das redes sociais, onde a interação é massiva e constante, o protocolo exige uma postura de clareza e empatia, especialmente em momentos de tensão. Cada interação, seja ela positiva ou negativa, torna-se uma oportunidade de reforçar valores institucionais e fortalecer a imagem pública, algo essencial num meio onde a informação circula com extrema velocidade (MacKay et al., 2021).

Além disso, o protocolo digital também se estende à proteção da privacidade e ao respeito pelas diferenças culturais. A internet é um espaço global onde pessoas de diferentes culturas e crenças interagem. Assim, o protocolo atua para assegurar que a comunicação seja abrangente e cordial, evitando comentários ou posturas que possam ser mal interpretados ou considerados ofensivos. Em algumas plataformas, como o *LinkedIn*, o protocolo tende a valorizar uma comunicação mais formal e profissional, enquanto em

redes como o *X* ou *Instagram*, o tom pode ser mais informal, mas sempre preservando a integridade e o respeito (Seib, 2018).

Com a digitalização, surgiram também novas modalidades de comunicação, como o uso de *emojis*, *gifs* e reações rápidas. Esses elementos, embora possam ser vistos como informais, têm as suas próprias regras de uso e devem ser aplicados de forma coerente com o contexto e com o público-alvo. Num ambiente de trabalho, por exemplo, o uso excessivo de *emojis* pode ser considerado inapropriado, já em contextos comunicacionais mais informais podem ajudar a humanizar a comunicação e reduzir possíveis ambiguidades (Szeto et al., 2022).

O protocolo digital é desta forma uma ferramenta essencial para a manutenção da ética, da cadência e do respeito nas interações online, contribuindo para a criação de um ambiente virtual mais seguro, evitando práticas como o discurso de ódio, o assédio virtual e a disseminação de informações falsas. Na era da comunicação instantânea e da exposição pública constante, o protocolo digital torna-se, assim, um elemento estruturante para a construção de uma convivência saudável e produtiva no espaço digital (Dreißigacker et al., 2024).

O protocolo digital deve ser específico e cuidadoso, promovendo valores de civilidade e responsabilidade, mas sem comprometer a autenticidade e a proximidade que são características fundamentais das interações online. Esta adaptação visa alinhar a comunicação digital aos valores institucionais, enquanto garante que o comportamento da organização em ambientes digitais seja coerente e transparente (Mendes, 2022).

O protocolo estabelece diretrizes sobre como responder a feedbacks e gestão de reclamações, assegurando que a organização esteja sempre representada de forma que reflita a sua identidade e os seus valores institucionais. Essa orientação é essencial para que a comunicação digital seja consistente, profissional e construtiva, independentemente do tipo de interação ou público envolvido (Sul, 2023).

A gestão de crises no ambiente digital, por sua vez, requer protocolos específicos e preparados para a rapidez com que uma crise pode se propagar online. No ambiente virtual, as crises têm potencial para ganhar amplitude em pouco tempo devido à forma como se pode tornar *viral* nas redes sociais. O protocolo digital de gestão de crises deve, portanto, prever respostas rápidas e coordenadas, incluindo um plano claro de ação para a comunicação com os públicos afetados, de maneira transparente e eficaz. Este protocolo deve abranger tanto a comunicação direta nas plataformas digitais da organização, como também a atuação de influenciadores e porta-vozes, que podem

desempenhar papéis importantes em momentos de crise. Desta forma, o protocolo digital não apenas protege a imagem da organização, mas também mantém a confiança e a credibilidade junto dos públicos, mesmo em situações adversas (Ruão & Fernández-Souto, 2020).

2.3 O protocolo nas RP

Nas relações públicas, o protocolo cumpre diversas funções estratégicas que contribuem para o desenvolvimento e manutenção de relacionamentos de longo prazo e de alto valor com diferentes públicos, incluindo clientes, parceiros, investidores e autoridades. Entre as funções fundamentais do protocolo, destaca-se a criação de imagem e reputação institucional, elemento central para o fortalecimento da presença e da credibilidade da organização perante os seus *stakeholders*. O protocolo estabelece padrões de comportamento e comunicação que refletem os valores e os objetivos da instituição, regulando o tom e a forma das interações em eventos, cerimónias e encontros formais. A adesão a estas normas protocolares reforça a confiança e o respeito por parte dos *stakeholders*, projetando uma imagem sólida e profissional que fortalece a reputação da organização a longo prazo (Albuquerque & Silva, 2021).

Outra função essencial do protocolo no campo das relações-públicas é a gestão de crises e a comunicação contingencial, atuando como um guia estruturado que facilita ações rápidas e assertivas em momentos críticos. Em situações de crise, a existência de um protocolo específico permite que a organização se posicione de forma coordenada e transparente, evitando que respostas improvisadas possam comprometer a credibilidade e a confiança pública. Um protocolo de crise bem planeado define, por exemplo, como os porta-vozes devem agir, quais mensagens que devem ser transmitidas aos diferentes públicos e como a informação deve ser tratada e divulgada. Assim, o protocolo permite à organização minimizar os impactos negativos da crise, proteger a sua imagem e preservar a relação de confiança com o público, evitando, ainda, o agravamento da situação (Ruão, 2023).

Além disso, com o avanço da globalização, o protocolo nas relações-públicas passou a incluir a adaptação às normas culturais e de etiqueta de diferentes regiões e países. Essa adaptação cultural é essencial para prevenir equívocos e assegurar que a organização seja deferente e atenta às tradições e valores dos públicos internacionais. A observância de um protocolo cultural, que se alinha com as especificidades de cada contexto, permite que a organização se aproxime dos seus diversos públicos de forma sensível e diligente, mostrando-se preparada para lidar com a diversidade e gerando identificação e

confiança. Em suma, o protocolo nas relações-públicas é uma ferramenta indispensável para o fortalecimento dos laços institucionais e para a manutenção de uma comunicação alinhada, cortesa e adaptável a diferentes situações e culturas (Valente & Almeida, 2019).

No campo da comunicação estratégica, o protocolo assume um papel essencial como ferramenta de alinhamento das mensagens institucionais, promovendo consistência nas interações e garantindo que todos os esforços comunicacionais reforçam a identidade e os objetivos estratégicos da organização. Através do protocolo, é possível definir o tom de voz, a postura e até a linguagem corporal apropriada para diferentes situações e públicos, facilitando uma comunicação alinhada com os valores institucionais. Esse alinhamento é fundamental para que cada ação ou mensagem emitida pela organização esteja em consonância com sua missão e visão, gerando uma percepção coesa e sólida da marca (Kelley et al., 2022).

A coerência e a consistência na comunicação são, para uma organização, aspectos cruciais na consolidação de uma imagem forte e confiável. O protocolo estabelece uma estrutura de práticas que permite manter essa consistência em todos os pontos de contato, sejam eles direcionados ao público interno, como colaboradores, ou ao externo, como clientes, imprensa e autoridades. Quando todos os profissionais seguem os padrões estabelecidos pelo protocolo, a comunicação torna-se homogênea, evitando contradições e ambiguidade. Dessa forma, o protocolo assegura que a organização se posicione de maneira clara e inconfundível, reduzindo a possibilidade de interpretações equivocadas que possam comprometer sua imagem (Hawabhay et al., 2009).

Outro aspecto importante do protocolo no âmbito da comunicação estratégica é o seu papel no planejamento e coordenação de eventos institucionais, como conferências, reuniões, lançamentos de produtos e visitas oficiais. Estes eventos exigem um planejamento cuidadoso e uma execução impecável para que atinjam o impacto desejado. Neste contexto, o protocolo atua como uma ferramenta detalhada de planejamento, estabelecendo os procedimentos, papéis e responsabilidades de todos os envolvidos. Desde a recepção dos convidados até ao discurso dos líderes, o protocolo garante que cada detalhe do evento esteja alinhado com os objetivos estratégicos e com a imagem desejada, criando uma experiência coerente e que valorize a identidade da organização (Dantas et al., s/data).

O protocolo institucional assume um papel central na consolidação das relações com os *stakeholders*, ao oferecer um enquadramento normativo que favorece uma comunicação pautada pelo respeito, eficácia e alinhamento com as expectativas dos públicos estratégicos. A sua observância, sobretudo em interações com autoridades, *opinion*

makers e outros interlocutores influentes, constitui uma demonstração de profissionalismo e deferência, aspetos que contribuem significativamente para a construção de confiança. Em contextos de crise, esta dimensão torna-se ainda mais relevante, uma vez que a aplicação rigorosa de um protocolo bem estruturado pode ser decisiva para salvaguardar a credibilidade e a imagem pública da organização. Desta forma, o protocolo não apenas organiza e orienta as práticas comunicacionais, como também fortalece a reputação institucional, promovendo uma imagem coerente e socialmente reconhecida (Dantas et al., s/data).

No campo da diplomacia e relações internacionais, o termo protocolo refere-se às normas e práticas que regulam a ação dos diplomatas e governantes em eventos oficiais. Estas diretrizes visam assegurar a deferência mútua entre nações, evitando constrangimentos ou equívocos que possam comprometer as relações internacionais (Froideville & Verheul, 2016).

Na área da ciência e investigação, os protocolos são, frequentemente, utilizados para descrever os procedimentos a serem seguidos em experiências ou estudos. Por exemplo, um protocolo de pesquisa médica pode detalhar os passos exatos a serem seguidos num ensaio clínico, garantindo que os resultados sejam reproduzíveis e que o estudo seja orientado de acordo com padrões éticos e científicos (Alves, 2012).

Além destes contextos específicos, o conceito de protocolo pode ser entendido de forma mais ampla como qualquer conjunto de regras ou diretrizes que orientam a conduta ou as interações entre indivíduos, grupos ou sistemas. Em ambientes corporativos, por exemplo, protocolos de segurança ou de comunicação interna são fundamentais para assegurar que as operações ocorram de maneira eficiente e organizada (Mangerona, 2017).

Em suma, o protocolo é um mecanismo essencial em qualquer área em que a organização e a coordenação sejam fundamentais para o sucesso das atividades, sendo às interações humanas até à comunicação entre as máquinas. O respeito e o cumprimento rigoroso dos protocolos estabelecidos garantem não apenas a eficiência, mas também a confiabilidade e a segurança nas mais diversas interações.

2.4 O Protocolo Universitário

O protocolo universitário refere-se ao conjunto de normas, procedimentos e diretrizes que regem as atividades académicas e administrativas das instituições de ensino

superior. São essenciais para garantir o bom funcionamento das universidades, promovendo organização, respeito pelas normas internas e externas, e o cumprimento dos seus objetivos educacionais, científicos e sociais (Fonseca et al., 2019).

No contexto universitário, o protocolo aplica-se a diversas áreas e situações, desde a organização de eventos formais até ao relacionamento entre os diversos intervenientes da comunidade académica. Um dos exemplos mais claros de protocolo universitário é o que regula a realização de cerimónias académicas, como as atribuições de graus, tomadas de posse de cargos, eventos de abertura de ano letivo, inaugurações de instalações, entre outras. Nessas ocasiões, o protocolo define o papel e a ordem de participação das autoridades universitárias, como reitores, diretores e coordenadores, além de definir o traje académico, que muitas vezes inclui o uso de becas e outros símbolos que representam a tradição e a formalidade.

Outro aspeto importante do protocolo universitário está relacionado com as interações administrativas e académicas. Isso inclui desde o processo de comunicação formal dentro da instituição, passando pelas normas de atendimento ao público, até aos procedimentos para aprovação de projetos académicos e administrativos. Estes protocolos ajudam a garantir que as decisões sejam tomadas de forma organizada e transparente, promovendo a equidade e o respeito das normas vigentes.

O protocolo universitário também engloba as relações institucionais, nomeadamente, as visitas de autoridades externas, como representantes de governos, embaixadores ou académicos de renome, etc., em que as universidades seguem um conjunto de práticas protocolares, desde a receção dessas personalidades até à definição de discursos e homenagens. O objetivo dessas diretrizes é preservar a imagem da universidade e assegurar que as interações ocorram formal e respeitosamente, contribuindo para o fortalecimento das relações institucionais (Fonseca et al., 2019).

Além disso, no que respeita às atividades académicas, há protocolos que orientam o funcionamento dos processos pedagógicos. Por exemplo, há normas que regulam a submissão de projetos de investigação, a condução de avaliações académicas, o acompanhamento de estudantes e a defesa de dissertações e teses. Estes procedimentos garantem que os processos educacionais ocorram dentro de padrões estabelecidos, respeitando tanto os direitos dos alunos quanto as exigências académicas (Alves, 2012).

Dentro das relações-públicas, o protocolo universitário cumpre a função de reforçar a identidade e imagem da instituição, promovendo uma experiência padronizada e respeitosa para membros da comunidade académica, convidados, parceiros e

representantes de outras instituições. Define regras de etiqueta e precedência em eventos como as outorgas de grau, conferências, visitas de autoridades e encontros oficiais, orientando a disposição de assentos, o uso de vestimentas protocolares, os discursos e as saudações. Estes procedimentos padronizados não apenas transmitem um respeito pelas tradições acadêmicas, como também reforçam a imagem de excelência, tradição e rigor da universidade (Alberts, 2020).

Na comunicação estratégica, o protocolo universitário é essencial para a manutenção de uma comunicação institucional alinhada com os objetivos e valores da instituição. Oferece uma estrutura que guia a postura dos representantes e porta-vozes da universidade, assegurando que todas as interações reforçam a missão e o compromisso com a comunidade acadêmica e a sociedade. Além disso, o protocolo universitário considera a necessidade de adaptar-se a públicos diversos, o que permite que a instituição mantenha uma imagem positiva e respeitosa em diferentes contextos culturais, promovendo uma experiência inclusiva e atenta às expectativas de cada audiência (Bouza, 2015).

Em suma, o protocolo universitário é uma ferramenta indispensável para o funcionamento harmonioso e organizado das instituições de ensino superior. Garante que as atividades sejam realizadas com formalidade, com respeito pelas normas e pela preservação dos valores acadêmicos. Assim, contribui para a manutenção da tradição universitária, ao mesmo tempo em que assegura a eficiência e o profissionalismo nas interações institucionais e acadêmicas.

O protocolo universitário desempenha um papel crucial numa instituição universitária, contribuindo para a consolidação de uma cultura organizacional fundamentada em normas e valores partilhados. O respeito pelas diretrizes protocolares contribui para a criação de uma cultura de responsabilidade e transparência nas universidades, refletindo-se em práticas de administração mais eficazes e numa maior coerência na tomada de decisões. Além disso, o protocolo assegura que todos os processos institucionais sejam conduzidos dentro dos padrões estabelecidos, o que fortalece a imagem da instituição, tanto internamente, como em relação à sociedade (Fonseca et al., 2019).

As cerimónias formais, como as de conclusão do curso, a abertura do ano letivo e as tomadas de posse de cargos, representam ocasiões em que o protocolo é fundamental para preservar a tradição e o prestígio das universidades (Dantas et al., 2017). A formalização dessas cerimónias contribui para a valorização dos rituais e símbolos

universitários, reforçando o sentido de pertença entre os membros da comunidade acadêmica. O uso de vestes tradicionais, como as becas e insígnias, e a criação de uma ordem específica na condução das cerimônias são práticas que contribuem para a manutenção da identidade institucional e para o fortalecimento dos laços entre os diferentes atores da comunidade acadêmica (Valente & Almeida, 2019).

Outro aspeto relevante do protocolo universitário refere-se à gestão das relações externas, como visitas de representantes de outras instituições, representações governamentais e parcerias interinstitucionais. Segundo a Lei nº 40/2006, de 25 de agosto, Diário da República, a aplicação de normas protocolares nesses eventos é fundamental para assegurar que as interações ocorrem num ambiente de formalidade e consideração recíproca. Estas práticas ajudam a projetar a imagem da universidade como uma entidade confiável e bem organizada, fortalecendo a sua rede de parcerias e colaborando para a captação de recursos e oportunidades de cooperação académica.

O protocolo também desempenha uma função essencial na preservação dos valores e tradições universitárias, que muitas vezes remontam a várias gerações. A continuidade dessas práticas tradicionais contribui para a perpetuação da identidade institucional, conferindo à universidade uma imagem de solidez e estabilidade. Os procedimentos protocolares, como o uso de emblemas, bandeiras e outras representações simbólicas, são formas de transmitir e preservar a história e os valores institucionais, consolidando o papel da universidade como guardiã de saberes e tradições.

Assim, o protocolo universitário desempenha uma função pedagógica indireta, porque ao expor os estudantes e funcionários a normas e práticas formais, fomenta o desenvolvimento de competências como o respeito, a pontualidade e a responsabilidade. Estas competências são essenciais não apenas para a vida académica, mas também para o desempenho profissional e para a construção de uma cidadania ativa. Assim, ao envolverem-se em eventos formais e respeitarem as normas protocolares, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar e interiorizar valores fundamentais que poderão aplicar em contextos profissionais (Valente & Almeida, 2019).

Concluindo, é evidente que o protocolo universitário desempenha um papel significativo na promoção de um ambiente inclusivo e equitativo nas instituições de ensino superior. As normas protocolares, cuidadosamente estruturadas, permitem que as universidades adaptem as suas práticas para acolher as necessidades de diversos grupos sociais, garantindo que todos os membros da comunidade académica tenham uma experiência enriquecedora e atenciosa. Essas diretrizes ajudam a reduzir barreiras para pessoas com deficiências, criando um espaço onde a mobilidade e a acessibilidade são prioridades,

principalmente em momentos como cerimónias académicas e atividades institucionais que reúnem toda a comunidade (Fonseca et al., 2019).

Assim, o protocolo universitário estende-se para práticas de inclusão cultural e social, promovendo interações de respeito e a valorização da diversidade dentro do ambiente académico. Para manter um ambiente acolhedor, são elaboradas orientações que incentivam o uso de linguagem inclusiva e o respeito às identidades culturais, de género e étnicas de todos os envolvidos. Como destacado pela Comissão Europeia (2024)¹, essas normas vão além da formalidade, contribuindo para a construção de um espaço onde a equidade e o respeito são vivenciados diariamente, sendo o protocolo uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de uma comunidade académica mais justa e inclusiva.

2.4.1 A UBI e o seu protocolo

Para encerrar este capítulo abordamos a Universidade da Beira Interior e o trabalho que tem vindo a ser realizado na aplicação de protocolo.

A UBI, sediada na Covilhã, tem uma longa tradição na criação e manutenção de protocolos de colaboração, seja a nível nacional ou internacional, que consolidam as suas práticas protocolares e ampliam a sua rede de influências e parcerias académicas. Estes protocolos, que abrangem áreas como a mobilidade de estudantes, os programas de investigação conjunta e o desenvolvimento cultural, são fundamentais para a promoção da UBI no cenário universitário global. Mais especificamente, a cooperação com instituições estrangeiras é uma componente central do seu protocolo, permitindo uma troca enriquecedora de conhecimentos e recursos entre a UBI e os parceiros internacionais, como por exemplo, a parceria com a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) no Brasil. Este acordo, que reforça o intercâmbio de docentes e estudantes, facilita a criação de cursos em cotutela e promove ações conjuntas nas áreas de ensino e investigação, destacando o compromisso da UBI com o desenvolvimento de competências globais e oportunidades de aprendizagem internacional (Gradim, 2018).

Na dimensão interna, o protocolo da UBI inclui normativas precisas para atividades académicas e administrativas que envolvem toda a comunidade académica em documentos como o Código de Integridade, regulamentos de matrícula e os

¹ **Comissão Europeia.** (28 de Outubro de 2024). *Quality education and training for all.* European Education Area. <https://education.ec.europa.eu/pt-pt/education-levels/higher-education/inclusive-and-connected-higher-education>

procedimentos de seriação para estudantes internacionais. Estes documentos evidenciam o compromisso da UBI com os princípios de transparência, ética e rigor acadêmico, não só definem o comportamento esperado nas atividades diárias, como também estipulam os processos que asseguram a integridade nas provas e processos seletivos, estabelecendo padrões de seriação e acompanhamento acadêmico para estudantes provenientes de diferentes regiões, inclusive através de acordos de cooperação como o firmado com a Guiné-Bissau (Gradim, 2018).

Além das normativas académicas, o protocolo da UBI também abrange diretrizes para a gestão de conflitos e a promoção do bem-estar da comunidade académica, incluindo procedimentos para a resolução de queixas e conflitos, bem como para a desenvolvimento de um ambiente inclusivo e cordial. A universidade investe em iniciativas que visam a saúde mental e emocional dos estudantes e funcionários, implementando programas de apoio psicológico e promovendo atividades que fomentam o convívio social. Esta abordagem global é essencial para a criação de um ambiente académico positivo, onde todos se sintam valorizados e motivados a contribuir para a excelência institucional.

Adicionalmente, o protocolo da UBI destaca a importância da formação contínua e do desenvolvimento profissional para todos os membros da comunidade académica. Por meio de programas de capacitação, *workshops* e seminários, a universidade assegura que tanto os docentes quanto os funcionários administrativos estejam atualizados com as melhores práticas e inovações na educação superior. A importância dada à formação contínua não só enriquece o ambiente académico, mas também fortalece a capacidade da UBI de se adaptar às mudanças no panorama educacional e nas necessidades dos estudantes, reforçando assim a sua missão de formar profissionais preparados para os desafios do futuro.

Para promover a integração e a valorização dos seus estudantes, a UBI oferece ainda suporte protocolar em eventos de iniciação académica e cerimónias formais, como as de conclusão de graus e a outorga de graus, as quais seguem um guião padronizado para garantir solenidade e tradição institucional. Durante estas cerimónias, é prática comum a presença de representantes oficiais e a adesão formal a normas de etiqueta, refletindo a importância atribuída pela universidade aos ritos de transição académica e ao reconhecimento do mérito estudantil. Estes eventos são organizados com o apoio do Gabinete de Marketing, Imagem e Comunicação (GMIC), cuja função abrange tanto o acompanhamento de visitas institucionais e diplomáticas, como também a estruturação de eventos que fortalecem a imagem da UBI, quer no contexto nacional, quer

internacional. O GMIC da Universidade é responsável pela execução da política de comunicação, imagem e marketing, tanto interna quanto externamente, promovendo as ofertas institucionais e fortalecendo a relação da Universidade com a sociedade. Estruturado em três setores principais — Marketing, Imagem e Comunicação — o gabinete coordena estratégias e ações que destacam a presença e identidade institucional em diversos âmbitos.

Assim, o protocolo da UBI é uma estrutura complexa e minuciosamente organizada, que abrange desde os regulamentos administrativos até aos protocolos de parceria internacional, refletindo a sua missão de formar cidadãos competentes e comprometidos com o desenvolvimento científico e cultural (UBI, 2024).

O protocolo da UBI é essencial não apenas para a gestão interna, mas também para a sua atuação no cenário global da educação. Com a crescente importância das parcerias internacionais, a universidade estabelece diretrizes que garantem a conformidade com normas e padrões globais. Estas diretrizes asseguram que as colaborações em projetos de investigação, intercâmbios académicos e programas conjuntos sejam realizadas de forma eficaz e produtiva, permitindo à instituição expandir as suas fronteiras académicas e culturais. Através da formalização de acordos e do respeito às especificidades de cada contexto, a UBI fortalece a sua presença no mapa internacional do ensino superior.

Além disso, o protocolo reflete um compromisso profundo com a qualidade, espelhado na criação, em 2021, de uma Vice-Reitoria para a Qualidade, Responsabilidade Social e Ação Social (UBI, 2024), e com a ética, tendo sido criada a Comissão de Ética* em 2015, bem como também uma comissão nas relações académicas e administrativas. As normas estabelecidas visam promover a transparência e a responsabilidade em todas as interações, sejam elas com alunos, colaboradores ou parceiros externos. Através da implementação de boas práticas e do fortalecimento de uma cultura de respeito e inclusão, tendo sido criada em 2018 a Comissão para a Igualdade (UBI, 2024)², a UBI posiciona-se como um modelo a seguir, contribuindo para a formação de um ambiente académico saudável e propício à aprendizagem. A cultura organizacional da UBI, sustentada por estas diretrizes, não apenas prepara os alunos para os desafios do mercado de trabalho, mas também os capacita a serem cidadãos ativos e críticos.

² UBI. (s/data). Comissão Ética. https://www.ubi.pt/Entidade/c_etica

Por fim, a relevância do protocolo na UBI estende-se à sua função como um instrumento de comunicação estratégica, permitindo que a instituição mantenha um diálogo aberto e eficaz com todos os seus públicos, auxiliando a disseminação de informações e o intercâmbio de ideias através do seu site em www.ubi.pt e das diversas plataformas de redes sociais digitais (*Instagram, Facebook, LinkedIn e TikTok*). Num mundo onde a comunicação digital e a interação em tempo real se tornaram normais, a universidade reconhece a necessidade de adaptar os seus métodos de comunicação para garantir que as suas mensagens sejam claras e consistentes.

Este alinhamento entre os princípios do protocolo e as práticas de comunicação fortalece a identidade e a imagem institucional, promovendo um entendimento mútuo e um comprometimento efetivo entre a universidade e a comunidade em geral.

3. Protocolo, Cerimonial e a Comunicação Universitária

Pessoa (2024) evidencia que o protocolo, a comunicação e o cerimonial universitário são elementos fundamentais na construção da identidade institucional e na promoção de uma cultura de cooperação e inclusão nas universidades. Estes componentes não só reforçam a imagem e reputação das instituições de ensino superior, como vimos no capítulo anterior, como facilitam a interação e cooperação entre os diversos elementos da comunidade académica (Martínez & García, 2018). A comunicação estratégica atua como uma ponte entre a universidade e a sociedade, promovendo a cidadania e fortalecendo os laços com a comunidade envolvente (Costa & Duarte, 2020). Neste âmbito, o protocolo serve como uma ferramenta de comunicação, assegurando que as cerimónias e eventos académicos respeitem as especificidades culturais e promovam a inclusão (Silva, 2017).

A implementação de práticas comunicacionais inclusivas é igualmente crucial para garantir que todas as pessoas, independentemente das suas origens ou capacidades, se sintam valorizados e integrados no ambiente académico (Pinto, 2019). Com efeito, a integração harmoniosa do protocolo, comunicação e cerimonial universitário contribui significativamente para a conceção de um ambiente enriquecedor, inclusivo e participativo.

A comunicação institucional nas universidades precisa de ser compreendida num contexto mais amplo, que abrange tanto as práticas tradicionais quanto as inovações contemporâneas. Shaw e Gilani (2025) destacam que a comunicação estudantil é um aspeto vital para o envolvimento dos alunos e para o fortalecimento da comunidade académica. As universidades devem, portanto, adotar uma visão renovada que considere as necessidades e expectativas dos estudantes, promovendo canais de comunicação eficazes que incentivem a participação ativa.

No contexto vietnamita, Trung et al. (2024) realizaram um estudo sobre a comunicação nas universidades do país, evidenciando que a eficácia da comunicação institucional pode ter impacto direto na perceção pública das instituições de ensino superior. O cerimonial universitário, por sua vez, deve estar alinhado com estas práticas comunicativas, uma vez que eventos formais, como as celebrações académicas, representam oportunidades valiosas para reforçar a imagem da universidade e desenvolver a integração entre alunos, docentes e a comunidade externa.

Num estudo abrangente sobre a comunicação institucional nas universidades espanholas, González e López (2019) destacam a relevância da comunicação participativa como um elemento central para a construção de um ambiente acadêmico mais democrático e inclusivo. A comunicação participativa, segundo os autores, não apenas permite que diferentes vozes dentro da universidade sejam ouvidas, mas também promove um espaço onde a diversidade de opiniões e experiências é valorizada. Essa abordagem é fundamental para fortalecer a coesão social e a colaboração entre os diversos grupos que compõem a comunidade acadêmica, incluindo estudantes, docentes, funcionários e gestores.

Além disso, os autores argumentam que o cerimonial universitário, quando planejado com uma perspectiva participativa, pode transformar-se num espaço significativo para a celebração da diversidade. Neste âmbito, os eventos cerimoniais podem ser projetados para refletir a pluralidade de opiniões e experiências presentes na instituição, promovendo um sentimento de pertença e valorização entre todos os participantes (González & López, 2019). Esta prática não apenas enriquece a experiência acadêmica, mas também contribui para a construção de uma cultura institucional que respeita e celebra as diferenças.

A literatura sobre comunicação institucional também aponta que a implementação de estratégias participativas pode levar a um aumento no envolvimento dos *stakeholders*, resultando num aumento de satisfação e lealdade à instituição (Fernández & Martínez, 2020). A comunicação que envolve ativamente os diferentes públicos não só melhora a percepção da universidade, mas também fortalece a imagem pública e a reputação, aspetos essenciais num contexto educacional cada vez mais competitivo.

Por fim, a promoção de uma comunicação participativa nas universidades é um passo crucial para a criação de um ambiente acadêmico mais integrador e democrático. Ao valorizar a diversidade e fomentar a cooperação ativa de todos os elementos da comunidade, as instituições podem não apenas melhorar suas práticas comunicacionais, mas também contribuir para uma sociedade mais justa e imparcial (Pérez, 2021). Além disso, a avaliação da comunicação institucional é um desafio constante para as universidades. Sörensen et al. (2024) realizaram uma análise qualitativa sobre como as instituições medem e avaliam o seu impacto comunicativo. É essencial que as universidades desenvolvam indicadores que reflitam não apenas a eficácia das mensagens transmitidas, mas também o envolvimento e a satisfação dos seus públicos-alvo.

A relevância do papel dos comunicadores institucionais é ressaltada por Hadji (2022), que analisa a função estratégica destes profissionais nas universidades sul-africanas. São fundamentais para articular a comunicação interna e externa, garantindo que as mensagens da universidade sejam coerentes e eficazes. O cerimonial universitário, frequentemente gerido por estes comunicadores, deve também refletir esta estratégia, criando experiências que marquem a memória coletiva da instituição.

Também Williams (2006) aponta a importância da comunicação no campus, sugerindo que as universidades expandam a sua missão para incluir práticas comunicativas que reflitam os valores que seguem. O cerimonial universitário deve, portanto, ser uma extensão dessa comunicação, promovendo um ambiente onde todos os elementos da comunidade académica se sintam valorizados e abrangidos.

O protocolo, a comunicação e o cerimonial universitário são interdependentes e desempenham um papel essencial na construção de uma cultura académica sólida e integradora. A adoção de práticas comunicativas eficazes e a valorização de cerimónias que reflitam a diversidade e promovam a participação ativa são passos fundamentais para o fortalecimento das instituições de ensino superior no contexto contemporâneo. De acordo com o "Guia de Eventos, Cerimonial e Protocolo" do Ministério da Educação (2017)³, a padronização de eventos e cerimónias contribui para a consolidação da identidade institucional e para a promoção de um ambiente académico inclusivo. Além disso, Azzolin (1997), no "Cerimonial Universitário: Instrumento de Comunicação", destaca que o cerimonial universitário atua como uma ferramenta estratégica de comunicação, reforçando os valores institucionais e promovendo a coesão entre os membros da comunidade académica. Assim, a integração harmoniosa entre protocolo, comunicação e cerimonial é vital para o desenvolvimento e reconhecimento das universidades na sociedade atual.

3.1 A comunicação institucional universitária

A comunicação universitária é um elemento fundamental na criação e consolidação da identidade institucional, além de ser um fator crucial para o fortalecimento das relações entre os diversos públicos que compõem a comunidade académica. Segundo Oliveira e Silva (2020), a comunicação eficaz nas universidades não apenas informa, mas também

³ **Ministério da Educação.** (2017). *Guia de Eventos, Cerimonial e Protocolo para a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica* (2ª ed., rev. e ampl.). Brasília: Ed. IFB [57, p. 90].

envolva e mobiliza os diferentes grupos, como estudantes, docentes, investigadores, funcionários-técnicos, famílias e parceiros institucionais. A gestão estratégica da comunicação, torna-se assim essencial para promover a inclusão e a cooperação ativa de todos os envolvidos, criando um ambiente que favorece o sentimento de pertença e a coesão social.

De acordo com Santos (2019), uma comunicação bem planeada e executada pode melhorar significativamente a reputação da instituição, influenciando positivamente a imagem pública e a confiança depositada por parte da sociedade. A transparência nas informações, a clareza nas mensagens e a utilização de canais adequados são aspetos que contribuem para uma comunicação mais eficaz e que, conseqüentemente, reforçam a legitimidade da universidade no cenário educacional e social.

A literatura aponta que a comunicação institucional deve ser vista como um processo dinâmico e interativo, onde o *feedback* dos diferentes públicos é fundamental para a melhoria contínua das práticas comunicacionais (Moura, 2021). Assim, as universidades que adotam uma abordagem proativa e inclusiva na sua comunicação tendem a criar um ambiente mais colaborativo e inovador, refletindo positivamente na sua missão educacional e na sua responsabilidade social. Segundo Costa (2017), a comunicação institucional nas universidades deve ser compreendida como um processo dinâmico e multidimensional, que abrange desde a disseminação de informações académicas e administrativas até à promoção de eventos e iniciativas que incentivem a interação entre os diversos agentes institucionais. É fundamental que as universidades adotem estratégias de comunicação eficazes, alinhadas com os seus valores e com os seus objetivos institucionais.

Nesse sentido, a adoção de ferramentas digitais tem revolucionado a forma como as universidades se comunicam com os seus públicos. A utilização de *websites* institucionais, redes sociais e plataformas de gestão académica possibilita maior agilidade na transmissão de informações e amplia o alcance das ações institucionais (Martins, 2020). No entanto, essa evolução também apresenta desafios, como a necessidade de manter um fluxo comunicacional coerente e adaptado às necessidades de cada público-alvo.

A comunicação interna, por sua vez, desempenha um papel essencial na coesão da comunidade universitária. São diversos os estudos que apontam a transparência e a clareza na transmissão de informações como elementos de impacto positivo no envolvimento dos colaboradores e estudantes, reduzindo ruídos e fomentando um ambiente de cooperação (Santos & Almeida, 2018). Dessa forma, os canais institucionais

eficazes, como boletins informativos, *newsletters* ou repositórios de documentos oficiais, são fundamentais para assegurar que todos os membros da comunidade acadêmica estejam informados e envolvidos nas dinâmicas institucionais.

No âmbito da comunicação externa, a projeção da universidade na sociedade e a sua interação com parceiros estratégicos são aspectos cruciais para a sua credibilidade e sustentabilidade. Segundo Oliveira (2019), a colaboração com empresas, organizações governamentais e a comunidade em geral é facilitada por uma comunicação institucional bem estruturada, que reforce a imagem da universidade como um ponto de excelência acadêmica e inovação.

Diante desses fatores, conclui-se que a comunicação universitária é um utensílio indispensável para a administração e projeção das instituições de ensino superior. A implementação de estratégias comunicacionais alinhadas com os objetivos institucionais e adaptadas às novas dinâmicas digitais é essencial para garantir a inclusão, a participação e a construção de uma identidade institucional forte. De acordo com Ferreira & Souza (2021), a modernização da comunicação universitária através do uso de estratégias integradas e interativas tem-se mostrado uma abordagem eficaz para fortalecer o vínculo com a comunidade acadêmica e ampliar a projeção da instituição no cenário global.

A comunicação universitária deve ser entendida como um processo interativo que visa informar e atrair os seus diversos públicos. De acordo com Shaw e Gilani (2025), a comunicação direcionada para os estudantes deve ser centrada nas suas necessidades e expectativas, favorecendo uma abordagem que privilegie a participação ativa destes na vida universitária. Através de práticas de comunicação eficazes, as universidades podem estabelecer um ambiente de transparência e inclusão, no qual todos se sintam parte integrante da instituição. Neste sentido, González e López (2019) ressaltam que a comunicação institucional em universidades públicas deve ser guiada por princípios de participação, que não apenas informam, mas também envolvem estudantes e outras partes interessadas nas decisões institucionais. Este compromisso com uma comunicação bidirecional não apenas fortalece o sentimento de pertença, mas também estimula uma cultura de colaboração e inovação nas universidades.

A comunicação efetiva é uma estratégia fundamental para as universidades, que não transmite apenas informações, mas também inspira e mobiliza a comunidade acadêmica a integrar ativamente as atividades e iniciativas institucionais. Trung et al. (2024) enfatizam que, no contexto das universidades vietnamitas, a comunicação deve ser

flexível e estratégica, procurando atender às expectativas dos diferentes públicos, especialmente num ambiente competitivo. Ao adotar uma comunicação persuasiva, as universidades podem destacar as suas conquistas, valores e oportunidades, atraindo assim o interesse e a participação de estudantes e antigos estudantes, famílias e outros públicos. Ora, Sörensen et al. (2024) afirmam que a avaliação do impacto das estratégias de comunicação apresenta desafios para muitas instituições, mas é crucial para compreender como a comunicação pode ser aprimorada. As universidades precisam desenvolver métricas e métodos de avaliação que não contabilizem apenas a audiência, mas também analisem a qualidade do envolvimento e a eficácia das mensagens transmitidas.

Como vimos, os comunicadores institucionais desempenham um papel estratégico na mediação do diálogo entre a universidade e os seus públicos. Hadji (2022) argumenta que os profissionais de comunicação nas universidades sul-africanas são fundamentais para a construção de uma narrativa institucional que reflita a diversidade e o dinamismo das comunidades académicas. A sua atuação pode transformar a comunicação numa ferramenta de afirmação, promovendo um ambiente onde estudantes e colaboradores se sintam ouvidos e valorizados. É fundamental que a comunicação universitária esteja alinhada com os valores e os objetivos académicos da instituição. Para tal, torna-se necessário garantir a coerência entre o que se afirma e o que se pratica, através da criação de canais de comunicação acessíveis, que promovam a participação ativa e a integração de toda a comunidade académica.

A comunicação universitária, enquanto comunicação efetiva, desempenha um papel crucial na atividade das instituições de ensino superior.

Além disso, a comunicação efetiva pode servir como um mecanismo para a criação de uma cultura institucional positiva. Conforme apontado por Martins e Souza (2021), a transparência nas comunicações e a promoção de espaços de diálogo aberto são fundamentais para criar um ambiente de segurança e apreço recíproco. Isso não apenas contribui para a retenção de estudantes e a motivação dos docentes, mas também fortalece a reputação da instituição no cenário educacional e social.

Essa estratégia não só enriquece a experiência académica, mas também contribui para a educação de cidadãos mais responsáveis e envolvidos. O papel dos comunicadores institucionais é essencial neste processo, pois eles são responsáveis por articular as vozes da comunidade académica e garantir que as mensagens sejam informativas e também inspiradoras. A comunicação eficaz nas universidades transcende a simples transmissão

de informações; trata-se de construir comunidades coesas e ativas que contribuam para a missão académica e social das instituições.

3.1.1. O cerimonial universitário

O cerimonial, aliado ao protocolo, desempenha um papel essencial na criação da cultura universitária, atuando como pilar que estrutura eventos solenes e reforça a identidade institucional. Estas práticas, que abrangem desde cerimónias de atribuição de grau até às normas protocolares em eventos oficiais, são elementos fundamentais da comunicação institucional e da organização do ambiente académico. Segundo Almeida e Costa (2021), o cerimonial universitário não organiza apenas a logística dos eventos, mas também simboliza os valores e a missão da instituição, promovendo um sentido de pertença e unidade entre os elementos da comunidade académica.

A formalidade associada ao cerimonial universitário tem raízes históricas profundas, refletindo tradições que remontam às origens das universidades na Idade Média. De acordo com Silva (2019), essas tradições foram moldadas por contextos sociais e culturais específicos, e continuam a evoluir para atender às necessidades das universidades contemporâneas. No passado, os ritos universitários serviam não apenas como celebração académica, mas também como um meio de reforço da hierarquia institucional e da legitimidade dos diplomas conferidos. Atualmente, estas práticas têm vindo a ser adaptadas para contemplar uma abordagem mais inclusiva e acessível, sem perder a solenidade que caracteriza os eventos académicos (Silva et al., 2021). A adaptação das práticas cerimoniais às novas realidades sociais e tecnológicas é crucial para garantir que as instituições permaneçam relevantes e conectadas com os seus públicos. A modernização dos rituais cerimoniais, por exemplo, pode incluir a incorporação de elementos digitais, como transmissões ao vivo, que ampliam o alcance e a acessibilidade dos eventos (Pereira, 2020). As cerimónias virtuais ou híbridas passaram a desempenhar um papel significativo, especialmente após a pandemia de COVID-19, permitindo que familiares e amigos dos estudantes acompanhem a celebração independentemente da localização geográfica. Esta digitalização também proporciona novas possibilidades de interação e personalização dos eventos académicos (Raposo, 2020).

Além disso, o cerimonial e o protocolo também desempenham um papel significativo na promoção da imagem institucional. Eventos bem organizados e que seguem normas protocolares adequadas não apenas impressionam os participantes, mas também contribuem para a construção de uma reputação sólida e respeitável da universidade.

Conforme argumentam Martins e Oliveira (2022), a forma como uma instituição se apresenta em eventos oficiais pode influenciar a percepção pública e a confiança depositada por alunos, familiares e a comunidade em geral. A comunicação visual, a escolha de oradores e o planejamento do espaço são aspetos que, quando bem executados, refletem a seriedade e o compromisso da universidade com a excelência.

Assim, a evolução das práticas cerimoniais deve considerar a diversidade e a inclusão, refletindo a pluralidade da comunidade acadêmica. Segundo Santos e Lima (2021), ao incorporar elementos que representem diferentes culturas e tradições, as universidades podem criar um ambiente mais acolhedor e representativo, fortalecendo a sua identidade institucional e promovendo um clima de respeito e valorização das diferenças. Esta abordagem inclusiva não apenas enriquece a experiência dos participantes, mas também contribui para a formação de uma cultura universitária mais rica e diversificada.

O protocolo universitário, por sua vez, regula a organização de eventos institucionais, estabelecendo normas para a disposição de autoridades, a sequência de discursos e os ritos de passagem acadêmicos. Segundo Oliveira e Santos (2020), estas normas são essenciais para garantir que os eventos sejam conduzidos de maneira ordenada e íntegra, refletindo a seriedade e a importância das ocasiões que celebram conquistas acadêmicas e institucionais. O cumprimento destas diretrizes também assegura que todos os participantes compreendam o seu papel dentro da cerimônia, evitando falhas organizacionais que possam comprometer o prestígio do evento.

A importância do protocolo transcende a mera formalidade, pois desempenha um papel social e comunicacional fundamental na valorização da trajetória dos estudantes e na promoção da universidade enquanto instituição de ensino e investigação. Tal como afirma Almeida (2019), os ritos de passagem, como as cerimônias de atribuição de grau, não apenas reconhecem o esforço e a dedicação dos alunos, mas também fortalecem o vínculo entre a instituição e seus licenciados, criando uma rede de ex-alunos (*alumni*) que pode contribuir para o desenvolvimento da universidade. As universidades com protocolos bem estruturados costumam ter ex-alunos mais envolvidos, que mantêm laços com a instituição e retornam como oradores, mentores ou apoiantes financeiros.

Além disso, o protocolo universitário serve como um meio de comunicação que transmite os valores e a missão da instituição. Conforme argumentam Lima e Costa (2021), a forma como os eventos são organizados e conduzidos influenciam a percepção pública da universidade. Eventos bem estruturados, que seguem as normas protocolares, transmitem uma imagem de profissionalismo e compromisso com a excelência, o que pode atrair novos estudantes e parcerias acadêmicas. A reputação de uma universidade

não é construída apenas pelos seus cursos e investigações, mas também pela maneira como se apresenta ao público, e o protocolo é um dos elementos essenciais dessa construção.

Em suma, a inclusão de diferentes vozes e perspetivas nos eventos protocolares é crucial para a construção de um ambiente académico mais acolhedor e representativo. Segundo Martins e Silva (2022), ao integrar elementos que refletem a diversidade cultural e social da comunidade académica, as universidades não apenas enriquecem as suas práticas cerimoniais, mas também promovem um clima de respeito e valorização das diferenças, essencial para a evolução de uma cultura universitária vibrante e progressista. Esta abordagem inclusiva fortalece o sentimento de pertença dos alunos e amplia o impacto social da instituição, tornando-a mais ligada às realidades contemporâneas. Este trabalho analisa a relevância do cerimonial e do protocolo no contexto universitário, discutindo o seu impacto na identidade académica, na comunicação institucional e na manutenção das tradições. Para tal, baseia-se em diversas referências académicas que abordam a evolução histórica dos rituais universitários e a sua influência na cultura do campus. Ao equilibrar a tradição e a inovação, o protocolo e a inclusão, as universidades podem consolidar a sua imagem e fortalecer o seu papel como centros de excelência académica e cultural.

3.1.2. Da identidade universitária

A identidade universitária é formada por um conjunto de práticas, símbolos e tradições que fortalecem o sentido de comunidade académica. Estes elementos contribuem para a construção da cultura institucional, promovendo valores como a pertença, a tradição e a inovação. A forma como uma universidade se apresenta e conduz suas cerimónias reforça a coesão entre os seus membros e influencia a perceção externa da instituição.

Wang (2021) argumenta que o cerimonial desempenha um papel essencial na criação dessa identidade, ao construir um ambiente favorável para a socialização dos estudantes e a valorização dos seus percursos académicos. Estes eventos contribuem para a interiorização dos valores institucionais e promovem um sentido de pertença e integração entre alunos, professores e funcionários, permitindo a transmissão dos valores institucionais. Além disso, reforçamos, o cerimonial universitário funciona como uma ligação entre a tradição e a modernidade, equilibrando elementos históricos com inovações que refletem as transformações da sociedade e da própria academia.

Historicamente, as universidades adotaram sempre rituais e cerimónias como forma de legitimação do conhecimento e da hierarquia académica. Destemberg (2009) destaca que, no sistema universitário medieval (séculos XIII-XV), as cerimónias de integração e atribuição de grau eram essenciais para consolidar o estatuto dos estudantes e reforçar a sua posição na comunidade académica. Estas tradições foram sendo adaptadas ao longo dos séculos, mas continuam a desempenhar funções estruturantes no ensino superior.

A realização de eventos protocolares, como inaugurações, entregas de prémios e/ou distinções e cerimónias de doutoramento *honoris causa*, também contribuem para a promoção da imagem institucional e para o reconhecimento do papel social da universidade. O reconhecimento de personalidades de destaque por meio de *honoris causa* amplia a visibilidade da universidade, fortalecendo a sua reputação e a sua ligação a redes de conhecimento globais.

Além disso, ao seguir normas bem estabelecidas, o cerimonial universitário garante que os eventos institucionais ocorrem com organização, respeitando a hierarquia e os valores institucionais. A disposição dos participantes, a ordem dos discursos e o uso de símbolos institucionais são cuidadosamente planeados para criar uma atmosfera solene e significativa. Esta atenção aos detalhes transmite profissionalismo e reforça o prestígio da universidade, tanto para a comunidade interna quanto para o público externo (Universidade Federal de Viçosa, 2019)⁴.

No contexto atual, a digitalização dos eventos académicos tem vindo a transformar as práticas protocolares. Muitas universidades passaram a transmitir as suas cerimónias online, permitindo que um público maior acompanhe e participe, independentemente da localização geográfica. Esta mudança também impõe desafios, como a necessidade de adaptar rituais tradicionais para o ambiente virtual, garantindo que a solenidade e o significado simbólico das cerimónias sejam preservados. Estratégias como a inserção de elementos visuais institucionais, a manutenção da formalidade nos discursos e a interação digital com os participantes são fundamentais para garantir o impacto destas celebrações (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023).

A identidade universitária, portanto, não se constrói apenas por meio do ensino e da investigação, mas também através dos ritos e símbolos que consolidam o sentimento de pertença e o reconhecimento dentro da comunidade académica. A preservação e

⁴ UFV. (2019). *Manual de Cerimonial. Protocolo e Eventos*.
<https://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.ufv.br/wp-content/uploads/2019/08/Manual-Cerimonial-UFV.pdf>

adaptação destas tradições são essenciais para que as universidades mantenham sua relevância, promovam a sua cultura institucional e fortaleçam o seu vínculo com estudantes, professores, funcionários e a sociedade em geral (Santos, 2018).

A identidade universitária é, acima de tudo, um reflexo do seu compromisso social e da forma como se posiciona face às transformações do seu tempo. Carlos Tünnermann Bernheim (2008) destaca que a universidade latino-americana, por exemplo, construiu a sua identidade a partir de uma ligação profunda com as lutas sociais e a busca por equidade. Neste sentido, a identidade não é meramente institucional, é também política, moldando-se através do envolvimento da universidade com as necessidades reais das populações e da sua capacidade de promover a transformação social.

Gerard Delanty (2001) acrescenta a esta análise uma perspetiva centrada na produção de conhecimento e na cultura académica. Para o autor, a identidade universitária no contexto contemporâneo é desafiada pela globalização e pela mercantilização do saber, o que exige um reposicionamento crítico das instituições. A universidade, mais do que um lugar de transmissão de conteúdos, deve afirmar-se como um espaço de construção cultural e reflexiva, onde a diversidade e a inovação científica moldam o *ethos* académico.

Em consonância, Boaventura de Sousa Santos (1989) defende que a universidade deve resistir à homogeneização cultural e afirmar uma identidade plural, contra-hegemónica e enraizada na realidade social local. Ao propor uma universidade “pela mão de Alice”, o autor convida a uma travessia do espelho institucional, onde se revejam as estruturas de poder e se valorizem os saberes alternativos. Esta postura crítica é fundamental para uma identidade universitária que se pretende inclusiva, democrática e solidária.

José Dias Sobrinho (2005), por sua vez, associa a construção da identidade universitária à reflexão sobre qualidade e pertinência. A identidade institucional revela-se nos modos como a universidade compreende a sua missão, avalia as suas práticas e articula inovação com tradição. A valorização da cultura organizacional e do compromisso ético com a formação humana e cidadã são, segundo o autor, traços distintivos de uma universidade que se reconhece e se afirma com clareza perante os seus públicos.

Por fim, Burton R. Clark (1983) oferece um contributo essencial ao analisar os sistemas de ensino superior numa perspetiva comparada. Para Clark, a identidade universitária depende de um equilíbrio entre três forças: o núcleo académico, a liderança administrativa e os interesses do ambiente externo. A forma como cada universidade organiza estas dimensões traduz-se num modelo específico de identidade

organizacional, que pode variar entre instituições mais tradicionais, orientadas para o ensino, ou mais modernas, voltadas para a investigação e a internacionalização.

3.1.3. Eventos universitários

A gestão do protocolo em universidades está intrinsecamente ligada à comunicação institucional. A organização e condução dos eventos académicos desempenham um papel determinante na forma como a universidade é percebida, tanto internamente como externamente. A aplicação rigorosa de um protocolo institucional reforça a credibilidade da instituição, projetando uma imagem de compromisso com a qualidade, o respeito pela tradição e a abertura à inovação.

McNaughtan & DePue (2019) defendem que uma comunicação clara e bem estruturada por parte das lideranças universitárias é essencial para garantir o sucesso dos eventos protocolares e fortalecer a credibilidade da instituição. A transparência e a padronização das práticas protocolares permitem que os diversos públicos envolvidos compreendam as normas e tradições académicas, promovendo um ambiente de respeito e profissionalismo.

A organização de eventos universitários requer um planeamento minucioso, envolvendo diversas etapas. Um exemplo notável é o *Guia de Eventos, Cerimonial e Protocolo* do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), que detalha procedimentos como:

- Definição do tipo de evento e dos seus objetivos;
- Elaboração de um guião detalhado;
- Convite e receção de autoridades académicas e políticas;
- Coordenação da ordem de discursos e intervenções;
- Gestão dos espaços e da disposição dos participantes;
- Implementação de estratégias de acessibilidade e inclusão;
- Utilização de tecnologias para otimizar a experiência dos participantes.

Cada um destes elementos desempenha um papel crucial na criação de eventos académicos que sejam não apenas organizados, mas também significativos para os participantes. A atenção a detalhes como o tempo de duração das cerimónias, a etiqueta no tratamento das autoridades e a logística da receção são fatores determinantes para o sucesso das atividades protocolares.

Muszyńska & Marx (2019) analisam a gestão da comunicação em universidades da Polónia e da Alemanha, destacando a importância da padronização dos procedimentos protocolares para garantir a eficiência e a coerência institucional. A uniformidade das práticas protocolares facilita a coordenação entre diferentes departamentos da universidade e permite uma comunicação mais clara com convidados e participantes. Além disso, a consistência nas cerimónias académicas contribui para reforçar a identidade visual e simbólica da instituição. Num contexto de internacionalização do ensino superior, torna-se ainda mais relevante seguir normas protocolares bem definidas para garantir a inclusão e a adaptação cultural de delegações estrangeiras. O acolhimento de estudantes e investigadores internacionais exige um protocolo flexível, que tenha em consideração diferenças culturais e linguísticas. A adaptação de discursos, a disponibilização de intérpretes e a incorporação de práticas protocolares internacionais são estratégias essenciais para garantir uma experiência mais inclusiva e respeitosa.

Além disso, a forma como os nomes dos estudantes e docentes são anunciados nas cerimónias de atribuição de grau, a disposição dos participantes e a escolha dos símbolos institucionais refletem o cuidado da universidade com a valorização do percurso académico. Estes elementos não são meros detalhes, mas componentes essenciais da comunicação institucional que reforçam a identidade da universidade. A inclusão de hinos, brasões, trajes académicos e outras tradições simbólicas ajuda a criar uma imagem de prestígio institucional.

Com os avanços tecnológicos, muitas universidades têm adotado soluções digitais para otimizar os eventos protocolares. A transmissão ao vivo de cerimónias, o uso de plataformas interativas para inscrições e confirmações de presença, bem como o envio de certificados digitais são exemplos de como o protocolo universitário pode se modernizar sem perder sua essência. Esta digitalização dos eventos académicos também contribui para a sustentabilidade, reduzindo a utilização de materiais impressos e promovendo práticas mais ecológicas (Tavares, 2024).

Em síntese, a atuação protocolar nas universidades ultrapassa a mera formalidade e assume um papel relevante na afirmação da identidade institucional. Através de práticas cuidadosamente concebidas, o protocolo contribui para reforçar a coesão interna, o reconhecimento público e a valorização simbólica da instituição. A sua aplicação exige sensibilidade cultural, conhecimento técnico e capacidade de resposta às exigências contemporâneas da comunicação e da representação institucional. Quando articulado com uma visão estratégica, o protocolo torna-se um instrumento eficaz de valorização da

universidade, promovendo um ambiente de respeito, institucional e pertença entre os diversos intervenientes (Cruz et al., 2018).

3.1.4. A padronização

O protocolo universitário é frequentemente entendido como um conjunto de normas técnicas que orienta a organização de eventos. No entanto, a sua importância vai além da vertente operacional, inserindo-se no campo da comunicação institucional como uma disciplina estratégica.

Como defende Ramos Fernández (2013) o protocolo vai além de uma simples técnica organizacional, sendo um elemento fundamental do ecossistema da comunicação institucional.

A padronização protocolar permite às universidades desenvolver linhas orientadoras claras para os seus eventos institucionais, assegurando coerência, previsibilidade e reconhecimento. Esta uniformidade favorece não só a eficiência logística, ao reduzir a margem de erro na execução, mas também a valorização simbólica das cerimónias, que se tornam momentos institucionalmente significativos e comunicacionalmente eficazes. Um protocolo bem estruturado reforça, assim, a credibilidade da instituição, projetando uma imagem de profissionalismo e respeito pelos seus públicos.

Neste contexto, La Frombois (2023) destaca que as universidades devem integrar boas práticas protocolares na sua estratégia comunicacional. Por isso, recordamos, a adoção de procedimentos padronizados garante que eventos académicos ocorram de maneira organizada e respeitosa, transmitindo uma imagem de profissionalismo e credibilidade. A integração do protocolo com a comunicação estratégica da instituição é essencial para criar experiências memoráveis para estudantes, professores, convidados e demais públicos envolvidos. Num mundo cada vez mais dinâmico e inclusivo, é fundamental que as normas protocolares permitam a participação de diferentes grupos sociais, respeitando a diversidade cultural e garantindo que todos se sintam representados. Medidas como a inclusão de linguagens acessíveis, a disponibilização de recursos de acessibilidade e a adaptação das cerimónias para diferentes formatos são essenciais para tornar o protocolo mais abrangente. Ademais, a incorporação de práticas de sustentabilidade nos eventos protocolares, como a redução do uso de materiais impressos e a adoção de soluções digitais, contribui para alinhar a universidade com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, reforçando o papel da universidade como agente de mudança social e ambiental.

A crescente digitalização das cerimónias universitárias, impulsionada pela pandemia da COVID-19, também trouxe desafios e oportunidades para o cerimonial e protocolo. Estes desafios demonstram a necessidade de um protocolo universitário flexível e adaptável às novas realidades da comunicação digital. Além disso, a implementação de elementos interativos, como inquéritos ao vivo, salas de discussão virtuais e legendas em tempo real, pode enriquecer a experiência dos espectadores e aumentar o envolvimento dos participantes remotos.

Diante destes desafios, as universidades devem investir na capacitação das suas equipas de protocolo, garantindo que estejam preparadas para gerir eventos tanto presenciais quanto virtuais. Além disso, a colaboração com especialistas em comunicação digital e eventos pode ajudar a desenvolver diretrizes atualizadas e eficientes, garantindo a constante modernização das práticas protocolares.

A sua evolução e adaptação às novas procuras garantem que as universidades continuem a promover eventos académicos de qualidade, mantendo-se fiéis às suas tradições, mas também abertas às inovações tecnológicas e sociais. A sua valorização, enquanto elemento estruturante e dinâmico, assegura que as universidades consigam manter a qualidade, a dignidade e a eficácia dos seus eventos institucionais, sem perder de vista as exigências de um mundo em constante transformação.

3.1.5. Diretrizes

O alinhamento das normas protocolares nas universidades é essencial para garantir a organização e o respeito das tradições institucionais.

Velloso (2013), ao analisar o cerimonial da Universidade Federal Fluminense (UFF), destaca que a formalização de diretrizes protocolares é fundamental para evitar falhas organizacionais e assegurar a solenidade dos eventos. O estudo aponta que a ausência de um protocolo bem estruturado pode resultar em desconfortos e equívocos durante cerimónias importantes, como posse de dirigentes universitários ou inaugurações de instalações académicas.

A necessidade de um protocolo bem estabelecido está diretamente relacionada com a preservação da cultura e do prestígio institucional. As cerimónias universitárias são momentos simbólicos que representam o reconhecimento do esforço académico e profissional dos membros da comunidade universitária. Assim, a manutenção de normas

e rituais protocolares não só fortalece a identidade acadêmica, mas também promove um ambiente de confiança.

Arantes (2023), no “Manual do Cerimonial Universitário da UNESP”, apresenta um conjunto de diretrizes essenciais para a organização de eventos acadêmicos, incluindo:

- Ordem de precedência das autoridades acadêmicas e políticas;
- Uso adequado dos símbolos institucionais (bandeiras, hinos, vestes acadêmicas, etc.);
- Regras para a oratória e discursos em eventos solenes;
- Organização da cerimônia de atribuição de grau.

Estas diretrizes são fundamentais para que os eventos universitários mantenham um padrão de excelência, garantindo que as solenidades respeitem tanto a tradição quanto as especificidades da instituição.

A análise do protocolo na Universidade Federal da Paraíba, no texto “Cerimonial e Protocolo: Um Estudo no Campus IV da UFPB” (Adelino & Barros, 2020), reforça a importância da adaptação das normas protocolares ao contexto específico de cada instituição. Embora existam diretrizes gerais, cada universidade deve estabelecer regras próprias que respeitem a sua identidade e os seus valores institucionais. O estudo evidencia que a flexibilidade nas normas protocolares permite que as universidades mantenham a relevância das suas cerimônias, adaptando-as às exigências contemporâneas e aos avanços na gestão acadêmica.

Desta forma, a implementação de protocolos dinâmicos e atualizados é fundamental para que as universidades acompanhem as transformações sociais e tecnológicas. A tecnologia, por exemplo, tem desempenhado um papel crucial na modernização das práticas protocolares. Mais, há uma crescente tendência para a inclusão de elementos culturais e regionais nos eventos universitários, tornando cada cerimônia um reflexo mais fiel da diversidade acadêmica.

A formalização do protocolo universitário como disciplina científica, aliada a uma gestão eficaz da comunicação institucional, permite que as universidades consolidem a sua imagem, promovam a inclusão e valorizem as trajetórias dos seus estudantes e docentes. É fundamental que as práticas protocolares sejam constantemente revistas e adaptadas para garantir, não apenas a continuidade das tradições, mas também a sua adequação a um mundo acadêmico dinâmico e diverso.

A manutenção e a modernização das práticas protocolares são, portanto, essenciais para garantir a continuidade e o prestígio das cerimónias académicas, promovendo o reconhecimento da instituição e de seus membros. Para que esta evolução seja bem-sucedida, é imprescindível que haja um comprometimento institucional com a formação de profissionais especializados em protocolo e cerimonial universitário, garantindo que estas práticas sejam conduzidas com rigor, respeito pelas tradições e atenção às inovações necessárias para o futuro do ensino superior.

Para além das abordagens gerais sobre a relevância do protocolo nas instituições de ensino superior, é fundamental dissecar as diretrizes que orientam a sua aplicação concreta. Estas diretrizes não se limitam a um conjunto de formalidades, mas estruturam-se em torno de três eixos fundamentais: organizacional, comunicacional e simbólico-ritualístico, os quais garantem a coerência, o prestígio e a eficácia das cerimónias académicas. Assim:

- Eixo organizacional: Este domínio diz respeito à planificação e execução técnica dos eventos universitários. Inclui a elaboração de cronogramas detalhados, a definição de responsabilidades das equipas envolvidas, a coordenação logística de espaços, acessibilidades, som e imagem, bem como a realização de ensaios prévios. Na UBI, por exemplo, a organização do *Dia da UBI* exige a articulação entre vários serviços – Reitoria, Gabinete de Comunicação, Serviços Académicos e Protocolo – de modo a garantir a fluidez e solenidade do evento. Esta cerimónia segue uma estrutura bem definida, com alocações formais, entrega de prémios e presença de entidades externas, como representantes governamentais e municipais;
- Eixo comunicacional: As práticas protocolares operam também como mecanismos de comunicação institucional, transmitindo mensagens de autoridade, pertença e respeito pela hierarquia. Este eixo contempla a elaboração de convites com identidade gráfica padronizada, o uso de linguagem formal nas comunicações, a gestão das intervenções públicas e o cuidado com a imagem institucional, tanto presencial como nos meios digitais. A transmissão online de cerimónias pela UBI – com legendagem automática, fundos institucionais e integração de vídeos – constitui uma adaptação recente que reforça o alcance das mensagens protocolares, sem comprometer a solenidade;
- Eixo simbólico-ritualístico: Talvez o mais distintivo dos eixos protocolares, este domínio envolve os elementos que reforçam a identidade da instituição e a sua tradição académica. Refere-se ao uso adequado dos símbolos – bandeiras, hinos, brasões, trajes académicos – e à observação da ordem de precedência entre

autoridades. Na UBI, as cerimónias de Doutoramento *Honoris Causa* evidenciam este eixo de forma exemplar, com o uso das vestes cerimoniais específicas e rituais como o elogio académico e a imposição das insígnias doutorais, que simbolizam o reconhecimento público do mérito científico. Estas práticas conferem prestígio ao evento e projetam a imagem da universidade como instituição de excelência.

Importa ainda referir que, embora existam diretrizes comuns às instituições do ensino superior, a utilização do protocolo deve observar as especificidades de cada universidade. A UBI tem procurado um equilíbrio entre tradição e inovação, incorporando elementos identitários da região, adaptando a sua linguagem protocolar aos públicos mais jovens e investindo na formação contínua dos profissionais envolvidos na organização dos eventos. A flexibilidade protocolar, neste sentido, não representa uma quebra da formalidade, mas sim um esforço de atualização coerente com os valores institucionais.

4. Metodologia

A metodologia adotada teve em conta uma abordagem essencialmente qualitativa, combinando os métodos de análise documental, análise de conteúdo e entrevistas semiestruturadas de modo oferecer uma compreensão aprofundada do tema em questão.

Assim, foi realizada uma análise documental, examinando protocolos, discursos, regulamentos e materiais de divulgação de cinco eventos *Dia da UBI*, o estudo de caso, um por cada reitor dos cinco que a UBI já teve. A amostra foi selecionada de forma intencional, procurando representar diversas perspectivas e experiências. Foram também conduzidas entrevistas semiestruturadas aos Reitores e à Chefe de Divisão do GMIC, visando coletar dados sobre as suas perceções, experiências e os desafios enfrentados em relação ao protocolo e ao cerimonial.

Entendemos aqui essencial considerar o campo das relações-públicas para situar a nossa análise e a prossecução do nosso objetivo central: analisar como o protocolo contribui para a credibilidade organizacional e demonstrar a sua eficácia. Neste sentido, o estudo de caso permitiu uma análise detalhada e contextualizada das práticas de protocolo empregues durante o *Dia da UBI*, oferecendo *insights* valiosos sobre sua influência e relevância nas interações institucionais e na perceção pública da universidade. A bibliografia ofereceu uma base sólida de referências para fundamentar a investigação, incluindo obras que abordam tanto o protocolo quanto as relações-públicas e a comunicação organizacional. Autores como Mateus (2009), Muñoz Boda (2010) ou Sánchez (2013) oferecem contributos relevantes sobre a interseção entre protocolo e relações-públicas, enquanto obras como "O Livro do Protocolo" (Serrano, 2015) fornecem uma compreensão aprofundada das práticas protocolares ajudando a entender como aplicar esses conceitos na prática. Os autores e obras supra referidas complementam-se ao fornecer tanto fundamentos teóricos quanto orientações práticas sobre a relação entre protocolo e relações públicas. O estudo de caso proposto procurou integrar esses conhecimentos teóricos com a análise empírica das práticas de protocolo, enriquecendo assim a compreensão sobre o tema e a sua relevância no contexto académico e institucional.

4.1 Estudo empírico

O objeto de estudo é o protocolo das cinco cerimónias académicas do *Dia da UBI*. A partir da definição de Caligiuri (2023), especialista em gestão intercultural, que destaca a

importância dos rituais e protocolos enquanto elementos estruturantes das instituições, sobretudo em contextos multiculturais, onde se reforçam a coesão e a identidade coletiva. Já Gonçalves & Athaydes (2017) analisam o protocolo como um fenómeno, simultaneamente, comunicacional e normativo, essencial para a construção da imagem e da identidade das organizações. Por fim, Serrano (2015), referência no campo do protocolo académico e oficial, sublinha o papel do protocolo na organização simbólica do poder, do saber e da tradição, conferindo-lhe um carácter estruturante e legitimador no seio das instituições. O foco da análise destas cerimónias centrou-se nas normas, práticas, rituais e procedimentos que regulam a organização e orientação de eventos académicos na UBI. Isso inclui a identificação das pessoas envolvidas na organização e na orientação dos eventos, bem como a compreensão dos rituais e símbolos associados a cada cerimónia.

Neste contexto, os objetivos principais desta investigação são: (i) analisar o protocolo das cinco cerimónias académicas do *Dia da UBI*, com especial atenção às normas e práticas institucionais que as regulam; (ii) identificar os agentes responsáveis pela sua organização e execução; e (iii) compreender de que forma os rituais protocolares contribuem para a afirmação da identidade e dos valores institucionais da UBI.

A pergunta de investigação que orienta este trabalho é:

De que forma o protocolo das cerimónias académicas do Dia da UBI reflete e reforça a identidade institucional da universidade?

O *Dia da UBI* é escolhido como um estudo de caso emblemático para investigar o papel do protocolo em eventos académicos (Serrano, 2015), pois representa um momento significativo na vida institucional da UBI. Este evento, celebrado anualmente em comemoração do aniversário da universidade, reúne alunos, docentes, funcionários e membros da comunidade em torno de valores comuns e conquistas partilhadas, tornando-se num microcosmo representativo das práticas protocolares da UBI.

A caracterização do objeto de estudo envolve não apenas uma descrição dos eventos e cerimónias em si, mas também uma análise mais profunda das normas, diretrizes e práticas protocolares que ocorrem (Gonçalves & Athaydes, 2017). Isso inclui a identificação de pessoas envolvidos na organização e na orientação dos eventos, bem como a compreensão dos rituais e símbolos associados a cada evento.

Além disso, a descrição do objeto de estudo reconhece a importância da abordagem interdisciplinar, que integra perspetivas teóricas e metodologias disciplinares como a comunicação, sociologia, história e gestão de eventos. Essa abordagem multidimensional

permite uma análise mais abrangente e crítica do papel do protocolo em eventos académicos, contribuindo para uma perceção mais completa do objeto de estudo.

4.1.1. Recolha de dados

Os procedimentos para a recolha de dados foram cuidadosamente planeados e executados para garantir a qualidade e a relevância das informações obtidas. Nesta investigação, foram diversas etapas consideradas para a coleta de dados:

1.^a) revisão analítica de documentos relacionados com o evento *Dia da UBI* e com as práticas de protocolo associadas, incluindo manuais de protocolo da universidade, programas de eventos anteriores e outros documentos relevantes.

2.^a) participação da investigadora no *Dia da UBI* como observadora para registo minucioso de observações detalhadas sobre as práticas de protocolo, interações entre os participantes e a atmosfera geral do evento. Esta abordagem permitiu uma perceção mais profunda e imersiva das dinâmicas e desafios enfrentados na aplicação do protocolo em tempo real.

3.^a) análise de conteúdo protocolar gravado em materiais audiovisuais dos cinco eventos *Dia da UBI* em análise, como vídeos, fotografias e transmissões em direto do evento. Estes materiais ofereceram explicações visuais sobre as práticas de protocolo em ação.

4.^a) análise de discursos de reitores e entrevistas aos mesmos, com exceção do primeiro reitor da UBI, por motivo de doença. Esta análise de discursos e diálogo com as testemunhas privilegiadas levaram à identificação de 17 categorias-chave, que refletiam diferentes aspetos do protocolo e da organização do *Dia da UBI*. Através dessa análise, procurou-se identificar temas centrais, padrões de procedimento e significados subjacentes.

- C1. Tradição e cerimónia;
- C2. Protocolo, identidade e valores;
- C3. Protocolo *Dia da UBI*;
- C4. Rituais e protocolo;
- C5. Convites, protocolo, valores e missão da UBI;
- C6. Convidados e celebração;
- C7. Discursos homenagem e programa *Dia da UBI*;
- C8. Ordem de intervenções;
- C9. Convidados de honra e homenageados;

- C10. Planeamento e realização do evento;
- C11. Iniciativas, projetos e *Dia da UBI*;
- C12. Imprevistos e protocolo;
- C13. Impacto e *Dia da UBI*;
- C14. Parcerias e UBI;
- C15. *Dia da UBI* futuras edições e protocolo;
- C16. *Dia da UBI* e reputação institucional.

Estas categorias foram definidas com base nas questões centrais do estudo, que se focam nos aspetos protocolares e organizacionais do *Dia da UBI*. Cada categoria representa um conjunto de códigos que emergem de uma dimensão específica do evento, desde a sua organização e os desafios enfrentados, até ao impacto e a contribuição do protocolo para a reputação institucional da UBI.

Foram analisados cinco discursos, um de cada reitor da Universidade da Beira Interior, correspondendo a um discurso por cada um dos quatro reitores que exerceram funções ao longo dos anos, não tendo sido possível realizar a entrevista ao primeiro Reitor da UBI por questões de saúde. Estes discursos foram selecionados por serem representativos das diferentes edições do evento e, por conseguinte, das variações nas práticas e no papel do protocolo ao longo do tempo.

Para o critério temporal da análise, selecionamos aleatoriamente um ano de gestão de cada reitor e analisamos um discurso proferido nesse período. Assim, foi analisado um discurso por reitor, totalizando cinco discursos. Todos os discursos tiveram como critério temático exclusivamente o evento *Dia da UBI*, o que garantiu uma análise aprofundada das perceções e práticas protocolares relacionadas com este evento específico, sem abranger outros aspetos da atividade da UBI.

A análise foi realizada de forma sistemática, utilizando a técnica de análise de conteúdo discursivo para identificar os principais temas e padrões nas respostas dos reitores, de modo a categorizar as informações coletadas. Cada discurso foi lido atentamente e, em seguida, as alocações dos reitores foram agrupadas de acordo com as 17 categorias pré-definidas. Para cada categoria, foi atribuído um código que representava um tema específico. Posteriormente, os discursos foram comparados entre si, permitindo identificar como cada reitor abordou temas similares ao longo do tempo e quais variações ou continuidades foram observadas nas suas perceções do protocolo, do *Dia da UBI* e da imagem institucional da universidade.

O objetivo da análise qualitativa dos discursos foi explorar a forma como o protocolo e os elementos cerimoniais influenciam a percepção da credibilidade e da imagem institucional da UBI. Ao comparar discursos de diferentes reitores, foi possível verificar como os elementos protocolares e os rituais associados ao *Dia da UBI* são percebidos, implementados e como evoluíram ao longo do tempo, refletindo tanto as mudanças na gestão da universidade quanto as continuidades nas práticas organizacionais.

A abordagem qualitativa adotada, com a análise discursiva detalhada e a categorização sistemática e cruzada dos dados, garante a credibilidade e validade dos mesmos. Além disso, a triangulação entre os dados coletados nas entrevistas e a análise documental das práticas protocolares fortalece a confiabilidade da investigação, permitindo um entendimento mais aprofundado e robusto sobre o papel do protocolo no contexto do *Dia da UBI* e na sua relação com a reputação institucional da UBI.

No presente trabalho, foram utilizados métodos qualitativos com o intuito de entender em profundidade o protocolo das cerimónias do *Dia da UBI*. Recorreu-se à análise de conteúdo de discursos proferidos por cinco reitores, sistematizados numa tabela com categorias temáticas previamente definidas (Anexo L). Complementarmente, procedeu-se à análise documental de deliberação, despacho e regulamentos (Anexos C, D, E e F), convites, guião e programas oficiais (Anexos G, H e I) e outros registos institucionais relacionados com as cerimónias (Anexos J e K), bem como à análise de materiais audiovisuais, incluindo gravações de edições anteriores do evento (Anexo M), de modo a captar elementos simbólicos, rituais e performativos relevantes para a compreensão do protocolo universitário.

Ano	Reitor	Contexto da cerimônia	PARÂMETROS A ANALISAR						
			Temas/temas	Protocolo	Desenvolvimento do evento	Aspectos Visuais e Sensoriais	Reação do Público	Aspectos Culturais e Sociais	Conclusões
		(Tipo: militar, religiosa, oficial, cultural, etc.); Objetivos: celebração, inauguração, homenagem, etc.)	(Como foi planejada, responsáveis pela organização, a quem foram dirigidos os convites e como foram feitos: a logística e informação sobre o local, decoração, equipamento de som e imagens e acessibilidade)	(Quem deu início: discursos tipo de, quem, conteúdo e duração; ordem de intervenções, quais as etapas da cerimônia, como foram importantes: dress-codes, abrangência: como foi a participação das diversas autoridades ou convidados)	(Pontualidade: descrição do "banquete" durante a cerimônia; interação: como se comportaram os convidados/participantes)	(Decoração: o que foi utilizado e como contribuiu para o sucesso do evento; Música e sons: tipo de, qualidade; Fotografia e vídeo: como foi feito; profissionais ou não, registro de momentos especiais)	(Como reagiu os diferentes partes da cerimônia: houve oportunidade de participação ativa? como?)	(Tradição ou costume específicos durante a cerimônia; qual a importância para a comunidade ou grupo em que está envolvido)	(Avaliação global)
1986	Prof. Cândido Passos Morgado	Oficial, comemorativa com inaugurações.	Relativamente à organização, convites, logística não há informação disponível, pela falta Elmagam a que houve mesmo verificou-se a existência de arranjos finais e apenas gravado vídeo de baixa qualidade.	(Quem deu início à cerimônia foi o Reitor, cujo discurso referia os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir. Discurso do Presidente da Associação Académica. O dress-code era traje ou fato escuro, a participação das diversas entidades foi meramente de assistência à cerimônia.	A cerimônia começou com pontualidade, sendo uma cerimônia muito formal em que as pessoas que participaram nela tinham de respeitar o protocolo e hierarquias presentes.	A decoração foi apenas um arranjo floral e a colocação das bandeiras oficiais. O som foi assegurado através de microfones e foi feita gravação vídeo.	A participação das pessoas na cerimônia era passiva.	A cerimônia começou com o cortejo académico vindo da Capela de S. Martinho em direção ao Auditório de S. Sebastião. Foi-lhe atribuída uma grande importância ao que se estava a passar pela forma como se comportavam.	Evento de grande importância não só para a UBI como também para as entidades que estiveram presentes.
2001	Prof. Manuel Santos Silva	Oficial, comemorativa com inaugurações.	Os convites foram enviados a entidades locais e nacionais, empresas e outras.	(Quem deu início à cerimônia foi o Reitor, cujo discurso referia os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir. O dress-code era traje ou fato escuro, a participação das diversas entidades foi meramente de assistência à cerimônia. Discorso do Presidente da Associação Académica. Posteriormente houve a entrega de medalhas a Docentes e Funcionários que estiveram no ano de serviço na Instituição e apurados dos SASTRI e Prémios de Mérito Escolar, assinaturas de Protocolos e participação de empresas que patrocinaram prémios de mérito.	Cerimônia muito formal em que as pessoas que participaram nela tinham de respeitar o protocolo e hierarquias presentes.	A decoração foi apenas um arranjo floral e a colocação das bandeiras oficiais. O som foi assegurado através de microfones e foi feita gravação vídeo.	A participação das pessoas na cerimônia era passiva.	A cerimônia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Capela de S. Martinho em direção ao Auditório de S. Sebastião.	Tudo se deu em evento de elevada relevância, não apenas para a UBI, mas também para as diversas entidades que marcaram presença.
2012	Prof. João Queiroz	Oficial, comemorativa com assinatura de protocolos e participação da Escola Profissional de Artes da Covilhã.	Os convites foram enviados a entidades locais e nacionais, empresas e outras.	(Quem deu início à cerimônia foi o Reitor (discurso referia os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir). Discurso do Presidente da Associação Académica, Outorga das Cartas de Agregação, imposição das Insígnias Docentes, entrega de medalhas a Docentes e Funcionários com 20 anos de serviço ou que se aposentaram até 30 de abril de 2012. Entrega de Prémios Escolares e de Bolsas de Mérito. Assinatura de Protocolos, Atribuição da grau de Doutor Honoris Causa ao General Ramalho Eanes, Discursos do Patrão do novo Doutor e do novo Doutor. Discurso do Presidente do Conselho Geral. O dress-code era traje académico ou fato escuro. A participação das diversas entidades foi meramente de assistência à cerimônia. Houve a participação de empresas que patrocinaram prémios de mérito.	Cerimônia muito formal em que as pessoas que participaram nela tinham de respeitar o protocolo e hierarquias presentes.	A decoração foi apenas um arranjo floral e a colocação das bandeiras oficiais. O som foi assegurado através de microfones e foi feita gravação vídeo.	A participação das pessoas na cerimônia era educada e passiva.	A cerimônia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Sala dos Conselhos da Faculdade de Ciências da Saúde em direção ao Grande Auditório.	Com um pequeno atraso, teve início a cerimônia, antecedida pelo cortejo académico que partiu da Sala dos Conselhos da Faculdade de Ciências da Saúde em direção ao Grande Auditório.
2015	Prof. António Fidalgo	Oficial, comemorativa com inaugurações.	Os convites foram enviados a entidades locais e nacionais, empresas e outras.	(Quem deu início à cerimônia foi o Reitor (discurso referia os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir). Discurso do Presidente da Associação Académica, Outorga das Cartas de Agregação, imposição das Insígnias Docentes, entrega de medalhas a Docentes e Funcionários com 20 anos de serviço ou que se aposentaram até 30 de abril de 2012. Entrega de Prémios Escolares e de Bolsas de Mérito. Discurso do Presidente do Conselho Geral.	Cerimônia muito formal em que as pessoas que participaram nela tinham de respeitar o protocolo e hierarquias presentes.	A decoração foi apenas um arranjo floral e a colocação das bandeiras oficiais. O som foi assegurado através de microfones e foi feita gravação vídeo.	A participação das pessoas na cerimônia era respeitosa e passiva.	A cerimônia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Sala dos Conselhos da Faculdade de Ciências da Saúde em direção ao Grande Auditório.	A cerimônia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Sala dos Conselhos da Faculdade de Ciências da Saúde em direção ao Grande Auditório.
2018	Prof. Mário Raposo	Oficial, comemorativa com inaugurações e participação da Escola Profissional de Artes da Covilhã.	Os convites foram enviados a entidades locais e nacionais, empresas e outras.	(Quem deu início à cerimônia foi o Reitor, cujo discurso referia os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir). Discurso do Presidente da Associação Académica, Outorga do Diploma de Professor Emérito ao Prof. Manuel Santos Silva, Distinções atribuídas ao Prof. Manuel Santos Silva, ao Prof. Fernando de Jesus, Outorga de Cartas de Agregação, Entrega de medalhas a Docentes e Funcionários com 20 anos de serviço ou que se aposentaram até 30 de abril de 2012. Entrega de Prémios Escolares e de Bolsas de Mérito. Entrega de Prémios de Voluntariado Estudante 2012. Discurso do Presidente do Conselho Geral.	Cerimônia muito formal em que as pessoas que participaram nela tinham de respeitar o protocolo e hierarquias presentes.	A decoração foi apenas um arranjo floral e a colocação das bandeiras oficiais. O som foi assegurado através de microfones e foi feita gravação vídeo.	A participação das pessoas na cerimônia era respeitosa e passiva.	A cerimônia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Sala dos Conselhos da Faculdade de Ciências da Saúde em direção ao Grande Auditório.	A cerimônia teve início com um ligeiro atraso, sendo o cortejo académico formado na Sala dos Conselhos da Faculdade de Ciências da Saúde, dirigindo-se depois para o Grande Auditório.

Tabela n.1 – Análise de parâmetros de cada discurso. Tabela elaborada pela autora durante a dissertação.

4.2 Análise

Preâmbulo

Após a coleta dos dados, foi essencial realizar uma análise minuciosa e uma interpretação cuidadosa para extrair o significado dos mesmos.

Para os dados qualitativos, a análise de conteúdo foi uma abordagem comum. Envolveu a identificação do tema, padrões e significados subjacentes nos dados, permitindo uma compreensão mais profunda das percepções e experiências dos organizadores. O papel do protocolo no *Dia da UBI*, abordando a eficácia, a solenidade e desafios enfrentados.

Além disso, foi importante comparar e contrastar os dados coletados de diferentes fontes e métodos, de modo a identificar convergências e divergências nas percepções e experiências dos organizadores.

Os resultados da análise dos dados foram contextualizados dentro do quadro teórico e conceitual estabelecido na revisão da literatura. Isso envolveu a interpretação dos resultados à luz de teorias, modelos e conceitos relevantes, identificando conexões, lacunas e consequências para a teoria e para a prática.

A estrutura e conteúdo apresentados servem para estabelecer o quadro teórico e conceptual da dissertação, abordando:

- (Serrano, 2015), a história e o conceito de protocolo;
- (Dantas et al., 2017), o protocolo nas Relações-Públicas;
- (Alves, 2012), (Valente & Almeida, 2019), (Fonseca et al., 2019), (Gradim, 2018), o protocolo universitário;
- (Muszyńska & Marx, 2019), (Adelino & Barros, 2020), as diretrizes e a padronização no protocolo.

Este quadro teórico é construído tendo em conta as contribuições de diferentes autores e fontes consultadas. Alguns dos autores mencionados que contribuem para este quadro teórico e concetual incluem:

- (Mateus, A. F., 2009), sobre o protocolo nas relações-públicas e comunicação para a imagem institucional;
- (Coba, M. C., 2019), abordando o protocolo universitário;
- (Serrano, 2015), sobre o conceito de protocolo;
- (Ruão, 2023), que destaca o protocolo como ferramenta para relações harmoniosas e construção de identidades;
- (Cardim, 2004) e Rich (2013), sobre as práticas protocolares na antiguidade;
- (Froideville & Verheul, 2016), sobre a formalização do protocolo nas relações diplomáticas;
- (Valente & Almeida, 2019), sobre as relações institucionais e a contribuição do protocolo universitário;
- (Gonçalves & Athaydes, 2017) e (Caligiuri, 2023), mencionados na definição do objeto de estudo relacionado com eventos académicos;
- (Clark, B. R., 1983) e (Delanty, G., 2001), sobre a identidade universitária.

Estes autores e respetivas obras fornecem a base teórica para a investigação da dissertação. Este trabalho utiliza os conceitos e perspectivas destes autores para:

- Definir o seu objeto de estudo (o protocolo em eventos académicos, focado no *Dia da UBI*);
- Compreender a função e significado do protocolo;
- Interpretar os resultados da sua própria análise de dados.

A validação da presente dissertação, conforme descrito nas secções de Metodologia recorreu a métodos qualitativos e técnicas de análise específicas:

- **Análise Documental:** De protocolos, regulamentos, discursos e materiais de divulgação;
- **Análise de Conteúdo** (de discursos audiovisuais e entrevistas): Esta técnica, sistematizada por Bardin (2006), foi utilizada para identificar temas, padrões e significados nos discursos dos reitores e nas entrevistas. Esta abordagem permite interpretar comunicações orais ou escritas através de procedimentos sistemáticos e objetivos;
- **Análise Discursiva:** Utilizada para detetar padrões temáticos, variações e elementos estruturais nos discursos;
- **Análise de Entrevistas Semi-estruturadas:** Com reitores e a Chefe de Divisão do GMIC, para recolher perceções e experiências.

A triangulação entre os dados documentais, a análise de discursos e as entrevistas fortaleceu a confiabilidade da investigação e validou a interpretação sobre o papel do protocolo no *Dia da UBI* e na reputação institucional.

Em resumo, o alicerce teórico através dos modelos e conceitos de diversos autores consultados, os modelos e técnicas de análise utilizados para validar a dissertação são Análise de Conteúdo (Bardin, 2006) e Análise Discursiva, aplicadas aos dados recolhidos (documentos, discursos e entrevistas).

A razão pela qual se recorreu aos autores mencionados acima foi a de construir um quadro teórico sólido e abrangente que permitisse compreender o conceito, a história, as práticas e as funções do protocolo em diferentes contextos, especialmente no universitário. Cada autor contribuiu com uma perspetiva específica que enriqueceu a análise:

- **Serrano (2015)** fornece uma definição clara e fundamentada de protocolo, essencial para delimitar o objeto de estudo.
- **Dantas et al. (2017)** abordam o protocolo nas Relações-Públicas, ajudando a entender sua importância na comunicação institucional.
- **Alves (2012), Valente & Almeida (2019), Fonseca et al. (2019), Gradim (2018)** contribuem com o entendimento do protocolo universitário, contextualizando-o na esfera académica.

- **Muszyńska & Marx (2019), Adelino & Barros (2020)** oferecem uma visão sobre diretrizes e padronizações, essenciais para compreender a formalização e a consistência dos eventos.
- Outros autores, como **Mateus (2009), Coba (2019), Ruão (2023)**, aprofundam conceitos relacionados à comunicação, identidade institucional, práticas protocolares históricas e diplomáticas, ampliando o entendimento do protocolo em diferentes dimensões.

A ligação a Bardin (2006) é extremamente fundamental uma vez que as suas técnicas de análise de conteúdo e análise discursiva fornecem métodos sistemáticos para interpretar os dados qualitativos coletados (documentos, discursos, entrevistas). Essas técnicas permitem identificar padrões, temas e significados, fortalecendo a validade e a confiabilidade da pesquisa.

Assim, recorreu-se a estes autores para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contextualizar o protocolo em diferentes áreas e garantir uma análise aprofundada e fundamentada dos dados, utilizando as metodologias propostas por Bardin para validar os resultados da dissertação.

Por exemplo, as percepções dos participantes sobre a eficácia do protocolo foram interpretadas à luz das teorias sobre a função e significado do protocolo em eventos acadêmicos.

Estas abordagens de análise e interpretação dos dados foram essenciais para garantir que os resultados da investigação sejam válidos e significativos, fornecendo a verdadeira relevância do protocolo no *Dia da UBI*.

4.2.1 Análise documental

Realizou-se uma análise documental, examinando protocolos, regulamentos e materiais de divulgação do evento para fornecer *insights* sobre as práticas de protocolo adotadas. A amostra foi selecionada de forma intencional, procurando representar diversas perspectivas e experiências dentro da comunidade acadêmica da UBI. Para justificar a escolha do método "estudo de caso", foi essencial considerar a área das relações-públicas e comunicação organizacional, que desempenham papéis significativos na construção da credibilidade e na demonstração de valor de uma organização.

O objetivo foi analisar como o protocolo contribui para a credibilidade organizacional num contexto real e demonstrar a sua eficácia. Neste sentido, o estudo de caso permite uma análise detalhada e contextualizada das práticas de protocolo empregues durante o *Dia da UBI*, oferecendo conhecimento valiosos sobre sua influência e relevância nas interações institucionais e na percepção pública da universidade. A bibliografia oferece uma base sólida de referências para fundamentar a investigação, incluindo obras que abordam tanto o protocolo quanto as relações-públicas e a comunicação organizacional. Autores como Mateus (2009), Muñoz Boda (2010), e Sánchez (2013) oferecem conhecimentos sobre a interseção entre protocolo e relações-públicas, enquanto obras como "O Livro do Protocolo" (Serrano, 2015) fornecem uma compreensão aprofundada das práticas protocolares. Os autores mencionados contribuíram de forma significativa para a construção da análise ao fornecer modelos teóricos e conceitos que fundamentam a compreensão do protocolo e a sua relação com a credibilidade organizacional. Por exemplo, Serrano (2015), ao abordar "O Livro do Protocolo", oferece uma compreensão aprofundada das práticas protocolares, permitindo interpretar como esses rituais e normas contribuem para a imagem e reputação da instituição. Já autores como Mateus (2009), Muñoz Boda (2010) e Sánchez (2013) exploram a interseção entre protocolo, relações-públicas e comunicação organizacional, ajudando a entender como o protocolo funciona como uma ferramenta de gestão da imagem e de fortalecimento da credibilidade institucional. Essas obras fornecem conceitos que sustentam a análise de como as práticas protocolares, ao serem bem executadas, promovem uma percepção positiva e reforçam a confiança na organização. Assim, os autores ajudaram a estruturar uma compreensão teórica que permite avaliar a eficácia do protocolo no contexto do *Dia da UBI*, demonstrando sua influência na construção de uma imagem institucional sólida e confiável. O estudo de caso proposto procurou integrar esses conhecimentos teóricos com a análise empírica das práticas de protocolo, enriquecendo assim a compreensão sobre o tema e a sua relevância no contexto académico e institucional.

O objeto de análise é o papel do protocolo em eventos e cerimónias académicas (Caligiuri, 2023) (Gonçalves & Athaydes, 2017) (Serrano, 2015), em particular no *Dia da UBI* organizado pela UBI. O foco recai sobre as normas, práticas, rituais e procedimentos que regulam a organização e orientação de eventos académicos na UBI.

Em termos conceituais, o protocolo é entendido como um conjunto de regras e convenções que governam o procedimento, a etiqueta e a organização em situações formais e cerimoniais. No contexto académico, o protocolo desempenha um papel crucial na garantia da solenidade, eficácia e significado simbólico dos eventos, refletindo e reforçando os valores e tradições da instituição.

O *Dia da UBI* é escolhido como um estudo de caso emblemático para investigar o papel do protocolo em eventos acadêmicos, pois representa um momento significativo na vida institucional da UBI (Serrano, 2015). Este evento, celebrado anualmente em comemoração do aniversário da universidade, reúne alunos, docentes, funcionários e membros da comunidade em torno de valores comuns e conquistas compartilhadas, tornando-se um microcosmo representativo das práticas protocolares da UBI.

A caracterização do objeto de estudo envolve não apenas uma descrição dos eventos e cerimônias em si, mas também de uma análise mais profunda das normas, diretrizes e práticas protocolares que ocorrem (Gonçalves & Athaydes, 2017). Isso inclui a identificação de pessoas envolvidos na organização e na orientação dos eventos, bem como a compreensão dos rituais e símbolos associados a cada evento.

Além disso, a descrição do objeto de estudo reconhece a importância da abordagem interdisciplinar, que inclui perspectivas teóricas e metodologias disciplinares como comunicação, sociologia, história e gestão de eventos. Essa abordagem multidimensional permite uma análise mais abrangente e crítica do papel do protocolo em eventos acadêmicos, contribuindo para uma compreensão mais completa do objeto de estudo.

Os procedimentos para a coleta de dados foram cuidadosamente planejados e executados para garantir a qualidade e a relevância das informações obtidas. Nesta investigação, diversas etapas foram consideradas para a coleta de dados: começar com uma revisão exaustiva de documentos relacionados ao evento *Dia da UBI* e às práticas de protocolo associadas, incluindo manuais de protocolo da universidade, programas de eventos anteriores e outros documentos relevantes. Em seguida, foi realizada uma participação ativa no *Dia da UBI* como observador, registrando observações detalhadas sobre as práticas de protocolo, interações entre os participantes e a atmosfera geral do evento. Esta abordagem permitiu um entendimento mais profundo e imersivo das dinâmicas e desafios enfrentados na aplicação do protocolo em tempo real. Além disso, analisar materiais audiovisuais relacionados com o *Dia da UBI*, como vídeos, fotografias e transmissões ao vivo do evento. Estes materiais ofereceram explicações visuais sobre as práticas de protocolo em ação, além de capturar momentos significativos.

4.2.2 Análise de conteúdo (discursos audiovisuais)

A análise discursiva realizada nesta investigação baseou-se na detecção de padrões temáticos, variações discursivas e elementos estruturais que evidenciam as prioridades institucionais e as transformações ocorridas na universidade. Esta análise seguiu uma

abordagem qualitativa, recorrendo à técnica de análise de conteúdo, tal como sistematizada por Bardin (2006), a qual permite interpretar comunicações orais ou escritas a partir de um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos de enumeração das mensagens. Este método revelou-se particularmente adequado à identificação de mensagens implícitas e explícitas nos discursos proferidos durante as cerimónias do *Dia da UBI*.

Com esta análise, pretendeu-se contribuir para uma compreensão mais aprofundada da evolução da UBI, das visões institucionais dos seus dirigentes e dos desafios que moldam o seu percurso académico e simbólico, através da análise dos discursos — elementos centrais do protocolo — proferidos por cinco reitores em cinco diferentes cerimónias do *Dia da UBI*.

4.2.2.1 Análise do Discurso do Reitor Cândido Passos Morgado

De acordo com a análise do discurso do Reitor Passos Morgado, proferido por ocasião das cerimónias do *Dia da UBI*, em 30 de abril de 1989⁵, revela a seguinte cadência protocolar (de organização discursiva e de relevância temática).

4.2.2.1.1 Crítica

O discurso contém elementos que podem ser interpretados como uma forma de crítica institucional, focada nas dificuldades e desafios enfrentados pela universidade, particularmente, no que diz respeito ao apoio financeiro e à alocação de recursos. O orador menciona "graves dificuldades" no desenvolvimento e expansão da universidade devido a "injustiças cometidas aquando da atribuição dos orçamentos". Esta afirmação representa uma crítica implícita à forma como os recursos foram distribuídos à universidade.

Adicionalmente, a referência constante às limitações financeiras que impediram a UBI de levar por diante determinadas obras em tempo oportuno e a necessidade de "apoios indispensáveis" para o funcionamento e desenvolvimento da instituição também apontam para uma crítica à insuficiência do suporte financeiro governamental recebido. A menção a uma "situação verdadeiramente preocupante" sugere uma avaliação crítica das condições enfrentadas à data pela universidade.

⁵ Cândido Passos Morgado. (1989/04/30). *Discurso proferido por ocasião das cerimónias do Dia da UBI* [vídeo]. Cerimónias do Dia da UBI, Universidade da Beira Interior, Covilhã. (Anexo L).

4.2.2.1.2 Tipo de discurso

O discurso é essencialmente institucional, dada a ocasião e a presença de diversas autoridades. Tem, portanto, múltiplas facetas protocolares discursivas.

- Comemorativa: celebra a existência e o progresso da universidade desde a sua criação;
- Informativa: apresenta um panorama das atividades em curso, dos desafios enfrentados e dos planos para o futuro;
- De agradecimento: expressa gratidão pelo apoio recebido de diversas entidades, como o Ministério da Educação, autoridades locais e outras instituições;
- De reivindicação/persuasão: apela à atenção e ao apoio das autoridades presentes para as necessidades da universidade, especialmente no âmbito financeiro e de infraestruturas;
- Prospetiva: apresenta planos para a criação de novos cursos, desenvolvimento de infraestruturas e outras iniciativas que visam o crescimento da universidade.

O tom geral do discurso é adequado à solenidade da ocasião e à audiência, composta por representantes de diversas instituições e membros da comunidade académica.

4.2.2.1.3 Identidade da universidade

O discurso é altamente relevante para a identidade da UBI, pois aborda aspetos cruciais que moldam a sua missão, valores e o contexto em que se insere.

- a) Afirmação da existência e propósito: A celebração do "Dia da Universidade" e a reflexão sobre a sua criação reforçam a identidade da UBI como uma instituição com uma história e um propósito definidos;
- b) Reconhecimento dos desafios e resiliência: Ao abordar as "graves dificuldades" e as limitações financeiras, o discurso não apenas reconhece os obstáculos, mas também destaca implicitamente a resiliência e a determinação da universidade em prosseguir os seus objetivos apesar das adversidades;
- c) Ênfase no desenvolvimento e progresso: A menção da criação de novos cursos, da melhoria de infraestruturas e da expansão das atividades académicas projeta uma imagem de uma universidade dinâmica e orientada para o futuro, que procura incessantemente o seu desenvolvimento;

- d) Relação com o exterior e procura de apoio: O agradecimento pelo apoio recebido e a explicitação das necessidades acrescidas de financiamento e recursos revelam mutuamente a consciência da dependência da universidade de outras entidades e a postura ativa na procura por suporte para o seu crescimento. Isso molda a identidade da UBI como uma instituição envolvida com o seu meio e proativa na defesa dos seus interesses;
- e) Prioridades institucionais: A discussão sobre a homologação dos estatutos, a aprovação do Plano Diretor e a necessidade de novas instalações evidencia as prioridades da universidade em termos de organização, planeamento estratégico e infraestruturas, elementos fundamentais para a sua identidade como uma instituição de ensino superior moderna e eficiente.

O discurso do Reitor Passos Morgado no Dia da Universidade em 1989 não só oferece um panorama da situação da UBI naquele momento, mas também contribui para a uma perceção aproximada da intenção discursiva sobre a construção e a afirmação da identidade da UBI através da explicitação dos seus desafios, das suas aspirações e da sua relação com o contexto social e político em que está introduzida.

4.2.3 Análise do Discurso do Reitor Manuel Santos Silva

De acordo com o discurso do Reitor Santos Silva podemos sintetizar a seguinte análise do protocolo adotado para a organização e intenção discursivas:

4.2.3.1 Crítica

O discurso contém elementos de crítica social, principalmente direcionados com as dificuldades e obstáculos enfrentados pela UBI no seu desenvolvimento. Ora, a cadência e intenções discursivas foram elencadas da seguinte forma:

- a) Críticas a agentes regionais e nacionais: O orador menciona "acidentes de percurso e de barreiras de entrave ao seu [da UBI] desenvolvimento, arquitetadas quer por agentes regionais quer nacionais". Esta afirmação sugere que a universidade enfrentou oposição ou falta de apoio de entidades tanto a nível local como nacional;
- b) Críticas ao ensino superior: Existe uma referência à "confusão reinante ao nível do Ensino Superior, que se tem traduzido nos mais diversos ataques à instituição universitária pública e sua autonomia". Isto indica uma preocupação com a instabilidade e os ataques que as universidades públicas

portuguesas, incluindo a UBI, estavam a sofrer na altura. A autonomia universitária é destacada como um aspeto fundamental;

- c) Críticas à administração pública: O discurso aponta para dificuldades e constrangimentos impostos "em muitos casos, pela própria Administração Pública". Isto pode referir-se a questões burocráticas, falta de financiamento adequado ou outras formas de impedimento por parte do Governo;
- d) Desafios do interior: A localização da UBI numa região com "diversas debilidades, com uma densidade populacional baixa, problemas inerentes à pequenez do meio, com difíceis acessibilidades, apesar da melhoria verificada nos últimos anos, com fracas atividades económicas e empresariais e, conseqüentemente, com falta de poder político" é apresentada como um fator agravante das problemáticas enfrentadas. Embora não seja uma crítica direta, sublinha as desvantagens sociais e económicas do contexto em que a universidade opera;
- e) Problemas de financiamento: O orador critica as "reduzidas dotações orçamentais" e a "confusão e alteração das regras" no financiamento do ensino superior, referindo que o ano 2000 foi "extremamente penoso para as universidades públicas". No caso específico da UBI, é mencionada a insuficiência do orçamento para pessoal desde 1998 e o recurso a receitas próprias para cobrir despesas. A fórmula de financiamento é considerada inadequada por não ter em consideração as "situações particulares de algumas instituições".

4.2.3.2 Tipo de discurso

O discurso proferido por ocasião do 15º aniversário da UBI em 2001 é, fundamentalmente, um discurso institucional que assenta nas dimensões protocolares discursivas de celebração e reivindicação.

- Celebração: Celebra-se o 15º aniversário da transformação do então Instituto Universitário em Universidade. Há também momentos de reconhecimento e agradecimento dirigidos a docentes, funcionários, alunos e entidades colaboradoras. A atribuição do grau de Doutor *Honoris Causa* também se enquadra neste cariz comemorativo e de reconhecimento de mérito;
- Reivindicação: O orador aproveita a ocasião para expor os desafios e dificuldades enfrentados pela UBI, nomeadamente no que diz respeito ao financiamento, infraestruturas e reconhecimento das necessidades específicas da instituição e da região. São apresentadas reivindicações ao Ministério da Educação relativamente

ao apoio financeiro, aprovação de candidaturas e melhorias na fórmula de financiamento do ensino superior;

- Informação: O discurso apresenta um balanço da situação atual da universidade, referindo dados sobre o número de alunos, corpo docente, projetos de construção, ação social, novos cursos de licenciatura e pós-graduação, investigação e ligação com o meio;
- Proposição: São delineados planos de desenvolvimento para o futuro, incluindo a criação e reestruturação de cursos, a expansão de infraestruturas e o reforço da investigação;
- Persuasão: O orador procura persuadir as entidades presentes, em particular o Ministro da Educação, sobre a importância do apoio à UBI para o progresso da região do interior e do país.

4.2.3.3 Identidade da universidade

O discurso é altamente relevante para a identidade da Universidade da Beira Interior:

- Afirmação de propósito e superação de desafios: O discurso enfatiza a árdua caminhada da instituição desde a sua fundação, marcada por obstáculos que não impediram o seu progresso. Isto contribui para a criação de uma identidade de resiliência e determinação na prossecução de um projeto de excelência no Interior;
- Compromisso com a qualidade e inovação: A referência a um projeto "arrojado, inovador e pautado por critérios de excelência" define a ambição da universidade e a sua aspiração a alcançar níveis de qualidade cada vez mais elevados. As menções à aposta na qualificação dos recursos humanos, à criação de novos cursos inovadores como a Licenciatura em Medicina e ao desenvolvimento da investigação reforçam esta identidade de instituição dinâmica e orientada para o futuro;
- Consciência do contexto regional: O discurso demonstra uma clara consciência dos desafios e particularidades da região do Interior. A UBI é apresentada não só como uma instituição de ensino, mas também como um fator de afirmação e competitividade do País e um motor de desenvolvimento para a Beira Interior. A preocupação com a fixação de quadros na região e o contributo para o esbatimento das assimetrias com o litoral são elementos centrais da identidade que o discurso procura projetar;
- Valorização da ligação com o meio: A importância da ligação universidade-meio é destacada através da organização de cursos de extensão, da abertura à

comunidade e da colaboração com outras instituições. Isto sublinha uma identidade de universidade engajada com a sociedade e atenta às suas necessidades;

- Reconhecimento do mérito e da dedicação: A cerimónia de atribuição de medalhas e prémios e a concessão do grau de Doutor *Honoris Causa* a uma figura do Interior reforçam os valores da dedicação, do mérito e da ligação à região como parte da identidade da UBI.

-

Este discurso do 15º aniversário da UBI é um documento crucial para compreender a identidade da universidade em 2001. Revela uma instituição consciente dos seus desafios, ambiciosa nos seus objetivos de qualidade e inovação, profundamente ligada à sua região e empenhada em contribuir para o seu desenvolvimento, apesar das críticas e reivindicações apresentadas relativamente ao apoio recebido.

4.2.4 Análise do Discurso do Reitor João Queiroz

No discurso do Reitor João Queiroz podemos fazer a seguinte análise:

4.2.4.1 Crítica

O discurso apresenta algumas nuances de crítica social, embora não seja o seu foco principal. Identificamos elementos que tangenciam questões sociais e o papel da universidade face a elas:

- a) É mencionada a necessidade de a universidade estar atenta às mudanças sociais, económicas e culturais. Isto implica um reconhecimento de que a sociedade está em constante evolução e que a universidade tem um papel a desempenhar nesse contexto;
- b) A internacionalização é apresentada como relevante no âmbito em que tal tem sido aprofundado pela integração numa dimensão numerosa internacional e intercultural em todas as áreas e domínios de intervenção da universidade. Isto sugere uma crítica implícita a uma postura universitária isolada ou excessivamente centrada no contexto nacional;
- c) A necessidade de a universidade se afirmar como ator relevante, tanto no plano internacional como nos planos regional e nacional, é sublinhada. Isto pode ser interpretado como uma resposta à pressão para que as universidades demonstrem o seu valor e impacto na sociedade;

- d) A UBI assume a responsabilidade de planear e assegurar o seu futuro, que é também o futuro de todos os que dela dependem, num contexto onde se afiguram como determinantes dois acontecimentos. Por um lado, a conclusão, no curto prazo, do UBI Medical e, por outro, a recente aprovação do "Plano 2020". Isto aponta para uma consciência das condicionantes externas que afetam a universidade;
- e) De acordo com os Planos de Desenvolvimento Estratégico 2020 e o Plano para a Ubi, a necessidade de sensibilidade para as linhas de ação a desenvolver possuem 4 eixos, facilitando e dando coerência às ações que partilham da mesma natureza. Os quatro eixos estratégicos da universidade estruturam-se de forma complementar. O Eixo 1 centra-se no núcleo essencial da missão universitária, promovendo uma integração coerente entre a ciência e a educação, pilares fundamentais de qualquer instituição de ensino superior. O Eixo 2 e o Eixo 3 visam a abertura da universidade ao exterior: o primeiro procura afirmar o seu prestígio no contexto internacional, enquanto o segundo reforça o seu papel ativo na sociedade, ao nível regional e nacional. Por fim, o Eixo 4 assegura a base de funcionamento dos anteriores, ao apostar na eficiência dos processos, na monitorização da eficácia e na promoção da sustentabilidade organizacional. Estes quatro eixos articulam-se entre si, contribuindo para uma visão integrada e dinâmica da universidade. Isto pode ser visto como um reconhecimento da complexidade da gestão universitária e da necessidade de coordenação face a diversos desafios;
- f) A UBI decidiu atribuir o grau de Doutor *Honoris Causa* ao General António Ramalho Eanes pelo seu imenso contributo para a democratização do país e para a sua inserção nas nações democráticas e desenvolvidas. Esta atribuição em si contém uma forte componente de reconhecimento de valores sociais e políticos cruciais para a sociedade portuguesa. A defesa do regime democrático e a oposição à deriva autoritária são elogiadas.

Apesar destas menções, o discurso não se centra numa análise profunda ou numa crítica explícita de problemas sociais específicos. A crítica social presente é mais implícita, surgindo no enquadramento das ações e objetivos da universidade no seu contexto.

4.2.4.2 Tipo de discurso

O discurso é principalmente de natureza institucional e comemorativo, com elementos de relato de atividades e apresentação de planos futuros:

- Comemorativo: Inicia-se com agradecimentos e uma referência à cerimónia de homenagem ao General António Ramalho Eanes, marcando um momento importante para a universidade;
- Relato de atividades: Apresenta um panorama das ações desenvolvidas pela UBI em diversas áreas, como o ensino-aprendizagem (com destaque para o processo de Bolonha), a investigação, a gestão e governação, e a internacionalização. São mencionados projetos, parcerias e reconhecimentos obtidos;
- Apresentação de planos futuros: Refere-se ao "Plano 2020" como um instrumento estratégico fundamental para o futuro da UBI, delineando objetivos e prioridades para os próximos anos;
- Institucional: O tom é formal e oficial, representando a voz da instituição e visando informar e persuadir a audiência sobre o desempenho e a visão da universidade;
- Relevância para a identidade da universidade: O discurso é altamente relevante para a identidade da UBI, pois articula os seus valores, prioridades e a forma como se posiciona no panorama do ensino superior. Vários aspetos do discurso contribuem para a definição da identidade da UBI;
- Ligação ao território: A menção à história da universidade ligada à vida e à memória das gentes da cidade que a acolhe sublinha a importância da sua ligação com a comunidade local e regional;
- Compromisso com a qualidade: A referência a processos de avaliação, acreditação (como o certificado de Suplemento ao Diploma), e a criação de Comissões de Qualidade nas Faculdades demonstram um foco na melhoria contínua e na garantia da qualidade do ensino e dos serviços;
- Aposta na internacionalização: A descrição de diversas iniciativas de mobilidade, como o Programa Erasmus e outros programas com universidades de diferentes países, a celebração de protocolos bilaterais e a intenção de atrair estudantes estrangeiros evidenciam a importância da dimensão internacional para a UBI;
- Valorização da investigação: A referência aos indicadores de desempenho da investigação, aos projetos aprovados, aos registos de patentes e marcas, e ao estímulo ao empreendedorismo e inovação científica destacam a investigação como um pilar fundamental da universidade;
- Foco na inovação pedagógica: A menção à especialização do processo de Bolonha, ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem com recurso a tecnologias de informação e comunicação (*e-learning* e *b-learning*), e à

colaboração com instituições indicam uma preocupação com a modernização das práticas de ensino;

- Governança e planeamento estratégico: A apresentação do "Plano 2020" e a referência à operacionalização do Sistema de Gestão da Qualidade revelam uma abordagem estruturada e planeada para o desenvolvimento da universidade;
- Contribuição para o desenvolvimento: A menção à participação da UBI em eventos de carácter científico ou cultural e a sua intenção de multiplicar as oportunidades de interação com os agentes políticos, económicos, educativos e culturais sublinham o seu papel no progresso da região;
- Reafirmação de princípios: A atribuição do doutoramento *Honoris Causa* ao General António Ramalho Eanes reforça os valores democráticos e a ligação da universidade à história recente de Portugal.

Assim, o discurso reflete uma universidade dinâmica, atenta à qualidade, com uma visão internacional, um compromisso com a investigação e a inovação pedagógica, e uma consciência do seu papel no progresso social e económico do seu contexto. Ao apresentar as suas atividades e planos futuros, o discurso contribui para a construção e a comunicação da identidade da UBI.

4.2.5 Análise do Discurso do Reitor António Fidalgo

De acordo com o Reitor António Fidalgo, o discurso no 29º aniversário UBI em 30 de abril de 2015 apresenta uma análise da trajetória da universidade e aborda desafios e perspetivas futuras.

4.2.5.1 Crítica

O discurso não se foca primariamente em crítica social direta. No entanto, podem-se identificar elementos que refletem sobre o contexto socioeconómico e os desafios enfrentados pela universidade e pela região. Por exemplo:

- a) O Reitor menciona a importância da UBI no desenvolvimento da região e o reconhecimento da qualidade científica aqui recebida, que se reflete no levante das exportações e na colaboração com o tecido comunitário e empresarial português. Esta afirmação sugere uma consciência do papel da universidade no desenvolvimento social e económico, mas não constitui uma crítica social explícita.

- b) O Reitor também alude às dificuldades financeiras que afetam a UBI, mencionando o esforço de investimento que continua a ser subfinanciado e o défice de 2014. Esta menção pode ser interpretada como uma crítica indireta à política de financiamento do ensino superior, embora o foco principal seja a gestão interna e a procura por soluções.

4.2.5.2 Tipo de discurso

O discurso do Reitor é, predominantemente, um discurso comemorativo e de balanço, celebrando o 29º aniversário da UBI e os 40 anos do ensino superior na região. Inclui também elementos de um discurso de prestação de contas, no qual o Reitor destaca as conquistas da universidade:

- como o número de alunos inscritos;
- os projetos de investigação financiados;
- a ligação aos *alumni*;
- reconhecimento da qualidade do ensino e investigação.

Adicionalmente, o discurso possui um carácter prospetivo e de definição de prioridades, ao abordar os desafios futuros, como a internacionalização, a competitividade, a adaptação às carências do mercado de trabalho e a valorização dos recursos humanos da universidade.

O tom geral do discurso é positivo e de reconhecimento, agradecendo aos estudantes, professores, funcionários e entidades colaboradoras. Há também um tom de determinação e resiliência face às dificuldades financeiras e aos desafios do ensino superior.

4.2.5.3 Identidade da universidade

O discurso do Reitor desempenha um papel significativo na construção e reforço da identidade da Universidade da Beira Interior. Através das suas palavras, procura consolidar a imagem da UBI como:

- Uma instituição enraizada na região, com um impacto positivo no seu desenvolvimento social e económico. A celebração dos 40 anos do ensino superior na região reforça esta ligação histórica;
- Uma universidade focada na qualidade do ensino e da investigação, como evidenciado pelas menções aos cursos de Medicina, aos projetos financiados e ao reconhecimento por parte de empresas e outras instituições;

- Uma instituição atenta aos seus *alumni*, reconhecendo o seu papel na projeção da universidade e procurando fortalecer essa ligação através de iniciativas como a criação de uma página web dedicada e a organização de eventos;
- Uma universidade com visão de futuro, consciente dos desafios do contexto nacional e internacional do ensino superior e empenhada na inovação, internacionalização e na adaptação às necessidades da sociedade;
- Uma comunidade coesa, que valoriza o trabalho dos seus docentes, investigadores e funcionários e que procura manter um diálogo aberto com os seus estudantes.

O discurso do Reitor de 2015 procura reafirmar os valores e as prioridades da UBI, celebrar as suas conquistas e projetar uma imagem de uma instituição dinâmica, relevante e comprometida com o desenvolvimento da região e do país. O discurso contribui para a construção de uma identidade universitária baseada na qualidade, na ligação à comunidade e na visão de futuro.

4.2.6 Análise do Discurso do Reitor Mário Raposo

O discurso do Reitor Mário Raposo, no 38º Aniversário da UBI, a 30 de abril de 2024, apresenta uma análise multifacetada que aborda a história, os desafios e as aspirações da instituição, possuindo elementos de crítica social implícita, um discurso predominantemente comemorativo e prospetivo, e uma forte relevância para a identidade da universidade.

4.2.6.1 Crítica

O discurso do Reitor contém elementos de crítica social, embora não seja o foco principal. A crítica surge sobretudo no contexto da descrição dos desafios enfrentados pela UBI:

- a) Subfinanciamento crónico: O Reitor critica explicitamente o "subfinanciamento crónico a partir do ano de 2009 e que se estendeu até aos nossos dias", apontando-o como o mais grave dos "ataques sucessivos à instituição". O dirigente menciona que a UBI recebeu "menos financiamento por aluno do que todas as outras universidades portuguesas" durante 15 anos, o que considera uma "tremenda falta de equidade para com os nossos estudantes". Esta crítica direciona-se às políticas de financiamento do ensino superior em Portugal e às desigualdades que afetaram a UBI;
- b) Meio envolvente: Ao descrever a génese da instituição, o Reitor menciona as dificuldades do "meio envolvente inicial agreste, da região de baixa densidade

populacional, da falta de tradição académica, de acessibilidades difíceis a todos os níveis, da débil atividade económica e do fraco poder de influência política". Embora seja uma descrição de contexto, sublinha as desvantagens iniciais da região e, implicitamente, o mérito da UBI em superar estas limitações;

- c) Desafios demográficos e políticos: O Reitor alerta para desafios futuros que também possuem uma dimensão social e política, como "a situação demográfica" e "a instabilidade política nacional", reconhecendo o potencial impacto negativo no financiamento e na gestão da universidade. A menção às "guerras e conflitos internacionais" e à "saúde mental dos estudantes" também reflete preocupações sociais relevantes.

Apesar destas referências a desafios e dificuldades, o discurso não se centra numa crítica social profunda ou detalhada, mas sim na resiliência e na capacidade da UBI em progredir apesar dos obstáculos.

4.2.6.2 Tipo de discurso

O discurso do Reitor é predominantemente do tipo comemorativo, informativo e prospetivo:

- Comemorativo: O mote principal é o aniversário da universidade (38º) e os 50 anos de ensino superior na Beira Interior. Há um tom de boas-vindas, de agradecimento à comunidade académica, aos estudantes e aos patrocinadores dos prémios de mérito institucionais (como por exemplo, empresas e bancos), e de reconhecimento a figuras importantes na história da instituição. A citação de Camões num contexto de superação de dificuldades reforça este tom de celebração da resiliência portuguesa e, por analogia, da UBI;
- Informativo: O Reitor apresenta factos relevantes sobre a UBI, como o número de estudantes inscritos e internacionais, o número de graduados formados, o envolvimento em projetos de investigação e o financiamento associado, a produção científica, as iniciativas de transferência de conhecimento e empreendedorismo, a presença internacional através da UNITA e outras associações, e a composição dos recursos humanos. Informa também sobre iniciativas recentes e futuras, como concursos de promoção de docentes e funcionários, e projetos de apoio à saúde mental dos estudantes;
- Prospetivo: O discurso olha para o futuro, identificando "questões desafiadoras" como os desafios sociais e ambientais, a inteligência artificial, a instabilidade política e as questões demográficas. O Reitor expressa esperança

na correção dos desequilíbrios financeiros através de um "contrato-programa" com o novo Governo. Também delineia a visão de uma UBI "competitiva", que proporcione "uma formação de qualidade" e contribua para o "progresso da nossa sociedade".

Embora existam elementos persuasivos, nomeadamente no apelo ao novo Governo para corrigir os desequilíbrios financeiros, o discurso não se configura primariamente como um discurso de argumentação política, mas sim como uma prestação de contas, uma celebração de conquistas e uma visão para o futuro da instituição.

4.2.6.3 Identidade da universidade

O discurso do Reitor desempenha um papel crucial na reafirmação e na construção da identidade da UBI:

- **História de resiliência e superação:** O discurso enfatiza a história da UBI como uma instituição que nasceu e cresceu superando inúmeros obstáculos, desde as condições iniciais desfavoráveis até ao recente período de subfinanciamento. Esta narrativa de resiliência e capacidade de "encontrar as estratégias necessárias para manter uma trajetória de progresso" torna-se um elemento central da identidade da UBI. A analogia com os portugueses descrita por Camões "Em perigos e guerras esforçados" reforça esta ideia de uma instituição forte e determinada apesar das adversidades;
- **Compromisso com a qualidade e o serviço público:** Apesar das dificuldades financeiras, o Reitor sublinha o "esforço de todos para prosseguir um serviço público de grande qualidade" e os "resultados de elevado nível, em todas as áreas". Este compromisso com a qualidade do ensino e da investigação, mesmo em contextos adversos, é apresentado como um valor fundamental da UBI;
- **Foco nos alunos e na sua formação:** Os estudantes são descritos como o "coração pulsante da nossa instituição". O discurso destaca o contributo da UBI para a qualificação de mais de 40 000 graduados e a sua responsabilidade em "instruir e capacitar as próximas gerações de cidadãos e líderes". Este foco nos alunos e no seu desenvolvimento reforça a identidade da UBI como uma instituição centrada na aprendizagem e no futuro;
- **Valorização da investigação e da inovação:** A investigação é apresentada como "outra pedra angular da nossa missão" e um elemento "distintivo e diferenciador da atividade universitária". O envolvimento em projetos de investigação, a produção científica e as iniciativas de transferência de conhecimento e empreendedorismo são apresentadas como aspetos essenciais

da identidade da UBI como uma instituição que contribui para o progresso do conhecimento e para a evolução económico e social;

- Ligação com a região e o país: O discurso enfatiza o impacto da UBI na região da Beira Interior, descrevendo-a como um "farol de desenvolvimento" e mencionando o seu contributo para diversas áreas. O compromisso com a região, com o país e com a sociedade é explicitamente declarado;
- Abertura ao mundo e internacionalização: A forte presença internacional da UBI, evidenciada pelo número de alunos internacionais e pela participação em alianças como a UNITA, sublinha a sua identidade como uma instituição aberta ao mundo e integrada num contexto global;
- Valores institucionais: O Reitor explicita os valores inerentes da UBI: "inovação, proximidade, aprendizagem para a vida, diversidade, responsabilidade social, integridade académica, sustentabilidade e excelência".

Estes valores, apresentados no final do discurso, sintetizam a identidade que a Reitoria pretende cultivar e reforçar na comunidade académica e na sociedade.

Assim, o discurso do Reitor é uma peça fundamental na construção e na comunicação da identidade da Universidade da Beira Interior, enfatizando a sua história de superação, o seu compromisso com a qualidade, o seu papel na formação de indivíduos e no desenvolvimento da região e do país, a sua abertura ao mundo e os seus valores fundamentais.

4.3 Análise das entrevistas

A análise das entrevistas, de acordo com a seguinte tabela (Anexo L), revela uma estrutura interligada de aspetos que definem e caracterizam a celebração do UBI.

Descrição da Categoria	Características Principais	Exemplos de Atividades	Impactos e Resultados	Condições de Trabalho	Perfil Profissional	Formação Acadêmica	Experiência Profissional	Atividades Típicas	Responsabilidades	Desempenho	Satisfação	Desenvolvimento	Outros Aspectos
1. Atividades de Planejamento e Organização	Definição de objetivos, planejamento estratégico, organização de recursos, gestão de projetos.	Elaboração de planos de trabalho, reuniões de alinhamento, gestão de cronogramas.	Alinhamento das ações com a estratégia organizacional, otimização de recursos, cumprimento de prazos.	Trabalho em equipe, comunicação clara, gestão de conflitos.	Capacidade de liderança, habilidades de comunicação, gestão de projetos.	Bacharelado em Administração, Engenharia, ou áreas correlatas.	Experiência em gestão de projetos, planejamento estratégico.	Reuniões de planejamento, elaboração de relatórios, gestão de equipes.	Responsabilidade por atingir metas, organização de processos.	Alto desempenho em gestão de projetos, organização.	Satisfação com o trabalho, reconhecimento.	Atualização constante em gestão, planejamento.	Trabalho em equipe, comunicação clara.
2. Atividades de Execução e Operação	Implementação de processos, execução de tarefas, operação de equipamentos, manutenção.	Operação de máquinas, execução de procedimentos operacionais, manutenção preventiva.	Produção de produtos/serviços, manutenção de equipamentos, cumprimento de normas.	Atenção aos detalhes, cumprimento de normas, segurança.	Habilidades técnicas, conhecimento de processos, atenção aos detalhes.	Técnicos, Operários, ou áreas correlatas.	Experiência em execução de tarefas, operação de equipamentos.	Operação de máquinas, execução de procedimentos.	Responsabilidade por qualidade e segurança.	Alto desempenho em execução de tarefas, segurança.	Satisfação com o trabalho, reconhecimento.	Atualização constante em técnicas, processos.	Trabalho em equipe, comunicação clara.
3. Atividades de Análise e Avaliação	Análise de dados, avaliação de desempenho, identificação de problemas, tomada de decisões.	Elaboração de relatórios, análise de indicadores, identificação de pontos de melhoria.	Identificação de tendências, avaliação de desempenho, tomada de decisões baseadas em dados.	Capacidade de análise crítica, tomada de decisões, comunicação clara.	Habilidades analíticas, capacidade de tomada de decisões, comunicação clara.	Bacharelado em Administração, Engenharia, ou áreas correlatas.	Experiência em análise de dados, avaliação de desempenho.	Elaboração de relatórios, análise de indicadores.	Responsabilidade por qualidade das análises, tomada de decisões.	Alto desempenho em análise de dados, avaliação de desempenho.	Satisfação com o trabalho, reconhecimento.	Atualização constante em técnicas de análise, avaliação.	Trabalho em equipe, comunicação clara.
4. Atividades de Comunicação e Relacionamento	Comunicação interna e externa, relacionamento com clientes, negociação, trabalho em equipe.	Atendimento ao cliente, negociação de contratos, trabalho em equipe, comunicação clara.	Estabelecimento de relacionamentos, resolução de conflitos, atendimento ao cliente.	Habilidades de comunicação, negociação, trabalho em equipe.	Habilidades de comunicação, negociação, trabalho em equipe.	Bacharelado em Administração, Engenharia, ou áreas correlatas.	Experiência em comunicação, negociação, trabalho em equipe.	Atendimento ao cliente, negociação de contratos.	Responsabilidade por qualidade do atendimento, negociação.	Alto desempenho em comunicação, negociação.	Satisfação com o trabalho, reconhecimento.	Atualização constante em técnicas de comunicação, negociação.	Trabalho em equipe, comunicação clara.
5. Atividades de Inovação e Desenvolvimento	Desenvolvimento de novos produtos/serviços, inovação em processos, pesquisa e desenvolvimento.	Pesquisa e desenvolvimento, inovação em processos, desenvolvimento de novos produtos.	Identificação de oportunidades, desenvolvimento de novos produtos/serviços, inovação em processos.	Capacidade de inovação, criatividade, trabalho em equipe.	Capacidade de inovação, criatividade, trabalho em equipe.	Bacharelado em Administração, Engenharia, ou áreas correlatas.	Experiência em desenvolvimento de novos produtos/serviços, inovação em processos.	Pesquisa e desenvolvimento, inovação em processos.	Responsabilidade por qualidade dos produtos/serviços, inovação.	Alto desempenho em desenvolvimento de novos produtos/serviços, inovação.	Satisfação com o trabalho, reconhecimento.	Atualização constante em técnicas de inovação, desenvolvimento.	Trabalho em equipe, comunicação clara.

Tabela n.2 – Análise das Categorias. Elaborada pela autora durante a dissertação.

A definição das categorias entendeu dimensões complementares de um evento complexo e significativo para a instituição. A análise é realizada através de perspetivas de diferentes entrevistados. A comparação das informações presentes no documento com o histórico de conversação permite retirar algumas conclusões importantes sobre este evento institucional.

As categorias são as seguintes:

- C1 - *Dia da UBI*
 - C2 - Tradição e cerimónia
 - C3 - Protocolo, identidade e valores
 - C4 - Protocolo *Dia da UBI*
 - C5 - Rituais e protocolo
 - C6 - Convites, protocolo, valores e missão da UBI
 - C7 - Convidados e celebração
 - C8 - Discursos homenagem e programa *Dia da UBI*
 - C9 - Ordem de intervenções
 - C10 - Convidados de honra e homenageados
 - C11 - Planeamento e realização do evento
 - C12 - Iniciativas, projetos e *Dia da UBI*
 - C13 - Imprevistos e protocolo
 - C14 - Impacto e *Dia da UBI*
 - C15 - Parcerias e UBI
 - C16 - *Dia da UBI* futuras edições e protocolo
 - C17 - *Dia da UBI* e reputação institucional
-
- C1 – “*Dia da UBI*”: O Dia da Universidade da Beira Interior é um marco institucional, com forte carga simbólica e histórica. Assinala-se anualmente a 30 de abril, data da publicação dos estatutos da universidade, e representa um momento de união, celebração e afirmação da UBI perante a comunidade interna e externa. (Fidalgo, 2025)⁶
 - C2 - Tradição e Cerimónia: A cerimónia mantém um carácter tradicional e solene, respeitando práticas herdadas das universidades clássicas, como o

⁶ Fidalgo. (2025/01/21). *Entrevista gravada na UBI* [vídeo], com duração de 01:00m.

cortejo académico, a entrega de prémios e a Oração de Sapiência. A ligação ao passado fortalece a identidade institucional.

"No caso da UBI, a data escolhida é 30 de abril, pois marca a promulgação dos primeiros estatutos da universidade" (Fidalgo, 2025).

"A tradição de celebrar o Dia da UBI teve início durante a gestão do Reitor Passos Morgado" (Raposo, 2025).

- C3 – Protocolo, Identidade e Valores: segundo os Reitores Santos Silva, Queiroz, Fidalgo, Raposo e Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco, o protocolo não é apenas um conjunto de regras formais, mas um meio de expressar e reforçar a identidade e os valores da instituição. Cada aspeto protocolar é pensado para refletir a missão e a visão da UBI.

"O protocolo reforça a identidade da UBI, os seus valores de ensino, investigação e ligação à comunidade" (Raposo, 2025).

"Cada detalhe da organização é pensado para transmitir os valores da instituição" (Santos Silva, 2025)⁷.

- C4 - Protocolo do Dia da UBI: a cerimónia é orientada por normas protocolares que regulam o lugar dos convidados, a ordem dos discursos e os símbolos em uso. A articulação entre protocolo académico e protocolo institucional é destacada como essencial.

"O protocolo do evento segue normas rigorosas das entidades públicas" (Raposo, 2025).

"Temos o protocolo institucional e geral e temos o protocolo académico [...] todo aquele ritual, o desfile de trajes académicos, tudo isso acaba por trazer em si aquela mística institucional" (Castelo Branco, 2025)⁸.

- C5 - Rituais e Protocolo: os rituais, como o cortejo académico, a Missa Seca, a entrega de medalhas e o uso de barretinas, conferem solenidade e distinção à cerimónia. Estes elementos simbólicos reforçam a ligação entre passado e presente institucional.

"Os rituais incluem cortejo académico, Missa Seca, entrega de medalhas [...] uso de barretinas inspiradas na Universidade Nova de Lisboa" (Fidalgo, 2025).

"A atribuição de prémios e a entrega de distinções reforçam o sentimento de pertença" (Castelo Branco, 2025).

⁷ Santos Silva. (2024/12/19). *Entrevista gravada na UBI* [vídeo], com duração de 01:00m.

⁸ Castelo Branco. (2025/01/21). *Entrevista gravada na UBI* [vídeo], com duração de 0:45H.

- C6 - Convites, Protocolo, Valores e Missão da UBI: a lista de convidados é definida com base na missão e valores da universidade. A seleção visa refletir os compromissos institucionais e projetar uma imagem coerente da UBI.
"Os convites são enviados a figuras institucionais alinhadas com os valores e missão da UBI" (Raposo, 2025).
"Há uma estratégia para convidar personalidades que reflitam a missão e os valores da universidade" (Castelo Branco, 2025).
- C7 - Convidados e Celebração: a diversidade e qualidade dos convidados, autoridades, antigos alunos, parceiros institucionais, contribuem para a projeção externa da universidade e para o reforço do seu prestígio.
"Sempre convidámos personalidades que representassem o eixo da Beira Interior" (Santos Silva, 2025).
"A celebração conta com a presença de autoridades, representantes do governo, parceiros estratégicos e ex-alunos" (Castelo Branco, 2025).
- C8 - Discursos, Homenagem e Programa do Dia da UBI: os discursos, homenagens e prémios são momentos de afirmação institucional. A estrutura discursiva segue um padrão protocolar e valoriza os feitos da comunidade académica.
"O discurso do reitor é o ponto alto da cerimónia, servindo como afirmação da identidade da universidade" (Santos Silva, 2025).
"O programa inclui discursos institucionais, homenagens a figuras de destaque e momentos dedicados a refletir sobre o impacto da universidade" (Queiroz, 2025)⁹.
- C9 - Ordem de Intervenções: a sequência das intervenções é definida segundo o protocolo e respeita a hierarquia institucional. O reitor abre a sessão e a personalidade mais relevante encerra.
"O reitor abre sempre a sessão [...]. A cerimónia termina com a pessoa mais importante externa que está presente" (Queiroz, 2025).
"O protocolo define que o reitor é o último a entrar e o primeiro a sair" (Santos Silva, 2025).
- C10 - Convidados de Honra e Homenageados: as distinções são atribuídas a personalidades com contributos relevantes para a UBI. Os doutoramentos

⁹ Queiroz. (2025/01/21). *Entrevista gravada na UBI* [vídeo], com duração de 00:45m.

honoris causa destacam o reconhecimento institucional a nível nacional e internacional.

"Havia sempre a preocupação de que os doutorandos honoris causa tivessem ajudado no projeto da Universidade" (Santos Silva, 2025).

"Convidados de honra incluem figuras institucionais e parceiros estratégicos da UBI" (Raposo, 2025).

- C11 - Planeamento e Realização do Evento: o evento é planeado com antecedência, envolvendo várias áreas da universidade. A existência de um mestre de cerimónias garante a fluidez e rigor do protocolo.

"O evento é meticolosamente planeado, com especial atenção ao cerimonial, protocolo e logística" (Fidalgo, 2025).

"O mestre de cerimónias era muito preciso e seguia à risca todas as normas" (Santos Silva, 2025).

- C12 - Iniciativas, Projetos e Dia da UBI: o *Dia da UBI* é também uma vitrina para apresentar projetos, distinções ou boas práticas desenvolvidas na instituição.

"Durante o evento, são apresentados projetos ou iniciativas desenvolvidas pela UBI" (Raposo, 2025).

"Quando fazemos a distribuição de prémios, estamos a reconhecer iniciativas relevantes desenvolvidas por membros da universidade" (Santos Silva, 2025).

- C13 - Imprevistos e Protocolo: apesar do planeamento rigoroso, o evento está sujeito a imprevistos. A flexibilidade da equipa organizadora é crucial para manter a dignidade institucional.

"Se tudo estiver devidamente planeado, não devem acontecer imprevistos. É para isso que serve o protocolo" (Castelo Branco, 2025).

"O maior desafio do protocolo são os imprevistos, como a ausência ou presença inesperada de convidados" (Raposo, 2025).

- C14 - Impacto e Dia da UBI: o impacto do evento verifica-se a curto e longo prazo, através da projeção pública e da consolidação da identidade académica.

"Estas sessões [...] são marcos institucionais que devem ser mantidos, preservados e até, em certa medida, prolongados" (Castelo Branco, 2025).

"É um momento importante para a imagem e para a sua relação com o exterior e com o interior" (Queiroz, 2025).

- C15 - Parcerias e UBI: a cerimónia facilita a celebração de parcerias institucionais e reforça a ligação ao território.

"Durante o Dia da UBI celebrámos protocolos com agentes externos [...] é uma característica da UBI" (Santos Silva, 2025).

"A participação ativa de empresas ou câmaras pode inspirar outras entidades a quererem contribuir" (Queiroz, 2025).

- C16 - Dia da UBI – Futuras Edições e Protocolo: a evolução do evento pode passar por maior abertura à inovação e à internacionalização, sem comprometer a solenidade.

"O evento evolui com o tempo [...] O uso de meios digitais e redes sociais deve tornar-se mais relevante em futuras edições" (Castelo Branco, 2025).

"A principal melhoria sugerida é reduzir a duração da cerimónia para torná-la mais dinâmica" (Raposo, 2025).

- C17 - Dia da UBI e Reputação Institucional: o Dia da UBI contribui para a reputação institucional da universidade, projetando a sua imagem junto da sociedade.

"O Dia da UBI contribui para a consolidação da reputação da instituição a nível nacional e internacional" (Castelo Branco, 2025).

"O evento fortalece o sentido de identidade e pertencimento" (Raposo, 2025).

Ao cruzar estas categorias emergem várias áreas de forte interdependência:

O *Dia da UBI* (C1) é o tema central que agrega todas as outras categorias. As menções dos Reitores Santos Silva, Queiroz, Fidalgo, Raposo e da Chefe de Gabinete de Marketing e Imagem e Comunicação Graça Castelo Branco confirmam a centralidade desta celebração institucional.

A "Tradição e Cerimónia" (C2) estão intrinsecamente ligadas ao "Protocolo" (C3, 7, 5, 6 e 13). Os entrevistados enfatizam como o protocolo é o instrumento que formaliza e perpetua as tradições e rituais da cerimónia. O Reitor Fidalgo detalha a evolução de tradições específicas e como o protocolo se adaptou ao longo dos tempos.

O "Protocolo" está diretamente associado à "Identidade e Valores" da UBI (C3 e 6). Segundo os Reitores Santos Silva, Queiroz, Fidalgo, Raposo e Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco, o protocolo não é apenas um conjunto de regras, mas um meio de expressar e reforçar a identidade e os valores da instituição. Cada aspeto protocolar é pensado para refletir a missão e visão da UBI.

As categorias relacionadas com os "Convites" (C6 e 7) e os "Convidados de Honra e Homenageados" (C10) são cruciais para a dimensão da "Celebração" (C7) e para o "Impacto" do "Dia da UBI" (C 14). A seleção e a presença de figuras relevantes,

mencionadas pelos entrevistados, contribuem para o prestígio do evento e para a sua projeção externa, como sublinham os entrevistados sobre a reputação institucional.

As categorias "Discursos Homenagem e Programa Dia da UBI" (C8) e "Ordem de Intervenções" (C9) são elementos centrais do protocolo e da própria cerimónia. A forma como os discursos são planeados e a ordem das intervenções são detalhadas pelos entrevistados, mostrando a estrutura formal do evento.

O "Planeamento e Realização do Evento" (C 11) é uma categoria transversal que influencia todas as outras. A organização meticulosa, referida por todos os entrevistados, é essencial para garantir que o protocolo seja cumprido, que a cerimónia decorra sem problemas e que os objetivos da celebração sejam alcançados. A categoria "Imprevistos e Protocolo" (C13) demonstra a necessidade de o planeamento incluir estratégias para lidar com situações inesperadas, conforme mencionado pelos entrevistados.

A categoria "Iniciativas, Projetos e Dia da UBI" (C 12) relaciona o evento com o futuro da instituição. O anúncio de novos projetos, mencionado por alguns entrevistados, demonstra o dinamismo da UBI e o seu compromisso com o desenvolvimento.

O "Impacto e Dia da UBI" (C14), as "Parcerias e UBI" (C15) e o "Dia da UBI e reputação institucional" (C17) representam as consequências e os objetivos da celebração. Os entrevistados são unânimes ao destacar como o evento fortalece a imagem da UBI, reforça laços com parceiros e contribui para a sua reputação.

Finalmente, a categoria "Dia da UBI Futuras Edições e Protocolo" (C16) indica uma preocupação com a melhoria contínua do evento, aprendendo com as experiências passadas para aprimorar os protocolos e garantir celebrações futuras ainda mais bem-sucedidas, como mencionado por alguns entrevistados.

A análise cruzada das categorias revela que o Dia da UBI é um evento estruturado e multifacetado, onde o protocolo atua como um fio condutor que liga a tradição, a identidade, os objetivos estratégicos e o impacto da celebração. As opiniões dos entrevistados ilustram como cada uma destas categorias contribui para a importância e o sucesso do *Dia da UBI* enquanto momento crucial na vida da Universidade da Beira Interior. Esta análise reforça os pontos que discutimos anteriormente sobre a centralidade da tradição, do protocolo, da reputação e das parcerias neste evento institucional.

Assim, a leitura cruzada das categorias permite identificar uma forte interligação entre tradição (C1, 2, 5), identidade (C3, 4), representação externa (C6, 7, 10) e projeção (C14,

15, 17). O protocolo funciona como eixo organizador, articulando rituais simbólicos com objetivos estratégicos de comunicação, reputação e reforço da missão institucional.

A partir das entrevistas, as nuances entre os entrevistados revelam diferentes ênfases.

4.3.1 Nuances e Ênfases

- O Reitor Santos Silva enfatiza a relevância do evento como um momento de ligação entre a comunidade académica e a sociedade;
- O Reitor Queiroz realça o carácter solene e o respeito pelas normas protocolares como elementos-chave;
- O Reitor António Fidalgo oferece uma perspetiva histórica, mencionando a data específica da celebração (30 de abril) e a evolução de certas tradições ao longo do tempo. Ele também detalha alguns rituais específicos, como o cortejo académico e o uso de barretinas;
- O Reitor Mário Raposo foca na importância simbólica do evento e no papel da UBI como motor de desenvolvimento regional. Ele também menciona o envolvimento do chefe de protocolo na gestão da ordem das intervenções;
- A Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco distingue entre o protocolo académico e o protocolo institucional, sublinhando a importância de ambos na estruturação do evento.

Tendo em consideração a análise cruzada das categorias e das perspetivas dos entrevistados sobre o Dia da UBI, podemos identificar várias áreas onde o evento poderia ser melhorado para futuras edições, auxiliando na preparação de um plano estratégico para o reforço da identidade e da reputação da universidade.

5 Discussão

A informação presente nesta dissertação aborda diretamente a questão de investigação ao fornecer uma base empírica e analítica para compreender e responder ao problema de investigação central:

“De que forma o protocolo das cerimónias académicas do Dia da UBI reflete e reforça a identidade institucional da universidade?”

As normas, diretrizes e procedimentos de protocolo utilizados nos eventos académicos da UBI são detalhados através da análise das diversas categorias apresentadas no documento. Categorias como "Protocolo Dia da UBI" (C4), "Rituais e Protocolo" (C5) e "Ordem de Intervenções" (C9) evidenciam a existência de um conjunto de práticas estabelecidas que regem a estrutura formal do evento e a sequência das suas atividades. As menções dos entrevistados sobre a importância do protocolo para formalizar tradições e rituais e para expressar a identidade e os valores da UBI reforçam a existência e a relevância destas normas.

A perceção, satisfação e experiência dos organizadores em relação ao protocolo adotado podem ser inferidas a partir das entrevistas e da análise das áreas de melhoria. A organização meticulosa referida por todos os entrevistados sugere uma valorização do protocolo como ferramenta de planeamento. Contudo, a menção de dificuldades na gestão de imprevistos e as sugestões de melhoria no planeamento e na comunicação indicam áreas onde a satisfação e a experiência dos organizadores podem ser aprimoradas.

Os principais desafios enfrentados na implementação do protocolo em eventos académicos são explicitamente mencionados na secção "Análise das Áreas de Melhoria Identificadas". Estes desafios incluem:

- A gestão de imprevistos como a ausência de convidados ou problemas técnicos;
- A necessidade de equilibrar a formalidade com o envolvimento da comunidade académica;
- A otimização da duração e do dinamismo do evento.

O estudo procura e apresenta recomendações práticas e estratégias para melhorar e otimizar as práticas de protocolo em eventos académicos, que visam promover uma execução mais eficaz e eficiente do protocolo. Estas sugestões, detalhadas na secção "Sugestões para o Plano do Próximo Evento", incluem:

- Otimização da duração e formato: tornando o evento mais dinâmico;
- Reforço da Gestão de Imprevistos: através de planos de contingência e equipas dedicadas;
- Maior envolvimento digital: utilizando plataformas online para promoção e interação;
- Integração estratégica da divulgação de projetos: dando visibilidade às iniciativas da UBI;
- Foco no envolvimento da comunidade: aumentando a participação dos membros da UBI;
- Implementação de um processo de melhoria contínua: através de análise pós-evento e avaliação.

Assim, o documento fornece uma tabela detalhada (Análise de Categorias), no anexo L, que fundamenta o problema de investigação central e as questões levantadas. Ao analisar as categorias e as perspetivas dos entrevistados, torna-se evidente como as práticas de protocolo moldam a organização, a execução e a perceção do *Dia da UBI*. As áreas de melhoria identificadas e as sugestões apresentadas oferecem caminhos concretos para aperfeiçoar estas práticas, visando maior eficácia, solenidade e inclusão nas futuras edições do evento. Uma vez que as práticas de protocolo exercem uma influência significativa na organização, execução e perceção dos eventos e cerimónias académicas, especialmente no contexto do *Dia da UBI*.

De que forma essas práticas podem ser aperfeiçoadas promovendo eficácia, solenidade e inclusão?

O documento apresenta várias sugestões concretas para o plano do próximo *Dia da UBI*, que visam aperfeiçoar as práticas de protocolo:

- Otimização da duração e formato: Para aumentar a eficácia e o dinamismo, sugere-se rever o programa para condensar momentos e considerar a introdução de segmentos mais visuais ou atividades paralelas. Isto pode manter o envolvimento dos participantes sem comprometer a solenidade dos momentos-chave como os discursos e as homenagens;
- Reforço da gestão de imprevistos: Para garantir a eficácia e a fluidez, propõe-se desenvolver planos de contingência detalhados, designar uma equipa responsável pela gestão de imprevistos e implementar um sistema de comunicação interna eficiente;

- Maior envolvimento digital: Para aumentar o alcance e potencialmente a inclusão, sugere-se utilizar plataformas digitais e redes sociais para promover o evento, transmitir momentos-chave e partilhar informações relevantes. A criação de um hashtag específico pode incentivar a participação online;
- Integração estratégica da divulgação de projetos: Para aumentar a eficácia na comunicação das atividades da UBI, propõe-se selecionar projetos relevantes para menção nos discursos principais e organizar eventos separados para apresentações mais detalhadas;
- Foco no envolvimento da comunidade: Para incentivar a inclusão e o sentimento de pertença, sugere-se explorar formas de aumentar a participação ativa dos estudantes e outros membros da comunidade académica na cerimónia e garantir uma comunicação clara e inclusiva sobre o evento;
- Implementação de um processo de melhoria contínua: Para aumentar a eficácia a longo prazo, propõe-se realizar reuniões pós-evento para recolher feedback, distribuir questionários de satisfação e documentar as lições aprendidas para o planeamento de futuras edições.

Ao considerar as sugestões para a melhoria do *Dia da UBI*, a universidade tem a oportunidade de preservar a solenidade e a tradição, enquanto adota novas abordagens que podem tornar a celebração mais eficaz, dinâmica, envolvente e inclusiva. Neste sentido, a aprendizagem contínua e a integração de inovações, especialmente no âmbito digital, são fundamentais para garantir que este evento institucional continue a refletir as transformações sociais e tecnológicas, sem perder a sua identidade. Para além das propostas emergentes nas entrevistas, que destacam pontos específicos de melhoria, como a duração e dinamismo, é importante também considerar a análise documental e de discursos, que proporcionam uma visão mais ampla e contextualizada das cerimónias passadas e das práticas protocolares adotadas.

A análise documental dos registos de edições anteriores do *Dia da UBI* permite identificar padrões, avaliar a evolução da cerimónia ao longo dos anos e perceber como as mudanças implementadas impactaram a perceção dos *stakeholders* internos e externos. Já a análise de discursos, como exemplificado pela sugestão do Reitor António Fidalgo de reduzir a duração do evento, sem comprometer a sua solenidade, evidencia preocupações sobre a eficácia do evento na manutenção do interesse dos participantes. Este tipo de análise permite não apenas compreender as preocupações dos envolvidos, mas também identificar as práticas discursivas que moldam as expectativas sobre o evento, especialmente em relação ao equilíbrio entre tradição e inovação.

Além disso, as entrevistas realizadas aos responsáveis máximos da instituição reforçam a necessidade de um protocolo flexível, que possibilite a modernização das cerimónias, especialmente em termos de interatividade e acessibilidade digital, como forma de promover um ambiente mais inclusivo. As análises documentais e de discursos, permitiram compreender as múltiplas dimensões da celebração e possibilidade de aplicação das melhorias sugeridas de forma coerente com o seu compromisso com a excelência e a inovação no ensino superior.

A aprendizagem contínua e a integração de novas abordagens, especialmente no âmbito digital, são cruciais para o sucesso futuro desta celebração institucional.

Das análises das entrevistas, emergem sugestões partilhadas de melhoria, que se podem traduzir em:

- Na duração e dinamismo, o Reitor António Fidalgo sugere reduzir a duração da cerimónia para torná-la mais dinâmica, sem comprometer a tradição. Esta é uma preocupação importante para manter o envolvimento dos participantes e evitar que o evento se torne excessivamente longo;
- Na gestão de imprevistos, os entrevistados mencionam a dificuldade em lidar com imprevistos, como a ausência ou presença inesperada de convidados e problemas técnicos. Uma gestão eficaz destas situações é crucial para garantir a fluidez do evento;
- Na integração de novas abordagens, embora a tradição seja valorizada, a Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco menciona que o formato do evento pode evoluir, incluindo novas atividades, exposições ou conferências, mantendo os elementos fundamentais da tradição académica. O Reitor Mário Raposo também sugere que o uso de meios digitais e redes sociais deve tornar-se mais relevante em futuras edições;
- No realce de projetos e iniciativas, embora a cerimónia principal possa não ser o espaço ideal para apresentações detalhadas, os entrevistados referem o anúncio de novos projetos. Poderia haver formas de integrar melhor a divulgação de iniciativas relevantes da UBI no âmbito do evento, talvez através de eventos paralelos ou materiais informativos;
- No equilíbrio entre formalidade e envolvimento, a celebração procura equilibrar formalidade e confraternização. É importante garantir que o protocolo e a solenidade não comprometam o sentimento de pertença e o envolvimento da comunidade académica;

- E, na aprendizagem contínua, a experiência acumulada a cada edição contribui para aprimorar os protocolos. É fundamental implementar um processo formal de análise pós-evento para identificar pontos fortes e fracos e incorporar melhorias para as edições futuras.

5.1.1 Propostas

Com base nas entrevistas, nos dados das cerimónias e nos discursos emergem propostas concretas que podem ser incluídas num plano para os próximos *Dia da UBI*.

i) Otimização da duração e formato

- Rever o programa detalhadamente para identificar possíveis redundâncias ou momentos que possam ser condensados, mantendo os elementos essenciais como os discursos principais e as homenagens;
- Considerar a introdução de segmentos mais dinâmicos ou visuais, como apresentações curtas de projetos de destaque ou momentos culturais que envolvam a comunidade académica;
- Explorar a possibilidade de realizar atividades paralelas ou complementares à cerimónia principal, como exposições ou workshops, que permitam uma maior interação e divulgação das atividades da UBI.

ii) Reforço da gestão de imprevistos

- Desenvolver planos de contingência claros e detalhados para diferentes tipos de imprevistos, como a ausência de oradores ou convidados importantes, falhas técnicas (som, imagem), ou problemas logísticos;
- Designar uma equipa específica responsável pela gestão de imprevistos durante o evento, com autoridade para tomar decisões rápidas e eficazes;
- Implementar um sistema de comunicação interna eficiente para informar rapidamente a equipa de organização sobre quaisquer problemas e as soluções a serem implementadas.

iii) Maior envolvimento digital

- Utilizar as plataformas digitais e redes sociais da UBI para promover o evento antes, durante e depois da celebração, incluindo transmissões em direto de momentos chave, entrevistas com convidados e participantes, e a partilha de conteúdos relevantes;
- Criar um hashtag específico para o evento e incentivar a participação online da comunidade académica e dos convidados;

- Disponibilizar materiais informativos sobre projetos e iniciativas da UBI em formato digital (QR Codes no local, links nas redes sociais) para complementar as menções durante a cerimónia.

iv) Integração estratégica da divulgação de projetos

- Selecionar alguns projetos e iniciativas de relevância para serem brevemente mencionados durante os discursos principais, destacando o seu impacto e alinhamento com a missão da UBI;
- Organizar um evento separado ou uma sessão dedicada à apresentação mais detalhada de projetos e iniciativas noutra momento do Dia da UBI ou numa data próxima.

v) Foco no envolvimento da comunidade

- Explorar formas de aumentar a participação ativa dos estudantes e outros membros da comunidade académica na cerimónia, para além das intervenções protocolares (por exemplo, através de apresentações artísticas ou reconhecimento de mérito em diversas áreas);
- Garantir que a comunicação sobre o evento seja clara e inclusiva, incentivando a presença e o sentimento de pertença de todos os membros da UBI.

vi) Implementação de um processo de melhoria contínua

- Realizar reuniões pós-evento com todas as equipas envolvidas na organização para recolher feedback e identificar áreas de sucesso e pontos a melhorar;
- Distribuir questionários de satisfação aos participantes para obter uma perspetiva mais ampla sobre a sua experiência no evento;
- Documentar as lições aprendidas e as sugestões de melhoria num relatório pós-evento, que servirá de base para o planeamento das futuras edições.

Ao considerar estas sugestões no planeamento do próximo *Dia da UBI*, a universidade poderá manter a solenidade e a tradição do evento, enquanto o torna mais dinâmico, envolvente e adaptado aos desafios e oportunidades do presente. A aprendizagem com as edições passadas e a integração de novas abordagens, especialmente no âmbito digital, será crucial para o sucesso futuro desta importante celebração institucional.

6 Conclusão

Esta dissertação conclui que o protocolo desempenha um papel essencial na organização e planeamento de eventos académicos, sendo o *Dia da UBI* um caso de estudo relevante para ilustrar esta importância.

A análise efetuada demonstra que o *Dia da UBI* é um evento multifacetado onde o protocolo atua como um fio condutor que liga a tradição, a identidade, os objetivos estratégicos e o impacto da celebração. As perspetivas dos entrevistados e a análise dos discursos dos reitores ao longo dos anos reforçam a ideia de que o protocolo contribui significativamente para a construção e comunicação da identidade da UBI.

Abordou também a necessidade de um planeamento cuidadoso e de uma gestão eficaz do protocolo para lidar com imprevistos e garantir o sucesso do evento. As sugestões apresentadas para futuras edições do *Dia da UBI* visam otimizar a duração e o formato, reforçar a gestão de imprevistos, promover o empenhamento da comunidade académica e integrar estratégias de comunicação mais eficazes, incluindo o uso de meios digitais.

A análise documental revelou que o protocolo do *Dia da UBI* é essencial para garantir a solenidade e eficácia da cerimónia. Este protocolo inclui normas específicas para a organização do cortejo académico, a disposição dos convidados e a sequência das intervenções. A cerimónia segue uma ordem rigorosa, começando com o discurso do reitor, seguido pelas intervenções do presidente da associação académica e outras figuras de destaque. A presença de autoridades governamentais e representantes de instituições parceiras é cuidadosamente coordenada para refletir a importância da UBI no contexto nacional e internacional. Este protocolo não só assegura a fluidez do evento, mas também reforça a identidade institucional da UBI, destacando os seus valores de excelência, tradição e inovação.

A análise dos discursos dos reitores ao longo dos anos destacou a evolução da UBI e a forma como cada reitor abordou temas como desafios financeiros, autonomia universitária e desenvolvimento regional. Os discursos revelaram uma preocupação constante com a qualidade do ensino e da investigação, a internacionalização e a ligação com a comunidade local. Cada reitor utilizou o discurso do *Dia da UBI* para reafirmar os valores da universidade, celebrar as suas conquistas e delinear planos futuros. A análise qualitativa dos discursos permitiu identificar padrões temáticos e variações discursivas que evidenciam as prioridades institucionais e as transformações ocorridas na universidade.

As entrevistas com os reitores e a chefe de gabinete revelaram sugestões partilhadas de melhoria para o Dia da UBI. Entre as principais sugestões estão:

- Otimização da duração e formato;
- Gestão de imprevistos;
- Maior envolvimento digital;
- Integração estratégica da divulgação de projetos;
- Foco no envolvimento da comunidade;
- Implementação de um processo de melhoria contínua.

A análise combinada das fontes documentais, discursivas e das entrevistas reforça a importância do protocolo na organização e execução do *Dia da UBI*. O protocolo não só garante a solenidade e eficácia da cerimónia, mas também contribui significativamente para a construção e comunicação da identidade institucional. As sugestões de melhoria apresentadas visam otimizar a cerimónia, tornando-a mais dinâmica, envolvente e adaptada aos desafios e oportunidades contemporâneos. A aprendizagem contínua e a integração de novas abordagens, especialmente no âmbito digital, são cruciais para o sucesso futuro desta celebração institucional.

Por fim, enfatiza que, ao seguir as orientações protocolares e ao cuidar de cada detalhe, é possível garantir o sucesso das cerimónias académicas e identificar áreas de melhoria contínua. O protocolo universitário é, assim, apresentado como um instrumento fundamental para fortalecer a imagem da instituição, promover um ambiente inclusivo e equitativo, e celebrar as conquistas da comunidade académica.

6.1 Sugestões de trabalhos futuros

Com base na análise desta dissertação e nas conclusões presentes apontamos um conjunto de trabalhos:

- Análise comparativa do protocolo em diferentes universidades: Poderiam ser realizados estudos comparando as práticas protocolares da UBI com as de outras instituições de ensino superior, tanto a nível nacional como internacional. Esta análise poderia identificar melhores práticas e adaptar estratégias bem-sucedidas a diferentes contextos universitários.
- Estudo aprofundado do impacto da digitalização no protocolo universitário: A dissertação menciona a crescente adoção de soluções digitais em eventos protocolares. Trabalhos futuros poderiam investigar mais detalhadamente os

desafios e oportunidades da digitalização do protocolo, incluindo a gestão da interação virtual, a acessibilidade e o impacto na experiência dos participantes.

- Desenvolvimento de diretrizes e boas práticas para a gestão de imprevistos em eventos protocolares: A dissertação identifica a gestão de imprevistos como um desafio. Trabalhos futuros poderiam focar no desenvolvimento de planos de contingência e estratégias para lidar eficazmente com situações inesperadas em eventos acadêmicos.

Estas sugestões visam expandir o conhecimento sobre o papel do protocolo em eventos acadêmicos, aproveitando o estudo de caso do *Dia da UBI* como ponto de partida para investigações mais aprofundadas e diversificadas.

7 Referências

Aalberts, T. K.-K. (2020). Rituals of world politics: on (visual) practices disordering things. *Critical Studies on Security*, (240-264).

Afyare, A. (2020). *The role of international organizations in global governance*. Salaam University. <https://global-us.mellbaou.com/index.php/global/article/view/98>

Albuquerque, A., & Silva, T. (2021). Plataformas digitais e departamentos de comunicação/relações-públicas: uma revisão sistemática. *RISTI*. http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-98952021000200062&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Al-Khatib, T. (2023). Netiquette rules in online learning through the lens of digital citizenship scale in the post-corona era. *Journal of Information, Communication and Ethics in Society*, (181-201). <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/jices-08-2021-0089/full/html>

Alves, V. (2012). *Elaboração de um protocolo de ensaio clínico: aspectos éticos e científicos*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. <https://baes.uc.pt/handle/10316/99695>

Almeida, R., & Costa, T. (2021). Cerimonial e protocolo nas universidades: construindo identidade e cultura. *Revista de Comunicação Universitária*, 10(1), (15-30).

Almeida, T. (2019). Ritos de passagem e a valorização da trajetória acadêmica: um estudo sobre cerimônias de formatura. *Journal of Higher Education Studies*, 8(2), (112-128).

Amaral, I. (2021). *Quais as diferenças entre protocolo, etiqueta e boas maneiras*. Link to Leaders. <https://linktoleaders.com/quais-as-diferencas-entre-protocolo-etiqueta-e-boas-maneiras-isabel-amaral/>

Andrade, M. (2014). *Comunicação e ciências empresariais - a liderança em contextos organizacionais competitivos, e de elevada complexidade: estudo de caso na indústria farmacêutica*. <https://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://exedra.esec.pt/wp-content/uploads/2014/09/04.pdf>

Aranes, S. J. (2023). *Manual de cerimonial e protocolo*.

Augusto, M. d. S. (2009). A comunicação institucional e o papel das relações-públicas e do protocolo na sociedade contemporânea. *Vivat academia*.

Austin, E. W. & Pinkleton, B. E. (2015). *Strategic public relations management: planning and managing effective communication campaigns* (3rd ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315754833>

Azzolin, M. L. T. (1997). *Cerimonial universitário: instrumento de comunicação*. Santa Maria: UFSM.

Boda, M. M. (2010). *Protocolo y relaciones públicas 2*. Ediciones Paraninfo, SA.

Bouza, F. (2015). Diplomatic protocol: a mechanism of governance. *International Journal of Social Science and Humanity*, (884-888).

Braga, F. N. & Garlet, N. (s/ data). *Guia de eventos, cerimonial e protocolo*. Brasil: UDESC.

Cabral, P. (2014). *Manual de protocolo e etiqueta*. <https://pt.slideshare.net/slideshow/manual-de-protocolo-etiquetaiefp/31499953>

Caligiuri, F. J. (2023). *Ceremonial y protocolo escolar*. Ediciones Liliun.

Cardim, P. (2004). *A prática diplomática na europa do antigo regime*. Em L. Nuno Rodrigues & F. Martins, *História e Relações Internacionais*. Évora: Publicações do CIDEHUS, Edições Colibri, (11-53).

Chiraz, R. & Frioui, M. (2012). Corporate social responsibility and global governance. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, (1174-1178).

Commision, E. (2024). *Quality education and training for all*. <https://education.ec.europa.eu/pt-pt/education-levels/higher-education/inclusive-and-connected-higher-education>

Coba, M. C. (2019). *Aproximación al protocolo universitario: uso del traje académico en la universidad de sevilla*. Sevilla: Universidad de Sevilla.

Costa, A. B. (2017). *Comunicação institucional e identidade organizacional nas universidades*. São Paulo: Editora Universitária.

Costa, R. & Almeida, T. (2020). Comunicação e engajamento nas universidades: um estudo sobre práticas efetivas. *Revista Brasileira de Comunicação*, 15(2), (34-50).

Costa, R. S. (2015). *Esboços histórias em contextos globais. As organizações internacionais na história das relações internacionais: entre a governança global e as estratégias dos estados nacionais*, (182-203).

Cotrim, C., Teixeira, E. & Queiroz, T. (2023). *Manual de cerimonial universitário e organização de eventos*. Comuns Editorial. https://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.uerj.br/wp-content/uploads/2023/08/Manual_de_Cerimonial_Universitario_Organizacao_Eventos.pdf

Cubitt, C. (2003). *Court culture in the early middle ages: The Proceedings of the First Alcuin Conference (Studies in the Early Middle Ages)*. Turnhout, Bélgica: Brepols Publishers.

da Costa, P. R. (2013). *Protocolo e imagem: estudo do caso do push 2012 - brand & media talks*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Dantas, B. A. P., Burdzinski, C. M., Faria, C. S. O., Moreira, D. L. M., Braga, F. C. N., Garlet, N., Costa, R. M. C., Branchine, S. M. & Filho, V. L. (2017). *Guia de eventos, cerimonial e protocolo*. Brasil: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica.

De Froideville, G. M. & Verheul, M. (2016). *An experts' guide to international protocol: best practices in diplomatic and corporate relations*. Amsterdam: Amsterdam University Press.

De la Concha, R. & Acosta, M. (1995). *Ceremonial y protocolo académicos*. Venezuela, Venezuela: Equinoccio.

De la Peña, M. (2023). *The cultural power of medieval monarchy: politics, learning and patronage in the royal courts of europe*. London: Routledge.

Del Mar Sánchez-González, D. (2016). *Protocolo y relaciones institucionales*. Relaciones Públicas Especializadas.

Deliberação de senado nº 26/95. (1995). Regulamento da cerimónia académica da imposição de insígnias a Doutores "Honoris Causa". Covilhã, Portugal.

Despacho nº 2013/R/37 da Universidade da Beira Interior. (2013). Covilhã, Portugal.

Despacho nº 2014/R/16 da Universidade da Beira Interior. (2014). Covilhã, Portugal.

Despacho nº 2014/R/16. (2014). da Universidade da Beira Interior. Regulamento de símbolos, distinções, traje académico e insígnias. Covilhã, Portugal.

Despacho nº 2014/R/16 (2014). Covilhã, Portugal.
<https://www.ubi.pt/Ficheiros/Paginas/616/Despacho%2016%20R%202014.pdf>

Destemberg, A. (2009). *A ritual system? Rites of integration and graduation ceremonies in medieval university system (13th-15th century)*. Cahiers de Recherches Medievales

DICIO. (2024). Dicionário Online de Português.
<https://www.dicio.com.br/protocolo/>

Dreißigacker, A., Müller, P., Isenhardt, A. & Schemmel, J. (2024). Online hate speech victimization: consequences for victims' feelings of insecurity. *Crime Science* 13, 4 <https://doi.org/10.1186/s40163-024-00204-y>

Durán, M. V. C. & Jiménez, J. L. T. (2005). El diseño de la "comunicación espiral" al servicio de las organizaciones del siglo XXI. *Global Media Journal*, (1-34).

Durán, M. V., Díaz, A. C. & Sánchez, T. B. (2015). *La proyección internacional de las universidades españolas en sus sedes webs Opción*, vol. 31, núm. 1, (183-203) Universidad del Zulia <https://www.redalyc.org/pdf/310/31043005011.pdf>

Ershov, B. A., Belorukov, S. A., Bykov, A. G. & Serikov, T. A. (2019). The role of the church in medieval society. *Bulletin Social-Economic and Humanitarian Research*, (2658-5561).

Fernández, A. & Martínez, J. (2020). Estrategias de comunicación institucional en la educación superior: un análisis de la participación de los stakeholders. *Journal of Higher Education Policy and Management*, 42(1), (23-37).

Ferreira, J. & Souza, L. (2021). *Estratégias digitais e a nova era da comunicação universitária*. Belo Horizonte: Editora Acadêmica.

Fonseca, F., Nascimento, F., Porto, G. & Galvão, K. (2019). *Manual de cerimonial. protocolo e eventos*. Brasil: Universidade Federal de Viçosa.

Fontaine G, Lavallée A., Maheu-Cadotte M., et al. (2018). Health science communication strategies used by researchers with the public in the digital and social media ecosystem: a systematic scoping review protocol *BMJ Open* 8: e019833. <https://bmjopen.bmj.com/content/8/1/e019833>

França, L. S. & Vellutini, V. N. (2018). *Manual práctico de eventos e cerimonial público*. Brasil: HCFMUSP.

Friedman, T. L. (2005). *The world is flat: A brief history of the twenty-first century*. Nova Iorque, EUA: Farrar, Straus and Giroux.

Gonçalves, G., & Athaydes, A. (2017). *Relações públicas e comunicação organizacional: dos fundamentos às práticas: liderança, inovação e empreendedorismo* (vol. 5). Covilhã: Livros LabCom.

González, M. & López, R. (2019). La comunicación participativa en las universidades: un enfoque hacia la inclusión y la diversidad. *Revista de Comunicación Universitaria*, 8(2), (45-62).

Gracia, A. (2013). *Protocolo y ceremonial en las reales academias españolas*. In *Anales de la Real Academia Matritense de Heráldica y Genealogía*. Real Academia Matritense de Heráldica y Genealogía.

Gradim, A. (2018). *Urbietorbi*. Jornal Online da UBI, da Região e do Resto: <https://urbi.ubi.pt/pag/17165>

Gradim, A. (2018). *Urbietorbi*. Jornal Online da UBI, da Região e do Resto: <https://urbi.ubi.pt/pag/17593>

Hall, I. (2010). *The transformation of diplomacy: mysteries, insurgencies and public relations*. JSTOR.

Harper, J. (1991). *The forms and orders of western liturgy from the tenth to the eighteenth century*. Claredon Paperbacks.

Hawabhay, B. B., Abratt, R. & Peters, M. (2009). The role of corporate communications in developing a corporate brand image and reputation in Mauritius. *Corporate reputation review*, 12, (3-20).

Heim LaFrombois, M. E. (2023). *Routledge handbook of university-community partnerships in planning education*. London: Routledge

Heitmayer, M. & Schimmelpfennig, R. (2024). Netiquette as digital social norms. *International Journal of Human-Computer Interaction*, (3334-3354).

Herrero, J. & de Quevedo, G. (2010). El necesario protocolo en la comunicación organizacional. *Revista ICONO 14. Revista científica de Comunicación y Tecnologías emergentes*.

Hölkeskamp, K.-J. (2010). *Reconstructing the roman republic: An ancient political culture and modern research*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press.

Hossó, N. (2021). The changing role of protocol in the 21st century's diplomacy and international relations. *Journal of Humanities and Social Sciences*, (114-131).

Kelley, L. D., Sheehan, K. B., Dobias, L., Koranda, D. E. & Jugenheimer, D. W. (2022). *Advertising*

Kelley, L. D., Sheehan, K. B., Dobias, L., Koranda, D. E. & Jugenheimer, D. W. (2022). *Advertising media planning: A brand management approach* (5th ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003258162>

Lei n° 40/2006. Portugal: Diário da República. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/40-2006-540661>

Lima, F. & Costa, A. (2021). *Protocolo universitário e imagem institucional: a comunicação em eventos académicos*. *Comunicação e Sociedade*, 29(3), (78-95).

Limão, C. (2021). *Protocolo, etiqueta e boas maneiras: quais as diferenças?*, Camomila Limão. <https://www.camomilalimao.com/index.php/2021/07/08/etiqueta-e-protocolo-quais-as-diferencas/>

MacKay, M., Colangeli, T., Gillis, D., McWhirter, J., & Papadopoulos, A. (2021). Examining social media crisis communication during early COVID-19 from public health and news media for quality, content, and corresponding public sentiment. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18, 7986. <https://doi.org/10.3390/ijerph18157986>

Magalhães, M. (2016). O protocolo autárquico e os novos sinais de modernidade. Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/42805>

Mangerona, S. (2017). *Protocolo e segurança*. Lisboa, Portugal: Universidade Católica Portuguesa.

Martins, A. & Oliveira, F. (2022). Diversidade e inclusão no cerimonial universitário: desafios e oportunidades. *Revista Brasileira de Educação Superior*, 14(4), (78-92).

Martins, J. & Silva, L. (2022). Diversidade e inclusão no cerimonial universitário: construindo um ambiente acolhedor. *Revista Brasileira de Educação Superior*, 15(4), (34-50).

Martins, A. & Souza, F. (2021). *Cultura institucional e comunicação: construindo um ambiente colaborativo nas universidades*. Comunicação e Educação, 29(4), (112-126).

Martins, R. C. (2020). *Redes sociais e a nova dinâmica da comunicação académica*. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica.

Mateus, A. F. (2009). *O Protocolo no âmbito das relações-públicas e da comunicação para a imagem interna e externa da empresa: um contributo a considerar*. 8º Congresso LUSOCOM - Comunicação, Espaço Global e Lusofonia.

McNaughtan, J. L. & DePue, B. W. (2020). The road already traveled: communication advice for higher education leaders. *International Journal of Educational Management*.

Mendes, G. (2022). Ética e redes sociais: caminhos para discernir e decidir. *Ética e Redes Sociais*.

Mesquita, A., Gonçalves, z. R., Pinto, S., Neves, E., Castro, E., Fink, I., Možic, D., Semec, E. M., Božic, D., Draginc, A. S., Kropin, Al., Bauer, J., Dular, V., Podhalicz, E., Kamieniarz, M., Mizerska, E., Kyriazis, T., Kabadais, K. & Ravelo, J. L. (2009). *Protocolo e etiqueta organizacional: projeto InterCom*. https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/6524/1/L_AnabelaMesquita_2009.pdf

Ministério da Educação. (2017). *Guia de eventos, cerimonial e protocolo para a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica* (2ª ed., rev. e ampl.). Brasília: Ed. IFB.

Morales, M. & Alonso, J. (2017). *Eventos y protocolo: la gestión estratégica de actos corporativos e institucionales*. Editorial UOC.

Moreno-Cabanillas, A., Castellero-Ostio, E. & Castillo-Esparcia, A. (2024). Digital communication and social organizations: an evaluation of the communication strategies of the most-valued NGOs worldwide. *Future Internet*, 16(1), 26. <https://doi.org/10.3390/fi16010026>

Morgado, C. M. (1995). *Deliberação do senado nº25/95. Regulamento de símbolos, distinções, traje acadêmico e insígnias*. Universidade da Beira Interior.

Moura, T. S. (2021). *Práticas comunicacionais nas universidades: um olhar sobre a interação com os stakeholders*. *Journal of Higher Education Management*, 15(2), (78-92).

Muszyńska, K. & Marx, S. (2019). Communication management practices in international projects in Polish and German higher education institutions. *Procedia Computer Science*.

Napoleon. (2024). *O que é: Implementação de protocolos*. <https://napoleon.com.br/glossario/o-que-e-implementacao-de-protocolos/>

Oliveira, L. F. (2019). *Estratégias de comunicação e reputação institucional no ensino superior*. Lisboa: Edições Acadêmicas.

Oliveira, R. & Santos, M. (2020). O papel do protocolo na organização de eventos universitários: normas e práticas. *Revista de Comunicação e Educação*, 12(1), (45-60).

Oliveira, J. R. & Silva, M. A. (2020). *Comunicação e identidade institucional nas universidades: desafios e perspectivas*. Editora Universitária.

Pereira, L. (2020). A imagem institucional e o papel do cerimonial: uma análise das universidades contemporâneas. *Comunicação e Sociedade*, 28(3), (112-126).

Pérez, S. (2021). Diversidad y participación en la comunicación universitaria: hacia un modelo inclusivo. *Comunicación y Sociedad*, 34(3), (112-130).

Pessoa, M. (s/data). *Plano de ação para cerimônias e solenidades na universidade federal do Rio Grande do Norte*. UFRN, 2.

Pinto, T. R. C. (2023). *O estudo da comunicação nas organizações: da visão de infraestrutura à da superestrutura*. Provas de Agregação em Ciências da Comunicação. Sala de Atos do ICS, Universidade do Minho, Portugal: Universidade do Minho

Pio Borges, J. & Kalout, H. (2022). As relações internacionais e o Brasil no mundo: debate e reconstrução. *CEBRI-Revista Ano 1*, (9-13).

Polo, M. P. (2016). *Comunicación institucional y transparencia: una revisión teórica sobre la función social del ceremonial, el protocolo y la organización de actos*. Actas del I Congreso Internacional Comunicación y Pensamiento. Comunicar y desarrollo social (1636-1652). Congreso Internacional Comunicación y Pensamiento. Comunicar y desarrollo social.

Português, E. (2006). *Lei 40/2006 - Lei das precedências do protocolo do estado português*. Lisboa, Lisboa, Portugal.

Pshtyka, V. V. (2011). *Diplomatic protocol as a tool of international economic relations*. Baltic Region, (86-89).

Ramos Fernández, F. (2013). *The protocol as science itself in the ecosystem of communication. Spaces potential to transform a technique in a scientific discipline*. Estudios Sobre el Mensaje Periodístico.

Raposo, C. (2020). *Colações de grau on-line são alternativa às formaturas presenciais durante a pandemia*. Notícias da UFSC. <https://noticias.ufsc.br/2020/10/colacoes-de-grau-on-line-sao-alternativa-as-formaturas-presenciais-durante-a-pandemia/>

Regulamento 623/2018 (2018). Regulamento académico da Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal. Diário da República. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/regulamento/623-2018-116524499>

Ribeiro, V. (2021). *Fundamentos da cortesia, etiqueta & protocolo*. Jornal o Sol. <https://sol.sapo.pt/2021/06/23/fundamentos-da-cortesia-etiqueta-protocolo/>

Rich, J. (2013). *Roman rituals of war*. Em B. Campbell, & L. A. Tritle, *The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World* (32). Oxford: Oxford Academic.

RJIES - Lei n.º 62/2007. (2007). *Regime jurídico das instituições de ensino superior*. Diário da República. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/62-2007-640339>

Rodrigues, L. & Martins, F. (2004). *História e relações internacionais*. Évora: Publicações do CIDEHUS, Edições Colibri.

Rodríguez, J. (2004). *Ceremonias y grados en la universidad de salamanca. Una aproximación al protocolo académico*. Salamanca: Universidad de Salamanca.

Rodríguez, M. (2008). *Artículos de protocolo y ceremonial en revistas académicas iberoamericanas*. Razón y palabra.

Ruão, T. & Fernández-Souto, A. (2020). Relações públicas avançadas: fortalecer uma abordagem reflexiva e educacional. *Comunicação e Sociedade*, (9-15).

Ruão, T. & Carrillo, M. V. (2005). *A modernização da identidade visual das universidades. Os casos da Universidade da Extremadura (Espanha) e da Universidade do Minho (Portugal)*. *Comunicação e Sociedade*, vol. 8, (85-100). <https://www.researchgate.net/publication7312178948>

Ruggi, J. G. (2014). Global governance and “new governance theory”: lessons from business and human rights, (5-17). *Global Governance*

Saaida, M. (Abril de 2024). *The history and evolution of diplomatic protocol and etiquette*, (1-3).

Sánchez, M. (2013). La importancia del protocolo en las relaciones públicas institucionales. *Redmarka: revista académica de marketing aplicado*.

Santos, L. F. (2019). A reputação das instituições de ensino superior: um estudo sobre a comunicação estratégica. *Revista Brasileira de Comunicação*, 12(3), (45-60).

Santos, M. A. & Almeida, P. R. (2018). *Transparência e engajamento: o papel da comunicação interna nas universidades*. Porto Alegre: Editora Universitária.

Santos, M. & Lima, R. (2021). Cultura e diversidade no cerimonial universitário: um olhar inclusivo. *Revista de Estudos Universitários*, 9(3), (50-67).

Schroeder, P. W. (1996). *The transformation of european politics, (1763-1848)*. Oxford: Clarendon Press.

Seib, P. M. (2018). *Digital diplomacy: a globalized tool for communication in the twenty-first century*. Routledge

Serrano, A. (2015). *Manual de protocolo*. Editora Sílabo.

Serrano, J. B. (2015). *O Livro do protocolo*. Lisboa: A esfera dos Livros.

Silva, J. & Pereira, L. (2019). Inclusão e participação na comunicação universitária: desafios e oportunidades. *Journal of Higher Education Studies*, 12(1), (78-92).

Silva, J. (2019). História do cerimonial universitário: tradições e inovações. *Journal of Higher Education History*, 5(2), (45-60).

Silva, R. D. J.; Cruz, N. J. T.; Bittencourt, I. M. & Pinto Filho, J. P. (2021). Cerimonial universitário: análise comparativa de cerimoniais nas universidades públicas do nordeste brasileiro. *Revista Brasileira de Administração Científica*, v.12, n.2, (161-178).

<https://sustenere.inf.br/index.php/rbadm/article/view/CBPC2179-684X.2021.002.0014>

Szeto, M. D., Barber, C., Ranpariya, V. K., Anderson, J., Hatch, J., Ward, J. & Dellavalle, R. P. (2022). Emojis and emoticons in health care and dermatology communication: Narrative review. *JMIR dermatology*, 5(3), e33851.

Sul, S. d. (2023). *Manual de boas práticas em redes sociais*. Rio Grande do Sul: Secretaria de Comunicação do Rio Grande do Sul.

Tavares, I. (2024). *Os eventos nas universidades e o protocolo*. Event Point. <https://www.eventpointinternational.com/opiniao/os-eventos-nas-universidades-e-o-protocolo>

Trompenaars, F. & Hampden-Turner, C. (2012). *Riding the waves of culture, fourth edition: understanding diversity in global business*. Nova York, EUA: McGraw Hill.

UBI. (2024). *Sessão solene - 38º Aniversário da UBI. esquema de organização do cortejo acadêmico*. Covilhã, Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior. <https://www.ubi.pt/Evento/12287>

UBI. (s/data). *Guia de normas de identidade*. Covilhã, Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior. https://www.ubi.pt/Ficheiros/Paginas/539/UBI_iD_KitNormas_Base_web.pdf

UBI. (2018). *Regulamento académico da Universidade da Beira Interior nº 623/2018*. Covilhã: UBI. <https://www.ubi.pt/Ficheiros/Sites/53/Paginas/288/Regulamento%20Acad%C3%A9mico%20da%20UBI.pdf>

UBI. (2024). *Universidade da Beira Interior. UBI - Gabinete de Marketing, Imagem e Comunicação*. <https://www.ubi.pt/Entidade/GMIC>

UBI. (s/data). *Comissão de Igualdade*. https://www.ubi.pt/Entidade/comissao_igualdade

UBI. (s/data). *Comissão Ética*. https://www.ubi.pt/Entidade/c_etica

UBI. (s/data). *Equipa Reitoral*. https://www.ubi.pt/Pagina/Equipa_Reitoral

UBI. (s/data). *GMIC*. <https://www.ubi.pt/Entidade/GMIC>

UBI. (s/data). *Missão*. <https://www.ubi.pt/Pagina/missao>

UFV. (2019). *Manual de cerimonial. protocolo e eventos*. <https://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ufv.br/wp-content/uploads/2019/08/Manual-Cerimonial-UFV.pdf>

Valente, C. & Almeida, P. (2019). As relações institucionais como instrumento de promoção do desenvolvimento social e humano. Conferências, FORGES Brasília: IFB, (1-10).

Valencia, J. (2008). *El protocolo como herramienta de imagen y los gabinetes de comunicación*. Dialnet.

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3229997>

Velloso, A. (2013). *Cerimonial universitário: uma análise das cerimônias oficiais da UFF e as normas protocolares*.

Wang X. (2021). *An analysis of the role of "ritual" in the effectiveness of "cultivating People" in campus culture*. ACM International Conference Proceeding.

Williams, L.S. (2006) *Communication across the campus: Expanding our mission to practice what we profess*. Journal of Business Communication.

8 Anexos

ANEXO A

Transcrição das entrevistas

Transcrição do Reitor Manuel José Santos Silva

Teresa: Para começar, poderia partilhar connosco, de uma forma breve, o significado da Universidade da Beira Interior, do Dia da Universidade, para a instituição que representa?

Reitor Santos Silva: Eu julgo que a Universidade da Barra Interior, hoje em dia, é a principal responsável pelo desenvolvimento do interior do País. Mas temos que ir a uns anos atrás, quando tudo isto começa. E a estratégia foi definida, quer queiramos, quer não, nos primeiros passos da instituição. E temos de regressar ao Instituto Politécnico da Covilhã. E é logo aí que se traça, um pouco, a filosofia de desenvolvimento da instituição que é hoje. Essa filosofia tinha o protagonista, o Doutor Duarte Simões. Eu era o garotinho de serviço que o acompanhava, era o motorista, que o acompanhava muitas vezes a Lisboa. E desde muito cedo, não sei porquê, porque eu era Engenheiro Mecânico, mas começaram lá a atirar as obras e a expansão física para cima de mim. Mas, digamos que acompanhei o Doutor Duarte Simões, em fase extremamente importante da instituição que é hoje, entre Politécnico da Covilhã e, sobretudo, o período de passagem em Instituto Universitário da Beira Interior. Esse é o marco da nossa Instituição. A passagem de IPC a IUBI, através da Lei 44/69, lei, não Decreto-Lei, e somos a única instituição que passou por Lei e não por Decreto-Lei, marca, de facto, é o marco, se quiser, da Instituição que temos hoje. E desde o início, há um outro marco, e temos de regressar um bocadinho até à história da própria Covilhã e do ensino na Covilhã. Se formos ver a história, no século XIX, quando começamos a ter uma revolução industrial, portanto, mais ou menos estruturada, e vemos aparecer aquilo que podemos chamar as primeiras Escolas de Engenharia, não estou a falar da Engenharia Civil, porque isso temos que ir lá muito por trás, mas a história das Engenharias Mecânicas, das Químicas, etc. A engenharia propriamente dita nesse domínio, que surge, quer queiramos ou quer não, com a revolução industrial, e surge em Manchester, ao fim e ao cabo. Mas, quando vamos ver as datas, Manchester começa com dois departamentos, o têxtil e o papel, era a revolução industrial na altura, mas em simultâneo começa uma outra Escola de Engenharia, que eu frequentei, uns anos mais tarde, que é a de Mulhouse,

e no mesmo ano, Mulhouse surge em 1861-1862, em 1861 é criada a Escola Industrial da Covilhã, e é criada o MIT nos Estados Unidos, em 1861. O que quer dizer que a Covilhã esteve sempre, ao fim e ao cabo, graças ao trabalho dos lanifícios que aqui se fazia, sentiu sempre a necessidade de ir mais longe, em termos de conhecimento, e está ligada, quer queiramos ou quer não, às primeiras Escolas de Engenharia do mundo, ao fim e ao cabo. E nós, em 1973, Veiga Simão, na reforma do ensino, era absolutamente necessário formar técnicos a outro nível, estava-se num período complexo da evolução da indústria, no pós-guerra, etc., etc., e a indústria de lanifícios da Covilhã passava um período mau, muito mau, mas estava também a dar passos de automatização, de mecanização, e era absolutamente necessário termos técnicos a outros níveis. E é assim que surge o Politécnico da Covilhã, com os dois cursos criados para a indústria, a Engenharia Têxtil e a Administração e Contabilidade. E também surge, um bocadinho mais tarde, mas quase à mesma altura, a Engenharia Têxtil na Universidade do Minho. Mas eram as necessidades da indústria, havia uma absoluta necessidade de formar engenheiros a outro nível, ao fim e ao cabo, ao quadro das empresas, melhor dito, a outro nível. E é assim que surge o Politécnico da Covilhã. O Politécnico da Covilhã, o Duarte Simões, teve-se uma estratégia, no início, que fomos ver a duas universidades de prestígio, Manchester, fomos muitas vezes a Manchester para ver o que é que se fazia, e também Mulhouse, que eu frequentei, ao fim e ao cabo. E, portanto, esta universidade foi beber imenso a essas duas instituições. Mas havia algo de concreto desde o início. Era termos os melhores professores, termos ensino de máxima qualidade. E se voltarmos lá atrás, quem era o catedrático das matemáticas? Campos Ferreira, que era o catedrático do Técnico. Quem era o da física? Pinto Peixoto. Quem era o da química? Lopes da Silva. E depois fomos para o Ribeiro Gomes, o Conde, etc. Mas, repara, nós tínhamos aqui, mais tarde o Carvalho Rodrigues, etc. Mas, no início, tínhamos aqui a nata, dos professores, a nível universitário naquela altura. Portanto, Lisboa, ao fim e ao cabo, também era o que havia, era Lisboa e Coimbra. Porto ainda estava um bocadinho...enfim, mas tínhamos aqui a nata. O que é que isto quer dizer? E, repara, na administração de contabilidade é a mesma história. Portanto, repara, Fernando Jesus, Rogério Ferreira, Madureira. Fomos buscar, portanto, os melhores. Alguns deles tinham sido meus professores no Técnico. E o Duarte Simões, como eu disse há bocadinho, era um bocadinho o moço de recados. E lá íamos com todo o prazer a contactar os antigos professores para me vir dar uma ajuda à Covilhã. O ensino no IPC foi sempre um ensino de qualidade. E com uma característica, que é necessário também voltarmos ao Departamento Têxtil. O primeiro Departamento que surgiu foi o Têxtil, tal como em Manchester. E a seguir o Papel também, com muita atenção. Mais uma vez nos inspirámos, de alguma forma, em Manchester. Se bem que Manchester, nessa altura, estava num outro patamar. As

questões evoluíram, etc. Também podemos falar disso. Mas... tínhamos um modelo de ensino. Que ainda hoje temos, afinal de contas. E que diferencia a Universidade da Beira Interior de outras universidades. Claro. Que é o aprender fazendo. É o aprender fazendo. Na UBI sempre se aprendeu fazendo. A parte de se ensinar, não. Aprendes fazendo. E para se aprender fazendo, o que é que é necessário? É necessário ter laboratórios e oficinas extremamente bem equipados. Muito mais tarde, e agora vamos ver que tem um salto. Também a medicina foi feita dessa forma. Aprender fazendo, e como a Teresa se recordará, eu nem sequer salas permiti que se fizessem na faculdade para dar as ditas aulas teóricas. Não. Lá há tutorias e os alunos aprendem fazendo nas tutorias. Portanto, esta é um pouco a estratégia da Universidade da Beira Interior, mas daqui nasce IPC e vem desde o início. E quando nós nos passeamos um pouco aquilo que é a Universidade da Beira Interior, podemos ver os laboratórios extremamente bem equipados, etc. E os alunos aprendendo fazendo em todas as áreas. Mas isto é uma estratégia que vem do início. Repara, essa estratégia de termos um ensino de qualidade, e voltando um bocadinho ao que estava a dizer há pouco, permitiu que o IPC se convertesse em IUBI, em 44/69. Porque num belo dia, o Governo da altura não era muito favorável a que passássemos. Havia aquela ideia do ensino superior curto, que não se sabia muito bem o que era na altura. Acho que ainda hoje não se sabe, mas são outras questões que nos poderiam levar mais longe. E disseram-nos em Lisboa que tínhamos que provar, ao fim e ao cabo, que tínhamos nível universitário. E como é que se provava? Uma reflexão em que estava eu, o Duarte Simões, o Mário Tavares, etc. Uma reflexão que se fez depois dessa conversa em Lisboa. Só havia uma forma de fazer. Que os professores que aqui tinham dado aulas atestassem que nós tínhamos nível universitário. E que os cursos que eles tinham ministrado eram cursos de nível universitário. E foi assim. Um pouco se fez, produziu-se um dossier com os pareceres dos professores todos externos, que aqui vinham, a dar as suas aulas, e, com base nesses pareceres, fomos para a Assembleia da República. E, em boa hora, a Assembleia da República aprovou a nossa passagem. Mas, repare, foi fundamental o parecer dos professores que aqui tinham ministrado as aulas. Existe um dossier algures, que é o nosso atestado, com os pareceres dos professores todos que aqui tinham passado.

Teresa: Daí o significado e a tradição de se comemorar o dia da universidade.

Reitor Santos Silva: Daí, exatamente. E começa-se a comemorar, portanto, um pouco na altura. Não, já falamos um pouco sobre isso. Mas, repare, nesta questão, portanto, eu acho que era importante, sempre, comemorarmos, portanto, o dia. Porque, quer queiramos, quer não, a universidade veio a mudar, portanto, todo o interior do país. Não foi só a Covilhã. É o interior. E o 44 de 79, a Lei 44 de 79, é clara como a água. Quer

dizer, o que a Assembleia da República nos encarrega é de levar o ensino superior à Guarda e Castelo Branco. Nós nunca deixámos a Guarda e Castelo Branco de fora. Nunca. E é necessário vermos o que é que está na Lei 44 de 79. Responsabilizam o IUBI pela abertura de cursos na Guarda e em Castelo Branco. Nunca. E pá, eu tenho uma lista, um *draft*, que ainda não lhe posso dar, e sou capaz de ter aqui, os cursos que estavam previstos para a Guarda e Castelo Branco, porque esses devem andar aí nos meus rascunhos, e sou capaz de lhos dar. Nunca pusemos a Guarda e Castelo Branco de parte. Isto é um eixo. E por isso se chamou Instituto Universitário da Beira Interior. Claro que o Governo da altura não era muito pelos ajustes, tanto que se absteve na Assembleia da República, mas isso são histórias que já têm de ir-me buscar. Mas... Depois apressaram-se a criar os Politécnicos da Guarda e Castelo Branco por Decreto-Lei, para que os polos do IUBI lá não chegassem. Mas isto é uma história um pouco mais complexa, que não vale a pena. Já passaram tantos anos. Não vale a pena. Mas eram as guerras, portanto, da altura. Claro que depois a passagem... Portanto, fazia todo o sentido. O Duarte Simões, infelizmente... Portanto, ele ainda viu a deliberação da Assembleia da República. Foi julho de 79. Mas ele veio a falecer em agosto de 79. E quando a lei 44/79 é publicada em setembro, ele já tinha falecido. Mas ele ainda teve, digamos, a alegria de ver a passagem. De poder ver isso. De poder ver isso. E eu e o Mário Tavares ainda estivemos com ele. No leito. Enfim, ele já estava acamado. Mas em agosto de 79. Mas começa, portanto, e depois, começa o período de Passos de Morgado, como é evidente. Que era como responsável pelo IUBI, e depois a passagem à Universidade da Beira Interior. Mas a passagem de IUBI a UBI, como eu costumo dizer, foi um passeio. A grande guerra foi IPC e IUBI em 79. Em 86, quando passámos, portanto, a Universidade da Beira Interior, foi um passeio. Repare, isto simplificando. Quando nós passámos de IPC a IUBI, havia outro politécnico no interior que apanhou boleia connosco. O IUTAD. Passou a UTAD. Não, era o IPC de Vila Real. Passou a IUTAD. E depois o antigo reitor do IUTAD foi reitor da UTAD e depois foi ministro da Educação. Ele estava a preparar a passagem de IUTAD a UTAD e nós apanhámos boleia e também passámos, portanto, a UBI. Isto são histórias, às vezes, um pouco mais complexas do que eu estou a dizer agora. Mas a passagem de IUBI a UBI foi um passeio em 1986. Portanto, fazia todo o sentido, sempre, comemorar a data. A primeira comemoração foi em 1986, penso eu. Foi em 1986, que é a passagem, portanto, precisamente, de IUBI a UBI. É aí que começa a designação da Universidade. Mas a Universidade começa com o IPC. Nós não nos podemos esquecer nunca disso. E da estratégia que levou a passagem de IPC a IUBI e depois, como eu lhe estou a dizer, a passagem de IUBI a UBI foi um passeio. Mas é a partir daí, ao fim e ao cabo, que se faz a comemoração da instituição universitária. Mas, repare, eu nunca deixo de comemorar uma data que foi decisiva. A tomada de posse da Comissão Instaladora do IPC. 10 de

outubro de 1974. É aí que começa a instituição. Assim como outra data, que o Melo gostava muito de chamar, que foi o início das atividades, o curso complementar, etc., 17 de fevereiro de 1975.

Bom, a atividade normal começa, portanto, em setembro, outubro de 1975. Mas são datas que ficam e que têm a ver com a instituição até hoje. Provavelmente a Teresa recorda-se que, enquanto eu fui o reitor, celebrávamos sempre, de alguma maneira, ao 10 de outubro de 1975. Talvez achava alguma coisa que a gente fazia no 10 de outubro dos anos seguintes. Porque era aí, de facto, que nós tínhamos... É o trabalho, ao fim e ao cabo, da Comissão Instaladora que se inicia com a tomada de posse em 10 de outubro de 1974, que levou, quer queira ou quer não, ao desenvolvimento da instituição. E esta data, quanto a mim, devia ser sempre celebrada. O 30 de abril é a data de facto, portanto, da publicação do Decreto-Lei de passagem de IUBI a UBI, que sempre se celebrou. Nessa altura era o Reitor Passos Morgado. E depois que eu também continuei, portanto... foi uma tradição que se manteve ao longo dos anos. Foi uma tradição que se manteve ao longo dos anos. Mas, repara, nós temos de fazer uma história desta instituição. Mas tem a ver com a nossa identidade também. Tem a ver com a nossa identidade. Tem a ver com a nossa identidade e, de facto, a publicação do Decreto-Lei que transforma o IPC... o IUBI em UBI. É 30 de abril. E é assim que começa, portanto, a celebrar-se o Dia da Universidade.

Teresa: Acha que o protocolo contribui para a organização do evento e para a consolidação da identidade?

Reitor Santos Silva: Acho que sim. Eu penso que sim. Aliás, nós sempre demos a maior importância que eu me recorde... Como Vice-Reitor do Prof. Passos Morgado, durante anos e anos, mas sempre tivemos em consideração que acontecesse alguma coisa, portanto, neste dia, que celebrássemos o dia, mas que marcasse também, que ficasse marcado. Aliás, se fizer um passeio pela Universidade e pelos edifícios da Universidade, vai encontrar nas placas de inauguração os 30 de abril. Aliás, eu, enquanto fui o reitor, eu fazia questão que todos os anos houvesse um novo edifício para inaugurar. Eu fazia questão que estivesse um membro do Governo, se possível o ministro da tutela, que viesse inaugurar mais um edifício da Universidade da Beira Interior. Isso está, em termos históricos, basta fazer um passeio pelos edifícios e vai ver que há uma grande parte.

Teresa: Isso acaba por também contribuir para a organização do evento e para a consolidação da identidade, não é?

Reitor Santos Silva: Claro, claro. E repara, se eu fizesse apenas uma festa interna, apagava-se. Se viesse um ministro, ou um primeiro-ministro, ou coisa no género, portanto. Claro, é muito diferente. Tem outro impacto. Tem outro impacto. Quer dizer, por vezes, podia não ser, de facto, o 30 de abril, mas eram próximos. Às vezes os ministros não estavam dispostos ou disponíveis para vir, mas se fizer um passeio pelos edifícios e pelas placas de inauguração, vai ver que lá estará a celebração do aniversário da Universidade. Sim, assinalada mesmo. Assinalada.

Teresa: Quais são os maiores desafios no cumprimento do protocolo durante o dia da Universidade?

Reitor Santos Silva: Eu julgo que como instituição universitária que somos, tem que... enfim, se pôr em evidência o trabalho da Universidade. Independentemente disto que eu lhe estou a dizer, a minha estratégia era sempre que houvesse um edifício para inaugurar e para marcar fisicamente uma posição, e até a justificação da vinda de um membro do governo, que eles também gostavam de aparecer na fotografia, como é evidente. E isto marcava, portanto, e dava outro outro ênfase. Outra ênfase ao dia da Universidade. Mas, como a Teresa sabe, e como ao longo dos anos eu me fartei de apregoar, para mim a Universidade são as pessoas. Independentemente de tudo e mais alguma coisa, e daquela parte visível da.que tínhamos de fazer da cerimónia, e da parte física, como eu estou aqui a dizer, portanto, tentávamos dar relevo.

Teresa: Como é que o protocolo e a organização do evento refletem a identidade e os valores da Universidade?

Reitor Santos Silva: Lá está. A importância das pessoas. Das pessoas. E repara, nós sempre distribuímos diplomas, prémios, etc., etc. Se for ver bem, o 30 de abril era virado para as pessoas. Ok, tínhamos o folclore, desculpe lá o termo, das inaugurações, da parte... repara, não haveria... Não haveria, como é evidente, nós temos de ter essa noção. A expansão física foi extremamente importante e, repara, ela foi dimensionada para um determinado número de alunos e hoje ela foi dimensionada para 8 mil, 8 mil e tal alunos, portanto, ainda hoje temos 10 mil e ninguém se atropela cá dentro. Quero dizer que uma estratégia de desenvolvimento físico da instituição, e que se não o tivéssemos também não podíamos crescer. Não, porque as pessoas esquecem-se, repara, quer dizer, eu antigamente... Agora não, agora há umas histórias de acreditação de cursos, não vale a pena a gente andar por aí. Mas, repara, eu antigamente tinha que justificar ao Ministério, à Direção-Geral do Ensino Superior, se tinha condições para abrir um curso. Se tinha corpo docente, primeiro de tudo, se tinha meios humanos, qualificados, e se tinham instalações que... As pessoas já se esqueceram dessas questões e da luta que nós tínhamos

que travar ou para criar um curso, ou para abrir isto, ou aquilo, ou outro. Nós tínhamos um painel de peritos do outro lado, na Direção-Geral, que nos escrutinava até ao fim. Mas se for ver a cerimónia, ok, portanto, independentemente do resto, havia o discurso do reitor, do membro do governo que estivesse presente, mas a festa da Universidade tinha sempre a ver com o facto de podermos louvar os meios humanos que aqui estavam e pela sua qualificação atingida. Era aí que distribuíamos os prémios, os diplomas, etc. A festa era essa. Era a celebração das pessoas. Porque a Universidade são as pessoas.

Teresa: Existem símbolos ou rituais específicos que são incorporados no evento para destacar a história e a tradição da Universidade, não é? Quais são? Como é que eram?

Reitor Santos Silva: Havia o ritual do cortejo. Nós éramos uma instituição universitária e quer queiramos, quer não, fomos beber à mais antiga, a Coimbra. Portanto, havia o cortejo. Ao fim e ao cabo que dava início e fim. Independentemente depois das inaugurações ou fosse o que fosse, mas quer dizer, a cerimónia em si começava com o cortejo, que está organizado segundo os cânones da velha Coimbra. Da velha Coimbra. Mesmo o nosso traje, que foi desenhado pelo Pinto Peixoto, como deve calcular, ele é que foi encarregue a conduzir o desenvolvimento do traje, é o nosso traje. É muito tradicional. Há universidades que abandonaram um bocadinho essa tradição. Nós não. Nós ainda temos um traje muito tradicional. E, portanto, começávamos, de facto, a cerimónia tem um ritual que fomos beber, portanto, às Universidades de Coimbra, fundamentalmente. Mas não só Coimbra. Até podemos ir a Bolonha ou coisa no género. E, de facto, nós fomos beber um pouco a tradição das Universidades mais antigas.

Teresa: Como é que são seleccionados os convidados para o Dia da Universidade, incluindo os oradores, os homenageados e outras personalidades de destaque, como, por exemplo, os doutorandos honoris causa?

Reitor Santos Silva: Quer dizer, os doutorandos honoris, claro que havia os membros do Governo. Portanto, e depois tudo o que isso implicava, portanto, à volta dos oradores, na altura, os presidentes de câmara. O protocolo, digamos, claro que se fazia independente de quem estivesse ao fim e ao cabo. Se viesse o Primeiro-Ministro, normalmente estava o Ministro da Tutela, muitas vezes o Ministro das Finanças, outras vezes o da Saúde, quando foi a partir da Saúde, que estariam sempre presentes. Tentávamos sempre que estivesse o Diretor-Geral do Ensino Superior, porque na altura o Diretor-Geral tinha um peso muito grande na criação de cursos, na aprovação de novos edifícios, etc. Antigamente a Direção-Geral era a Direção-Geral. Agora, não sei o que é. Mas havia, mas depois começávamos a dar, portanto, ênfase, digamos, em toda a

cerimónia, portanto, à parte humana, digamos, como eu estava a dizer, portanto, há bocadinho. E, a partir de determinada altura, fazíamos sempre, de facto, uma oração de sapiência. Tentávamos que houvesse um tema ou uma personalidade que falasse de um tema que estivesse, portanto, em voga. Era sempre uma preocupação. Ou também queríamos distinguir alguém dentro da instituição que pudesse falar sobre o que é que tinha feito na sua vida aqui dentro. Era outra preocupação que tínhamos com a oração de sapiência. Mas estamos novamente a falar das pessoas. Portanto, havia a preocupação.

Teresa: E os doutorandos de honoris causa, como eram escolhidos?

Reitor Santos Silva: Os doutorandos honoris causa normalmente tentávamos também, portanto, e os quatro que fizemos no início, não é? Portanto, havia sempre a preocupação. Eu fui padrinho de um deles. Havia sempre a preocupação. Havia sempre a preocupação que tivessem sido pessoas que tivessem permitido ou que tivessem ajudado no projeto da Universidade da Beira Interior. Essa era uma estratégia que tínhamos, portanto, no início. E depois, mais ou menos, claro que mais recentemente, às vezes, já se faz um pouco mais pela política, etc. Mas, no princípio, a ideia foi ver os quatro primeiros que foram, portanto, eram personalidades que tinham tido um papel extremamente importante na consolidação do projeto da Universidade da Beira Interior.

Teresa: Existiu sempre uma preocupação em garantir que os convidados estivessem alinhados com os valores e a missão da Universidade, certo?

Reitor Santos Silva: Era claro. Por isso é que lhe estou a dizer que os primeiros que fizemos, portanto, tinham tido...

Teresa: Algum convidado que nos desse um exemplo que tenha marcado mais a celebração.

Reitor Santos Silva: Agora tinha que fazer uma reflexão profunda sobre isso, não é? Mas nós tínhamos sempre a preocupação, tanto no tempo do Passos Morgado como no meu tempo, tínhamos sempre a preocupação de ter personalidades, portanto, que tivessem a ver um pouco com o desenvolvimento da instituição. Essa era uma preocupação que nós tínhamos de base. Sempre tivemos. A ligação e a importância que tinham tido para a instituição.

Teresa: Os elementos fundamentais do programa seriam sempre os discursos, homenagens, entregas de prémios...

Reitor Santos Silva: Exatamente. Mas isto tem a ver com o que hoje levávamos a pegar no programa e a festa era para as pessoas e era das pessoas. Fundamentalmente era isso. Depois, enfim, era o protocolo geral, portanto, da tradição universitária. Era o discurso do reitor, do membro do governo que tivesse, portanto...

Teresa: As ordens de intervenções também eram feitas sempre com base no protocolo, não era? E as alocações?

Reitor Santos Silva: Sim, sim. Sempre.

Teresa: Quais são os critérios que foram utilizados para escolher os convidados de honra, os homenageados, os oradores foram sempre...?

Reitor Santos Silva: Sempre as pessoas que nos tivessem ajudado no desenvolvimento do projeto da Universidade da Universidade da Beira Interior. Havia sempre uma preocupação em distinguir as pessoas que tivessem, portanto...

Teresa: Era uma estratégia para convidar pessoas que refletissem a missão e os valores e objetivos da Universidade?

Reitor Santos Silva: Exatamente. Havia sempre essa preocupação

Teresa: De que forma é que os estudantes e professores e demais colaboradores eram incluídos no planeamento e realização do evento?

Reitor Santos Silva: Todos eram convidados, até porque estavam todos dispensados do serviço para que pudessem assistir à cerimónia da Universidade, sempre. Nós queríamos envolver a comunidade universitária, sempre, essa era uma estratégia que tínhamos, não só na celebração do Dia da Universidade, mas até no funcionamento da Universidade de que podemos falar um pouco mais à frente se quiser.

Teresa: Há espaço para apresentações de projetos ou iniciativas desenvolvidas por membros da Universidade durante a celebração?

Reitor Santos Silva: Há. Isso quando nós fazemos a distribuição de prémios, etc., estamos a ver, portanto, alguém que se distinguiu na Universidade e que fazemos a apresentação, etc., isso sempre houve.

Teresa: Como é que é promovida a participação do público externo, como ex-alunos, parceiros institucionais ou comunidade local?

Reitor Santos Silva: Sempre foram convidados, repare ao convidarmos as autarquias da região, portanto, estiveram sempre presentes, de uma forma ou de outra, como eu lhe disse há bocadinho, e, portanto, esta preocupação do eixo da Beira Interior, Guarda-Covilhã-Castelo Branco esteve sempre presente, sempre convidámos personalidades, enfim, que representassem este eixo.

Teresa: Quais os principais desafios enfrentados na organização e cumprimento do protocolo durante o evento?

Reitor Santos Silva: Haveria, mas nós tínhamos um mestre de cerimônias, que era muito preciso, que era o Dr. Melo e ele nisso não deixava os créditos por mãos alheias no cumprimento do protocolo. Ele seguia à risca e adaptava. O Dr. Melo e o GRP, portanto, a Dr^a Graça e antes disso o Dr. Mesquita, mas fundamentalmente o protocolo era o Dr. Melo. Fazia questão de se articular e de fazer com que tudo corresse bem.

Teresa: Na sua opinião, quais são os principais impactos a curto e médio prazo que o Dia da Universidade tem para a instituição?

Reitor Santos Silva: Eu acho que o Dia da Universidade é como o Dia da Cidade, se quiser, portanto, deve ser sempre celebrado, porque ele tem um impacto, quer queiramos quer não, na região. Normalmente, lançam-se desafios para o futuro nesse dia e como é um dia em que temos a comunidade universitária e não só universitária, a comunidade regional e mesmo o governo, é sempre uma altura para a gente lançar desafios, acho eu, portanto...

Teresa: Ou seja, já gerou parcerias e/ou iniciativas?

Reitor Santos Silva: Ah sim. Normalmente, eu lançava sempre desafios e se lá estava um membro do governo desafiava-o em determinadas áreas que fossem importantes para o desenvolvimento da instituição.

Teresa: E também desenvolveu algumas parcerias durante esses dias?

Reitor Santos Silva: Ah claro, muito protocolos, as parcerias eram fundamentais, contratos, porque uma característica da Universidade da Beira Interior, já que fala nisso, foi sempre a nossa ligação ao meio, às empresas, instituições, etc., e a celebração do Dia da Universidade era também, celebrada de alguma forma com a assinatura de contratos com agentes externos da Universidade, a Universidade deve estar sempre ligada ao meio, ela nasceu assim, ao fim e ao cabo, é uma característica da UBI e penso que também a

celebração do Dia da Universidade tem a ver com essa questão, portanto, que é fundamental.

Teresa: Com os desafios e transformações que as Instituições do Ensino Superior enfrentam como é que imagina que o Dia da Universidade pode evoluir nos próximos anos?

Reitor Santos Silva: Repare, eu julgo que o Dia da Universidade é sobre a instituição universitária e deve se reger pelos cânones universitários e não faz mal nenhum que se mantenha a tradição mas temos que inovar, temos que continuar a ter, portanto, independentemente, da forma, etc., etc., acho que devemos continuar a ter um dia em que sejamos capazes de dizer aquilo que fizemos, mas, sobretudo, aquilo que queremos fazer, para que, não só a comunidade e o governo, normalmente, que estão presentes, se possam aperceber daquilo que estamos a fazer mas daquilo que queremos fazer. E quando vamos apresentar qualquer coisa que não seja novo, que eles digam assim... humm, já nos lançou o desafio no Dia da Universidade e isto é extremamente importante, era uma estratégia que eu tinha. E julgo que deve ser continuada. Dizer o que fizemos, mas o que é que queremos fazer. Repare, para que toda a comunidade esteja envolvida, porque normalmente este Dia tem a comunicação social, etc., etc., e membros do governo como eu estava a dizer ou até mesmo os responsáveis políticos da região, e, portanto, eu acho devemos aproveitar esse dia, é uma oportunidade, para darmos a conhecer aquilo que somos e aquilo que pretendemos fazer. Eu acho que é extremamente importante.

Teresa: Considerando as futuras edições há algo que gostaria de implementar ou modificar em termos protocolares?

Reitor Santos Silva: Não, repare, eu desde que se mantenha esta estratégia, ao fim e ao cabo, repare, o protocolo depois há uma parte que é o protocolo de estado, o protocolo disto, quer dizer, eu acho que devemos cumprir porque há muitas pessoas que dizem que o protocolo não interessa nada, desculpe lá o termo, é uma chatice, até pode ser, até pode ser cansativo, mas se calhar se cansarmos as pessoas também lhes faz bem. Porque as despertamos. Também pode ser uma via, portanto, mexem-se nas cadeiras, torcem-se de um lado para o outro, a cerimónia pode ser até um bocado longa, mas se calhar lá fora até comentam foi longa, mas ele disse isto ou aquilo ou o outro, está a ver? Se calhar até o incómodo da cadeira é importante para nos lembrarmos de algumas coisas. Estas questões protocolares são mesmo assim, as cerimónias podem ser aborrecidas, cansativas, etc., etc., claro que devemos tentar na medida do possível, mas isso tem a ver com quem conduz a cerimónia, intercalar, portanto, algumas atividades, etc., ou assinaturas de protocolos, ou isto ou aquilo ou o outro, para tornar a cerimónia um pouco

mais dinâmica, portanto, isso é importante que se faça. Para não ser demasiado monótono. Eu acho que celebrar o Dia da Universidade que é sempre extremamente importante.

Teresa: Para encerrar que mensagem gostaria de transmitir sobre a importância do protocolo e do Dia da Universidade para a comunidade académica e para o fortalecimento da reputação institucional?

Reitor Santos Silva: Bom, depois daquilo que temos estado a dizer, repare eu não tenho dúvidas nenhuma que o protocolo e a celebração do Dia da Universidade é extremamente importante para a instituição. O que eu gostaria de continuar a ver era um envolvimento da instituição e, sobretudo, da região na comemoração do Dia da Universidade. E que todos em conjunto, quando falo na região falo dos parceiros políticos, empresariais, etc., etc., que todos estivessem presentes porque a Universidade é o principal motor do desenvolvimento da região, quer queiramos quer não, repare, Covilhã e Canhoso tem 18000 habitantes, a Universidade tem 10000 alunos, o que é que isto representa hoje? É necessário termos em consideração, mas são sobretudo os jovens e a capacidade formativa que temos, a formação para o futuro, para a vida, que deve ser chamada a atenção e, portanto, tudo o que se possa fazer neste domínio eu acho que é extremamente importante e é uma oportunidade de dizer que estamos presentes, que estamos a fazer e que somos um motor ao fim e ao cabo de desenvolvimento, eu acho que é essa parte que é importante.

Transcrição do Reitor João Queiroz

Teresa: Queria começar por lhe perguntar qual é o significado do Dia da Universidade para a instituição que representou e que no fundo também é sua?

Reitor João Queiroz: Olha, o Dia da Universidade é um dia solene, enfim, comemorativo, mas que também tenta juntar nessa cerimónia todos os *stakeholders* da universidade, quer os internos, quer os externos. Isto é, os professores, os funcionários e os estudantes, e os *stakeholders* externos são os parceiros externos, das câmaras, das empresas, etc. E, portanto, na minha opinião, é um dia de comemoração entre vários, enfim, intervenientes no dia-a-dia e na missão da universidade.

Teresa: Tem noção de quando é que isto começou e como é que surgiu a tradição de celebrar?

Reitor João Queiroz: Olha, eu ainda não lhe vou dar muitos pronósticos porque, como deve imaginar, eu estou na universidade desde que é universidade, desde 1986, ou estou ainda, mas nos primeiros anos obviamente não intervimos muito diretamente, e, portanto, eu acho que surgiu a partir do momento em que foi criada a universidade, em 30 de abril de 1986. E a partir desse momento foi-se criando o protocolo, as insígnias, etc., que ainda hoje persistem e muito bem, e, portanto, eu não conheço detalhes porque não participei ativamente nesse processo, foi o ano em que eu entrei na universidade.

Teresa: Como é que o protocolo contribui para a organização dos eventos e a consolidação da identidade institucional da universidade?

Reitor João Queiroz: Eu acho que é uma parte da identidade da universidade, não é? A universidade no dia 30 de abril e na cerimónia solene tenta demonstrar aquilo que é e a importância que têm os diferentes participantes no processo ou na missão da universidade, desde os estudantes e os professores e os funcionários até aos nossos parceiros institucionais externos, portanto, e toda a gente na universidade se identifica naquele dia com aquela sensação da cerimónia e com aqueles rituais e, portanto, é um fortalecimento da imagem institucional da Universidade da Beira Interior.

Teresa: Quais são os maiores desafios no cumprimento do protocolo naquele dia?

Reitor João Queiroz: Eu acho que um dos principais desafios é, enfim, arranjar forma de todos contribuírem para a cerimónia e, de alguma forma, não nos esquecemos de alguém, não alterarmos, mas de acordo com o protocolo as pessoas participam, porque isso é uma matéria muito sensível e às vezes acontece.

Teresa: Claro. Como é que o protocolo e a organização do evento refletem a identidade e os valores da universidade?

Reitor João Queiroz: Isso mesmo, porque é simbólica, porque é solene e porque tem a participação de todos e, portanto, desde o cortejo académico, enfim, ao discurso do reitor, ao discurso do convidado, à participação do conselho geral, que agora é órgão também de muita importância nas universidades, nas instituições de ensino superior e, portanto, eu acho que se vai consolidando ano a ano e, portanto, é muito importante, sim.

Teresa: Existem símbolos ou rituais específicos que são incorporados no evento, para destacar a história e a tradição da universidade, certo? Quais e como?

Reitor João Queiroz: Pois não sei. Quer dizer, eu acho que, por exemplo, no caso dos professores, o ritual de pôr as pessoas por ordem hierárquica ou o desfile acadêmico, o desfile que ocorre nesse, é um símbolo dos professores e do conhecimento e da transmissão de conhecimento aos alunos. A participação da associação acadêmica e do presidente da associação acadêmica também nas cerimônias é um símbolo da participação dos estudantes e a entrega de medalhas e prêmios de mérito, etc., é um símbolo também da participação e da forma ativa como os funcionários e os estudantes participam também na vida da universidade. Enfim, eu acho que há vários aspetos que podíamos destacar, mas que são todos importantes.

Teresa: Como é que são selecionados os convidados para o dia da universidade, incluindo os oradores, homenageados e as outras personalidades em destaque?

Reitor João Queiroz: Isto é difícil, porque depende das circunstâncias. Depende das circunstâncias e é ano a ano. Obviamente que há alguns critérios para os homenageados, não é? Que têm a ver, por exemplo, nos funcionários com X anos de trabalho na casa ou aos aposentados também, mas os oradores são em função às vezes do, enfim, daquilo que são as preocupações da Universidade naquela época e portanto a Universidade tem determinados objetivos, objetivos estratégicos e muitas vezes os oradores são convidados em função disso ou oradores mais políticos, personalidades da região ou a nível nacional ou até internacional, são escolhidos no sentido de encontro àquilo que é a missão e os objetivos estratégicos da Universidade ano a ano.

Teresa: Pois lá está, existe uma preocupação em garantir que os convidados estejam alinhados com os valores e a missão da Universidade, não é?

Reitor João Queiroz: É mesmo isso. No fundo, nós escolhemos convidados para traduzirem de alguma forma os interesses e a missão da Universidade e os objetivos estratégicos e são escolhidos dessa forma.

Teresa: Poderia mencionar alguns exemplos de convidados anteriores que tenham marcado a celebração?

Reitor João Queiroz: Olha, um dos que mais me marcou, durante a minha passagem como reitor da Universidade da Beira Interior, um dos que mais me marcou, e tive vários, mas um dos que mais me marcou foi o Doutoramento Honoris Causa no dia da Universidade que demos ao Engenheiro António Guterres. Ainda antes destas idas dele para a ONU e para a diretora da ONU, etc., foi um dos momentos e um dos convidados

que mais me marcou enquanto reitor e que tive o gosto e a honra de presidir, digamos assim.

Teresa: Quais são os elementos fundamentais do programa oficial da Universidade? Para além, são discursos, homenagens?

Reitor João Queiroz: Sim, eu acho que a entrega de prémios, de mérito aos estudantes, eu acho que é um momento muito importante, e outro que também não descuidaria é a entrega, é a homenagem aos funcionários, funcionários docentes e não docentes, pela sua participação durante os últimos 20 ou 25 anos na Universidade, e, portanto, eu destacaria esses dois.

Teresa: Como é que é gerida a ordem de intervenções e alocações para respeitar as normas protocolares?

Reitor João Queiroz: Ah, isso é algo histórico, não é? Que foi desde o princípio e tem sido sempre respeitado. Normalmente o reitor abre sempre a sessão com alguma, com algum relatório das atividades, mas com um olhar para a frente e dos projetos que a Universidade enfrenta e os desafios que enfrenta para o futuro, e normalmente a cerimónia, depois de todos os intervenientes, a cerimónia acaba com a pessoa mais importante, externa, que está na sessão, quer seja o Presidente do Conselho General agora, quer seja algum Ministro ou Primeiro-Ministro, como tivemos aliás alguns casos desses, e portanto normalmente são eles que terminam a sessão e é o reitor que começa a sessão.

Teresa: Quais os critérios que são utilizados para escolher os convidados de honra, como os oradores ou os homenageados?

Reitor João Queiroz: É aquilo que eu disse há bocadinho, é aqueles que vão de acordo estrategicamente com aquilo que a Universidade entende que são os desafios do futuro e os temas que são os desafios do futuro, e, portanto, nesse sentido aparecem os convidados de honra.

Teresa: Lá está, existe uma estratégia para os convidados mediante aquilo que se tem passado, certo?

Reitor João Queiroz: Sim, exatamente, sempre, sempre, para aquilo que se tem passado e para aquilo que se pretende, portanto, passar para a frente. Exatamente. Em termos de futuro, e por vezes tem uma intervenção de um carisma um bocadinho mais político, o que também é razoável porque a Universidade tem a sua envolvimento, e por

vezes tem um caráter um bocadinho mais técnico e um bocadinho mais dos temas que interessam na missão da Universidade.

Teresa: Que forma é que os estudantes, professores e os demais colaboradores são incluídos no planeamento e realização do evento?

Reitor João Queiroz: Pois, eu acho que o reitor tem sempre a preocupação, uma vez que é o dia da Universidade, e como eu disse, para mim é um dia solene de partilha entre todos os intervenientes, professores, funcionários, alunos, eu acho que, pelo menos na realização do evento, eles são altamente envolvidos, porque há uma equipa e um staff que normalmente está dedicado a isso na Universidade, e portanto, são todos convidados a participar e participam na realização da mesma, e efetivamente têm participado, o que é muito importante.

Teresa: Há espaço para as apresentações, projetos ou iniciativas desenvolvidas por membros da Universidade durante a celebração?

Reitor João Queiroz: Eu diria que aqui é um bocadinho menos sobrevalorizado, apesar de haver, por vezes, no dia da Universidade, uns momentos, que são as orações de sapiência, que havia agora não há muito, neste dia, aliás fui eu, mas eu cortei um bocadinho com isso, mas normalmente as orações de sapiência eram, no fundo, a transmissão de conhecimento de um professor sério, que falava para a comunidade sobre projetos que tinha desenvolvido e sobre aquilo que estava a desenvolver na área dele específico, e portanto havia só aí uma parte, enfim, pequenina de tudo aquilo que foi o dia 30 de Abril ao dia de hoje.

Teresa: Como é promovida a participação do público externo, como os ex-alunos, parceiros institucionais ou a comunidade local?

Reitor João Queiroz: São sempre convidados. Basicamente, por vezes, há anos em que nos interessa muito que os presidentes de câmara, por exemplo, da região estejam, portanto, há uma intervenção pessoal do diretor junto deles para que participem ativamente na sociedade, ou ex-alunos, por vezes, também, e, portanto, eu diria que são todos convidados a participar e por vezes há algumas chamadas particulares para que essa seja efetiva, que essa participação seja efetiva.

Teresa: Quais são os principais desafios enfrentados na organização e cumprimento do protocolo durante o evento?

Reitor João Queiroz: É uma questão de organização e de compatibilizar diferentes sensibilidades e de compatibilizar a dimensão do evento. Eu diria que o mais importante seria na organização, enfim, se for bem preparada e bem planeada, teria tudo para correr bem, no cumprimento do protocolo, por vezes há algumas falhas, mas que têm a ver também, diria eu, com alguma surpresa em alguns convidados que, entretanto, aparecem ou que, à última hora, são enfrentados de outra maneira, portanto aqui estamos sempre na corda bamba, mas para mim, quanto mais planeamos e trabalharmos em conjunto, melhor organizamos e, portanto, mais fácil é o cumprimento. Há imprevistos que acontecem, há um conjunto de convidados que às vezes não aparecem e há um conjunto de convidados que aparecem e, portanto, nesse aspeto é preciso saber lidar com isso.

Teresa: Na sua opinião, quais são os principais impactos a curto e longo prazo que o dia da Universidade tem para a instituição?

Reitor João Queiroz: Eu acho que é a criação de uma imagem forte e de uma interação com todos os parceiros, quer locais, quer nacionais, e o impacto que eles têm. Portanto, eu diria que é uma imagem que se vai criando e isso vai se refletindo a curto e longo prazo, até a participação das empresas na vida da Universidade e na concessão de estágios, na concessão de prémios aos estudantes, é um reflexo a curto e depois também a longo prazo. E, portanto, sim, acho que o impacto positivo existe sempre na Universidade.

Teresa: O evento já gerou parcerias ou iniciativas que se destacaram na continuidade das atividades da Universidade, não é?

Reitor João Queiroz: Sim, eu acho que sim. De uma maneira geral, podemos ter algumas iniciativas em que a participação ativa de empresas ou bancos ou câmaras, em determinadas especificidades no dia da Universidade, leva outros que estejam a assistir à cerimónia a quererem também contribuir e quererem participar, porque no fundo é uma festa da Universidade, que é muito importante para os alunos e para o seu futuro, e que é muito importante para a dinâmica da Universidade, como se tem com os públicos externos, sejam eles câmaras municipais, bancos, empresas, instituições de solidariedade social, o que for.

Teresa: Os desafios e transformações que as instituições de ensino superior enfrentam, como imagina que o dia da Universidade pode evoluir nos próximos anos?

Reitor João Queiroz: Eu diria que um dos grandes desafios que as Universidades têm, além daquilo que tem feito muito, eu imagino que o dia da Universidade se vai manter,

podendo sofrer alguns ajustamentos, mas uma das mais valias que provavelmente poderá ter maior intervenção no futuro é as parcerias internacionais. A Universidade da Beira Interior está num projeto de uma universidade europeia, numa aliança de uma universidade europeia, e essa parte da internacionalização, da partilha entre funcionários, entre pessoas e entre alunos é muito importante. E, portanto, eu diria que todas as Universidades têm uma parte de internacionalização que é importante, e eu diria que teremos uma participação maior e mais ativa da nossa cooperação internacional nos dias da Universidade, portanto temos de incluir nossos parceiros internacionais aos vários níveis também nesta cerimónia. Mas eu diria que a espinha dorsal das cerimónias e dos rituais, é dizer, dos símbolos, das insígnias, se mantêm durante muitos anos.

Teresa: Considerando as edições futuras, há algo que gostaria de implementar ou modificar em termos protocolares?

Reitor João Queiroz: Não há nada de especial sem ser esta, enfim, de estarmos atentos e estarmos abertos à sociedade em geral e aos desafios que a universidade tem. Enfim, ir implementando isso em termos protocolares, não há nada de especial.

Teresa: Para encerrar, que mensagem gostaria de transmitir sobre a importância do protocolo e do Dia da Universidade para a comunidade académica e para o fortalecimento da reputação institucional?

Reitor João Queiroz: É forte a pergunta, não é? Eu acho que a reputação institucional não está só no Dia da Universidade, mas é um momento importante para a imagem e para a sua relação com o exterior e com o interior, e, portanto, eu diria que é muito importante o Dia da Universidade e as consequências e o que ela representa e, portanto, não tenho muito mais a dizer.

Transcrição da entrevista ao Reitor António Fidalgo

Teresa: De uma forma breve, o significado do Dia da Universidade para a instituição que o representou e que ainda que o represente de alguma maneira, não é? Qual é o que é que pode partilhar connosco?

Reitor António Fidalgo: Bom, de certa forma, o Dia da Universidade enquadra-se numa tradição em Portugal, que todas as universidades têm um dia especial, onde se faz o cortejo académico, onde se procede a cerimónias, várias, e o Dia da Universidade normalmente tem a ver com o dia ou da sua promulgação, ou no caso da Beira Interior,

com a promulgação dos estatutos, dos primeiros estatutos da universidade. E, portanto, é sempre um momento em que a comunidade académica tem a oportunidade de se juntar e de celebrar a universidade. Nós temos, talvez, o discurso do reitor, mais discurso da associação. Temos também o reconhecimento das pessoas que trabalham na universidade, seja de aluno, seja de professor, seja de funcionário.

Teresa: Claro. Tem uma ideia de quando é que surgiu e como é que surgiu a ideia de celebrarmos o Dia da Universidade?

Reitor António Fidalgo: Não, eu não sei. Sei que é a data do 30 de abril e é a data da homologação dos estatutos, dos primeiros estatutos da universidade. Porque realmente não tem a ver com a criação, penso eu, da universidade em 30 de abril, não é daí que será a obtenção das informações, mas penso que tem a ver com a promulgação dos estatutos. Se bem me recordo, quando a primeira vez que aqui assisti ao Dia da Universidade, ainda houve a oração de sapiência, ainda era feita, uma oração que era feita por um professor, era feita, também se fazia a oração de sapiência, exatamente. A oração de sapiência, sim, eu fiz a oração de sapiência no Dia da Universidade. Agora, alterou-se e colocamos a oração de sapiência numa outra ocasião. Na altura das aulas. Mas, quando cheguei aqui à universidade, em 91 ou 92, já estava definido o dia, colocaram-me aqui o primeiro, não, já me lembro muito bem, estou a confundir, estou a confundir com a bênção das pastas, agora já é a primeira vez que vim aqui. Primeiro que eu falo sou o Martinho, estou a confundir.

Teresa: Como é que o protocolo contribuiu para a organização do evento e para a consolidação da identidade?

Reitor António Fidalgo: Bom, o protocolo verdadeiramente inicia-se quando se dá aqui em setembro de 95, que vem o primeiro-ministro de Portugal, o professor Cavaco Silva, que tinha uma ligação forte com o primeiro-reitor, com o professor Paços Morgado, e a concessão dos primeiros *honoris causa* na Universidade logo a quatro individualidades. E, nessa altura, eu já era vice-reitor, o professor Paços Morgado já me tinha confidenciado que iria reformar-se no final do ano e que, portanto, teria que haver eleições, a passagem de testemunho. Isto é em 1995 e verdadeiramente é nessa altura, no início do verão de 95, que ele me convida para vice-reitor e que procede a mudanças na gestão da casa, nomeadamente também com a nomeação do professor Venâncio para diretor do CEDR, que tinha sido sempre dirigido pelo professor Marques Reigado. E, portanto, nessa altura entra-se no verão de 95, ali já, de certa forma, antevendo o final do mandato, com vários mandatos, porque o professor Paços Morgado esteve à frente da instituição, primeiro do Instituto Politécnico, depois do Instituto Universitário e depois

da Universidade, no todo 17 anos e que marca completamente a maneira de ser até da Universidade. E, nessa altura, quando se começa a falar na cerimónia, uma coisa que eu sou vice-reitor tinha dado sempre bastante importância à parte, como eu ia dizer, à parte formal, digamos, entre aspas, litúrgica, das cerimónias da Universidade. E, então, eu lembro-me que a primeira ação que, verdadeiramente, tomo como vice-reitor é a decisão de que as togas não são feitas em Lisboa, não são feitas no Porto, como acontecia, mas que as togas deviam ser feitas aqui na Covilhã, em preferência na própria Universidade. E a razão era que, se a Universidade tinha técnicas e costureiras no departamento de Têxtil, nós podíamos fazer aqui as togas. Eu lembro-me que, então, se pediu a toga, não sei se foi a do Prof. Santos Silva, Vice-Reitor, se foi a do professor Passos Morgado, um modelo, então, para fazermos aqui as togas. E a primeira ação que eu fiz foi pedir ao professor Lucas, o José Lucas, que era professor de Têxtil, para irmos ao Parque Industrial do Tortosendo, comprar uma peça, uma daquelas peças enormes de tecido. Ele lá viu qual era o tecido, porque não percebia nada disso, e, então, fomos os dois comprar ou encomendar uma peça dessas, uma dessas fábricas. Não sei qual foi a fábrica, era do Parque. Lá comprámos, e, então, as senhoras começaram a fazer as togas. E, efetivamente, isso foi nesse período, fizemos muitas togas, começamos a fazer, as pessoas convidaram-se os doutorados a mandar fazer as suas togas, a Universidade, o que aconteceu. E, de tal maneira que conseguimos, enquanto antigamente havia poucas togas, algumas que havia eram de universidades, onde os professores tinham feito seu doutoramento na Inglaterra, mas não havia as togas. Aqui só, professora, que eu me lembro, só havia duas ou três togas, aqui mesmo, da Universidade da Beira Interior. E, então, começámos a fazer as togas, e, aliás, também era preciso fazer as togas para os doutores *honoris causa*. Que era o professor Pinto Peixoto, o professor Ribeiro Gomes, o professor Carlos Conde e o professor Carvalho Rodrigues. E que foram importantes na afirmação da Universidade. É a vinda do primeiro-ministro, aqui é a cerimónia, o primeiro-ministro está presente durante todo o dia, inaugura a reitoria, o Convento de Santo António, como reitoria da Universidade, isto em setembro, e temos os quatro doutorados *honoris causa*. E aí, nessa cerimónia, de certa forma, há uma formatação do que veio a ser, digamos todas as cerimónias dentro da Universidade. Eu lembro-me que, no dia anterior, pedi ao professor Passos Morgado para ensaiarmos, ensaiarmos o que é a missa seca, como acontece nos padres, que antes de se levar à primeira missa, fazem uma missa seca para treinar, mas ainda não é propriamente a missa. Então, a brincar, eu disse, temos que fazer a missa seca. E eu lembro-me que ele não dava muita importância, ele não era assim muito virado para essas coisas de cerimoniais, mas, no final do dia, viemos com ele, o Doutor Melo, já não sei quem mais, talvez a dona Marina Manuel, a secretária, mas o Doutor Melo estava, porque ele ficou combinado com o doutor Melo,

que seria o mestre de cerimónias, e então lá estivemos a treinar os passos, os gestos que é necessário fazer. E às tantas, o professor Paços Morgado, lembro-me isso, é muito mais complicado do que eu julgava. Então, mas onde é que ficavam os doutorandos? Ou seja, havia os cadeirais para os doutores, havia a mesa da presidência, onde ficaria o reitor e o primeiro-ministro, mas depois onde é que ficariam os candidatos, ou seja, os doutorandos honoris causa, que ficariam sentados no auditório, na assembleia, ou na primeira fila, mas depois como é que se desenvolvia o processo de quem é que os ia buscar, então seria o padrinho, como é que o padrinho faria o acompanhamento do candidato, como é que também era necessário o texto em latim, fizemos, logo aí ficou decidido, faríamos o texto em latim para atribuição das cartas doutorais, que seria, nós ainda continuamos a manter o latim nas cartas de curso, nas cartas doutorais, e tudo isso era algo que ficou algo confuso para o professor, para o reitor da época, quer dizer, isso é muito mais complicado do que o que eu julgava. Bom, mas lá fizemos, ensaiámos, o doutor Melo, havia a vantagem do Doutor Melo, não estar dentro do assunto, mas ele gostava também da parte formal, e portanto, aliás, como é que o Doutor Melo iria vestido, os professores iriam de toga, os estudantes com o seu traje académico, mas a questão era como o chefe, o chefe de cerimónia, então foi ele, não foi o professor Pinho Peixoto, disse-lhe, há uma capa, uma capa, disse-lhe muito bem, fica muito bem com uma capa, então foi assim que se arranjou uma capa para o Doutor Melo. Penso que um pouco à semelhança do que aliás há em Coimbra, que vamos mais tarde a ver, quer dizer, há uma capa que tem com o mestre de cerimónias em Coimbra também usa, portanto, fez-se essa missa seca e depois isso levou ao outro dia a seguir, também ao posicionamento dos professores, à ordem, ao ordenamento por antiguidade na categoria docente, dos auxiliares, também à questão dos epitógios e das medalhas, foi uma questão que levantou alguma confusão, porque, entretanto, já havia algumas pessoas que tinham medalhas poucas, mas havia, por exemplo, lembro-me que o professor José Pacheco, que era uma das pessoas mais antigas da casa de doutorados, porque nessa altura, efetivamente, ainda eram poucos os doutorados que havia, havia muitos convidados, é verdade, mas os doutorados de carreira na casa eram poucos. Bom, mas havia já medalhas de prata, depois as medalhas de bronze, para, digamos, para serem suspensas nos epitógios e a questão também da barretina, porque provavelmente até ali a barretina, havia a barretina, eu devo dizer que a barretina é diferente, mas que copia bastante, ou é idêntica à da Universidade Nova de Lisboa, e isso tem a ver com o professor Pinto Peixoto, que esteve, tanto na criação da Universidade Nova de Lisboa, ainda antes do 25 de abril, como aqui com a criação da Universidade da Beira Interior. E, portanto, eu já não sei quem é que definiu, lembro-me de definirmos a cor dos epitógios, e isso ficou assente, porque isso tinha que se dizer tudo antes, que nós resolvemos, quais eram os a cor dos epitógios,

portanto, o reitor com o branco, depois as engenharias com a cor de tijolo, e as ciências exatas, como se chamavam nessa altura, eram o azul celeste, e depois as ciências sociais e humanas era o grená, eram três faculdades, o que ficou assim, só mais tarde é que veio a medicina, muito mais tarde veio a medicina com o amarelo, e depois as artes e letras com o epitógio de azul real, *royal blue*. Isto foi, de certa forma, nos finais do mandato do professor Passos Morgado, que tem a ver, curiosamente, com a inauguração da Reitoria. A Reitoria ainda foi inaugurada, mas ainda faltavam as cadeiras e os cadeirais na sala dos atos, o edifício estava mais ou menos pronto, mas ainda faltava o mobiliário, mas que veio depois a ser, foi inaugurada em setembro, ainda muito incompleta, mas não ficou a funcionar, e verdadeiramente depois é a Reitoria só que foi inaugurada em setembro de 1995, mas só começa a ser usada depois da eleição do primeiro reitor, do segundo reitor, o professor Santos Silva, que foi eleito em novembro, mas no próximo dia 19 de janeiro de 1996. E eu colocou-se um problema, porque o professor, o reitor, verdadeiramente, que é o professor Passos Morgado, tinha ocupado as instalações da Reitoria aqui no Polo I, e no dia 20 continuava na mesma, então foi necessário, só no dia 24 de janeiro é que o professor Santos Silva e a secretária Dona Fernanda, eu e a secretária D^a Lúcia, fomos para o convento, fomos só os quatro, mas os quatro para a Reitoria, para começar a desempenhar funções, porque a universidade estava a crescer. O modelo de universidade do professor Passos Morgado ainda era um modelo muito, como eu hei-de dizer, de uma instituição ainda muito pequena, em que ele tocava a campainha e as pessoas vinham aqui no Polo I, mas depois, aliás, eu avisei-o no momento em que a Reitoria for para o convento, para o Convento Santo António, e as faculdades ficarem fora, já estavam em construção, em construção muito avançada. A faculdade de ciências sociais e humanas, na Ernesto Cruz, aliás, a faculdade já existia, só que estava no edifício que agora é ali, nesse edifício criado para isso, o edifício que agora é o das matemáticas e informática. E é que começou por ser, eu acho que entrámos nesse edifício em 1994, 93. Não, até mais cedo. Mais cedo, mais cedo. O edifício, já não me lembro muito bem, mas o edifício, nós inaugurámos o edifício, deve ter sido em 92, 93, que o edifício aqui das matemáticas tinha sido financiado para ser a faculdade de ciências sociais e humanas, onde nós, porque a faculdade de ciências Sociais e Humanas estava tudo no polo I, quando eu digo é na fase, na fase 1, é na fase 2. Bom, mas tinha lhe dito que a maneira de estar da universidade se iria alterar radicalmente no momento em que o reitor, a reitoria fosse para o Convento de Santo António, havendo uma distância física entre a parte administrativa e a parte científica-pedagógica. Isso foi o que aconteceu. Portanto, a partir daí. E depois foi-se desenvolvendo, não é claro? Mas estava-se desenvolvendo com a dispersão da universidade nos diferentes polos. Agora, a parte do protocolo essencial, efetivamente, é esse momento da construção dos *honoris causa* e que depois também se sustenta, de

certa forma, todas as cerimónias da universidade, os doutoramentos, porque ao princípio foi difícil, porque ainda não havia hábitos, portanto, o mais difícil foi a primeira cerimónia, sem dúvida. Depois a segunda cerimónia foi, já, a tomada de posse do reitor Santos Silva, em 19, porque nessa altura eu penso que não havia abertura das aulas, isso é posterior, mas a segunda cerimónia, assim que também envolve o cortejo académico, uma coisa interessante foi como é que, de onde é que o cortejo académico sairia e de onde é que iria. E, portanto, nós nessa altura já tínhamos o Anfiteatro das Sessões Solenes, já tinha a ver, e obviamente não havia ainda o Anfiteatro da Medicina, e, portanto, mas como é que se fazia o cortejo académico? Então aí ficou decidido que o cortejo académico partiria da Capela de São Martinho, que a Universidade tinha recuperado, da Diocese, mas quem fez a recuperação foi, porque o edifício estava completamente degradado, estava em ruínas, foi a Universidade que o recuperou, e, de certa forma, houve um acordo entre a Diocese e a Universidade, sendo da Diocese, mas ficando ao serviço da Universidade, até porque havia nos primeiros estatutos a figura do Capelão, nos primeiros estatutos, não é? Desapareceu depois nos outros estatutos, nos estatutos de 2009, já após RJIES, desaparece a figura do Capelão, mas nos primeiros estatutos temos a figura do Capelão. E é nessa base que, de certa forma, temos a Capela de São Martinho, que estava muito bem construída, aquele edifício é uma joia arquitetónica, e então decidiu-se que o cortejo se formaria na Capela de São Martinho e que viria pela estrada. Então foi necessário cortar até o trânsito e, portanto, foi pela estrada, aquelas escadas que vêm da entrada do edifício da Física, hoje em dia o edifício da Física, da Faculdade de Ciências, portanto, começámos a descer e entrámos, no meio das escadas, no Anfiteatro das Sessões Solenes. E, portanto, foi esse o modelo que depois sucedeu, o cortejo académico, que depois foi sendo alterado, alterado quando havia chuva passou para dentro, e depois hoje em dia nós já não vamos à rua, mas as primeiras, ainda há filmagens, não sei se se perderam se não, mas havia filmagens dessa cerimónia, dessa cerimónia do cortejo académico pela... Isso causou alguma impressão até na cidade, nos meios de comunicação, porque é a primeira vez que havia cortejo académico. Foi, portanto, o primeiro e depois o segundo.

Teresa: Ainda hoje causa alguma emoção nas pessoas?

Reitor António Fidalgo: Sim, mas como neste momento já é mais tradicional e é muito interno, ou seja, também muito interno. Embora, obviamente, quando causou mais emoção foi quando a Universidade se alargou, à Faculdade de Ciências da Saúde, e depois começou, os cortejos começaram a engrossar imenso, e, portanto, já não eram só 20, 30, os cadeirais, os cadeirais que estavam aqui na Anfiteatro das Sessões Solenes, que não dá para muitos, eram para duas dúzias, duas dúzias, trinta pessoas, talvez pouco

mais. Depois, obviamente, foi que não chegaram, e então foi necessária uma parte, a parte lateral, mais estreita, do Anfiteatro das Sessões Solenes também se ficar adstrito aos doutores, com as suas togas. E, portanto, isto foi a...

Teresa: Faz tudo parte da identidade. Olhe, quais são os maiores desafios no cumprimento do protocolo durante o dia da Universidade?

Reitor António Fidalgo: Bom, há uma coisa que falhou, e que falhou imenso, que foi a questão do coro. A Universidade devia ter um coro. Temos sempre... tem havido recurso a entidades externas, nomeadamente à escola profissional, ou também ao Orfeão, mas a escola e a parte musical é a parte onde nós temos a maior falha. Penso que... Penso que os procedimentos já estão bastante estabelecidos. Aliás, o Dr. Melo foi sempre o guardião desses procedimentos, e que ele cumpria. De certa forma, as pessoas foram habituando-se. Então, foram habituando-se às cerimónias, e, portanto, hoje em dia faz parte dessas cerimónias. Mas o protocolo não chegou até aqui, porque assim temos o protocolo dos atos académicos, propriamente ditos, que é as provas de agregação, os doutoramentos, porque nós ainda continuamos a usar as togas. Só, obviamente, agora, os grandes desafios é que, seja por causa da pandemia, seja pela participação online à distância dos membros, torna-se tudo mais... alteram-se. A natureza dos atos altera-se. E também o facto de, hoje em dia, as cerimónias serem transmitidas online. Ou seja, os atos académicos. O mesmo seja o dia da universidade. Ou seja, isso possibilitava que as pessoas, o ato académico ou estas cerimónias, são momentos de celebração e de identidade da instituição. Onde as pessoas se identificam com a própria instituição. E eu penso que isso foi conseguido na Universidade. O facto de termos este cerimonial, porque eu lembro-me de haver colegas aqui dos Politécnicos que tinham estado na Universidade, e depois já comigo para os Politécnicos de Castelo Branco e da Guarda, que diziam que no meu tempo não havia nada disso. Mas a questão é assim. Mas agora há. E a questão era especialmente importante para criar essa identidade. Essa identidade. A identidade da instituição. E que mais tarde se veio também concretizar com o título ubiano.

Teresa: Pois, lá está. No fundo também refletem a identidade e os valores da Universidade.

Reitor António Fidalgo: Sim, exatamente. Ou seja, toda esta parte do protocolo, seja das togas, seja dos procedimentos, seja das fórmulas, seja do latim, era uma maneira de dar uma identidade à Universidade. E nesse aspeto, a Universidade, quando começou a fazer isso, já havia Universidades que tinham arranjado identidades até específicas, em contraste até com Coimbra. Por exemplo, a Universidade de Aveiro tinha criado uma identidade nas cerimónias, muito mais informais que a Universidade de Coimbra. A

Universidade de Coimbra era um formalismo muito rígido, e ainda continua a ser. Mas aqui a Universidade da Beira Interior bebeu muito mais da formalidade de Coimbra. Aliás, houve muitos doutores de Coimbra que vieram a estas primeiras cerimónias, até porque era ver os doutoramentos honoris causa. Muitos deles vinham aqui dar aulas. Portanto, eles vieram com as suas togas e capelos, vieram com as batinas, etc. E isso foi extremamente importante, porque apareceram as outras Universidades com as suas indumentárias, e a Universidade da Beira Interior também com a sua indumentária própria, nomeadamente aquele azul-cobalto que nós temos nas mangas. E depois também a cor dos epitógios. E, portanto, isso também marcou, de certa forma, nós estávamos ali a afirmar uma identidade que era diferente de uma identidade da Universidade deles, estou aqui a falar das duas Universidades do Centro, que era Coimbra que está na ponta do formalismo, Aveiro, a Universidade de Aveiro muito mais informal até pela influência anglo-saxónica que trazia e depois a Beira Interior que ficou de certa forma, que copiou mais Coimbra do que Aveiro. Houve até reações, que bom, ainda é pior, em termo de formalismos, do que Coimbra, mas foi assim que se conseguiu o protocolo.

Teresa: No fundo também adaptamos muitos símbolos e rituais específicos na nossa incorporação, não?

Reitor António Fidalgo: Sim, eu penso que aí a questão de nós termos fixado no latim foi algo que marcou muito.

Teresa: Nesses símbolos e rituais específicos são incorporados no evento como o cortejo, a atribuição dos doutoramentos honoris causa, tudo isso faz parte de uma história que nós construímos, não é?

Reitor António Fidalgo: Sim, exatamente, e depois também a questão do próprio procedimento relativamente a como é que nós fizemos relativamente a quando é que o Reitor tira o epitógio, que é o símbolo de Reitor e coloca na mesa que é para depois o novo Reitor receber esse epitógio com a medalha de ouro, ficou assente logo nesse primeiro que só Reitor teria a medalha de ouro, portanto, e que os Catedráticos é que teriam direito à medalha de prata, portanto, isso ficou assente desde a primeira reunião. E foi nessa altura que se mandaram fazer as medalhas, a medalha de ouro para o Reitor, que é sempre a mesma, e que está no cofre da Universidade.

Teresa: Como é que são selecionados os convidados para o Dia da Universidade, incluindo os oradores, homenageados, e outras personalidades de destaque?

Reitor António Fidalgo: Bom isso, obviamente, depende muito do Reitor, que é ao fim e ao cabo, a personalidade que preside às cerimónias, mas também tem a ver com depois com os homenageados se for um caso de, na questão da atribuição dos doutoramentos honoris causa, no dia da Universidade obviamente que isso tem a ver com toda a envolvência social, política, mas social, aqui da região. Obviamente, sempre com, havia sempre a questão da representação governamental, havia sempre um membro do governo presente nas cerimónias, isso é algo que marcou muito no início haver esse momento, que foi o Primeiro Ministro, não é, isso foi extremamente importante, antes disso eu penso que já tinha havido aqui, e também uma Presidência Aberta, uma cerimónia com a Presidência Aberta, do Presidente da República, Dr. Mário Soares, Presidente da República, mas nessa altura ainda não havia esta componente das togas, do cortejo académico, portanto, foi mais umas reuniões informais, quer dizer, com o peso de Estado que havia, onde não havia esta componente cerimonial académica.

Teresa: Os convidados foram sempre no intuito de garantir que os convidados estivessem alinhados com os nossos valores e a missão da Universidade, certo?

Reitor António Fidalgo: Sim, claro. Sendo uma Universidade Pública é fundamental a presença do membro do Governo, nomeadamente o ministro que tutelava as Universidades, ou então o secretário de Estado. Lembro-me que, no dia, portanto, nesse ato inicial da pessoa que pessoa do Passos Morgado, de certa forma, com que ele fecha, de certa forma, o seu percurso. Claro, ele ainda ficaria a reitor até à tomada de posse do Prof. Santos Silva. Mas, verdadeiramente, a cerimónia em que ele se despede da Universidade, verdadeiramente, é esta em que está presente o Primeiro-Ministro Cavaco Silva e em que são homenageados os 4. É os 4 primeiros em que são concedidos os primeiros doutoramentos honoris de causa.

Teresa: Poderia mencionar alguns exemplos de convidados anteriores que tenham marcado a celebração?

Reitor António Fidalgo: Bom, quem marca a celebração depois é já a com a concessão do Prof. Santos Silva, nomeadamente, até já em mira da questão da probabilidade de medicina, concede o doutoramento honoris causa a individualidades, portanto, pessoas da área tanto das ciências farmacêuticas como da medicina. Mas, depois, é o Prof. João Queiroz, é o terceiro reitor, porque eu fiz isso quando houve a primeira campanha aberta, digamos, de candidaturas a reitor em 2009, em que apareceu o Prof. Santos Silva, o Prof. Queiroz e eu também, além do Prof. Jorge Barata. Eu fiz muita questão da Universidade não aproveitar esses momentos celebratórios para afirmar a sua identidade e para se projetar. E eu creio que esse foi um ponto do meu programa que foi muito bem

aproveitado pelo Prof. João Queiroz, de tal maneira que ele concedeu depois o honoris causa a personalidades marcantes da vida portuguesa, que foi o ex-primeiro-ministro António Guterres, que tinha estado na genes da Faculdade de Ciências da Saúde e a criação do curso de medicina aqui, e também a atribuição do doutoramento honoris causa ao ex-presidente da República António Ramalho Eanes.

Teresa: Quais são os elementos fundamentais do programa oficial da UBI? São os discursos, as homenagens, e essas coisas importantes, as que considera mais importantes, quais são os elementos fundamentais do programa?

Reitor António Fidalgo: A questão central é sempre o discurso reitoral, e há afirmação, porque pode ser, portanto, muitas vezes o professor Passos Morgados, uma pessoa a analisar os discursos, era uma espécie de um relatório de atividades, o que eu fazia era um relatório de atividades. E sobretudo que tinham a ver mais com os elementos da Universidade, em números, sobretudo até na parte física, que era o objeto brincadeira sempre, quantos metros quadrados, etc. E depois também os equipamentos laboratoriais, etc. Penso que essa questão foi evoluindo ao longo do tempo, e neste momento mais do que fazer um relatório de atividades, é afirmar a Universidade até de uma forma perspetiva. Sobretudo, nos meus mandatos eu procurei que os discursos reitorais visassem a afirmação da Universidade, nomeadamente na criação da identidade, reforçando esse cunho, já não só do ponto de vista formal, porque o protocolo é formal, mas através do discurso mostrar que, tornar essa forma no conteúdo, ou seja, falar sobre o assunto. Eu penso que durante o tempo em que fui reitor, foquei muito nessa parte da identidade da Universidade naqueles momentos. Portanto, são momentos em que, de certa forma, balizam o dia-a-dia da Universidade. Balizam no sentido que nós pertencemos a uma instituição, não são aulas *ad-hoc*, não são atividades *ad-hoc*, há um sentido comum, há uma identidade comum, há uma comunidade fundamentalmente, foi isso que eu sempre centrei, que era o protocolo, o formativo de uma comunidade, do sentido... De pertença, exatamente, de pertença. O que nós dizemos em termos clubísticos em Portugal que é muito forte, que é o vestir a camisola. E, efetivamente, se há alguma coisa que em Portugal, que é a parte clubística, de futebol, etc., é o vestir a camisola. E aqui penso que foi muito importante, porque eu devo dizer que quando aqui cheguei, os alunos não sentiam a Universidade, eram mais umas... Verdadeiramente não vestiam a camisola, como nós conhecemos em Coimbra, porque em Coimbra há a tradição fortíssima das capas, etc., que já não há existente nas outras universidades, são posteriores, mas em Coimbra, até por causa do fado, das tradições de Coimbra, havia essa identidade muito forte por parte dos estudantes. E aqui, na Beira Interior, não havia. E, portanto, aí é quando há necessidade, os próprios alunos avançam com isso muito,

com as suas Tunas, isso é um elemento identitário muito forte, e depois o desporto universitário, e tudo se começa a formar nessa altura. Portanto, a Universidade vai ganhando essa identidade, na parte desportiva, obviamente, mas hoje em dia são campeões europeus em algumas modalidades, um pouco, aliás, também à semelhança do que acontece. Nós aqui em Portugal, a parte desportiva não é tão importante como nas universidades americanas. Faz parte essencial da Universidade americana o desporto. Nas universidades europeias não é isso. Nas universidades europeias é a partes diferentes, sobretudo, muitas delas são históricas. Agora as universidades novas não têm esse peso de Salamanca, ou de Córdoba, ou das universidades de Montpellier, ou de Bolonha, que são das primeiras universidades da cristandade. Portanto, estas universidades novas criam a sua identidade, de certa forma, adotando muitos elementos que são da tradição universitária, nomeadamente os cortejos, as togas, etc. E foi isso que manteve... que permitiu criar essa identidade

Teresa: Como é que é gerida a ordem de intervenções e alocações para respeitar as normas protocolares? Como é que é feita essa gestão?

Reitor António Fidalgo: Normalmente, portanto, hoje em dia nós temos uma alteração com o REJIES onde existe uma outra figura, que é a figura do Presidente do Conselho Geral, que é uma personalidade externa à Universidade. Mas quem representa a universidade é o reitor. Portanto, a questão essencial sempre na cerimónia é o discurso reitor. Esse é o discurso reitor. Muitas vezes isso também depende da personalidade do próprio reitor. Há reitores que são mais afirmativos, que conseguem uma afirmação maior, algo com o carisma pessoal. Mas aqui penso que na universidade a questão tem sido, mais do que carismas pessoais, tem sido o carisma do lugar. Ver o reitor como a personagem principal e dar-lhe o destaque, o relevo, e logo por encerrar o cortejo como acontece com o Papa ou com o Bispo, nos cortejos litúrgicos, etc. Bem em último lugar, a reunião da Inglaterra, nas cerimónias de Estado, também a figura mais importante é o último a entrar e é o primeiro a sair. Isso faz parte do protocolo de Estado. E também faz parte do protocolo da universidade. O reitor é o último a entrar na sala. Agora, isto é um pouco desvirtuado, porque por causa da feitura, da colocação dos doutorados, o reitor assenta primeiro e depois, ou seja, é só quando o cortejo académico toma o último lugar, que toma o lugar. Mas isso podia ser arranjado de outra maneira e permitir que o reitor também fosse sempre a última a chegar. Depois há a ordem. A ordem tem a ver também com os corpos da universidade. O representante dos estudantes também fala sempre. Ele normalmente a seguir ao reitor. E depois há o convite a outras personalidades, que, por exemplo, em Coimbra, as outras personalidades não têm direito à palavra. Em Coimbra,

a comunidade é apenas a comunidade académica. Só falam os membros do corpo de doutores ou do corpo de alunos. Não há outros corpos a falar, nomeadamente, externos.

Teresa: Quais os critérios que são utilizados para escolher os convidados de honra, como os oradores e os homenageados? Tem algum critério específico?

Reitor António Fidalgo: Ah, portanto, é sempre a questão da... Bom, aqui se for só alguns convidados parecidos para estarem presentes, aqui não há assim tanta seleção. Mas, obviamente, convidam sempre as pessoas que dentro da sociedade, não tanto de individualidade, mas é por cargos. Presidentes de Câmara, Hospitais, Centros de Saúde, etc. E nós vemos a comunidade. Agora, também se convidam para a assistência, para tomarem parte, pessoas que são ligadas, seja pela docência, todos os Professores convidados, médicos, etc. E outras personalidades. Depois... Os antigos alunos também são sempre convidados.

Teresa: As personalidades convidadas?

Reitor António Fidalgo: Agora, de personalidades ativas, quer dizer, vão falar. Obviamente, isto é sempre, se for no caso do... doutoramento honoris causa, é sempre a questão do padrinho. E, em princípio...

Teresa: Mas essas personalidades são convidadas sempre como, digamos assim, tendo em vista, portanto, a missão e os objetivos da Universidade, não é?

Reitor António Fidalgo: Sim, claro, claro, claro. Há sempre uma ligação. Mas também nada impede de a Universidade homenagear uma pessoa pelo seu valor, em princípio, porque o que se diz é que a Universidade a homenagear alguém, portanto, é ela própria que se está a honrar, honrando, concebendo o título de doutor honoris causa, a uma individualidade, ela, de certa forma, está também a receber... Portanto, há um reflexo desse ato honorífico na entidade que concebe essa honra. E, portanto, o caso do atual secretário-geral das Nações Unidas, o Eng.º António Guterres, a Universidade da Beira Interior foi a primeira Universidade a conceder-lhe o grau. Depois já lho concedeu a Universidade de Coimbra, depois a Universidade de Lisboa, mas a primeira foi a Universidade da Beira Interior. E, portanto, isso tem sempre algum peso. Agora, quem é o padrinho? Há o discurso, na Universidade de Coimbra, por exemplo, são os professores que fazem o elogio do doutorado. Aqui são sempre, nós aqui, ao princípio até por falta de professores, lembro-me que foi o próprio reitor, que foi o padrinho de um dos candidatos, de um dos doutorandos, o professor Santos Silva, que era o reitor de um outro, e assim. Mas depois, quando se homenageou o professor Veiga Simão, que tinha

sido o fundador aqui da Universidade, ainda no anterior sim, através da criação do Instituto Politécnico da Covilhã, em mil e novecentos e setenta e três, sendo ele o ministro da Educação, o padrinho foi o, então, presidente da Assembleia da República, António Almeida Santos. E que foi aí, fez um discurso extraordinário. E, portanto, são esses momentos que marcam, de certa forma, quando o professor Adriano Moreira, que foi o mestre daquilo, do título do doutor honoris causa, quem foi o padrinho, foi o antigo reitor da Universidade do Minho, o professor Lúcio Craveiro da Silva. Eram altas individualidades. Eu procurei sempre, no caso em que se fizeram os doutoramentos, aqui, que os padrinhos fossem membros do Colégio Doutoral da Universidade. Porque, verdadeiramente, o honoris causa é a inclusão de uma pessoa dentro do claustro, chama-se o claustro universitário, que é composto dos doutores. E, portanto, isso são, até mesmo a linguagem, é uma linguagem que tem muito a ver com o meio escolástico. A escola, as escolas universitárias, têm origem nas escolas monásticas e também têm origem nas universidades europeias. Mas onde havia uma grande ligação entre a vida monástica e a vida universitária. Portanto, de certa forma, é esta junção. O importante é que se fala no claustro, a *alma mater*, etc., e são conceitos que depois se aplicam à instituição universitária. E foi isso que aconteceu. Hoje em dia nós estamos perante desafios, porque há pessoas que veem a universidade mais como empresa do que como uma corporação, verdadeiramente a universidade tem a sua origem nas corporações medievais. E, portanto, aí haverá alterações, não sei como é que vai evoluir, mas que são desafios que a universidade enfrenta sempre, porque há cada vez uma maior empresarialização da universidade.

Teresa: De que forma é que os estudantes, os professores e demais colaboradores são incluídos no planeamento e realização do evento?

Reitor António Fidalgo: Eu penso que os eventos, essas cerimónias têm vindo a adaptar-se bastante bem ao terreno, nomeadamente através da divulgação de cartas às pessoas que se aposentam. Tanto na vida da universidade, seja um docente, seja um funcionário, como também na questão do reconhecimento da pertença à instituição a quem já fez 20 anos de serviço. Portanto, aí é o momento central da universidade e as pessoas reagem de uma maneira como até batem palmas, as pessoas são mais conhecidas e mais queridas dentro da universidade, recebem um reconhecimento especial. Não é só o reconhecimento formal, igual para todos, mas depois há o reconhecimento informal, que talvez seja o mais importante, de ser chamado à boca da cena e depois as pessoas manifestam-se. E aí, notoriamente, há um reconhecimento também por parte de toda a comunidade.

Teresa: Há espaço para apresentações, projetos ou iniciativas desenvolvidas pelos membros da universidade durante a celebração?

Reitor António Fidalgo: Pode haver, mas eu penso que não, é a minha opinião pessoal. É a minha opinião pessoal. Penso que não. Só devemos distinguir. Ou seja, não podemos meter o Rocio na betesga. Aliás, as nossas cerimónias pecam por serem demasiado longas. Eu acho que uma cerimónia nunca deveria ultrapassar uma hora ou hora e meia. Nós estamos chegando a duas horas e meia. Ou seja, a distribuição de prémios, que é uma maneira de trazer os alunos às cerimónias, porque é difícil. E nós temos algo que nos Estados Unidos, nas universidades americanas, eles fazem no final do ano, que é a atribuição dos graus académicos. Mas nós aí, aqui houve a cerimónia da Bênção das Pastas, a cerimónia da Bênção das Pastas. Ou seja, a cerimónia dos Estados Unidos é englobada apenas... Aqui temos dois tipos de celebração. Temos os estudantes, por um lado, que fazem a bênção das pastas, juntam as famílias, e celebram a sua... E é algo que é um pouco estranho à universidade. Nós tentámos incluir mais a bênção das pastas por dentro da universidade, até pela parte ecuménica que se continua a celebrar. Mas continua a ser muito a bênção das pastas, é uma cerimónia extremamente religiosa. Ou seja, o centro é a bênção, que é um ato religioso, e penso que é um bocado diferente da parte que fazia da universidade, nos temos esses dois

Teresa: Como é que é promovida a participação de público externo, como ex-alunos, parceiros institucionais ou a comunidade local?

Reitor António Fidalgo: Eu penso que aí nós temos o espaço, quer dizer, há cerimónias até que são caracterizadas por uma fraca assistência, muita fraca assistência, e por uma pouca participação. Mas isso, mesmo aqui na Beira Interior, ainda se consegue uma participação, em termos proporcionais, bastante elevada, comparando com as grandes universidades do litoral. Ou Porto, ou em Lisboa, se formos ver em termos de percentagem, é muito, muito menor do que na Beira Interior. A Beira Interior, nesse aspeto, acompanha bastante com isso.

Teresa: Quais são os principais desafios enfrentados na organização e cumprimento do protocolo durante o evento?

Reitor António Fidalgo: Eu penso que é o gabinete de eventos, portanto, nós temos um gabinete, como se fossem as relações-públicas, ou a imagem, como se chama agora, que tem que haver um gabinete virado para este, ou seja, dentro deste gabinete de imagem, de relações públicas, etc., tem que haver uma parte que diga que se concentre neste trabalho protocolar. E, portanto, de manter, porque nestes momentos identitários,

alguma inovação será, mas o fundamental não é a inovação, o fundamental é a tradição. Nós estamos sempre aqui na atenção. Mas nestes momentos identitários, o fundamental é a tradição, é fazer tal como era antigamente, tal como se fazia, tal como se faz, ou seja, para ir adaptando as pessoas ao mesmo ritmo. E, portanto, muitas vezes, a tentativa de inovar, muitas vezes, pode ir contra o espírito protocolar e, em vez de enriquecer, pode... Pode deturpar o sentido da cerimónia. Então é preciso ter muito cuidado com as inovações, porque as cerimónias vão ganhando a sua alma, tem uma alma própria, tem uma alma própria, e se não houver muito cuidado, a alma da cerimónia pode sofrer lesões grandes.

Teresa: De que forma o protocolo pode ser adaptado para lidar com o imprevisto ou mudanças na dinâmica do evento?

Reitor António Fidalgo: Obviamente, o imprevisto ocorre sempre, são os riscos humanos. São os erros, por mais ou menos. Mas aí o que... A ideia é sempre lógica do bom sempre. Quer dizer... Se acontecer alguma coisa ao presidente, e é que é mais grave, e a cerimónia tem que acabar, mas se for a um membro que não seja o presidente, a cerimónia tem que continuar. Talvez de uma maneira mais simples, mas não é interrompida.

Teresa: Na sua opinião, quais são os principais impactos, a curto e longo prazo, que o dia da Universidade tem para a instituição?

Reitor António Fidalgo: Ah, isso eu não sei, mas eu acho que... Eu acho que... Extremamente muito importante, manter a cerimónia como elemento identitário e do conhecimento das pessoas, porque as pessoas têm necessidade de pertencer. E de pertencer não é só celebrar um contrato, mas também haver maneiras de encontrar momentos de celebração conjunta, tal como existe nas nações, nas famílias, nas famílias não são residenciais, temos casamentos, somos batizados, são cerimónias mais ou menos religiosas, mas hoje em dia, mas que nós temos aumento da festa, da celebração. E as instituições também têm que fazer a mesma coisa. Tal como na sociedade, nós temos o dia, portanto, temos os feriados nacionais, temos os feriados municipais, que é a identidade de um país, é a identidade de um concelho, e, portanto, nós também temos a identidade das instituições. E isso é extremamente importante, porque se a instituição não é uma empresa, ligada para o lucro, mas é uma comunidade, uma corporação, voltando no sentido medieval do termo, aí nós temos que... porque a corporação tinha os seus dias de festa, melhor ainda era a festa do santo, mas aqui é quando já nós estamos a secularizar, neste momento, mas este momento é a questão sempre da representação. Ou seja, nós não podemos... por mais... e bem-vinda que seja a secularização, ela não

pode abster-se do princípio da representação, e que é a representação. O reitor, há uma representação do reitor como a figura central da universidade, e dos seus doutores, porque as coisas têm histórias, e que, de certa forma, simbolizam a alma, a alma, a alma, a *alma-mater*, ali simbolizada naquelas coisas.

Teresa: O evento já gerou parcerias ou iniciativas que se destacaram na continuidade das atividades da universidade?

Reitor António Fidalgo: Como assim?

Teresa: Parcerias, iniciativas com outras entidades que foram feitas durante o dia da universidade?

Reitor António Fidalgo: Sim, tal como nos municípios, no dia do concelho, quando honram, atribuem as medalhas de ouro, medalhas de prata, medalhas de mérito, etc. Penso que... Penso que aqui na universidade também, e também são protocolos de parceria, seja com o governo, seja com as entidades parceiras, mais próximas ou mais fortes, como outras universidades, como universidades estrangeiras, como com nacionais, ou com entidades, como municípios, etc. Claro. Municípios de câmara, não é?

Teresa: Com os desafios e transformações que as instituições de ensino superior enfrentam, como imagina que o dia da universidade pode evoluir nos próximos anos?

Reitor António Fidalgo: Essa é a questão da evolução, não é uma questão que se coloque, é uma questão de repetição. Porque a evolução sugere, vamos ser diferentes, não, a questão é repetir. Portanto, eu não utilizava a palavra evolução, o evoluir dá um aspeto de isto está assim, mas tem que se transformar. Não. O segredo do protocolo é não transformar. É para manter.

Teresa: Considerando as futuras edições, há algo que gostaria de implementar ou modificar em termos protocolares?

Reitor António Fidalgo: Penso que é fazer bem aquilo que deve ser feito. E fazer bem é cumprir, e sobretudo, uma boa gestão do tempo. O que há aqui a melhorar é a gestão do tempo, portanto, encurtando a cerimónia. Ou seja, retirando da cerimónia os elementos que hoje em dia é algo que é difícil. Para atrair pessoas é preciso muitas vezes dar prémios, vir quem dá o prémio, os alunos também vêm para receber o prémio, etc. É uma maneira de encher o anfiteatro. Mas isto não se compagina muito bem com o espírito da cerimónia. O espírito da cerimónia é para, efetivamente, para dar-se cartas doutorais, e não, hoje, felizmente, não somos. Quem fez doutoramento na universidade?

No início não havia esse ponto, não havia doutores. Durante muitos anos não havia nenhum doutoramento na universidade. E agora é uma pequena parte a que vai receber a carta doutoral. As agregações, os doutoramentos. Mas a parte essencial, talvez, era, sei lá, instituir... não sei, ou membros novos... é difícil... não sei muito bem como é que pode, além de como modificar é manter os discursos, o discurso reitoral, o discurso do presidente da associação de estudantes e, agora neste momento, nós temos uma entidade externa, que não se devia multiplicar, neste momento temos assim convidados de honra que fazem o discurso isso não concordo muito, neste momento temos o Presidente do Conselho Geral que, efetivamente, eu não sei se ele deveria falar na cerimónia, se temos membros do Governo falamos membros do Governo também e, portanto, o representante do Conselho Geral da Universidade eu penso que não deveria falar.

Teresa: Para encerrar, que mensagem gostaria de transmitir sobre a importância do protocolo e do Dia da Universidade para a comunidade académica e para o fortalecimento da reputação institucional?

Reitor António Fidalgo: Depende dos fatores psicológicos das pessoas, se as pessoas se habituarem, ou seja um hábito, as pessoas têm que se habituar porque isso é como em todas as partes, nós temos fases na vida em que nós damos mais importância à repetição, à cerimónia e há momentos em que só queremos novidade, não queremos festa, não vamos aos anos de ninguém, o mesmo acontece com a família, em que há os membros que muitas vezes, se é um jantar de família anual há pessoas que faltam também há uma repetição, deve-se manter, ou seja, o encontro da família pelo Natal, ou seja como nos Estados Unidos a festa do *Thanks Giving*, festas em que as pessoas se encontram e aqui, também, e de certa forma aqui na Universidade da Beira Interior, até porque há momentos em que os antigos alunos também sentem necessidade de se encontrar, mesmo à margem do protocolo universitário porque são iniciativas particulares mas, creio que o Dia da Universidade deve ser um dia de charneira em que a identidade, em que circula a identidade da instituição.

Transcrição da entrevista ao Reitor Mário Lino Barata Raposo

Teresa: Poderia partilhar connosco qual é que é o significado do Dia da Universidade para a instituição que representa?

Reitor Mário Raposo: É óbvio que o Dia da Universidade é um dia simbólico, que simboliza a data da criação da Universidade. E, portanto, é de facto a celebração da

criação de uma instituição que veio a afirmar-se como o farol do desenvolvimento da região do interior do país e, por isso, tem todo o sentido em colaborar em marcar-se o Dia da Instituição. Qual é a data simbólica? Geralmente, que a instituição escolhe o dia da sua criação e, por isso, o 30 de abril.

Teresa: Quando e como surgiu a tradição de celebrar este dia?

Reitor Mário Raposo: Obviamente que isto surgiu no tempo do reitor Passos Morgado, como o coro-largo natural da criação da instituição. E, portanto, foi instituído o dia e foi-se cimentando ao longo dos anos. E, portanto, foi uma decisão da Reitoria da altura em criar esta celebração que se mantém ao longo dos anos.

Teresa: Como é que o protocolo contribui para a organização do evento e para a consolidação da identidade?

Reitor Mário Raposo: Obviamente que o protocolo tem de ser cumprido. Como sabe, existe o protocolo das entidades públicas que tem de ser seguido. E, portanto, quem define o protocolo define o modo como a cerimónia decorre, define o modo como as intervenções são feitas. E, portanto, tudo obedece a uma determinada ordem. E isso tem a ver um pouco com tornar a cerimónia mais formal, menos anárquica e, portanto, criar ali uma maior credibilidade para a mesma.

Teresa: Quais são os maiores desafios no cumprimento do protocolo durante o dia?

Reitor Mário Raposo: O maior desafio no cumprimento do protocolo é quando algumas pessoas que deviam estar presentes não confirmam a presença e aparecem à última da hora e o protocolo tem de ser adaptado, muitas vezes, à presença de pessoas que não estavam previstas, outras entidades. Tem de haver uma flexibilidade. Às vezes também há falhas. O protocolo falha, às vezes. Muitas vezes há pessoas que ocupam duas posições. E, portanto, é difícil, às vezes, qual é a posição que a pessoa deve ser colocada. Isso causa alguns problemas de protocolo e já tem surgido algumas situações dessas.

Teresa: Como é que o protocolo e a organização do evento refletem a identidade e os valores da Universidade?

Reitor Mário Raposo: É claro que o evento procura refletir os valores do que é único, como instituição, portanto, universitária, criação de conhecimento, criação de investigação, ligação à sociedade, ligação à região, ligação ao país, ligação internacional. E o protocolo, geralmente, reflete um pouco disso e convida todas as entidades a fazerem parte disso, dessa envolvente do qual a Universidade está inserida.

Teresa: Existem símbolos ou rituais específicos que são incorporados no evento para destacar a história e a tradição?

Reitor Mário Raposo: Fundamentalmente, os símbolos são as bandeiras da Universidade, as togas dos professores, o cortejo académico, enfim, se houver membros do Governo, que também estão presentes, portanto, na mesa que é constituída para presidir essa cerimónia. Portanto, varia muito de acordo com a presença das entidades que estarão a representar oficialmente ou não o Governo neste dia. E, se não estiver, se é uma cerimónia mais interna, será o reitor e, portanto, será o presidente do Conselho Geral agora e será também o vice-reitor a compor a mesa e, depois, pode haver várias intervenções, há-de haver também o presidente da associação de estudantes, pode intervir o presidente dos antigos alunos, etc., durante a cerimónia.

Teresa: Como é que são selecionados os convidados para o Dia da Universidade, incluindo os oradores homenageados e outras personalidades?

Reitor Mário Raposo: Os oradores são os tradicionais, geralmente, e depois, tem sido a tradição nos últimos anos, incluímos o orador externo que vem dar uma perspetiva sobre uma determinada questão. Mas pode ser um cientista, pode ser um professor, pode ser um empresário, pode ser um poeta, pode ser da área cultural ou um artista, já não está ninguém a convidar para dar uma palestra. E, depois, os oradores são aqueles que seguem, geralmente, o protocolo. É o reitor que fala, fala o presidente do Conselho Geral, fala o presidente da associação dos estudantes e, claro, o membro do Governo, se tiver.

Teresa: Existe uma preocupação em garantir que os convidados estejam alinhados com os valores e a missão da Universidade, claro.

Reitor Mário Raposo: Como é óbvio, portanto, geralmente, as pessoas que vêm estão alinhadas com os valores, são também não aceitam os convites. Isso é uma situação e um correlário próprio da cerimónia em si. Quando se envia os convites, as pessoas estão alinhadas com a instituição, obviamente, fazem parte do ecossistema que a instituição pretende envolver.

Teresa: Poderia mencionar alguns exemplos de convidados anteriores que tenham marcado a celebração.

Reitor Mário Raposo: Sim, nós já tivemos Presidente da República, já tivemos, portanto, vários cientistas, nacionais e internacionais. Já houve situações em que podemos a doutoramento honoris causas e essas pessoas doutoramento honoris causa também estiveram presentes na sessão. Portanto, varia bastante, de ano para ano, as situações

com as pessoas que estão presentes. E, portanto, há de tudo. Desde o início da celebração do dia 30 de abril, houve vários tipos de convidados que marcaram, obviamente, a cerimónia e que marcam o dia, portanto, é importante a presença deles.

Teresa: Quais são os elementos fundamentais do Programa Oficial do Dia da Universidade?

Reitor Mário Raposo: Geralmente, no Dia da Universidade fazem parte os discursos, depois fazem parte a entrega de prémios, fazem parte das homenagens aos funcionários que se reformaram, aos funcionários com mais de 20 anos. E, portanto, também, quando há espaço para isso, entregam-se alguns diplomas, normalmente, os doutoramentos e as cartas de agregação. E são basicamente, esses são os elementos que fazem parte.

Teresa: Como é que é gerido a ordem de intervenções e alocações para respeitar as normas protocolares?

Reitor Mário Raposo: Bom, isso é gerido pela Chefe de Relações Públicas, que alinha, e ela própria dirige, portanto, vai chamando os interlocutores para se dirigirem, portanto, ao ambão, e efetuarem os seus discursos, as suas alocações, e toda a cerimónia é gerida pelo Chefe de Protocolo. Aliás, há dois Chefes de Protocolo, o académico e o institucional. O académico, geralmente, é a pessoa que conduz a parte do cortejo académico e tal, que é, de facto, antes era o Dr. Melo, agora é a Dr^a Fátima. Depois, a parte mais de discursos e etc., é gerida pela Chefe de Relações Públicas, que é a Dr^a Graça. Neste caso agora é do GMIC.

Teresa: Sim, agora mudou. Quais são os critérios que são utilizados para escolher os convidados de honra, como os oradores ou homenageados?

Reitor Mário Raposo: É assim, os convidados de honra, os oradores ou homenageados, geralmente, são pessoas que têm impacto na sociedade, pessoas que têm impacto na Universidade. Outra vez, são doutores honoris causa que são propostas pelas Faculdades. E, portanto, tudo isto faz parte de um protocolo, em que a instituição procura sempre que as pessoas que são convidadas tragam um valor acrescentado à instituição, e também acrescenta, com a sua presença, algo mais à cerimónia.

Teresa: Existe uma estratégia para convidar personalidades, que reflitam a missão e os objetivos da Universidade, certo?

Reitor Mário Raposo: Enfim, aliás, e também existe, quando é possível, e foi, e já no meu mandato fizemos isto, de homenagem a pessoas que no passado tiveram

importância na crença da Universidade e que foram esquecidas por alguns anos, como é o caso do Duarte Simões, em que, quando eu também posso, fizemos homenagem, de facto, ao Duarte Simões, à família, etc., de maneira comemorativa. E, portanto, há aqui várias maneiras de distinguir as pessoas. Outra vez, são doutoramentos *honoris causa*, é que os padrinhos, como foi o caso do Manuel Cargaleiro, que tinha, de facto, a personalidade, que já morreu, mas na altura, que tinha impacto na área artística, e, portanto, dependem, obviamente, muito das áreas que são escolhidas e são propostas no Senado, para depois serem objeto de apresentação e de homenagem no 30 de abril.

Teresa: De que forma é que os estudantes e professores e demais colaboradores são incluídos no planeamento e realização?

Reitor Mário Raposo: Sim, uma instituição não existe sem estudantes, sem professores, sem funcionários, portanto, todos eles são envolvidos. Os estudantes fazem parte, obviamente, do processo, é apresentado pelo seu Presidente e pelo Provedor, mas todos são livres de assistir à cerimónia, e os núcleos de alunos, etc., os funcionários, também, como parte integrante da Universidade e dos seus recursos humanos, portanto, também é um corpo importante que tem de estar presente nesta cerimónia. E, também, aqueles que vão ser distinguidos, portanto, por terem mais de x anos na instituição, no caso da UBI, como sabe, são mais de 20 anos, e, também, aqueles que passam à Reforma, que depois são também distinguidos nesta cerimónia. E, portanto, há todo aqui um processo cumulativo de vários elementos do corpo académico, ou do corpo de recursos humanos, que faz parte da Academia, e, também, que são envolvidos nesta cerimónia.

Teresa: Há espaço para apresentações, projetos ou iniciativas desenvolvidas por membros da Universidade durante a celebração?

Reitor Mário Raposo: O espaço, geralmente, é no caso de questões mais formais, como os doutoramentos *honoris causa*, em que é apresentado o trabalho. O doutor *honoris causa* apresenta uma lição, depois há um padrinho que vem falar sobre aquilo que ele faz, e isto é o que faz parte da intervenção. Claro que extra, por exemplo, a cerimónia do 30 de abril, fazem-se exposições no Museu, podem fazer exposições nas Faculdades, portanto, há outro tipo de envolvente, que, geralmente, envolve as comemorações do 30 de abril, onde é, também, relacionadas com a cerimónia, só específica, digamos, em auditório, onde o reitor e os convidados fazem as suas preleções. Há, de facto, também outra envolvente relacionada com as exposições, com outras coisas que fazem na Universidade, para celebrar o 30 de abril.

Teresa: Como é que é promovida a participação do público externo, como ex-alunos, parceiros institucionais ou comunidade local?

Reitor Mário Raposo: Hoje em dia, como sabe há vários meios. Temos os meios digitais, as plataformas sociais, e temos, também, o contacto direto, através de convite, de um envio de cartas, assinadas pelo reitor, em que as entidades são convidadas a participar, são convidadas a vir à instituição, que elas têm prémios para entregar, são convidadas a aparecer neste dia, para entregar os prémios a quem os vier receber, geralmente, os estudantes, e, portanto, há toda aqui uma envolvente, que promove o público externo, geralmente, as autarquias, portanto, fazem parte, também, de um processo importante, porque a UBI, como sabem, é uma Universidade sediada na Covilhã, mas tem uma envolvência regional, geralmente, tem os presidentes de câmara, das câmaras em volta, aparecem, também, são importantes, são convidados, dão resposta, as associações culturais, desportivas, etc. Todas as entidades são convidadas, e vem quem quer, mas, para toda a gente, nós dirigimos o convite para participar.

Teresa: Quais são os principais desafios enfrentados na organização e cumprimento do protocolo durante o evento?

Reitor Mário Raposo: Os desafios já foram falados atrás, de facto, os desafios têm muito a ver com a questão de receber, atempadamente, as confirmações, depois de conseguir alinhar tudo isso, obviamente, numa sala, geralmente, é o anfiteatro maior da Universidade, o anfiteatro da Faculdade de Ciências da Saúde, nesta altura, antigamente, era as Sessões Solenes, depois é preciso confirmar os Professores que vão estar presentes, geralmente, um cortejo académico, em que as pessoas são colocadas por ordem de antiguidade, os mais novos à frente, os mais antigos atrás, o representante das instituições, é preciso confirmar isto tudo, para que, de facto, o protocolo corra bem, e depois, dentro da sala, deixar uma parte reservada para os Professores, a parte académica, uma parte reservada para o público em geral, e uma parte reservada para os convidados especiais. Isto tudo aumenta o processo que exige alguma preocupação de quem gere isso, o processo.

Teresa: De que forma o protocolo pode ser adaptado para lidar com o imprevisto ou mudanças na dinâmica do evento?

Reitor Mário Raposo: Isto o protocolo, isso, obviamente, são questões que me ultrapassam, o protocolo é um protocolo de Estado, e o protocolo de Estado tem a ver muito com aquilo que o Estado define, e eu acho que aí, obviamente, nós cumprimos o protocolo de Estado, não cumpre a mim propor alterações para o protocolo de Estado,

mas o Estado define quem precede a quem, quem deve estar à frente de quem, portanto, sendo o Estado, nós cumprimos o que é o Estado, nós não somos privados, somos públicos, e, como tal, temos que adaptar aquilo que exige o protocolo, e aos imprevistos também, para cumprir o protocolo.

Teresa: Na sua opinião, quais são os principais impactos, a curto e a longo prazo, que o Dia da Ubi tem para a instituição?

Reitor Mário Raposo: O Dia da Ubi é, como eu digo, é um dia simbólico para a instituição, e sendo um dia simbólico é um dia em que representa para as novas gerações de alunos aquilo que foi o passado da instituição, estão presentes aquilo que está a acontecer, e para aqueles que já saíram, neste dia vem à Universidade, e acontece, vários grupos de ex-alunos vêm à Universidade fazem, por aqui também, os seus encontros, e digamos que é uma celebração entre o passado, o presente e o futuro, uma comunhão de interesse entre tudo o que é a comunidade académica atual, a que passou, e aquela que há-de vir isto é muito importante, de fato, para projetar a imagem da Universidade e também muito importante porque os alunos que já saíram de cá, são os melhores embaixadores desta instituição, e portanto, vindo neste dia, também transmitem os valores àqueles que cá estão, e aos futuros, tudo isso é importante.

Teresa: O evento já gerou parcerias ou iniciativas que se destacaram na continuidade das atividades da Universidade, não é? Quais foram e como é que se refletiram?

Reitor Mário Raposo: Sim, sim, a questão tem muito a ver com a questão das empresas que colaboram connosco para dar prémios aos alunos e, portanto, as empresas fazem questão de os prémios que são atribuídos virem neste dia entregar os prémios, faz parte também hoje em dia do que é o mecenato nas instituições e faz parte das suas obrigações sociais e depois tudo isso, essas entidades sentem-se também envolvidas na própria organização, como é as câmaras municipais da Covilhã, do Fundão, que são aquelas que estão mais próximas, também estão sempre envolvidas e tudo isso faz parte da cerimónia e são parcerias que se refletem e continuam a refletir para o futuro.

Teresa: Com os desafios e transformações que as Instituições de Ensino Superior enfrentam, como é que imagina que o Dia da Ubi pode evoluir nos próximos anos?

Reitor Mário Raposo: Obviamente que as coisas não são imutáveis, estão sempre a evoluir, e, portanto, aquilo que no passado era tudo contactar as pessoas por correio normal ou por telefone, hoje é muito digital, hoje são muito as redes sociais, cada vez vai ser mais no futuro, e, portanto, as transformações das instituições têm muito a ver

também com isso, mas também as instituições evoluem e, portanto, a UBI hoje em dia é uma instituição credível, a instituição faz parte de uma Rede Europeia UNITA, portanto, hoje em dia, provavelmente no futuro, temos que pensar, se a rede continuar, celebraremos também o Dia da UNITA, eventualmente dentro da Universidade, porque é, de facto, um bom dia, portanto, embora o Dia da UBI mas a UBI faz parte de outras parcerias, e essas coisas para o futuro, obviamente, podem também vir a implicar alterações a nível de cerimónias ou outras em que UBI é envolvida. Claro que na UBI não existe só o Dia da Universidade, existe outros dias, outras cerimónias, nomeadamente seminários, colóquios, mas também os doutoramentos honoris causa, que podem ser feitos, e também são feitos fora do dia 30 de abril, bem como a abertura solene do ano eletivo, que às vezes se faz outras que não se faz, mas que, de facto, tem muito a ver com a celebração do início das atividades académicas. Há aqui outras coisas que implicam com o 30 de abril e que é necessário ter atenção para não haver duplicações naquilo que se faz.

Teresa: Considerando as futuras edições, há algo que gostaria de implementar ou modificar em termos protocolares?

Reitor Mário Raposo: Não tenho nada a propor Teresa, não tenho nada nisto.

Teresa: Para encerrar, que mensagem gostaria de transmitir sobre a importância do protocolo e do Dia da Universidade para a comunidade académica, para o fortalecimento?

Reitor Mário Raposo: Eu já fui falando disto ao longo da minha intervenção, de facto, o dia 30 de Abril é um dia que celebra a instituição, e acho que é o valor simbólico para todos nós porque de facto houve um dia que escolheu a instituição, uma instituição que foi criada, cimentou-se, desenvolveu-se, começou como tudo começa pequeno, desenvolveu-se, hoje, de facto, a UBI é uma instituição média em Portugal, é uma instituição com créditos a nível nacional e internacional, e, portanto, o dia da Universidade de facto é um dia que a comunidade académica celebra tudo isto e que transmitem, afirma esses valores, procurando que haja uma comunhão de interesses entre todos aqueles que estão cá e aqueles que já saíram, no sentido de reforçar a identidade institucional e o reforço de pertença. Como eu digo sempre, uma vez o *ubiano*, *ubiano* para sempre. E este dia simboliza isso.

Transcrição da entrevista à Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco

Teresa: De que forma, se é possível fazer uma forma breve, o significado do Dia da Universidade da Instituição que representa?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: O Dia da Universidade é o dia que celebra o nascimento da Instituição, neste caso, enquanto Universidade. Porque, como se sabe, a Universidade já tem um historial associado à sua criação enquanto Instituto Politécnico em 74, depois a sua passagem para Instituto Universitário em 79 e, finalmente, em 86, a sua criação enquanto Universidade. E, como tal, é sempre o dia em que as atenções recaem sobre ela. Recaem as atenções de dentro e de fora. De fora, porque há toda uma comunidade à nossa volta que conhece e reconhece a importância da Universidade enquanto Instituição de Ensino Superior na região e no país e no mundo. E que também gosta de se associar a estas datas mais importantes para mostrar o quanto a comunidade em si também está grata à Instituição. Na parte de dentro, a própria comunidade académica também se associa, não só os docentes enquanto corpo académico digamos que principal, porque fazem o desfile, fazem todo um cortejo que mostra os trajes das universidades, das *almas maters*, enquanto doutorados e que, à partida, também integram estas celebrações na sua vertente, digamos que, de ritual de grande importância. E os alunos, propriamente ditos, que também, frequentemente chamados pelos prémios que recebem, participam na Instituição. Portanto, no fundo, é uma festa, é uma celebração e daí a sua importância para a Instituição enquanto marco anual da sua existência.

Teresa: Como e quando é que surgiu esta ideia?

Chefe de Gabinete Dr^a Graça Castelo Branco: Eu penso que a celebração dos dias da Universidade é um ritual académico generalizado. As universidades todas têm esta cerimónia, fazem uma sessão, fazem outro tipo de atividades que assinalam o dia da Instituição e, como tal, a Universidade da Beira Interior nunca quis ser diferente nessa matéria, e muito bem. E, como tal, no fundo, eu penso que este ritual começou logo no primeiro aniversário da Instituição, embora eu não tenha registos, mas eu penso que terá começado de imediato no primeiro ano.

Teresa: Como o protocolo contribui para a organização do evento e para a conciliação da identidade institucional?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Aqui até estamos a falar de dois protocolos. Temos o protocolo institucional e geral e temos o protocolo académico. O

protocolo institucional geral é todo um procedimento que as instituições utilizam e que têm mesmo de utilizar, porque enquanto instituições pertencentes ao Estado português devem utilizar o protocolo que é utilizado em termos nacionais. E, portanto, o protocolo de Estado. E, portanto, o cerimonial todo tem que ser organizado em volta desse protocolo. Por outro lado, temos o protocolo académico, que tem a ver com a organização do cortejo e a própria organização da sessão em si, que tem normalmente uma estrutura própria em que o reitor apresenta a evolução da instituição no ano transato e em que é dada voz também normalmente ao presidente da associação académica. Mas pode também haver, como agora ultimamente tem sido feito, uma intervenção de carácter mais genérico, que pode ter a ver com o desenvolvimento económico do país ou qualquer outro tema. E que, à partida, ajudam todas estas formas de organização, ajudam à celebração e para que tudo corra de acordo com o ritual, com todo um estilo que as pessoas reconhecem e com o qual depois se identificam também.

Teresa: Quais são os maiores desafios no cumprimento do protocolo durante o dia da UBI?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Eu diria que, na própria sessão, o grande desafio tem a ver com a colocação das pessoas nos devidos lugares. Porque, frequentemente, acontecem situações em que as pessoas se esquecem de confirmar a sua presença e em que depois surgem de uma forma que cria alguma surpresa e que obriga, inclusivamente, imediatamente refazer in loco, refazer toda a colocação e distribuição dos convidados nos lugares. O que pode criar, se surge alguma distração, pode criar algum tipo de inconveniente ou constrangimento.

Teresa: Como é que o protocolo e a organização do evento refletem a identidade e os valores da universidade?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Isto vai um bocadinho ao encontro daquilo que já tinha referido anteriormente. Por um lado, o facto de haver uma organização própria para este tipo de eventos. Por outro, no qual as pessoas se identificam e se reveem. Os valores da universidade refletem-se também em toda esta lógica de discurso e de articulação. Porque é a forma como a organização em si, todo o procedimento, todo aquele ritual, o desfile de trajes académicos, tudo isso acaba por trazer em si aquela mística institucional que, no fundo, mostra como é necessário que haja uma organização para que o próprio saber, também ele próprio, seja construído, e seja mantido e transferido também para a instituição.

Teresa: Existem símbolos ou rituais específicos que são incorporados no evento para destacar a história e tradição da Universidade. Quais e como?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Sim, os símbolos, desde logo existe a colocação das bandeiras nestas sessões, enquanto símbolo máximo da nação, enquanto símbolo da instituição e até, obviamente, do seu enquadramento num espaço maior, que é o da União Europeia. Estes são os símbolos que estão associados também aos símbolos da nação e que, à partida, são os primeiros que têm que ser mencionados. Depois, todos os outros símbolos têm a ver com o próprio traje académico, com a forma como o traje académico é composto, porque cada traje académico tem uma especificidade própria, no caso da Universidade da Barra Interior, a cor do azul nas mangas do traje, a forma como são colocados os epitógios, as cores dos epitógios, tudo isso tem uma simbologia associada. As medalhas, a colocação das medalhas, o material de que são feitas as medalhas, tudo isso mostra a forma como as coisas se organizam e a tradição da própria instituição. Por outro lado, depois há rituais específicos, por exemplo, nas cerimónias de doutoramento honoris causa, inclusivamente há uma transferência ou uma colocação ao doutor ou à doutora honoris causa de um epitógio que é concedido pela instituição enquanto grau honorífico e que, à partida, tem toda a simbologia associada. É o reitor que a coloca, é o reitor que a oferece, e é a pessoa do reitor que representa a instituição, que a oferece. Portanto, há todo um conjunto de especificidades que podem variar de instituição para instituição, mas, no caso da Universidade da Beira Interior, são estes que nos diferenciam.

Teresa: Como é que são selecionados os convidados para o dia da UBI, incluindo oradores, homenageados?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Os convidados, de uma maneira geral, são, digamos que, de ano para ano, os que representam a comunidade que nos rodeia mais diretamente. São também convidados institucionais que estão associados à instituição, ou porque são os que estão associados à tutela, como o ministro, o secretário de Estado, o diretor geral do ensino superior. Mas também são convidados outros intervenientes da sociedade, que inclusivamente podem ser representantes de outros países, como os embaixadores. As forças especiais, tanto do exército, da armada, da força aérea. Portanto, no fundo, toda a organização social e institucional deve estar representada no conjunto das entidades convidadas. Quanto aos oradores, regra geral, os oradores são convidados pelo reitor, e são selecionados pelo reitor, embora possam ser discutidos, enfim, em órgãos próprios. Os homenageados, que se for, por exemplo, uma honoris causa, deve haver uma consulta ao Senado nesse sentido, e só após a

aprovação por parte do Senado é que é feito o convite. Portanto, toda a forma como os convidados são selecionados obedece, obviamente, a critérios prévios, e que, à partida, devem ser tidos em consideração.

Teresa: Existe uma preocupação em garantir que os convidados estejam alinhados com os valores e a missão da Universidade, certo?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Naturalmente, sim. Obviamente, de uma maneira geral, pretende-se celebrar a Universidade, logo não faria sentido de outra forma.

Teresa: Poderia mencionar exemplos de convidados anteriores que tenham marcado a celebração?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Eu acho que todos eles marcaram as celebrações, todos eles, de uma maneira ou outra. Obviamente que temos alguns mais presentes na memória, porque são os mais recentes, mas eu diria que todos eles marcaram celebrações, de uma maneira ou outra. Os dias, inclusivamente as orações de sapiência que são proferidas, cada uma com a sua temática, são momentos de aprendizagem para pessoas que não têm, normalmente, ligação com as áreas científicas que ali são trabalhadas. Mas, no fundo, eu acho que todos os convidados marcam estas celebrações.

Teresa: Quais são os elementos fundamentais do Programa Oficial da UBI? Discursos, homenagens, entregas de prémios, etc.?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Sim, de uma maneira geral, estes elementos vão-se mantendo ao longo dos anos, nomeadamente a parte das entregas de prémios. O discurso institucional do reitor é obrigatório. De uma maneira geral, temos assistido sempre também à intervenção do Presidente da Associação. Desde que foi criado o RJIES, passou a haver também a intervenção da figura do Presidente do Conselho Geral. E, por último, se estiver um membro do Governo, também, à partida, deverá fazer a sua intervenção. Portanto, de uma maneira geral, são estes os momentos mais importantes. As homenagens frequentemente decorrem também ao longo da cerimónia. Mas pode ou não haver. Portanto, a parte das homenagens é talvez o elemento que é mais, digamos... É mais volátil, exatamente. Depende muito daquilo que se pretende a fazer. E depende também porque pode acontecer, inclusivamente, haver uma data que assinala coisas mais genéricas, como aconteceu frequentemente com os 50 anos de ensino superior aqui na Beira e no interior, que trouxeram à Universidade, de volta,

primeiros alunos, primeiros docentes, enfim, todo um conjunto de representantes que recordam as origens da instituição há 50 anos e que foi um momento único na instituição.

Teresa: Como é que é gerida a ordem de intervenções e alocações para respeitar as normas protocolares?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Sim, de uma maneira geral, sendo uma sessão como é e com o cariz que tem o aniversário da instituição, a primeira intervenção é do reitor, por natureza. É o reitor que acolhe, é o reitor que está na sua casa e é o reitor que tem que fazer, enfim, digamos que todo o desfiar de informação que deseja partilhar com os presentes. Depois, o seguinte, normalmente, é o presidente da associação e a partir daí, por ordem de importância protocolar, é feito o mais importante para o final. Portanto, esta é mais ou menos a lógica das intervenções.

Teresa: Quais os critérios que são utilizados para escolher os convidados de honra, como os oradores ou homenageados?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: De uma maneira geral, aquilo que está à cabeça tem a ver com a importância de um legado, desse homenageado. E seja ele artístico, seja ele científico, de uma maneira geral, há essa intenção de escolher estas personalidades que, de uma maneira ou outra, tiveram uma intervenção importante ao nível da instituição, da região, do país. Portanto, de uma forma geral, há sempre um critério relacionado com esses aspetos.

Teresa: Existe uma estratégia para convidar personalidades que reflitam a missão e os valores e objetivos da universidade, certo?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Sim, isso está inerente à questão anterior. Parece-me que a estratégia tem a ver com o facto de engrandecer a instituição de alguma forma. E, portanto, toda essa lógica está subjacente aos convites que são feitos.

Teresa: De que forma os estudantes, professores e demais colaboradores são incluídos no planeamento e realização do evento?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Os estudantes são incluídos não no planeamento, mas na participação do evento. Quer seja o presidente da associação, quer sejam os alunos premiados, de uma maneira geral, eles são convidados a estar presentes, todos eles. Obviamente que, à partida, os que normalmente aparecem são aqueles que recebem um prémio ou qualquer coisa assim. Os professores, de uma maneira geral, também são convidados a estar presentes. Eles, sim, dão um contributo para o

planeamento, na realização do evento, porque ao confirmarem a sua presença, permitem que quem está a organizar o cortejo académico perceba, primeiro, se eles vêm trajados ou não, e trazendo o traje, em que ordem é que eles devem ser colocados no cortejo. E segundo, não vindo vestidos ou trajados, podem ser e devem ser colocados na plateia, junto com os colegas que não estão trajados. Os colaboradores, de uma maneira geral, são envolvidos, participando na organização e em toda a preparação, e não tendo estado envolvidos, que são normalmente os que estão mais localizados na reitoria, não tendo estado envolvidos, de uma maneira geral, também contribuem com a sua ajuda naquilo que for preciso e fazem-no naturalmente.

Teresa: Há espaço para apresentação de projetos ou iniciativas desenvolvidas por membros da Universidade durante a celebração?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Quando necessário, sim. O próprio reitor também pode apresentar os projetos e as iniciativas que ocorreram, como eu já disse anteriormente. As apresentações poderão também estar muito direcionadas para o orador convidado que participe na sessão. Portanto, eu penso que esta pergunta será um pouco mais nessa lógica. Sim, há espaço, sim, enquadrado no seu momento próprio, quer seja o discurso do reitor, quer seja a apresentação do convidado, ou até a intervenção de algum membro do governo.

Teresa: Como é promovida a participação do público externo, como ex-alunos, parceiros institucionais ou comunidade local?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Toda a preparação e toda a sessão é feita com vista a ser uma sessão pública, ou seja, à partida ela é divulgada nos órgãos de comunicação, através do envio de comunicados de imprensa e também é promovida pela própria instituição nos seus meios de comunicação. Portanto, de uma forma geral, são enviados convites também por e-mail para as entidades com as quais a Universidade colabora. Portanto, de uma maneira geral, esta participação é feita por diversas vias, seja por convite direto, seja por divulgação da instituição.

Teresa: Quais são os principais desafios enfrentados na organização e cumprimento do protocolo durante o evento?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Eu penso que se tudo estiver organizado devidamente, cada um sabe o que deve fazer. E como, no fundo, todo este ritual já é um ritual que vem desde o início da instituição, eu penso que não é nesse momento que nós iremos enfrentar desafios, com exceção daquelas situações que já falei anteriormente e

que têm a ver com os convidados que aparecem inesperadamente e sem terem confirmado. Mas fora disso, não há, digamos, não deve haver momentos que, enfim, escorreguem, digamos assim, ao longo da sessão. Se tudo estiver devidamente planeado, obviamente.

Teresa: De que forma o protocolo pode ser adaptado para lidar com imprevistos ou mudanças na dinâmica do evento?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: O protocolo funciona muito com base no bom senso. Mas se surgirem, e estamos a falar quase de um cataclismo, se porventura houver imprevistos que nunca surgiram, felizmente, de grande escala, como uma inundação ou qualquer coisa assim do estilo, naturalmente que a sessão terá de ser cancelada porque não há alternativas possíveis para isso. Se acontecer um problema, por exemplo, com o som ou qualquer coisa do estilo, regra geral, os técnicos estão presentes e deverão tentar resolver todas as questões técnicas inerentes. Portanto, de uma maneira geral, e volto a dizer, sempre e quando a sessão esteja devidamente preparada, não devem acontecer estes imprevistos. E é para isso que serve precisamente o protocolo. É, no fundo, toda uma lógica de preparação que impeça a ocorrência destes imprevistos.

Teresa: Na sua opinião, quais são os principais impactos a curto e longo prazo que o Dia da UBI tem para a instituição?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Vamos ver, impactos a curto prazo são normalmente os que decorrem da divulgação nas notícias e pelos órgãos de comunicação de tudo o que aconteceu na instituição. E, portanto, esse é um impacto que deve ser tido em consideração e é provavelmente o melhor. Há depois outros impactos que decorrem até de coisas muito mais simples, como, por exemplo, um convidado que vem pela primeira vez à instituição e que fica, digamos que, agradavelmente surpreendido com as instalações e com todo o entorno da instituição. Portanto, estes são os impactos mais diretos e imediatos. A longo prazo, no fundo, é a manutenção de uma... A longo prazo, estávamos a falar a longo prazo. Ah, sim. Portanto, recapitulando. A longo prazo, estas sessões acabam por manter toda uma tradição e também um ritual associado à instituição. Eu penso que são cerimónias das quais não deve nunca abdicar-se ou nunca deveremos abdicar. Porque, à partida, são marcos institucionais que devem ser mantidos, preservados e até, em certa medida, como direi, prolongados, digamos assim, no tempo e no espaço, de forma a que continuem a assinalar a existência da instituição. E a fazer parte da vida da instituição.

Teresa: O evento já gerou parcerias ou iniciativas que se destacaram na continuidade das atividades da Universidade. Se sim, quais e como se refletiram?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Sim, a preparação do evento propriamente conduz, muitas vezes, a esse tipo de parcerias. Porque há a necessidade de encontrar patrocinadores para os prémios e, inclusive, para outros prémios muito associados às vezes a áreas de investigação. E, portanto, de uma maneira geral, estas parcerias são sempre aquelas que são criadas e que acontecem todos os anos. E depois poderá existir, eu penso que certamente já terão surgido outras parcerias que decorreram, precisamente, do conhecimento daquilo que a instituição fez ou está a fazer. E que podem ser do interesse de áreas da sociedade à volta e que, à partida, possam criar, precisamente isso.

Teresa: Como aquilo que acontece com os protocolos?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Exatamente, sim. Institucionais. Exatamente, com a assinatura de protocolos. Mas eu estou a olhar para isto enquanto gerar parcerias. Portanto, as parcerias desses protocolos que são assinados nessa cerimónia, muitas vezes são assinados naquele momento que é para que a comunidade conheça e saiba. Mas não foram geradas pela... Eu prendi-me um bocadinho ali com a noção do gerar.

Teresa: Com os desafios e transformações que as instituições do ensino superior enfrentam, como imagina que o Dia da UBI pode evoluir nos próximos anos?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Eu acho que o Dia da Universidade já está a evoluir. Nós estamos perante uma sociedade que pressiona muito a própria instituição, as próprias instituições. E, portanto, estas transformações têm que ir ocorrendo. Naturalmente. Por exemplo, a utilização do latim, nas cerimónias da atribuição do doutoramento honoris causa. Por exemplo, com o atual reitor, foram retiradas as leituras em latim que eram habituais. Porque o reitor prefere fazer a leitura em português. Mas poderá surgir de novo outro reitor que entenda que não, que quer fazer a leitura em latim. E, portanto, em latim, enquanto língua-mãe universal, sobretudo das línguas europeias. E a partir de que possa querer manter esse tipo de critério. Por outro lado, a estrutura das celebrações pode envolver exposições, pode envolver outro tipo de concertos. Portanto, não nos cingindo apenas à própria sessão solene. À partida há todo um conjunto de outras atividades que podem ser criadas para assinalar o dia. E que, de uma maneira geral, fazem evoluir, efetivamente, as celebrações do dia da Universidade.

Teresa: Considerando as futuras eleições, há algo que gostaria de implementar ou modificar em termos protocolares?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: Não é uma questão que me surja por natureza. No fundo, eu penso que a forma como o protocolo está organizado responde perfeitamente às necessidades da celebração. Portanto, em termos protocolares, eu não modificaria nada, a não ser que, obviamente, surja essa necessidade. Agora, não espero que isso aconteça.

Teresa: Para encerrar, que mensagem gostaria de transmitir sobre a importância do protocolo e do dia da UBI para a comunidade académica e para o fortalecimento da reputação institucional?

Chefe de Gabinete Graça Castelo Branco: No fundo, vai ao encontro de tudo aquilo que foi dito anteriormente. No fundo, a importância do dia da Universidade enquanto marco da instituição, enquanto celebração académica, enquanto forma de manter tradições, enquanto forma de comunicar, de envolver, de levar as pessoas a perceber que a instituição universitária é secular e que é, no fundo, uma forma de manter um ritual que também é antigo e que, à partida, se tornou uma tradição. Portanto, de tudo isto, ressalta realmente a necessidade de que a comunidade compreenda toda esta envolvimento e que tenha uma perspectiva da instituição enquanto um todo a que pertence.

Anexo B

Declarações de Consentimento

Declaração de Consentimento para Gravação de Vídeo de Entrevista

Eu, Manuel José dos Santos Silva, residente na Covilhã, declaro que estou ciente e concordo com a gravação em vídeo da entrevista que realizada no dia 18 de janeiro de 2025, para fins académicos.

Autorizo o uso dos conteúdos recolhidos durante a entrevista, que poderão ser utilizados em trabalhos académicos, apresentações, publicações e outras atividades relacionadas com a dissertação O Papel do Protocolo em Eventos Académicos na Organização e Planeamento: O Dia da UBI.

Estou ciente de que a minha participação é voluntária e que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Declaro que li e compreendi todas as informações acima e concordo com os termos aqui estabelecidos.

Covilhã,



Assinatura do Entrevistado

Declaração de Consentimento para Gravação de Vídeo de Entrevista

Eu, João Queiroz, residente na Guarda, na qualidade de ex-Reitor da UBI, declaro que estou ciente e concordo com a gravação em vídeo da entrevista que se realiza no dia 20 de janeiro de 2025, para fins académicos.

Autorizo o uso dos conteúdos recolhidos durante a entrevista, que poderão ser utilizados em trabalhos académicos, apresentações, publicações e outras atividades relacionadas com a dissertação O Papel do Protocolo em Eventos Académicos na Organização e Planeamento: O Dia da UBI.

Estou ciente de que a minha participação é voluntária e que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Declaro que li e compreendi todas as informações acima e concordo com os termos aqui estabelecidos.



Declaração de Consentimento para Gravação de Vídeo de Entrevista

Eu, Mário Lino Barata Raposo, residente na Covilhã, declaro que estou ciente e concordo com a gravação em vídeo da entrevista que realizada no dia 22 de janeiro de 2025, para fins académicos.

Autorizo o uso dos conteúdos recolhidos durante a entrevista, que poderão ser utilizados em trabalhos académicos, apresentações, publicações e outras atividades relacionadas com a dissertação O Papel do Protocolo em Eventos Académicos na Organização e Planeamento: O Dia da UBI.

Estou ciente de que a minha participação é voluntária e que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Declaro que li e compreendi todas as informações acima e concordo com os termos aqui estabelecidos.

Covilhã, 02 de abril de 2025

O Reitor

Mário Raposo

Declaração de Consentimento para Gravação de Vídeo de Entrevista

Eu, António Fidalgo, residente na Covilhã, declaro que estou ciente e concordo com a gravação em vídeo da entrevista realizada no dia 21 de janeiro de 2025, para fins académicos.

Autorizo o uso dos conteúdos recolhidos durante a entrevista, que poderão ser utilizados em trabalhos académicos, apresentações, publicações e outras atividades relacionadas com a dissertação O Papel do Protocolo em Eventos Académicos na Organização e Planeamento: O Dia da UBI.

Estou ciente de que a minha participação é voluntária e que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Declaro que li e compreendi todas as informações acima e concordo com os termos aqui estabelecidos.

Covilhã,

Assinado por: António Carreto Fidalgo
Num. de Identificação: 04056392
Data: 2025.04.03 11:44:54 +0100

Assinatura do Entrevistado

Declaração de Consentimento para Gravação de Vídeo de Entrevista

Eu, Maria da Graça Frazão Castelo-Branco Sousa, residente na Covilhã, declaro que estou ciente e concordo com a gravação em vídeo da entrevista realizada no dia 22 de janeiro de 2025, para fins académicos.

Autorizo o uso dos conteúdos recolhidos durante a entrevista, que poderão ser utilizados em trabalhos académicos, apresentações, publicações e outras atividades relacionadas com a dissertação intitulada "O Papel do Protocolo em Eventos Académicos na Organização e Planeamento: O Dia da UBI".

Estou ciente de que a minha participação é voluntária e que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Declaro que li e compreendi todas as informações acima e concordo com os termos aqui estabelecidos.

Covilhã, em 22 de janeiro de 2025

_____

Assinatura do Entrevistado

Anexo C

Deliberação do Senado nº 25/95



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

R. Marques de Sá, 6300-109
Covilhã - Portugal

REGULAMENTO DE SÍMBOLOS, DISTINÇÕES, TRAJE ACADÉMICO E INSÍGNIAS

DELIBERAÇÃO DO SENADO Nº 25/95

Com o objectivo de institucionalizar os símbolos que tem vindo a ser adoptados pela Universidade da Beira Interior e o seu uso, bem como o traje académico e as insígnias, o Senado, por proposta do Reitor nos termos do nº 1 do artigo 3º dos Estatutos, delibera o seguinte:

Artigo 1º

Símbolos

- 1 - Os elementos heráldicos que constituem a emblemática da Universidade da Beira Interior são os seguintes:
 - a) Brasão de Armas;
 - b) Bandeira;
 - c) Selo.
- 2 - A Universidade adopta a cor azul cobalto.
- 3 - A memória descritiva dos elementos a que se refere o nº 1 são os constantes da carta de armas aprovada pela Comissão Instaladora da Universidade da Beira Interior em reunião de 19/3/87 e que consta em Anexo I.
- 4 - A Universidade possui ainda:
 - a) Hino próprio que se executa nas cerimónias solenes;
 - b) Medalha honorífica.
- 5 - A letra e a música do hino será aprovada por despacho do Reitor.
- 6 - A medalha honorífica de formato circular com diâmetro de 8 cm e espessura de 0,4 cm, cunhada em prata ou em bronze tem na frente a emblemática com o brasão de armas da Universidade e na margem do círculo a divisa da instituição - SCIENTIA ET LABORE ALTIORA PETIMVS - e no verso também na margem do círculo - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR - conforme Anexo II.
- 7 - Os Serviços da Universidade podem utilizar, além do selo descrito na carta de armas, selos brancos próprios que sejam aprovados pelo Senado.



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

R. Marquês D'Ávila e Bolama
6200-062 Coimbra - Portugal

Artigo 2º Distinções

1 - As distinções referentes a títulos e graus honoríficos constarão de regulamentos referentes à sua atribuição ou ao protocolo da cerimónia académica para imposição de insígnias.

2 - Com a medalha honorífica tem-se como objectivo as seguintes distinções:

a) A medalha de prata é atribuída pelo Reitor, por sua iniciativa ou pelo Senado por proposta deste, e destina-se a galardão pessoas ou instituições que tenham prestado relevantes serviços à Universidade ou que se tenham distinguido por méritos excepcionais;

b) A medalha de bronze é atribuída pelo Reitor, por sua iniciativa sempre que julgado conveniente e destina-se a distinguir pessoas ou instituições cuja colaboração seja considerada importante para a Universidade.

3 - A atribuição de medalhas poderá ser ou não acompanhada de diploma de modelo a fixar por despacho do Reitor.

4 - Por despacho do reitor serão ainda fixados modelos de diploma de louvor e de menção de apreço:

a) O diploma de louvor é concedido pelo Reitor ao indivíduo ou colectividade que tenha prestado valiosa colaboração à Universidade.

b) A menção de apreço é concedida pelo Reitor a pessoa cuja colaboração para com a Universidade, não justificando a atribuição de medalha ou de diploma de louvor, seja digna da referência elogiosa.

5 - Os Serviços Académicos assegurarão os registos respeitantes às distinções referidas em 1, sendo da competência dos Serviços de Apoio à Reitoria o registo das entidades e individualidades às quais sejam atribuídas a medalha honorífica e os diplomas de louvor e de menção de apreço.

Artigo 3º Traje Académico

1 - O Traje Académico da Universidade da Beira Interior é a toga, confeccionada em tecido preto com três pregas inteiriças na frente e costas, que vão até à cintura, uma faixa de cetim preto brilhante na cintura e as mangas em forma de sino com boca forrada de cetim azul cobalto (anexo III).

2 - As características técnicas de confecção da toga serão fixadas por despacho do Reitor.



Artigo 4º
Insignias

- 1 - A insignia dos doutores pela Universidade da Beira Interior é a barretina.
- 2 - As insignias do Reitor são a barretina e o epitógio de cor branca com medalha de ouro oval suspensa, sendo estas duas últimas propriedade da Universidade.
- 3 - As insignias dos Vice-Reitores são a barretina e o epitógio de cor branca com um gorgorão da cor da unidade orgânica a que pertencem e a medalha oval suspensa correspondente à respectiva categoria como professor.
- 4 - As insignias dos Professores Catedráticos são a barretina e o epitógio com medalha de prata oval suspensa.
- 5 - As insignias dos Professores Associados são a barretina e o epitógio com medalha de bronze oval suspensa.
- 6 - As insignias dos Professores Auxiliares são a barretina e o epitógio.
- 7 - O epitógio a usar nos trajes dos professores toma as seguintes cores, de acordo com as unidades orgânicas a que se encontram afectos:
 - Unidade Científico-Pedagógica de Ciências Exactas - Azul;
 - Unidade Científico-Pedagógica de Ciências de Engenharia - Tijolo;
 - Unidade Científico-Pedagógica de Ciências Sociais e Humanas - Vermelho Rubi.
- 8 - A barretina conforme anexo IV tem a configuração de um tronco de cone invertido. É exteriormente formada de tecido preto igual ao da toga e tem na base uma barra lisa de cetim preto brilhante igual ao da faixa sendo tanto o tecido como a barra cosida atrás. Tem a altura máxima de 10,5 cm, sendo a altura da barra igual a 5,5 cm. O diâmetro superior tem 3,5 cm a mais do que a correspondente dimensão na base, o topo tem ao centro uma roseta, - pom-pom aveludada.
- 9 - O epitógio conforme Anexo V é confeccionado na parte exterior em veludo e na parte inferior em cetim, tendo na meio intertela. Atrás tem um decote arredondado com costura com uma largura de 11 cm, fazendo um bico sobre o meio das costas. Termina a frente com 4,5 cm de largura em bico e após trespasse, ficando 8,5 cm acima da faixa de cetim da cintura. O epitógio dos Vice-Reitores será debruado na parte interior e no exterior com o gorgorão previsto para o mesmo.
- 10 - A medalha que fica suspensa do epitógio de formato oval com um comprimento de 8,5 cm, largura 4,6 cm e espessura de 0,4 cm, cunhada em ouro, prata ou em bronze tem na frente a emblemática com o brasão da Universidade e na margem a divisa da instituição - SCIENTIA ET LABORE ALTIORA PETIMVS - e no verso também na margem - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR - conforme Anexo VI.



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

R. Mártires d'Ávila e Bolama
6200 Covilhã - Portugal

Artigo 5º

Uso dos Símbolos

- 1 - Por despacho do Reitor será fixado o protocolo do uso da bandeira.
- 2 - A Carta de Curso, a Carta Magistral e a Carta Doutoral correspondentes aos graus de Licenciado, Mestre e Doutor atribuídos pela Universidade da Beira Interior serão impressas em papel pergaminho 135gr. em formato 39,6 cm x 29,5 cm com o texto, base em latim e sobressaindo ao centro o brasão de armas e a divisa da Universidade.
- 2 - O texto das Cartas de Curso, Magistral e Doutoral a que se refere o número anterior terá por base o disposto na Portaria nº 187/87, de 16 de Março e será fixado por despacho do Reitor.
- 3 - Os modelos de diplomas do curso especializado de Mestrado e de Cursos de Extensão a nível de aperfeiçoamento ou de Pós-graduação - especialização bem como a certificação de quaisquer outras acções de formação inseridos no âmbito das Actividades de Extensão (Prestação de Serviços à Comunidade) e os símbolos a utilizar serão fixadas por despacho do Reitor.
- 4 - O brasão e a divisa bem como o selo podem ser estilizados para uso em impressos, papel timbrado etc. bem como para publicações da Universidade.

Artigo 3º

Disposições finais

- 1 - Por despacho do reitor será aprovado o emblema bem como outras peças com símbolos alusivos à Universidade da Beira Interior os quais serão disponibilizados para o público em geral.
- 2 - As dúvidas e os casos omissos serão resolvidos por despacho do Reitor.

Universidade da Beira Interior - Covilhã, em 16 de Dezembro de 1995

O Presidente do Senado

Prof. Doutor Cândido Manuel Passos Morgado

анexo 2



анехо 3



анехо 4



анехо 5



анехо 6



Anexo D

Despacho nº 2014/R/16



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Gabinete do Reitor

DESPACHO N.º 2014/R/16

Assunto: Regulamento de Símbolos, Distinções, Traje Académico e Insignias - Alteração

Considerando-se conveniente proceder a um reajustamento no Regulamento de símbolos, distinções, traje académico e insignias, no que respeita às insignias dos Professores Auxiliares e às cores das unidades orgânicas, nos termos do n.º 1 do artigo 4.º e alínea o) do n.º 1 do artigo 24.º dos estatutos determino:

1 - A alteração no artigo 4.º da Deliberação do Senado n.º 25/95, de 16 de dezembro, números 5, 6 e 7 que passam a ter a seguinte redação:

...

5 - As insignias dos Professores Associados e Auxiliares são a barretina e o epitógio com a medalha de bronze oval suspensa;

6 - (Revogado);

7 - O epitógio a usar nos trajes dos Professores toma as seguintes cores de acordo com as unidades orgânicas a que se encontrem afetos:

- Faculdade de Ciências - azul celeste
- Faculdade de Engenharia - tijolo
- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - vermelho rubi
- Faculdade de Artes e Letras - azul real
- Faculdade de Ciências da Saúde - amarelo

Universidade da Beira Interior, 28 de Março de 2014

O Reitor

António Fidalgo

Anexo E

Cumprimentos Protocolares (Exemplo 1)

Senhor Ministro da Educação, Excelência

Senhor Bispo, Excelência Reverendíssima

Senhor Sub-Director Geral do Ensino Superior

Senhores Deputados da Assembleia da República

Senhor Comendador Sebastião Alves, Ilustre Doutorando

Senhor Prof. André Campos Neves

Senhor Governador Civil de Castelo Branco

Senhores Presidentes das Assembleias e Câmaras Municipais

Senhores Reitores, Vice-Reitores e seus representantes das Universidades Portuguesas

Senhores Presidentes dos Institutos Politécnicos

Digníssimas Autoridades Cívicas, Militares, Judiciais, Religiosas e Académicas

Excelentíssimos Senhores Membros da Assembleia e do Senado da Universidade da Beira Interior

Ilustres Professores, Assistentes e Investigadores

Senhor Presidente da Associação Académica

Estimados Alunos

Prezados Funcionários

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Anexo F

Cumprimentos Protocolares (Exemplo 2)

Senhor Ministro da Ciência e do Ensino Superior, Excelência

Senhor Bispo, Excelência Reverendíssima

Senhor Prof. Adriano Moreira, Ilustre Doutorando

Senhor Prof. Lúcio Craveiro da Silva

Senhora Governadora Civil de Castelo Branco

Senhores Presidentes das Assembleias e Câmaras Municipais

Senhores Reitores, Vice-Reitores e seus representantes das
Universidades Portuguesas

Senhores Presidentes dos Institutos Politécnicos

Digníssimas Autoridades Civas, Militares, Judiciais, Religiosas e
Académicas

Excelentíssimos Senhores Membros da Assembleia e do Senado
da Universidade da Beira Interior

Ilustres Professores, Assistentes e Investigadores

Senhor Presidente da Associação Académica

Estimados Alunos

Prezados Funcionários

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Anexo F

Cumprimentos Protocolares (Exemplo 3)

Cumprimentos protocolares

- Senhor Ex-Presidente da República General Ramalho Eanes, excelentíssimo
Doutorando Honoris Causa
- Senhor Embaixador José Gregório Faria
- Senhor Representante do chefe de Estado-Maior das Forças Armadas
- Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior, Excelência
- Senhor representante do Chefe Estado Maior da Força Aérea
- Senhores Deputados
- Senhores representantes das Ordens Profissionais
- Senhores Reitores das Universidades Portuguesas e seus representantes
- Senhores Reitores das Universidades Estrangeiras
- Senhores Ex-Reitores da Universidade da Beira Interior
- Senhor Presidente do Conselho Geral
- Senhores membros do Conselho Geral
- Senhores Vice-Reitores e Senhores Pró-Reitores
- Senhores Presidentes dos Institutos Politécnicos
- Senhor Professor Doutor Eduardo Lourenço, Excelentíssimo padrinho do
Doutorando
- Senhor Representante do Presidente da Câmara Municipal da Covilhã
- Senhores Presidentes de Câmaras Municipais e seus representantes
- Senhor Representante do Presidente da Assembleia Municipal da Covilhã
- Senhor Director nacional do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
- Senhora Presidente do Instituto Nacional de Propriedade Industrial
- *Senhora Presidente da Fundação Champalimaud*
- Senhores Presidentes dos Conselhos de Administração e directores clínicos dos
Hospitais e Unidades Locais de Saúde articulados com a Faculdade de Ciências da
Saúde

Anexo F

Cumprimentos Protocolares (Exemplo 4 - 2015)

- Senhor Director-Geral do Ensino Superior
- Senhor Presidente do Conselho Geral da Universidade da Beira Interior
- Senhores Representantes dos Chefes de Estado-Maior das Forças Armadas e da Força Aérea
- Senhora Deputada pelo Distrito de Castelo Branco
- Senhor Bispo da Guarda, Excelência Reverendíssima
- Senhores Reitores das Universidades Portuguesas e seus representantes
- Senhores antigos Reitores da Universidade da Beira Interior
- Senhor Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco
- Senhores Presidentes dos Conselhos de Administração e directores clínicos dos Hospitais e Unidades Locais de Saúde articulados com a Faculdade de Ciências da Saúde
- Senhores membros do Conselho Geral
- Senhores representantes das Ordens Profissionais
- Senhores Presidentes das Faculdades da Universidade da Beira Interior
- Digníssimas autoridades civis, militares, judiciais, religiosas e académicas
- Senhor Provedor do Estudante da Universidade da Beira Interior
- Senhora Presidente da Associação Académica da Universidade da Beira Interior
- Ilustres professores, assistentes e investigadores
- Estimados alunos
- Prezados funcionários
- Minhas Senhoras e meus Senhores

(Reitor UBI)

Anexo F

Cumprimentos Protocolares (Exemplo 4 - 2024)

Senhor Presidente da Câmara Municipal da Covilhã

Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Covilhã

Senhor Representante do Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas

Senhor Representante do Chefe de Estado-Maior do Exército

Senhor Representante do Chefe de Estado-Maior da Força Aérea

Senhores Representantes dos Reitores das Universidades Portuguesas

Senhores Presidentes dos Institutos Politécnicos de Castelo Branco e Guarda

Senhor Bastonário da Ordem dos Farmacêuticos e Senhores Representantes dos Bastonários da Ordem dos Engenheiros e da Ordem dos Médicos

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Gouveia e Presidente da CIMBSE, Senhor Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco e Senhores Representantes dos Presidentes das Câmaras Municipais de Belmonte e Fundão

Senhor Vice-Presidente da Comissão de Coordenação Regional da Região Centro

Senhor Ex-Reitor da Universidade da Beira Interior, Prof. Santos Silva, que aqui será homenageado

Senhores Homenageados, Dr. Pedro Roseta e Prof. Fernando de Jesus

Senhor Orador Convidado, Dr. Anselmo Crespo

Senhor Presidente da Associação Académica da Universidade da Beira Interior

Senhor Provedor do Estudante

Digníssimas Autoridades Civas, Militares e Académicas

Senhora Administradora da Universidade da Beira Interior e dos Serviços de Ação Social da UBI

Senhores e Senhoras representantes das empresas patrocinadoras dos prémios escolares

Ilustres Professores, Assistentes e Investigadores

Estimados Alunos e estimadas Alunas

Senhoras e Senhores Funcionários

Minhas Senhoras e Meus Senhores

(Sr. Reitor)

Anexo G

Convite 2001

O Reitor da Universidade da Beira Interior tem a honra de convidar V. Exa. para a Sessão Solene comemorativa do Dia da Universidade, que terá lugar no dia 30 de Abril de 2001, pelas 14.30 horas, no Anfiteatro das Sessões Solenes.

(Traje Académico/Fato Escuro)

Confirmação até dia 23 de Abril de 2001
Tel.: 275 319 041/2 • Fax: 275 319 056

Anexo G

Convite - Programa 2012

Programa

14h30 | Recepção dos Convidados
(Faculdade de Ciências da Saúde)

14h45 | Organização do Cortejo Académico;

15h00 | Sessão Solene
(Grande Auditório da Faculdade de Ciências da Saúde)

- Intervenção do Reitor
- Intervenção do Presidente da Associação Académica
- Outorga de Cartas de Agregação
- Imposição de Insignias doutorais
- Entrega de medalhas a docentes e funcionários que completaram 20 anos de serviço ou se aposentaram até 30 de abril de 2012
- Entrega de prémios escolares e bolsas de mérito
- Assinatura de protocolos

Atribuição do Grau de Doutor Honoris Causa ao General António dos Santos Remalho Eanes

- Discurso do Padrinho
- Atribuição do Grau
- Discurso do novo Doutor

Intervenção do Presidente do Conselho Geral

17h30 | Apresentação de cumprimentos ao Doutor Honoris Causa (Segue-se um Porto de Honra)

21h30 | Concerto pela Orquestra Sinfónica da EPABI Escola Profissional de Artes da Covilhã
(Grande Auditório da Faculdade de Ciências da Saúde)



20^o aniversário
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Covilhã | Portugal

Anexo G
Convite – 2024



Anexo H Programa 2001



PROGRAMA

- 1.30 - Recepção dos Convidados
- 1.45 - Organização do Cortejo Académico (*Capela de S. Martinho*)
- 2.00 - Sessão Solene (*Anfiteatro das Sessões Solenes*)
 - Cortejo Académico
 - Intervenção do Reitor
 - Intervenção do Presidente da Associação Académica
 - Entrega de medalhas a docentes e funcionários que completaram 20 anos de serviço
 - Entrega de medalhas a docentes e funcionários que se aposentaram
 - Entrega de prémios escolares e bolsas de mérito
 - Atribuição do Grau de Doutor *Honoris Causa* ao Senhor Comendador Sebastião Alves
 - Intervenção de Sua Excelência o Ministro da Educação
 - Saída do Cortejo Académico
- 2.30 - Porto de Honra (*Bar da UBI*)

Anexo H

Convite - Programa 2015

Programa

14h45 | Organização do Cortejo Académico
(Faculdade de Ciências da Saúde)

15h00 | Sessão Solene
(Grande Auditório da Faculdade de Ciências da Saúde)

Intervenção do Reitor

- . Intervenção da Presidente da Associação Académica
- . Outorga de Cartas de Agregação
- . Imposição de insígnias doutorais
- . Entrega de medalhas a docentes e funcionários que completaram 20 anos de serviço ou que se aposentaram até 30 de abril de 2015
- . Entrega de prémios escolares e bolsas de mérito

Intervenção do Presidente do Conselho Geral

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Covilhã | Portugal

aniversário

Anexo H Programa do Dia da UBI 2024



PROGRAMA

14h30 | Recepção dos Convidados (Faculdade de Ciências da Saúde)

14h45 | Organização do Cortejo Académico (Sala dos Conselhos FCS)

15h00 | Sessão Solene (Grande Auditório da Faculdade de Ciências da Saúde)

- . Intervenção do Reitor
- . Intervenção do Presidente da Associação Académica
- . Orador convidado: Anselmo Crespo, Diretor de Novos Conteúdos CNN Portugal
- . Outorga do diploma de Professor Emérito ao Prof. Doutor Manuel José dos Santos Silva
- . Distinções a atribuir no âmbito das comemorações dos 50 anos de Ensino Superior na Covilhã:
 - Prof. Doutor Manuel Santos Silva
 - Dr. Pedro Manuel Cruz Roseta
 - Prof. Doutor Fernando de Jesus
- . Outorga de Cartas de Agregação
- . Entrega de medalhas a docentes e funcionárias/os que completaram 20 anos de serviço ou que se aposentaram até 30 de abril de 2024
- . Entrega de prémios de mérito escolar a alunos de 1º Ciclo/Mestrado Integrado que terminaram o curso em 2022/2023
- . Entrega do Prémio Voluntariado Estudante 2023
- . Intervenção do Presidente do Conselho Geral

Anexo I Guião



Guião | Sessão Solene

Encontro na Sala dos Conselhos de Reitores de Universidades, Professores, entidades públicas e demais convidados.

O Cortejo Académico organiza-se junto ao Anfiteatro Amarelo, após o que sobe pelo acesso exterior e entra no Grande Auditório da Faculdade de Ciências da Saúde.

Logo que o Cortejo Académico entra no Auditório, o Coro da Universidade começa a cantar e só termina quando todos os elementos do Cortejo tiverem ocupado os seus lugares nos cadeirais; todos aguardam de pé que o Reitor se sente. O Reitor senta-se e tira a barretina, no que é imitado por todos os doutores.

O Chefe de Cerimónias pede vênias ao Reitor e declara aberta a sessão solene.

Após pedir vênias, o Chefe de Cerimónias acompanha o Reitor ao ambão onde este profere o discurso. Findo o discurso, o Chefe de Cerimónias acompanha o Reitor ao seu lugar.

De seguida o Chefe de Cerimónia pede novamente vênias ao Reitor, dirige-se à Presidente da Associação Académica e convida-a a acompanhá-lo ao ambão para pronunciar o seu discurso e retoma o seu lugar.

Findo o discurso, o Chefe de Cerimónias conduz a Presidente da Associação Académica ao seu lugar.

O Chefe de Cerimónias levanta-se, pede vênias ao Reitor e anuncia que se vai proceder à cerimónia de outorga de cartas de agregação, imposição de insígnias doutorais, distinção de pessoal docente e não docente da Universidade, com mais de vinte anos no ativo ou que se aposentaram, à distribuição de prémios e bolsas de mérito.

Concluída esta cerimónia, e após breve intervenção do coro, o Chefe de Cerimónias pede vênias ao Reitor, dirige-se ao Presidente do Conselho Geral, convida-o a acompanhá-lo ao ambão para proceder à sua intervenção.

Terminado o discurso o Chefe de Cerimónias acompanha o Presidente do Conselho Geral ao seu lugar. Em seguida dirige-se ao Diretor-Geral do Ensino Superior e também o convida a segui-lo para o ambão para proferir o seu discurso.

O Chefe de Cerimónias dirige-se ao Reitor pede vênias e, em nome deste, dá por encerrada a sessão.

O Coro começa a cantar. O Cortejo Académico reorganiza-se e regressa à Sala dos Conselhos. Logo que o Reitor sai do Grande Auditório, o Coro pára de cantar e a assistência começa a sair pelo acesso exterior.

Anexo J
Esquema de Organização do Cortejo Académico



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

SESSÃO SOLENE

38º ANIVERSÁRIO DA UBI

30 DE ABRIL DE 2024

***ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO
ACADÉMICO***

ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO ACADÊMICO - 30/04/2024

A	X X PROFESSORES AUXILIARES X X	ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO 1 - A ordem dos Professores é a da categoria académica, e nesta respeitando as precedências de antiguidade, os mais modernos à frente. Os Professores Jubilados e Aposentados integram-se atrás do Professor Catedrático mais antigo em exercício, também por ordem de antiguidade, mas do grau de doutor e, portanto, independentemente da antiguidade que tenham tido como professores. 2 - Os Professores que não façam parte do corpo docente da Universidade integram-se no cortejo por ordem de antiguidade do grau de doutor, independentemente da que possuem como professores. Os antigos Reitores da UBI e os Reitores de outras Universidades (ou seus representantes), colocam-se aos pares por antiguidade de Universidades. 3 - Antes da entrada no anfiteatro das Sessões Solenes o cortejo abre alas no acesso exterior para que avance o Reitor, os convidados especiais bem como o restante cortejo. 4 - Para a saída do anfiteatro das Sessões Solenes, o cortejo forma-se novamente respeitando as precedências de categoria e de antiguidade, iniciando a saída com os doutores mais recentes à frente.
B	X X PROFESSORES ASSOCIADOS X X	
C	X X PROFESSORES CATEDRÁTICOS DOUTORES HONORIS CAUSA PELA UBI X X	
D	X X PROFESSORES JUBILADOS (Ant. Grau Doutor) PROFESSORES EMÉRITOS X X	
E	X X PRESIDENTES DAS FACULDADES REITORES DE OUTRAS UNIVERSIDADES (ou seus representantes) VICE-REITORES ANTIGOS REITORES DA UBI X X	
F	X X REITOR E CONVIDADOS ESPECIAIS	

ESQUEMA DE ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO ACADÉMICO - 30/04/2024

X X PROFESSORES AUXILIARES X X Pró Reitores	A		
X X PROFESSORES ASSOCIADOS X X	B		A
X X PROFESSORES CATEDRÁTICOS	C		B
DOUTORES HONORIS CAUSA PELA UBI X X	D	Prof. Carrilho	C
X X PROFESSORES JUBILADOS (Ant. Grau Doutor)	E	Prof. Miguel Castelo Branco	D
PROFESSORES EMÉRITOS X X	F	Prof. Arminda	E
X X PRESIDENTES DAS FACULDADES	G	Prof. Paulo Almeida	F
REITORES DE OUTRAS UNIVERSIDADES (ou seus representantes)	H	U Católica - Pro Reitor Prof. Aires Couto	G
VICE-REITORES	I	Prof. Sílvio	H
ANTIGOS REITORES DA UBI X X	J	Prof. Amélia Augusto	I
X X REITOR E CONVIDADOS ESPECIAIS	K	Prof. Helena Alves	J
		Prof. Fernando de Jesus	K
		Prof. Santos Silva	L
			M
			N
			O
			P
			Q
			R
			S
			T
			U
			V
			W
			X
			Y
			Z

Anexo K

Guião de perguntas realizadas aos ex-Reitores e Reitor da UBI

Entrevista: Dia da Universidade – Sr. Reitor e Srs. Ex-Reitores

Objetivo: Investigar a importância do Protocolo no Dia da Universidade, sua relação com a identidade institucional e os critérios adotados para sua organização.

1. Antes de mais, agradeço a sua disponibilidade. Para começar, poderia partilhar connosco, de uma forma breve, o significado do Dia da Universidade para a instituição que representa?
2. Quando e como surgiu a tradição de celebrar esta data na universidade?
3. Como o protocolo contribui para a organização do evento e para a consolidação da identidade institucional?
4. Quais são os maiores desafios no cumprimento do protocolo durante o Dia da Universidade?
5. Como é que o protocolo e a organização do evento refletem a identidade e os valores da universidade?
6. Existem símbolos ou rituais específicos que são incorporados no evento para destacar a história e a tradição da universidade? Quais? E como?
7. Como são selecionados os convidados para o Dia da Universidade, incluindo oradores, homenageados e outras personalidades de destaque, como por exemplo os Doutorandos Honoris Causa?
8. Existe uma preocupação em garantir que os convidados estejam alinhados com os valores e a missão da universidade?
9. Poderia mencionar exemplos de convidados anteriores que tenham marcado a celebração?
10. Quais são os elementos fundamentais do programa oficial do Dia da Universidade? (Ex.: discursos, homenagens, entrega de prémios, etc.?)
11. Como é gerida a ordem de intervenções e alocações para respeitar as normas protocolares?
12. Quais os critérios que são utilizados para escolher os convidados de honra, como os oradores ou homenageados?
13. Existe uma estratégia para convidar personalidades que reflitam a missão e os objetivos da universidade?

14. De que forma os estudantes, professores e demais colaboradores são incluídos no planejamento e realização do evento?
15. Há espaço para apresentações, projetos ou iniciativas desenvolvidas por membros da universidade durante a celebração?
16. Como é promovida a participação do público externo, como ex-alunos, parceiros institucionais ou a comunidade local?
17. Quais são os principais desafios enfrentados na organização e cumprimento do protocolo durante o evento?
18. De que forma o protocolo pode ser adaptado para lidar com imprevistos ou mudanças na dinâmica do evento?
19. Na sua opinião, quais são os principais impactos, a curto e longo prazo, que o Dia da Universidade tem para a instituição?
20. O evento já gerou parcerias ou iniciativas que se destacaram na continuidade das atividades da universidade? Se sim quais e como se refletiram.
21. Com os desafios e transformações que as instituições de ensino superior enfrentam, como imagina que o Dia da Universidade pode evoluir nos próximos anos?
22. Considerando as futuras edições, há algo que gostaria de implementar ou modificar em termos protocolares?
23. Para encerrar, que mensagem gostaria de transmitir sobre a importância do protocolo e do Dia da Universidade para a comunidade acadêmica e para o fortalecimento da reputação institucional?

Anexo M
Discurso do Prof. Passos Morgado, 30 de abril de 1989

Exmo. Senhor Secretario de Estado do Ensino Superior

Exmos. Senhores Reitores

Exmo. Senhor Vice-Reitor da Universidade de Valladolid, representando também o
Exmo. Senhor Reitor da mesma Universidade

Exmo. Senhor Diretor-Geral do Ensino Superior

Senhores Presidentes, dos Institutos Politécnicos

Exmas. Autoridades Civis e Militares

Senhores Professores

Senhores Assistentes

Senhores Estudantes

Senhores Funcionários

Minhas Senhoras e Meus Senhores

I

1- As cerimónias que hoje têm lugar realizam-se, nesta mesma data e de idêntica forma, pela 4ª vez consecutiva. Contudo, colocam-se ainda as questões: qual a sua razão de ser porque têm elas lugar numa fase tao adiantada do ano letivo?

Após uma longa caminhada, por vezes bem difícil e acidentada, foi esta Universidade criada pelo Decreto-Lei nº 76-B/86 de 30 de abril, dia que se escolheu coma o Dia da Universidade da Beira Interior e ficou consignado como tal nos Estatutos recentemente aprovados.

É, pois, a criação da nossa Universidade que hoje comemoramos, dando-se a conhecer o que somos e pretendemos ser. E, como se não justificaria realizar alguns meses antes uma cerimónia para a abertura do ano letivo, decidiu-se incluir nas presentes solenidades os atos que então tradicionalmente deveriam ter lugar. Em conformidade, foram programadas, este ano, para o Dia da UBI as seguintes atividades:

De manhã:

- Tomada de posse de 31 funcionários ingressados definitivamente no Quadro, acontecimento da maior relevância, após vários anos de grande expectativa.
- Celebração de uma missa de ação de graças por Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Bispo da Guarda, na Capela de S. Martinho, por ele atribuída à UBI para a prática do culto religioso.
- Bênção e inauguração de um polidesportivo.

De Tarde:

- Visitas guiadas a algumas instalações da UBI e dos Serviços Sociais.
- Sessão solene a que agora damos início.
- Abertura de exposições após o encerramento desta sessão.
- Inauguração de um Centro de Tecnologia da Informação.

2 - Após esta breve explicação sobre o significado e natureza das comemorações que hoje se levam a efeito, cumpre-me agradecer, em primeiro lugar, ao Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior, ter-se dignado acompanhar-nos nesta cerimónia, sendo para nós um grato prazer vê-lo nesta casa que tanto tem ajudado a construir.

De facto, não tendo ainda havido por parte do Ministério da Educação um apoio inequívoco e significativo à UBI, contrariamente ao que tem acontecido com outras Universidades e Institutos Politécnicos, foi V. Exa. o Secretário de Estado que, até hoje, mais se empenhou na resolução dos nossos problemas pelo que lhe estamos sinceramente reconhecidos.

Continuamos, todavia, a enfrentar graves dificuldades que se refletem fortemente no desenvolvimento e expansão desta Universidade devidas, sobretudo, a injustiças cometidas aquando da atribuição dos Orçamentos.

Como é do conhecimento do Senhor Secretário de Estado, o nosso Orçamento Ordinário para o corrente ano está muito abaixo do mínimo aceitável, pelo que apelo a V. Exa. para que o mesmo seja urgente e justamente reforçado, pois, de outro modo, não poderemos cumprir a missão que nos está cometida e cedo entraremos em rutura financeira.

Referir-me-ei, mais adiante, a este momentoso e grave problema.

3 - Ao Senhor Diretor-geral do Ensino Superior quero igualmente manifestar a nossa satisfação por nos acompanhar nesta data de tão grande significado para a nossa Universidade, interpretando a presença de V. Exa. - após ter sido empossado no atual cargo ainda há tao pouco tempo - como uma prova do interesse em conhecer os nossos problemas e anseios e em nos apoiar na sua resolução.

Sei da preocupação do Senhor Diretor-geral na definição de critérios isentos e objetivos para a atribuição dos orçamentos, pelo que depositamos as maiores esperanças no seu espírito de rigor e justiça para a correção de anomalias que nos vêm afetando sistematicamente ao longo dos anos.

4 - Uma palavra de especial simpatia, amizade e consideração, para os Técnicos da Secretaria de Estado e da Direção-Geral do Ensino Superior, pelo profissionalismo demonstrado e pela disponibilidade que sempre nos manifestaram.

5 - Às autoridades académicas, civis e militares, bem como a todos os nossos convidados que a esta cerimónia se quiseram associar, exprimimos o nosso mais vivo reconhecimento pela honra da sua participação e o testemunho da sua solidariedade.

6- Para além da exposição do Reitor, inclui esta sessão solene, uma intervenção do Presidente da Associação Académica; a Oração de Sapiência sobre Autonomia Universitária, pelo Professor Doutor António Ribeiro Gomes, Professor Catedrático da Universidade de Coimbra e colaborador da UBI; a atribuição de bolsas e prémios; a assinatura de 3 convénios; e, por fim, o encerramento, por Sua Excelência o Secretário de Estado do Ensino Superior. Quero exprimir as entidades que connosco vão assinar os convénios, a total disponibilidade da nossa Universidade para contribuir para o bom êxito dos mesmos, agradecendo-lhes o interesse e a confiança que depositam na nossa colaboração.

As entidades atribuidoras de bolsas e prémios manifesto, em meu nome e no dos estudantes, o nosso muito apreço pelo empenho que demonstram no apoio a formação de bons profissionais.

7 - A seguir a esta sessão inauguram-se várias exposições que poderão ser visitadas pelo publico durante a próxima semana, salientando-se uma, sobre os Descobrimientos Portugueses, organizada pelo Secretariado do VII Encontro de Professores de História da Zona Centro; outra, de tapetes e tapeçarias da Escola de Artesanato de Sortelha, antiga e medieval "Villa" da região; e ainda uma outra; sobre a História e Evolução da

Fotografia, organizada pela Associação Académica da UBI com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura.

Aproveito para felicitar e desejar os maiores êxitos à Direção da Associação Académica, recentemente empossada, e particularmente ao seu Presidente, que tem a seu cargo a condução dos destinos de um órgão que muito poderá contribuir para a formação cultural e humana do corpo discente e o bom nome da Universidade, através do desenvolvimento equilibrado e harmonioso de atividades circum-escolares.

Apraz-me ainda realçar o sentido de responsabilidade de que tem dado provas esta nova Direção, neste curto espaço de tempo, permitindo-me solicitar ao Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior todo o apoio que lhe possa dispensar, pois estou certo da capacidade de todos os seus elementos para a concretização dos projetos que se propõem levar a efeito.

8 - Finalmente, será inaugurado o Centro de Tecnologia da Informação, instalado na UBI na sequência do protocolo assinado há precisamente um ano, nesta mesma sala, com a IBM, e através do qual passamos a dispor de um instrumento de trabalho que muito poderá apoiar a indústria local no âmbito do Design Têxtil.

9 - Seguindo a tradição, e após a apresentação do Programa que acabo de fazer, começarei por me referir ao estado atual do ensino e à vida na Universidade da Beira Interior, citando as ações mais significativas levadas a efeito desde 1 de outubro de 1987-data até à qual já foram relatadas na sessão solene do ano passado - até ao momento.

Em seguida, mencionarei as nossas necessidades mais prementes, focando as grandes questões a resolver com vista a construção da Universidade que pretendemos.

Para não maçar Vossas Excelências serei o mais breve possível na exposição que se segue.

II

10 - A UBI é frequentada atualmente por 1 503 alunos, sendo 652 do sexo feminino e 851 do sexo masculino, distribuídos pelas 10 licenciaturas e as 3 opções ministradas.

o "*numerus clausus*" por nós proposto para o próximo ano foi de 540 alunos, tendo sido mais tarde aumentado para 640 por indicação do Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior. Sem considerarmos as novas licenciaturas, propostas para entrarem em funcionamento já em outubro, esperamos ter, no próximo ano letivo, cerca de 2 100 alunos.

A taxa de crescimento do número de alunos de 1987/88 para 1988/89 foi de 34% e será, no mínimo, de 40% para o próximo ano letivo, provavelmente valores dos mais elevados de entre os de todas as universidades portuguesas.

Até ao momento formaram-se nesta Universidade 205 alunos, sendo de referir que ainda não há licenciados em Sociologia, Física Ensino, Física Aplicada, Engenharia Civil, Engenharia Eletromecânica, nem nas opções em Confeção e Gestão Regional, respetivamente, das Licenciaturas em Engenharia Têxtil e Gestão, por todos estes cursos terem sido criados mais recentemente.

11 - Quanto ao corpo docente, dispõe a UBI de 24 doutores, estando mais 4 em vias de contratação, e 98 assistentes, assistentes estagiários, assistentes convidados e monitores, dos quais 19 têm já mestrado ou provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, frequentam universidades estrangeiras com vista ao doutoramento ou têm teses de doutoramento em vias de conclusão, pelo que, dentro de 3 anos, contamos ter cerca de 40 doutores. Além destes docentes prestam-nos colaboração efetiva 10 professores das Universidades de Coimbra, Lisboa e Técnica de Lisboa.

No total conta a UBI com 132 docentes, dos quais 6 frequentam universidades estrangeiras. A razão alunos/docentes e, pois, em termos reais, de 12, valor bastante elevado para uma Escola nova em franca expansão, havendo vários docentes com 15 horas semanais de serviço, situação verdadeiramente insustentável que urge ultrapassar.

Particularmente, e mau grado todas as diligencias feitas, é ainda muito reduzido o número de docentes doutorados.

12 - Quanto ao número de funcionários, num total de 105, é o mesmo também manifestamente exíguo para as nossas necessidades atuais, não nos permitindo, conseqüentemente, qualquer margem de manobra.

Será de referir, a propósito, a situação de nítida desvantagem remuneratória dos auxiliares administrativos das universidades (ex-contínuos), relativamente aos seus colegas dos restantes graus de ensino.

Apesar de, há cerca de dois anos, o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), ter alertado V. Exa. para este problema, até ao momento, tal situação ainda não foi corrigida, solicitando-se o empenho e insistência do Ministério da Educação junto do Senhor Secretário de Estado do Orçamento no sentido de ser reparada esta grave injustiça.

13 - Relativamente a pessoal, tanto docente como não docente, a situação da UBI é pois francamente desfavorável e tenderá a agravar-se fortemente no início do próximo ano letivo se não forem, entretanto, tomadas as medidas adequadas, sendo necessário, para se evitarem situações de rutura, proceder, a curto prazo, ao recrutamento de cerca de 70 docentes e 30 funcionários.

Por outro lado, para se poder fazer face à expansão da UBI, que ao ritmo de crescimento atual atingirá os 6 000 alunos muito mais cedo do que se previa, há que proceder, todos os anos, ao recrutamento de docentes e funcionários em número apreciável, tornando-se simultaneamente indispensável, para se poder continuar a ministrar um ensino de qualidade, lançar um programa maciço de formação de docentes com vista a obtenção do doutoramento.

14 - Sobre a vida da Universidade passarei a expor, muito brevemente, algumas das ações mais significativas que tiveram lugar durante o período atrás referido.

14.1.- No âmbito das atividades científicas, pedagógicas e de prestação de serviços destacam-se, de entre muitas ou-tras, as seguintes:

- Entrada em funcionamento das licenciaturas em Eng^a Civil, Eng^a Eletromecânica e Física Aplicada.
- Prossecução de cerca de 50 projetos de investigação e desenvolvimento.
- Seleção da UBI para integrar, na área da Gestão, o Projeto Piloto "*European Comunity Course Credit Transfer Systems*", (ECTS.), no âmbito do Programa ERASMUS, projeto este que envolve 18 escolas de gestão dos 12 países da CEE, sendo de facto extremamente honroso para a nossa Universidade ter sido uma das escolhidas.
- Colaboração conjunta da Universidade da Beira Interior e da Universidade de East Anglia, num grande projeto de investigação, com a duração de 3 anos, sobre "*Spectroscopic Studies in Mineral and Modified Mineral Chemistry*", integralmente financiado pela CEE.
- Assinatura de vários convénios de cooperação científica e de prestação de serviços, merecendo realce especial, pela sua natureza e significado, os que hoje vamos assinar com a Universidade de Valladolid, envolvendo vários domínios científicos, e com a União Profissional dos Óticos e Optometristas Portugueses, através do qual serão postos à disposição da UBI, entre outros, os seguintes recursos: equipamento laboratorial

avaliado em cerca de 20 000 contos, apoio financeiro para a formação de docentes e diverso material bibliográfico.

- Realização de vários colóquios, seminários e conferências, envolvendo reputados especialistas nacionais e estrangeiros, destacando-se entre outros: o "IX Encontro Nacional da Tecnicelpa" realizado de 13 a 15 de maio de 1988 e o Seminário "Interioridade e Desenvolvimento Regional", realizado de 23 a 25 de setembro de 1988, que reuniram, cada um deles, para cima de 300 participantes.

- Participação de vários docentes em 30 congressos nacionais e internacionais, com a apresentação de comunicações em muito deles.

14.2.- No âmbito do planeamento, estrutura e organização, consideramos como medidas mais relevantes:

- A publicação, após longa expectativa, da Lei Orgânica e Quadros de Pessoal, publicação esta em que tanto se empenhou o atual Senhor Ministro da Educação.

- A elaboração dos Estatutos da Universidade.

Estes dois diplomas são as leis fundamentais por que se vai reger a Universidade da Beira Interior nos tempos mais próximos, constituindo, por isso a verdadeira Magna Carta desta Instituição.

- Publicação da Portaria nº 225/89, de 17 de março, fixando a estrutura orgânica do Quadro de Professores Catedráticos e Associados da UBI e o meu Despacho nº 22/89, afetando os lugares deste Quadro a áreas científicas, diplomas estes que permitirão, a partir de agora, o lançamento de concursos para professores associados e catedráticos, abrindo-se assim a possibilidade de progressão na carreira aos nossos docentes, há tanto, injustamente bloqueada.

14.3 - No âmbito da aquisição de terrenos e edifícios, projetos e obras, há a destacar:

- A aquisição de um edifício em bom estado de conservação com uma área aproximada de 1 500 m², destinado a instalação de uma nova cantina, tão necessária para se ultrapassar a situação verdadeiramente preocupante em que ora nos encontramos quanto ao serviço de alimentação.

- A adjudicação do projeto do Plano Diretor do Polo I que estará concluído em outubro próximo e será cofinanciado em 50% pela Câmara Municipal da Covilhã. É este um projeto da maior relevância e significado através do qual ficará definida a distribuição

dos espaços físicos da Universidade e a sua correta integração na malha urbana da cidade.

Agradeço a Câmara Municipal da Covilhã, na pessoa do seu Presidente, a participação concedida, prova do empenho e do interesse da autarquia na afirmação e desenvolvimento da UBI.

- A adjudicação do projeto da Unidade Científico-Pedagógica das Ciências Sociais e Humanas (6ª Fase), com uma área de cerca de 5 000 m², cujas obras, que se estimam em 300 000 contos, terão necessariamente de se iniciar nos princípios de 1990.

- A adjudicação do projeto, já concluído, do Centro de Extensão Universitária, cujas obras, estimadas em cerca de 40 000 contos, ainda se não puderam iniciar, por carência de verbas.

- A continuação da construção da 4ª Fase (destinada ao Departamento de Física e instalações gerais de apoio), com aproximadamente 4 200 m², cuja conclusão se prevê para fins de julho, ficando a sua efetiva utilização dependente da possibilidade de contratação de pessoal e da aquisição de mobiliário e algum equipamento.

O custo final desta obra será de cerca de 220 000 contos.

- O início da construção da 5ª Fase (para o Departamento de Química e instalações gerais de apoio), com aproximadamente 5 500 m², adjudicada por 350 000 contos e cuja conclusão se prevê para o final de 1990.

- A continuação da construção da Residência Feminina, com uma área de 2 500 m² e uma capacidade de 150 camas, cujo custo total, participado pela Fundação Calouste Gulbenkian, será de 135 000 contos.

- O início da construção do Centro de Seminários, Colóquios e Conferências, com a área de 1 300 m², adjudicado por 95 000 contos e cuja conclusão se prevê para início de 1990, ficando a sua entrada em funcionamento dependente da aquisição de mobiliário e equipamento, cujo custo se estima em cerca de 40 000 contos.

- O início da construção do Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional, com a área de 750 m², financiado pelo Plano de Desenvolvimento Regional da Cova da Beira (PIDR) em 30 000 contos, faltando-nos cerca de 25 000 contos para se proceder a sua conclusão e à compra do respetivo equipamento e mobiliário.

Tem, pois, neste momento a UBI 5 obras em construção, num total de 14 250 m², cujo custo é de cerca de 900 000 contos. Nunca a UBI teve simultaneamente tantas obras em curso, sendo de referir que todas elas se iniciaram já na vigência da atual equipa do Ministério da Educação cujo apoio foi, para o efeito, decisivo.

Aproveito a ocasião para exprimir a V. Exa., Senhor Secretário de Estado, o nosso muito apreço - apreço este muito natural e justamente extensivo ao Senhor Ministro da Educação - por todo o empenho posto no nosso desenvolvimento e sem o qual não teria sido possível arrancar, sequer, com todas estas construções. Dada porém a escassez do PIDDAC de 1989, só será possível concluí-las e iniciar outras, imprescindíveis em face do crescimento da UBI - no próximo ano, com as verbas do PIDDAC de 1990, que se espera, sejam da ordem dos 800 000 contos.

15 - Relativamente as verbas atribuídas em 1988, a sua execução orçamental foi praticamente de 100%, dado que se registaram no final do ano económico os seguintes saldos: 871\$50 no Orçamento Ordinário e 334\$50 no PIDDAC.

16 - Em face do exposto poderemos dizer, parafraseando o Senhor Ministro da Educação, na sessão solene do ano passado, que "mau grado as vicissitudes da sua génese é hoje evidente que a Universidade da Beira Interior tem vindo a desenvolver-se de forma equilibrada", embora, acrescentamos nós, sem a rapidez, a tranquilidade, a facilidade e os apoios desejados e justificáveis.

III

17 - Passarei agora a referir, ainda que brevemente, as grandes ações a empreender para se construir a Universidade que pretendemos, com vista a acabar-se definitivamente com as assimetrias existentes entre o litoral e o interior e assim se preparar um Portugal europeu que não perca as oportunidades oferecidas pela 311 revolução industrial em curso.

Considerarei, em 1^o lugar, as que há que concretizar a médio e longo prazo - 5 e 10 anos respetivamente - mencionando, em seguida, as que necessitam de uma solução urgente e a curto prazo, por forma a construirmos uma Universidade altamente eficiente, que possa cumprir a missão que dela muito justamente se espera.

18 - Quanto às primeiras, são elas, nomeadamente, as seguintes:

1ª - Aquisição de terrenos e edifícios situados na Zona de Expansão e Proteção, estimando-se ser necessária, para o efeito, uma verba anual, a preços atuais, da ordem dos 80 000 contos, durante os próximos 5 anos.

2ª - Elaboração de projetos para a recuperação de edifícios que se vierem a adquirir na zona atrás referida, bem como dos que há que construir de raiz e ainda para os Planos Diretores dos Polos II e III, estimando-se ser necessária uma verba anual, a preços atuais, da ordem dos 30 000 contos, nos próximos 5 anos.

3ª- Reparação e construção de edifícios, quer para a Universidade, quer para os Serviços Sociais, bem como construção de instalações desportivas para alunos, docentes e funcionários, para o que é indispensável uma verba anual, a preços atuais, da ordem dos 500 000 contos, nos próximos 5 anos.

4ª - Criação de novos cursos que permitam formar os técnicos indispensáveis ao desenvolvimento harmonioso da região e mesmo do país, planeando-se, em conformidade, propor, nos próximos anos, a criação de 2 ou 3 novos cursos por ano - que esperamos tenham superiormente a maior recetividade - até se oferecer um espectro completo de licenciaturas e assim melhor se satisfazerem as apetências dos jovens e as necessidades da região.

Estudos por nós efetuados justificam para esta Universidade cerca de 25 licenciaturas diferenciadas e uma frequência de 5 500 a 6 000 alunos distribuídos por cursos de graduação e pós-graduação.

5ª - Aquisição de equipamentos laboratoriais, computacionais e oficinais, bem como de material bibliográfico e mobiliário indispensáveis a prossecução dos objetivos a atingir, estimando-se necessária para o efeito, a preços atuais, uma verba anual mínima de 200 000 contos, durante os próximos 5 anos.

6ª - Lançamento do ensino de pós-graduação e expansão das atividades de investigação e prestação de serviços por forma a contribuir-se decisivamente para a resolução dos problemas concretos da região e do país. Refira-se, a propósito que, quanto ao ensino de pós-graduação, não estamos a cumprir as metas que nos propusemos, para o que terá contribuído, significativamente, a escassez dos Orçamentos Ordinário e do PIDDAC, que nos têm sido fixados.

7ª - Recrutamento de pessoal docente, investigador, técnico, administrativo e auxiliar, indispensável ao funcionamento, expansão e afirmação da UBI, tendo em conta as dimensões para ela planeadas, estimando-se, ao atual ritmo de crescimento, ser

necessário recrutar anualmente, em média, 60 docentes e 30 funcionários, nos próximos 5 anos.

Simultaneamente torna-se imperioso, como já referimos, o lançamento de um programa maciço de formação de docentes, planeando-se, em conformidade, continuar a enviar, para outras universidades nacionais e estrangeiras, um número apreciável de docentes para aí obterem o seu doutoramento. Será altamente desejável ter 40 docentes nestas condições, com um fluxo constante de 10 unidades por ano, o que exige uma verba anual de cerca de 40 000 contos.

19 - Após uma fase de incertezas, dúvidas e até desanimo - motivada pela indefinição do poder político - dispõe hoje esta Universidade de experiência, dinamismo e determinação para concretizar com êxito todas estas ações sendo, para tal, imprescindível o apoio inequívoco e atempado do Governo - que conhece bem o rigor com que definimos os nossos planos, executamos os nossos programas e despendemos os dinheiros públicos - bem como o da Câmara Municipal da Covilhã, a quem caberá empenhar-se decisivamente na elaboração e aprovação dos Planos Diretores e na criação das condições para a fixação de pessoal altamente qualificado.

20 - Tendo em conta o que se fez, o que somos e o que pretendemos ser, torna-se necessário que, nos próximos anos, as verbas do PIDDAC e do Orçamento Ordinário para a UBI e Serviços Sociais sejam consideravelmente aumentadas, por forma a podermos atingir os objetivos programados.

Com base nos planos e nas necessidades atrás referidas, a UBI deverá poder contar, nos próximos 5 anos, no âmbito do PIDDAC, com um orçamento anual de cerca de 800 000 contos, montante que, sendo da ordem de grandeza do atribuído a outras universidades e até a alguns politécnicos, lhe permitirá, de certo modo, ultrapassar as restrições que tem enfrentado, em virtude da exiguidade das verbas que até agora lhe têm sido consignadas. Só com um montante desta ordem de grandeza será possível apetrechar convenientemente esta Universidade de modo a aumentar-lhe a capacidade para gerar receitas próprias substanciais, o que parece estar no espírito do Governo, após a publicação da Lei da Autonomia das Universidades.

Será de referir, a propósito, que só foi possível suportar a expansão da UBI nos últimos dois anos, utilizando as receitas próprias geradas com a colaboração e dedicação dos nossos docentes. E, não tendo estas revertido para os Serviços que as geraram, não há hoje motivação para dar continuidade a ações de prestação de serviços, impondo-se

inverter tal situação, o que implica necessariamente a revisão dos critérios de atribuição dos nossos orçamentos.

Quanto ao Orçamento Ordinário, as verbas dever-nos-ão ser afetadas tendo em conta critérios equitativos baseados no número de alunos, no custo medio por aluno, consoante o tipo de curso, e na dimensão e expansão da Universidade, não sendo aceitável o critério que fixa o orçamento de cada ano, com base no do ano anterior, pois, deste modo, as universidades deficiente e incorretamente dotadas, como a nossa, verão a sua situação financeira cada vez mais agravada.

21 - Quanto às questões a carecer de resolução urgente ou a curto prazo, salientam-se, por ordem de prioridade:

1ª Reforço do Orçamento Ordinário de 1989 em cerca de 154 000 contos, para podermos fazer face aos seguintes encargos, já referidos em ofício entregue pessoalmente aos Senhores Ministro da Educação, Secretário de Estado e Diretor-geral do Ensino Superior: Aumento dos vencimentos de pessoal, 34 000 contos; progressão nas carreiras, 7 500 contos, sendo de salientar o elevado numero de promoções que brevemente irão ter lugar, em virtude de já terem sido publicados os Quadros de Pessoal docente e não docente, há tanto tempo esperados; recrutamento de 70 docentes, 37 500 contos; recrutamento de 30 funcionários, 15 500 contos; aumento de encargos, no âmbito de funcionamento e capital, provenientes da expansão em curso e da taxa de inflação, 59 500 contos.

Se este reforço não nos for concedido não nos será possível recrutar os docentes e os funcionários atros referidos, nem pôr em funcionamento o edifício da 4ª Fase em vias de conclusão, tornando-se impossível a admissão de novos alunos em outubro próximo.

Quero mais uma vez publicamente referir que o custo por aluno na UBI é dos mais baixos das universidades portuguesas, situação anómala, para uma Escola nova em franca expansão, que urge alterar, tal como já foi reconhecido pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), aquém, pela clarividência e espírito de solidariedade demonstrados, rendo as minhas homenagens, estando agora confiante que esta injustiça será rapidamente corrigida através de uma eficaz intervenção dos Senhores Secretário de Estado e Diretor-Geral do Ensino Superior.

21 - Descativação dos 10% no orçamento do PIDDAC.

Em face das ações em curso qualquer corte no PIDDAC do corrente ano, já de si tão reduzido, criar-nos-á situações de grande embaraço.

Lembramos, a propósito, que demoras burocráticas desnecessárias atrasaram a adjudicação da 5ª Fase e os acabamentos da Residência Feminina, o que, por motivo de revisão de preços, nos trouxe encargos acrescidos no PIDDAC do corrente ano, da ordem dos 12 000 contos, com todos os prejuízos daí decorrentes.

Embora não sejamos defensores acérrimos duma total autonomia universitária, igualmente não concordamos com esquemas burocratizantes que, tal como no presente caso, entrem as corretas e oportunas tomadas de decisão. É através de uma política administrativa entre um e o outro extremo que melhor se defenderá o interesse nacional e o das instituições.

Será oportuno, neste contexto, salientar que a Lei da Autonomia das Universidades, recentemente aprovada, está longe, a nosso ver, de ser uma lei equilibrada, podendo mesmo a aplicação de alguns dos seus princípios ser geradora de tensões e de graves problemas no seio da universidade portuguesa.

3ª - Criação e entrada em funcionamento, em outubro próximo, das 2 Licenciaturas já propostas - Química Industrial e Ciências Documentais - e duma 3ª - Engenharia de Produção e Gestão Industrial - que iremos propor dentro em breve.

O arranque destes 3 cursos e o funcionamento dos seus primeiros dois anos não implicam quaisquer encargos financeiros adicionais, permitindo mesmo a otimização dos recursos humanos e materiais disponíveis, bem como a expansão da UBI e a satisfação das pretensões dos jovens desta região, sendo de salientar que os reforços necessários para o corrente ano, atrás mencionados, são independentes da existência ou não destas licenciaturas.

4ª - Homologação dos nossos Estatutos, recentemente aprovados por uma Assembleia constituída para o efeito e já enviados ao Senhor Ministro da Educação.

Apraz-me referir o empenho, dedicação, bom senso e mesmo amor à Escola, demonstrados pela generalidade dos membros desta Assembleia.

51- Aprovação do Plano Diretor do Polo I.

Com o objetivo de dotarmos a UBI com os meios necessários à sua implantação física foi já adjudicado este Plano, esperando-se que o mesmo esteja concluído em outubro próximo. Terá de ser aprovado pelo Governo e publicado em Diário da República, solicitando desde já ao Senhor Secretário de Estado as melhores diligências na celeridade do processo logo que o mesmo lhe seja apresentado. Ao Senhor Presidente da Câmara da

Covilhã peço, igualmente, o maior empenho para que os Serviços Técnicos da autarquia deem todo o apoio e colaboração à firma que o esta a elaborar.

A aprovação deste Plano está-se a tornar de extrema acuidade para se evitarem sobreavaliações dos terrenos e edifícios que pretendemos adquirir, sobreavaliações essas, feitas muitas vezes, para surpresa nossa, com o aval das próprias entidades oficiais.

6ª - Prorrogação do prazo das medidas preventivas referentes à Zona de Expansão e Proteção da UBI, constantes do Decreto do Governo nº 33/87, de 2 de novembro.

Sendo a elaboração dos Planos Diretores dos Polos I, II e III, um processo longo e demorado, ainda não estão os mesmos concluídos, tornando-se, pois, necessária a prorrogação do prazo estabelecido no nº 1 do art.ºº. 1º daquele Decreto, prorrogação esta que iremos em breve solicitar a V. Exa., e para a qual lhe pedimos desde já, Senhor Secretário de Estado, a sua melhor atenção.

7ª - Necessidade da instalação urgente de uma nova cantina.

Para o efeito, já adquirimos um edifício, tornando-se agora necessário proceder a elaboração do projeto e ao lançamento das respetivas obras. Estima-se serem necessários para projeto, obras, equipamento e mobiliário, cerca de 75 000 contos, montante de que não dispõem os Serviços Sociais, solicitando-se por isso, ao Senhor Secretário de Estado as melhores diligencias no sentido de, ainda este ano, podermos ser contemplados com alguma verba para o efeito, pois é imprescindível ultrapassar-se a situação de rutura em que cairá o sector da alimentação dos Serviços Sociais em outubro próximo.

Terminei o meu longo rosário de pedidos e lamentações, mas gostaria ainda de me referir a uma aspiração da Associação Académica da UBI que consideramos da maior oportunidade e relevância: a de disporem de uma sede própria que lhe permita realizar com autonomia, eficiência e qualidade, todo um conjunto de atividades circum-escolares que muito poderão contribuir para a formação integral dos estudantes desta Universidade.

A todas as entidades presentes que direta ou indiretamente possam ajudar a concretização desta aspiração, aqui fica o meu apelo; pela nossa parte pomos já à disposição todo o apoio administrativo e técnico que, para o efeito, seja indispensável.

22 - Apesar das dificuldades que se tiveram de vencer e das incompreensões que houve que ultrapassar, a Universidade da Beira Interior é hoje uma realidade ao serviço do país e da região. Percorreu-se, discretamente, uma longa caminhada, mostrando-se por obras, mais do que por palavras, a nossa determinação e capacidade de nos afirmarmos. Para tal, foi decisiva a vontade, o espírito de sacrifício e dedicação de todos quantos aqui trabalham e estudam que, de mãos dadas - e juntamente com as gentes da região - souberam congregar esforços em torno de um dos mais justos anseios das populações da Beira Interior.

Quanto mais não poderíamos ter feito se tivéssemos encontrado uma pronta receptividade e uma melhor compreensão para as propostas que justificada e atempadamente temos vindo a apresentar!

Valeu-nos, felizmente, para ultrapassarmos os momentos difíceis da vida desta Universidade, os apoios que recebemos das seguintes instituições:

- Da Embaixada dos Estados Unidos da América, através da Agency for International Development (AID), apoio que foi decisivo para a construção de boa parte dos edifícios de que hoje dispomos; para a formação de vários dos nossos docentes em universidades americanas e para a aquisição de avultado equipamento laboratorial e bibliográfico.

Foi um apoio de tal modo oportuno e valioso, que nunca esta Universidade o poderá esquecer.

Está hoje presente nesta sessão o nosso ilustre e querido amigo, Doutor Charles Buchanan, digno representante nesse tempo do AID, a quem quero render as minhas homenagens, pelo seu empenho na concretização do programa então levado a efeito.

- Dos Serviços Culturais da Embaixada de França, no âmbito da concessão de bolsas para a formação de docentes e a realização de visitas de estudo; do estreitamento de relações com instituições congéneres francesas e da oferta de equipamento bibliográfico.

Cumpre-me agradecer ao Senhor Conselheiro Cultural da Embaixada de França, Doutor Jean Pierre Mousson-Listang, aqui presente, todo o apoio prestado, apoio este, que sabemos nos continuará a ser dispensado.

- Da Fundação Calouste Gulbenkian que custeou parte significativa da construção da Residência Feminina em curso, atribuiu bolsas de estudo a vários docentes para a sua formação no estrangeiro e nos concedeu vários financiamentos para apetrechamento do nosso fundo bibliográfico.

Apraz-me ainda referir várias contribuições da Fundação Luso-Americana no domínio da formação e do financiamento de projetos de investigação e de prestação de serviços, sendo de salientar o seu empenho no lançamento de um programa de cursos de mestrado que planeamos levar a efeito.

Testemunho ao Doutor Charles Buchanan, atualmente Administrador da Fundação Luso-Americana, a nossa gratidão pela colaboração que esta instituição já nos prestou e, estamos certos, nos continuará a prestar.

Se a Universidade da Beira Interior, a partir de agora, puder contar com os apoios necessários não só do Governo Central, mas também das entidades locais, nomeadamente da Câmara Municipal da Covilhã, estamos convencidos que se guindara, num futuro próximo, ao nível de uma grande Universidade ao serviço de Portugal, sendo estes os propósitos de todos quantos nela trabalham.

Neste momento o apoio da Câmara é imprescindível para a resolução de um conjunto de questões de grande acuidade que por nós, repetidamente, lhe terem sido postas, sendo oportuno salientar, pela sua premência, o inadiável realojamento dos inquilinos do Convento de Santo António com cujas obras é imprescindível arrancar no início do próximo ano.

23 - Quero agradecer a todos os que, de algum modo, têm ajudado e colaborado na obra erguida e cujo apoio continua a ser, cada vez mais, imprescindível, nomeadamente a docentes, funcionários e alunos; aos professores e investigadores de outras universidades ou instituições que, com elevada dedicação e sacrifício nos têm dado inestimável apoio; a antigos e atuais Senhores Ministros da Educação, Secretários de Estado do Ensino Superior e Diretores-gerais do Ensino Superior, aos Magníficos Reitores das Universidades Portuguesas que, num espírito da mais exemplar solidariedade, nos têm dado preciosa colaboração, sendo de referir os convénios assinados com a Universidade de Coimbra e a Universidade Técnica de Lisboa; aos Senhores Deputados dos Círculos Eleitorais da Guarda e Castelo Branco que se têm empenhado na defesa dos interesses desta Instituição; aos Órgãos do poder local, e expressamente a Câmara Municipal da Covilhã, na pessoa do seu Presidente, cujo apoio tem sido precioso.

Ao terminar, reiteramos ao Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior e ao Senhor Diretor-Geral do Ensino Superior, os nossos mais sinceros agradecimentos por nos acompanharem neste dia, oferecemos-lhes toda a nossa solidariedade e modesta, mas leal, colaboração e manifestamos-lhes a nossa inabalável confiança na implementação de critérios de rigor e justiça em prol do Ensino Superior em Portugal.

Finalmente, permita-me Senhor Secretário de Estado, que em meu nome e no da Instituição que represento, lhe ofereça a medalha de prata da nossa Universidade como expressão do nosso profundo reconhecimento e gratidão por tudo quanto tem feito a favor da nossa afirmação e desenvolvimento.

Tenho dito.

Covilhã e UBI, em 30 de abril de 1989

Anexo M

Discurso do Prof. Santos Silva, 30 de abril de 2001

Celebramos hoje, 30 de abril de 2001, o 15º Aniversário da Universidade da Beira Interior. Foi nesta data que foi publicado o Dec. Lei 76-B/86, que transformava em Universidade o então Instituto Universitário, que já havia sido precedido pelo Instituto Politécnico da Covilhã, criado no âmbito da reforma Veiga Simão, em 1973.

A Instituição começava então uma árdua caminhada, cheia de acidentes de percurso e de barreiras de entrave ao seu desenvolvimento, arquitetadas quer por agentes regionais quer nacionais, mas que não impediram o seu progresso, fazendo com que o desafio se tornasse ainda mais estimulante e pleno de responsabilidades, no sentido de construir, no Interior, um projeto de Universidade arrojado, inovador e pautado por critérios de excelência. Assim, este é, de igual modo, o dia em que devemos reafirmar o rumo traçado, de forma a pugarmos por uma instituição cada vez mais sólida e interveniente.

Apesar das hesitações, obstáculos e de alguma confusão reinante ao nível do Ensino Superior, que se têm traduzido nos mais diversos ataques à instituição universitária pública e sua autonomia, ela tem mostrado o fruto do árduo trabalho desenvolvido nos últimos tempos, tornando-se facto de afirmação e de competitividade do País. Da mesma forma, só poderá reagir aos ataques que lhe são lançados, respondendo com responsabilidade e firmeza e procurando atingir níveis de qualidade cada vez mais elevados em todos os seus projetos, não se deixando desencorajar pelas dificuldades e constrangimentos impostos, em muitos casos, pela própria Administração Pública.

A Universidade da Beira Interior enfrenta, igualmente, toda essa problemática, agravada ainda pelo facto de estar localizada numa região caracterizada por diversas debilidades, com uma densidade populacional baixa, problemas inerentes à pequenez do meio, com difíceis acessibilidades, apesar da melhoria verificada nos últimos anos, com fracas atividades económicas e empresariais e, conseqüentemente, com falta de poder político.

Mas, dia de aniversário é também o momento de se fazer um balanço e olhar o futuro. Permitam-me então que passe a fazer uma breve apresentação da situação atual da Instituição:

MEIOS HUMANOS

A UBI conta atualmente com cerca de 4500 alunos, dos quais 105 em Doutoramento e 130 em Mestrado, para além dos que frequentam os mais variados cursos de formação ao longo da vida.

O corpo docente ascende a 375 unidades, das quais 35 % possuem o grau de Doutor e 44 % o grau de Mestre.

A aposta na qualificação dos recursos humanos, traduzida pela elevada percentagem de docentes em formação, que é de 38 %, com um total de 19 % dispensados de serviço, permite-nos esperar que, muito em breve, se ultrapasse a barreira dos 50% de doutorados (uma vez que se encontram 114 docentes em doutoramento). Este esforço deveria, em nosso entender, merecer uma especial atenção por parte da tutela, para além do apoio de que temos vindo a beneficiar no âmbito do PRODEP.

Saliente-se, ainda, que o aumento do número de Agregações e concursos para Professores Associados e Catedráticos, que obrigou já ao alargamento do quadro, é uma prova da evolução do corpo docente na sua carreira.

A formação dos funcionários não docentes tem igualmente merecido a nossa melhor atenção, assim como a sua evolução em termos de carreira. Só com funcionários qualificados poderemos atingir as metas de organização e produtividade que nos propomos.

Neste momento, a UBI conta com 210 unidades no quadro e 92 contratados ao abrigo de diversos programas, dispondo os SASUBI de 123 elementos.

Aproveito para manifestar, desde já, o meu apreço aos docentes e funcionários que, com a sua dedicação, vêm acompanhando e participando no desenvolvimento da Instituição. Hoje, será atribuída a medalha de bronze da Universidade àqueles que a servem há mais de vinte anos, numa homenagem implicitamente extensiva a todo o corpo docente e de funcionários.

Nesta cerimónia, será ainda atribuída, pela primeira vez, a medalha de bronze aos funcionários aposentados da Universidade da Beira Interior, entre os quais se encontram alguns dos mais antigos da casa. A todos os que conosco colaboraram, e em especial àqueles que manifestamente demonstraram o seu empenho pelo progresso da Instituição, e que gostamos sempre de reencontrar, o nosso muito obrigado.

INSTALAÇÕES

Para que a Universidade possa atingir os seus objetivos de ensino, investigação e extensão, terá, a par de meios humanos qualificados, que dispor de estruturas físicas adequadas.

Nos últimos quatro anos, assistimos ao aumento significativo da área construída, bem como dos equipamentos que ela encerra, não só em quantidade, como em qualidade.

No início do ano letivo, as Ciências da Engenharia ganharam um espaço magnífico para o desenvolvimento das suas atividades, inaugurado por Sua Excelência o primeiro-ministro, a 13 de junho.

Durante o corrente ano esperamos abrir duas infraestruturas da maior importância para a comunidade universitária, a Biblioteca Geral e o Cybercentro, que só as condições climáticas adversas impediram que hoje pudessem ser inauguradas.

Mas, se algumas áreas científicas dispõem de infraestruturas adequadas, outras há que se encontram extremamente carenciadas, como é o caso das Artes e Letras e Ciências Sociais e Humanas (em que a área útil de ensino é de 1,1m² por aluno), que só funcionam com um mínimo de condições em virtude de uma gestão eficaz dos espaços e da organização escolar. Urge recuperar um edifício já propriedade da UBI, adquirido com receitas próprias, e que candidatámos ao PRODEP, conjuntamente com várias outras infraestruturas, de entre as quais saliento os Serviços Centrais da Reitoria, em cujo edifício as condições de trabalho estão muito longe dos mínimos desejáveis.

A construção de um Auditório, com maior capacidade do que este em que nos encontramos, é uma necessidade premente, como se pode constatar nesta cerimónia.

Esperamos que as candidaturas da Faculdade de Ciências da Saúde e respetivas instalações provisórias, com participação já assegurada no PIDDAC do corrente ano, sejam dotadas dos montantes indispensáveis.

Na área do Desporto, a UBI desenvolveu uma infraestrutura de polidesportivos, recorrendo, na maioria dos casos a receitas próprias.

Torna-se, todavia, necessário criar um complexo pedagógico de apoio às Ciências do Desporto, junto às infraestruturas desportivas já existentes, cuja candidatura foi já apresentada ao PRODEP. Na mesma linha, há já largos anos que temos vindo a candidatar a este Programa a construção de uma piscina coberta aquecida, que consideramos da maior importância, não só para a prática de modalidades exigindo este tipo de infraestrutura, nesta região de clima tão rigoroso, mas igualmente para suporte de terapias em meio aquático. Com a assinatura do Protocolo de Colaboração com vista à concessão de terrenos, que hoje celebraremos com a Câmara Municipal da Covilhã, fica apenas a faltar-nos o financiamento para a concretização deste empreendimento.

Temos esperança de que os projetos por nós candidatados mereçam o aval do Ministério da Educação, a fim de permitir a qualificação e expansão pretendidas para a Instituição, de forma a que esta continue a contribuir para o desenvolvimento do País e da Beira Interior.

ACÇÃO SOCIAL

No ano transato, os Serviços de Acção Social serviram 330 mil refeições, alojaram 11 % dos alunos e atribuíram bolsas a 35 % da população estudantil.

Neste momento, está prestes a iniciar-se a construção da residência de estudantes do Pólo IV, com cerca de 420 camas, que muito irá contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos cerca de 80% de estudantes que se encontram deslocados da sua região de origem.

Apesar das metas já atingidas, urge iniciar a recuperação de um edifício adquirido com receitas próprias, para que os alunos de Ciências Sociais e Humanas e Artes e Letras possam ter acesso à tão reivindicada (e com certa justiça) unidade alimentar, pois as cantinas que existem, situam-se bastante distantes do Pólo da Carpinteira, já frequentado por cerca de 2000 alunos.

A candidatura foi atempadamente apresentada ao PRODEP, assim como a da residência e cantina do Pólo de Ciências da Saúde, que ficará, no futuro, igualmente distante das infraestruturas existentes.

Senhor Ministro,

Embora na Lei do Financiamento do Ensino Superior estejam previstas formas claras de contratualização que há que implementar, e devendo o financiamento por parte do Estado ser atribuído em função do serviço prestado pelas Universidades, há que proceder a correções orçamentais que, arrastando-se de anos anteriores, podem bloquear o normal funcionamento das Instituições e impedir o desenvolvimento de outras que se encontram ainda em fase de expansão e consolidação. O ano 2000 foi extremamente penoso para as universidades públicas, não só pelas reduzidas dotações orçamentais, mas sobretudo pela confusão e alteração das regras que ocorreram até final do ano, com pretensas compensações que não foram cumpridas, fazendo-se crer, muitas vezes, à opinião pública, que as universidades vivem na abundância.

No caso particular da UBI, desde 1998 que o orçamento de pessoal é manifestamente insuficiente, tendo-se recorrido às receitas próprias para satisfazer os compromissos

assumidos. No presente ano, as despesas com pessoal representam 92% do Orçamento de Estado e 85 % se lhe adicionarmos as receitas das propinas. Caso não seja desbloqueada a verba correspondente aos aumentos salariais, como aconteceu em 2000, a situação agravar-se-á. Isto, apesar de ainda não termos atingido os plafonds fixados para o pessoal docente e não docente, em termos de ETI's.

A localização geográfica da UBI agrava ainda mais a situação financeira, devido aos encargos com ajudas de custo, transporte, comunicações telefónicas e outras, para já não falar dos que resultam do rigor do clima na região e de outros aspetos que não cabe aqui explorar.

Pelo exposto, a fórmula de financiamento deverá ser melhorada e ter em consideração as situações particulares de algumas instituições, de forma a permitir a atribuição de orçamentos mais justos e a melhorar as condições de ensino.

AVALIAÇÃO/ORGANIZAÇÃO

Para que haja uma verdadeira e significativa promoção do sucesso escolar, todos os intervenientes nos diferentes sistemas de ensino devem dialogar no sentido de uma verdadeira articulação e estruturação dos programas.

A nível interno, a UBI tem dedicado a maior atenção à promoção do sucesso escolar, tendo-se criado uma verdadeira cultura de autoavaliação. Anualmente, têm vindo a decorrer Jornadas de Autoavaliação em que, de uma forma aberta, se discute toda a problemática, convidando-se entidades externas, nomeadamente responsáveis pela avaliação e acreditação de cursos, para nelas participarem. No seguimento da análise efetuada e das recomendações das comissões externas de avaliação, temos vindo a implementar uma série de medidas de combate ao insucesso, como sejam ciclos de formação de base comum em cursos da mesma área científica, um novo calendário escolar, a instituição da figura do tutor ou a disponibilização, em tempo real, de um grande número de informações, através da rede informática dos Serviços Académicos. Isto, naturalmente, a par de investimentos em equipamentos, bibliografia, novas tecnologias da informação e espaços destinados à autoaprendizagem.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO

A Universidade da Beira Interior ministra, atualmente, um total de 23 licenciaturas, distribuídas por quatro áreas científico-pedagógicas. Atempadamente, foi apresentado ao Ministério da Tutela um Plano de Desenvolvimento que contempla a criação de algumas licenciaturas, a adaptação de outras às novas necessidades do País e, nalguns

casos, o encerramento de vagas de ingresso.

A previsão dos cursos a criar ou a reestruturar até 2006, reflete, antes de mais, dois objetivos complementares: consolidar as Unidades que compõem a Instituição e consubstanciar a própria Universidade, ampliando o leque de áreas científicas, de acordo com o estabelecido na Lei de Organização e Ordenamento do Ensino Superior.

CURSOS DE LICENCIATURA

Assim, para o próximo ano letivo, a UBI propôs, na área de Ciências Exatas, a transformação da licenciatura em Ensino da Física para Ensino da Física e da Química, e a alteração da designação do curso em Física Aplicada para Optometria e Optotecnia – Física Aplicada, dando, assim, a conhecer melhor a vertente do curso, que não sofrerá alterações no seu plano de estudos.

No que respeita às Ciências da Engenharia, foram criados os cursos de Engenharia Informática e Engenharia Química, com dois ramos, Celulose e Papel e Ambiente. Estes cursos resultam da evolução das Licenciaturas em Matemática/Informática e Engenharia do Papel, transformações para as quais foram tidas em consideração as recomendações das comissões externas de avaliação e da Ordem dos Engenheiros.

Em outubro, entrarão em funcionamento os cursos de Filosofia, Português-Espanhol e Psicologia, nas áreas de Artes e Letras e Ciências Sociais e Humanas.

De acordo com a informação da Direção Geral de Ensino Superior, todos estes cursos já se encontram registados, pelo que esperamos que nos sejam atribuídas as vagas propostas para os mesmos.

O Plano de Desenvolvimento prevê que a Faculdade de Ciências da Saúde inicie a licenciatura em Medicina em 2001/2002 e se apoie nas instituições de saúde (hospitais e centros de saúde) localizadas na Covilhã, Castelo Branco e Guarda, cuja portaria e protocolos de articulação já foram publicados no Diário da República.

A Licenciatura em Medicina será ministrada segundo moldes inovadores, baseada num ensino com integração de conteúdos, e com uma componente tutorial no acompanhamento dos alunos, promovendo a sua inserção e aprendizagem, desde o 1º ano, nas Instituições de Saúde (nomeadamente as do domínio de Ambulatório) e a necessária formação sociológica e humanista.

Tendo em consideração os Relatórios elaborados pela Faculdade e enviados ao Grupo de Missão para a Saúde, conforme estipulado no respetivo Contrato de Desenvolvimento, a Universidade da Beira Interior considera cumpridas as condições impostas para a abertura do curso em outubro próximo. Neste momento, podemos afirmar que, para

além da articulação estabelecida com as Unidades de Saúde da região, existem meios humanos qualificados, entre os quais contamos com 14 doutorados e 6 licenciados do sistema de saúde, já contratados, para além de eminentes professores de outras faculdades que integram a Comissão de Instalação, a Comissão de Currículo e a Comissão Externa de Acompanhamento – e a quem aproveito a oportunidade para agradecer a valiosa colaboração prestada. Numerosas foram as candidaturas de doutorados e médicos do sistema regional de saúde, que já se disponibilizaram a colaborar e cujas contratações serão efetuadas oportunamente.

O Gabinete de Educação Médica, órgão fundamental no tipo de ensino que implementaremos, integra, entre outros elementos, dois reputados professores catedráticos, especializados nesta área.

Quanto às infraestruturas que lhe darão apoio, nomeadamente em termos de biblioteca, laboratórios, salas de aulas práticas e tutorias, recursos informáticos e outros, aquela Faculdade considera ter cumprido todos os requisitos para dar início à licenciatura dentro dos prazos previstos e – permitam-me que o sublinhe - com todas as garantias de qualidade.

Também de acordo com as Resoluções do Conselho de Ministros nº 45/98 e 140/98, a Faculdade ministraria ainda outros cursos no domínio da Saúde, nomeadamente nas áreas das Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica. Com efeito, com o avanço da ciência e da tecnologia, estes cursos exigem cada vez mais uma sólida formação nas ciências de base, a par de uma formação cultural, sociológica, humanista e técnica que fomente nos licenciados o desenvolvimento de capacidades de conceção, de inovação e de análise crítica, sendo estes aspetos da competência da Universidade. Desta forma, seria do maior interesse implementar um conceito completamente novo em Portugal, seguindo o exemplo das mais avançadas Faculdades de Ciências da Saúde internacionais, nas quais os alunos de Medicina contactam no dia-a-dia com alunos de outras licenciaturas no domínio da Saúde, cruzando conhecimentos e experiências e fomentando hábitos de trabalho em equipa, sendo orientados desde o início para um objetivo comum - cuidar do Ser Humano. Por outro lado, desenvolvendo-se as formações no mesmo espaço, permitir-se-ia a rentabilização de meios humanos e materiais.

Nesse sentido, a UBI apresentou a proposta de criação de licenciaturas que poderiam ter início a curto prazo.

Aguardamos que os cursos propostos até 2006 sejam aprovados, de forma que não haja mais constrangimentos em relação ao desenvolvimento da Faculdade de Ciências da

Saúde e da Universidade, tendo como objetivo final o bem do interesse público. Permitam-me que afirme, mais uma vez, que a criação, pelo Governo, da Faculdade de Ciências da Saúde foi, para além do projeto de desenvolvimento regional com maior alcance dos últimos anos, um elemento fundamental para a reestruturação e inovação do ensino na área da Saúde.

PÓS-GRADUAÇÃO

A UBI considera prioritário o desenvolvimento de recursos humanos. Nesse sentido, tem procurado criar áreas de doutoramento que cubram a formação ministrada ao nível da graduação, proporcionando ao seu corpo docente todas as condições, em termos de infraestruturas e de orientação científica, para a prossecução atividades de investigação. Neste sentido, é privilegiado o desenvolvimento de trabalhos com vista ao doutoramento na própria instituição, recorrendo-se, quando necessário, a orientadores externos, nacionais e estrangeiros, o que facilita o desenvolvimento de intercâmbio com outras instituições e permite a divulgação da UBI internacionalmente.

Dentro dos parâmetros definidos anteriormente, a nossa política seguirá no sentido de se criarem, nos próximos anos, novos cursos de Mestrado.

O desenvolvimento de mestrados na própria instituição, tal como acontece com os doutoramentos, visa, para além da formação do corpo docente da Universidade e dos Institutos Politécnicos, a qualificação e especialização de quadros das empresas com as quais temos vindo a promover programas específicos de formação e especialização. Por outro lado, estamos prontos a desenvolver novos cursos de mestrado como complemento de licenciaturas.

Na área das Ciências da Saúde, foram criados o Mestrado em Imunologia Clínica, a iniciar-se em outubro próximo, e os doutoramentos em Medicina e Biomedicina, tornando-se urgente o seu registo, atendendo ao elevado número de candidatos para os mesmos.

INVESTIGAÇÃO

A investigação científica pura, aplicada e contratual, tem merecido a nossa melhor atenção, fazendo-se um assinalável esforço no seu desenvolvimento, pois não concebemos o ensino universitário sem que no seu seio seja promovida a geração de saber. Registo aqui a grande importância dos programas com apoio comunitário e o enorme dinamismo dos docentes e investigadores, que se traduz pelo elevado número de

candidaturas apresentadas à Fundação da Ciência e Tecnologia, não só nas áreas já consolidadas, como nas mais recentes, em especial a da saúde.

A dinamização da investigação e da prestação de serviços tem contribuído, por outro lado, para um aumento das receitas próprias e, conseqüentemente, para a promoção da qualidade da instituição em diferentes níveis. O Ministério da Educação não pode, de maneira alguma, penalizar financeiramente as instituições que promovem a geração de receitas próprias, e que tentam, assim, ultrapassar as limitações do Orçamento de Estado, apresentando saldos no final do ano.

LIGAÇÃO UNIVERSIDADE-MEIO

No âmbito da política de ligação da Universidade com o exterior e tendo em conta que a formação ao longo da vida é cada vez mais importante, temos organizado e continuaremos a levar a efeito vários cursos de extensão, de modo a permitir a qualificação, especialização e atualização de meios humanos.

A Universidade terá que ganhar um novo tipo de alunos com idades e qualificações bastante diferentes, fazer a sua reciclagem e prepará-los, muitas vezes, para uma nova profissão ou ocupação.

As instituições de ensino superior não podem estar isoladas do mundo que as rodeia e têm de estar conscientes que estão inseridas na sociedade, atentas ao que nela se passa e refletindo sobre a sua evolução. Devem, igualmente, afirmar-se como centros de cultura, promovendo seminários, conferências, debates e abrir as suas portas à comunidade envolvente.

Nesse sentido, na sequência desta Sessão Solene, será inaugurada, no Museu de Lanifícios desta Universidade, mais uma Exposição, desta feita de pintura e desenho de um reconhecido artista covilhanense, o Prof. Rodolfo Passaporte, para a qual aproveito para convidar todos os presentes.

Quero deixar aqui uma palavra de agradecimento à Associação Académica e seu Núcleos, pelo dinamismo que têm colocado na promoção de atividades desta natureza, que contribuem como um complemento à formação da maior importância.

No decorrer da cerimónia serão entregues prémios escolares aos alunos que concluíram os respetivos cursos com melhor classificação, pelo que desde já, quero apresentar-lhes as mais sinceras felicitações. Os patrocinadores destes prémios prestam-lhes, por esta

via, o merecido reconhecimento pelo valor do seu trabalho. A todos o meu especial agradecimento pelo incentivo que dão aos nossos alunos e pela colaboração prestada à Universidade.

Também com a finalidade de premiar o mérito e de estimular o labor acrescido dos alunos no sentido da consolidação de um ensino superior de qualidade, o Ministério da Educação estabeleceu a atribuição de Bolsas de Estudo por Mérito aos estudantes do Ensino Superior.

Felicito, com orgulho, os premiados, por ver o seu empenho e esforço reconhecidos desta forma especial e desejo-lhes os maiores êxitos pessoais e profissionais para o futuro.

Na sua política de articulação interinstitucional, a nível nacional e internacional, a UBI tem promovido a celebração de convénios com organismos estatais, autárquicos e privados, que abrangem atividades diversas, como a investigação, a realização de cursos de pós-graduação, de conferências e seminários, estágios para alunos, docentes e funcionários e outras atividades de interesse comum para os organismos envolvidos.

Dispondo hoje o Interior de Instituições de Ensino Superior que permitem a disponibilidade de meios humanos mais qualificados, compete ao Governo e às Autarquias tomarem medidas concretas no sentido de atrair a fixação de empresas e, conseqüentemente, fixar os quadros necessários às mesmas, de forma que as cidades, como a Covilhã, não sejam meros centros de passagem para os estudantes que, após o término dos seus cursos, regressam, na sua maioria, às regiões de origem.

Só fixando uma população cada vez mais culta e com maior poder de intervenção se poderá inverter a tendência para o despovoamento do interior, atrair novos investimentos e melhorar a qualidade de vida das populações, contribuindo para o esbatimento das assimetrias que o separam da faixa litoral.

A UBI, num estudo recente efetuado por um jornal diário nacional, foi considerada a Instituição que proporciona melhores condições de vida aos estudantes. Mas se esta distinção representa para nós motivo de orgulho, constitui também uma responsabilidade acrescida, pois, mais que manter a qualidade, há que melhorá-la permanentemente.

HONORIS CAUSA

A cerimónia de hoje inclui a concessão do grau de Doutor Honoris Causa a um Homem do Interior: o Senhor Comendador Sebastião Alves. A atribuição deste grau destina-se a

homenagear personalidades eminentes, nacionais ou estrangeiras, de reconhecido mérito nos domínios do ensino, da ciência, da cultura, da arte e das atividades sociais, bem como personalidades que tenham contribuído para o prestígio e engrandecimento do País ou da Universidade.

Por outro lado, tendo em consideração a categoria das entidades a quem é atribuído, a concessão deste grau contribui ainda para enobrecer e dignificar a Universidade que o confere.

O Comendador Sebastião Alves nasceu em 1920, em Proença-a-Nova, no seio de uma família modesta, tendo entrado para a escola primária apenas aos nove anos, quando um irmão mais novo o substituiu no ofício de pastor. Prosseguiu os seus estudos sempre com distinção e ingressa no curso de Medicina em 1944.

Inicia a sua atividade profissional numa pequena firma importadora de especialidades farmacêuticas, de que assume a direção comercial em 1947 e a partir da qual constitui um verdadeiro império empresarial, a nível nacional e internacional, e que hoje se expande por cerca de 120 países.

Ao longo da sua vida, o Comendador Sebastião Alves desenvolveu sempre um carinho especial pela investigação e inovação, atraindo os melhores estudantes para as suas empresas e encorajando a sua formação. Apesar das muitas dificuldades e obstáculos enfrentados, e do elevado número de empresas que ergueu no mundo, o Comendador Sebastião Alves nunca perdeu a generosidade e humanidade que todos lhe reconhecem e que, inclusivamente, lhe granjearam o respeito e a amizade por parte de empresários concorrentes no seu sector.

Agraciado com várias Comendas, conferidas pela Santa Sé e por Sua Excelência o Presidente da República, a UBI considerou da mais elementar justiça que a Universidade portuguesa lhe prestasse reconhecimento, pelo extraordinário contributo dado ao País em geral e à Saúde em particular, atribuindo-lhe o grau de Doutor Honoris Causa.

Não me cabe a mim fazer o elogio do candidato, mas sim ao ilustre Padrinho, do qual passo a fazer uma breve apresentação: o Prof. Doutor André da Silva Campos Neves nasceu em Arganil, em 1926. Frequentou o curso dos liceus e o Curso Complementar no Liceu D. João III, em Coimbra. Obteve a Licenciatura em Farmácia na Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto em 1950, e foi estudante Pós-graduado na Universidade de Londres, onde iniciou a preparação da sua tese de doutoramento, que concluiria na Universidade de Glasgow em 1957. Em 1952 havia ingressado na Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra como 2^o Assistente, prosseguindo aí a sua

carreira até atingir a categoria de Professor Catedrático, em 1970. Autor de inúmeros trabalhos publicados, foi ainda, nesta Universidade, Diretor do Laboratório de Química Farmacêutica durante 36 anos e Presidente do Conselho Científico daquela Faculdade.

Paralelamente, foi sócio fundador dos laboratórios Medinfar e Euro-Labor e exerceu funções como Deputado da Assembleia Nacional e Vereador da Câmara Municipal de Coimbra. O Professor Campos Neves é atualmente, Professor Jubilado da Universidade de Coimbra. Desde a década de 50 que colabora com o Comendador Sebastião Alves e com o complexo Atral – Cipan, nomeadamente na área das patentes, tendo sedimentado, desde então, uma longa e sólida amizade.

Ao Doutorando, gostaria de expressar, uma vez mais, as minhas felicitações e reconhecimento pela dedicação da sua vida ao engrandecimento do nosso País.

Senhor Ministro, minhas Senhoras e meus Senhores:

No início da minha intervenção e ao longo da mesma, fiz alusão a algumas confusões reinantes no Ensino Superior. Para além de problemas financeiros, outros há mais importantes que não se devem deixar obscurecer com as discussões sistemáticas à volta daqueles.

A avaliação do Ensino Superior, a que já fiz referência, é um elemento de primordial importância para a sua evolução. Ela permite colocar o sistema sob uma ética de responsabilidade, sem a qual a autonomia universitária não poderia funcionar devidamente.

Mas a autonomia é condição essencial para o crescimento quantitativo, e sobretudo qualitativo, do sistema universitário. A contribuição das universidades é fundamental para a transformação social e para o desenvolvimento das sociedades. Sendo assim, há que repensar o relacionamento entre as universidades e o poder político, de forma a incentivar novos equilíbrios e novos modelos na Universidade, tendo em consideração a Sociedade dos nossos dias, caracterizada por mudanças extremamente rápidas, tentando harmonizar a tradição e a modernidade.

O Ministério da Educação tem vindo a lançar uma série de legislação, bem como um conjunto de projetos legislativos, como a tão desejada revisão do Estatuto da Carreira Docente e a regulamentação da criação ou extinção de cursos. A evolução registada nos últimos anos exige uma articulação com outra legislação de carácter universitário ou simplesmente administrativo, de forma que se verifique um avanço e não um retrocesso

com carácter centralizador, que poderá pôr em causa alguns aspetos fundamentais da autonomia e da democracia.

Por outro lado, em termos de gestão universitária, há que conhecer com clareza qual a posição do poder político em relação à “Declaração de Bolonha” e, durante o próximo mês, à “Declaração de Praga”, que poderão trazer modificações significativas na organização do sistema de ensino superior e no desenvolvimento da educação contínua.

Há que analisar, ponderar, dialogar e encontrar soluções que atenuem de alguma forma um certo “mal-estar” na Universidade, procurando chegar a um consenso tão alargado quanto possível, de modo a que as universidades possam contribuir para repensar a sociedade aberta, diferenciada e verdadeiramente democrática.

Senhor Ministro, Excelentíssimas Autoridades Académicas, Cívicas, Militares e Religiosas, minhas Senhoras e meus Senhores:

Alarguei talvez a minha intervenção, pelo que apresento as minhas desculpas, mas não quero deixar, no seu termo, de agradecer a todos a presença nesta cerimónia comemorativa do XV Aniversário, a que quisemos associar a homenagem a um ilustre português.

Grato estou, e a Instituição, pela vossa presença que nos honra e nos traz a solidariedade daqueles que, estando fora da Universidade, para ela olham como um dos agentes mais importantes para a transformação e evolução da sociedade em que se integra.

Bem hajam.

Covilhã e UBI, em 30 de abril de 2001.

Anexo M

Discurso do Prof. João Queiroz, 30 de abril de 2012

As minhas primeiras palavras são para saudar e agradecer a todos os que se quiseram associar a esta cerimónia simbólica do 26º aniversário e de atribuição do doutoramento honoris causa ao General António Ramalho Eanes.

Uma referência especial e devida a Sua Excelência, o Secretário de Estado do Ensino Superior, que nos quis honrar com a sua presença, demonstrando o seu apoio e interesse pelo futuro da Universidade da Beira Interior.

A Universidade da Beira Interior tem uma história que prezamos e da qual nos orgulhamos. Uma história que se cruza com a vida e a memória das gentes da cidade que a acolhe e daqueles que a escolhem para trabalhar, ensinar, investigar e estudar, sem esquecer os que, acreditando no seu potencial, com ela tenha estabelecido parcerias estratégicas nos mais variados domínios.

Partilharei convosco brevemente as atividades que considero de maior relevância para a concretização do Plano de Ação, privilegiando o essencial nas áreas do ensino-aprendizagem, da investigação, da garantia da qualidade e da gestão e governação, com um pouco maior destaque para a área da internacionalização. No contexto do aprofundamento do processo de Bolonha, destaco, em matéria de ensino-aprendizagem, o trabalho desenvolvido com vista a implementação, em todas as Faculdades, de estruturas curriculares e metodologias pedagógicas cada vez mais centradas no aluno.

Realizamos várias ações com incidência quer na utilização eficaz das tecnologias de informação e comunicação, corporizada pelo projeto Learn@UBI, quer na definição de competências, objetivos e resultados da aprendizagem. Criamos recentemente os Prémios de Mérito Pedagógico Caixa Geral de Depósitos a atribuir ao docente que, em cada Faculdade, se tenha destacado por uma intervenção pedagógica particularmente relevante e inovadora.

Elaboramos os Relatórios de Concretização do Processo de Bolonha referentes a 2008/2009, 2009/2010 e 2010/2011. Nesta vertente e visando abrir caminho a novos desenvolvimentos assinaremos hoje três protocolos.

A colaboração com a DLC - Distance Learning Consulting, Lda. permitirá a utilização gratuita da Plataforma NetForma Da Vinci Web e do modelo pedagógico Sistema Aberto de Formação e Ensino Multimédia à Distância, prevendo também uma parceria para o

desenvolvimento integral de cursos nas modalidades de eLearning e bLearning, em qualquer área do conhecimento, sustentados pela plataforma e modelo mencionados.

Através do protocolo com o Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho serão estabelecidos os termos e condições de articulação entre as atividades de ensino e de investigação promovidas pela UBI e a atividade clínica desenvolvida por este Centro Hospitalar para que, em colaboração, possam ser ministradas unidades curriculares dos mestrados integrados em Medicina, Ciências Farmacêuticas, ou outras áreas de ensino ligadas à saúde.

Já o protocolo que será assinado com o Centro Hospitalar Cova da Beira propõe a otimização e atualização do ensino-aprendizagem, de forma a atingir e manter o mais elevado grau de qualidade científica, pedagógica e de investigação, contemplando as linhas gerais de colaboração mútua para fortalecer e consolidar o programa de ensino-aprendizagem na formação graduada e pós-graduada nas mais variadas áreas da Universidade.

Indissociável do ensino-aprendizagem e a investigação, no âmbito da qual apostamos numa maior eficácia em termos de recursos humanos e materiais, capacitados para a criação de um ambiente propício ao desenvolvimento de atividades de investigação.

Os indicadores de desempenho das atividades de investigação e transferência de conhecimento e tecnologia registaram progressos assinaláveis, designadamente, no que se refere a publicações de todos os tipos, incluindo as indexadas ao ISI; a candidaturas e projetos aprovados; a pedidos de registo de patentes e marcas; a contratos de transferência de tecnologia; a contratos de consórcio e parceria; e a criação de *spin-offs* académicas.

Apostamos no estímulo à investigação e ao empreendedorismo e inovação por meio da criação de Prémios de Incentivo Científico, de Prémios de Mérito Científico UBI/Santander Universidades e também de concursos, como o WinUBI, tendo em vista a seleção de ideias e projetos inovadores científicos ou tecnológicos.

Realço ainda o UBI Scientia, Workshop de Ciência, Tecnologia & Inovação, no qual têm lugar a inventariação dos resultados da investigação e a promoção e discussão de temas relacionados com ciência e tecnologia.

Transversal a todas as vertentes é a política da qualidade, em cujo âmbito foram dados passos importantes no sentido de fomentar uma cultura de qualidade e certificação

global visando a melhoria e a superação contínua, com enfoques diferenciados, mas complementares, no ensino-aprendizagem e nos serviços.

Organizámos o processo de aplicação de novos questionários aos estudantes, previamente aprovados pelos Conselhos Pedagógicos das Faculdades.

Criámos Comissões de Qualidade nas Faculdades, dotando-as de Plataformas Colaborativas que, para além de fomentarem uma maior interação, permitem o acesso a dados quantitativos e a documentos relevantes para a aferição da situação atual e para a elaboração e implementação de ações de melhoria.

Encetámos o processo para reverter a situação das unidades curriculares consideradas críticas, com a identificação dos fatores que as determinam e proposta de medidas que os possam corrigir.

Destaco, ao nível do ensino-aprendizagem, a obtenção do certificado Diploma Supplement Label, conseguida em 2010 e válida até 2013, a candidatura ao certificado ECTS Label, em curso, bem como a candidatura de vários ciclos de estudo da área de Engenharia ao certificado EUR-ACE. Permitam-me referir que o curso de mestrado em Engenharia Electromecânica acaba de obter parecer favorável para atribuição da marca EUR-ACE por um período de 6 anos, a classificação máxima e que proporciona aos diplomados deste curso o reconhecimento profissional legitimado como garantia de qualidade.

Constituímos uma comissão que congrega docentes, não docentes e estudantes que tem a seu cargo a elaboração do relatório de autoavaliação que servirá de base a visita da Comissão de Avaliação da EUA. Na vertente da qualidade dos serviços, temos prosseguido o objetivo geral de adotar uma cultura de qualidade global.

Operacionalizámos o alargamento do Sistema de Gestão da Qualidade à totalidade dos serviços da Universidade e dos Serviços de Ação Social. Este reconhecimento foi conferido em janeiro de 2012, encontrando-se as estruturas por ele abrangidas certificadas até janeiro de 2015.

No plano da gestão e governação procedemos, numa primeira fase, à implementação e operacionalização dos órgãos e estruturas decorrentes dos novos Estatutos. Paralelamente, procedemos à elaboração de vários regulamentos, entre os quais: o Regulamento das Faculdades, o Regulamento de Avaliação de Desempenho dos Docentes, e o Regulamento de Prestação de Serviços que, em comum, têm o facto de terem sido amplamente discutidos e participados. Destaco ainda o Regulamento de

Propriedade Intelectual e o Regulamento de Empresas *spin-off*. Discute-se, atualmente, o Regulamento dos Investigadores de Pós-doutoramento na UBI.

Preparámos e implementamos novos sistemas de informação de gestão para suporte a governação universitária e tomada de decisão, de entre as quais se destacam: a Plataforma de Interoperabilidade que congrega o Sistema de Contabilidade Analítica, o Sistema de Gestão Documental, a Plataforma de Compras Públicas, o desenvolvimento do Projeto do Cartão de Identificação Universitário e o Sistema de Gestão da Qualidade.

Desmaterializámos o processo académico, as candidaturas de 2º e 3º ciclo e temos em curso o processo de atualização online da caracterização dos ciclos de estudo e das unidades curriculares respetivas, em língua portuguesa e inglesa. Este último permitirá disponibilizar informação sobre os ciclos de estudo de uma forma sistemática, coerente e atual, de acordo com o processo de Bolonha e com as orientações da A3ES e viabilizar a candidatura ao ECTS Label.

Também nos Serviços de Ação Social empreendemos uma profunda transformação, ao nível da gestão e estrutura organizacional, com base no seu novo Regulamento Orgânico. Importa sublinhar o reforço da oferta desportiva à comunidade académica, bem como as ligações a estruturas e instituições desportivas locais que reforçam a abertura e a ligação à comunidade envolvente, ao mesmo tempo que contribuem para a projeção da Universidade.

A UBI tem vindo a multiplicar as oportunidades de interação com os agentes políticos, económicos, educativos e culturais. Por outro lado, tem vindo a sensibilizar e a estimular a participação da comunidade nos eventos que promove, sejam eles de carácter científico ou cultural.

O enunciado das principais medidas de gestão e governação ficaria incompleta, sem uma referência à análise económica e financeira do último triénio.

Apesar dos constrangimentos económicos resultantes do quadro financeiro menos favorável, a nível nacional e internacional, a UBI tem solvido todos os seus compromissos, revelando, em termos globais, uma razoável solidez económico-financeira, que os Relatórios e Contas da UBI dos últimos três anos atestam. (Hoje mesmo foi aprovado em reunião do Conselho Geral o Relatório e Contas da UBI 2011).

Para esta solidez contribuíram diversas ações de governação empreendidas sob a égide da disciplina e contenção orçamental, dando expressão à introdução de práticas

inovadoras de gestão, a racionalização de recursos públicos e a transparência das atividades desenvolvidas.

Cumpra-me, de qualquer forma referir, que apesar dos sinais de diálogo e abertura demonstrados pelo governo, relativamente à aplicação às instituições de ensino superior da Lei dos Compromissos e dos Pagamentos em Atraso, persistem dúvidas quanto aos seus efeitos que, somados as fortes restrições orçamentais, esperamos não venham a pôr em causa a estabilidade orçamental da UBI.

Senhor Secretario de Estado

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Referi, no início da minha intervenção, que o alcance das mudanças sociais, económicas e culturais que, enquanto instituição, devemos ser capazes de antever e o do mundo globalizado. Assume, neste contexto, particular relevância a internacionalização, no âmbito da qual tem sido aprofundada a integração numa dimensão internacional e intercultural em todas as áreas e domínios de intervenção da universidade.

Este movimento implicou conferir, desde 2009, especial ênfase às forças existentes, reforçar as áreas em que o processo de internacionalização fosse imprescindível ao desenvolvimento sustentável da instituição, bem como uma maior internalização das atividades com dimensão internacional, no sentido de acrescentar valor e aumentar o conhecimento e experiência dos estudantes, docentes, investigadores e não docentes. No que se refere a mobilidade de docentes, estudantes e não docentes, a par do crescimento sustentado dos fluxos, resultante de renovação e da assinatura de novos acordos Erasmus e de protocolos institucionais, tem vindo a assistir-se ao alargamento dos programas abrangidos e conseqüente diversificação de países de destino e de origem, em que os países extraeuropeus têm vindo a ganhar peso.

Ao ainda preponderante programa europeu Erasmus, vieram somar-se iniciativas de mobilidade nacionais, como o Programa Almeida Garrett, e internacionais, como o Programa de Bolsas Luso-brasileiras Santander Universidades, o Programa de Bolsas ibero-americanas de licenciatura de Bolsas ibero-americanas para jovens investigadores e professores Santander Universidades, e o Programa Vulcanus, com o Japão. Manteve-se a implementação dos Programas Fulbright, com os Estados Unidos da América, e IAESTE, de âmbito mundial.

Prevê-se um reforço dos fluxos de mobilidade com o Brasil, no âmbito de dois novos programas em fase avançada de implementação: o Programa de Licenciaturas

Internacionais, direcionado para a formação em dupla titulação no exterior, e o Programa Ciência sem Fronteiras, que visa proporcionar a formação de recursos humanos brasileiros altamente qualificados.

Implementámos a Plataforma de Mobilidade, inserida no Balcão Virtual, transversal aos programas de mobilidade internacionais, através da qual Coordenadores Departamentais, Coordenador Institucional, GPRI e estudantes processam e acompanham todo o processo de mobilidade, desde a apresentação de candidaturas e processo de seriação, até à elaboração de planos de estudo equivalentes e transcrição de registos.

Apostámos na celebração de protocolos bilaterais com instituições estrangeiras de ensino superior e no acompanhamento das atividades deles decorrentes, de que são exemplo os que preveem coorientação de estudos de doutoramento e a atribuição de duplos diplomas.

Salienta-se, a este propósito, a proposta de criação de um mestrado Erasmus Mundus da UBI em Gestão de Energia em consórcio com Universidades em Espanha e Polónia, bem como em Ciências Biomédicas com a Universidade de Salamanca, e Universidades em Itália, Alemanha e Inglaterra e várias outras na América Latina.

No âmbito da investigação, assumem especial relevância, o apoio às candidaturas aos programas específicos no âmbito do 7º Programa-Quadro de Investigação da Comunidade Europeia para Atividades de Investigação, Desenvolvimento Tecnológico e Demonstração e também os programas de cooperação transfronteiriça INTERREG, com Espanha, e SUDOE, com Espanha e França, que se tem traduzido num aumento de projetos aprovados e financiados.

A internacionalização da UBI ganhara a partir de hoje um novo impulso, através do Protocolo que assinaremos com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras que para além de ter como consequência imediata a Plataforma/SU - Interface SEF Universidades com vista a regularização da situação documental de estudantes estrangeiros prevê, ainda, a possibilidade de implementação de ações conjuntas, estágios, ações de formação e ações de investigação.

Senhor Secretário de Estado

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Feita a análise da trajetória recente, é chegado o momento de perspetivar o futuro.

A Universidade da Beira Interior tem a responsabilidade de planear e assegurar o seu futuro, que é também o futuro de todos os que dela dependem. Neste contexto, afiguram-se como determinantes dois acontecimentos.

Por um lado, a conclusão, no curto prazo, do UBI Medical e, por outro, a recente aprovação do "Plano 2020".

Em 2009, teve lugar, neste mesmo dia, a assinatura do Protocolo de Financiamento para o Programa Estratégico INOVIDA que preconiza a junção entre as vertentes de Inovação e Vida, conciliando dimensões cruciais de desenvolvimento competitivo dos setores de saúde e agroindustrial que, em sede de estratégia regional, assumem um importante posicionamento na definição de clusters estratégicos. A UBI Medical constitui, porventura, a face mais visível do Programa Estratégico INOVIDA. Trata-se de uma infraestrutura vocacionada para uma área fundamental para o desenvolvimento humano e geradora de valor acrescentado significativo, como é a da qualidade de vida associada a saúde, em linha com as melhores práticas europeias e com resultados concretos na ligação às comunidades científicas e empresariais.

Representa cerca de 3.000 m² de área construída que se ergue, a bom ritmo, nas imediações da Faculdade de Ciências da Saúde, prevendo-se a sua conclusão para o final do ano em curso. Aproveito para agradecer à Câmara Municipal da Covilhã, na pessoa do seu Presidente, o reconhecimento da importância deste empreendimento pela edilidade, através do apoio que viabilizou de alguma forma o seu mais recente avanço.

O UBI Medical consubstancia a criação de um espaço de excelência no sector, envolvendo as vertentes de investigação e transferência de conhecimento, com ligação privilegiada às instituições da região, e de incubação de empresas nascentes de projetos recolhidos nas várias instituições de ensino superior participantes na parceria INOVIDA, potenciando a captação de investimento nacional e internacional e a atração e fixação de recursos humanos qualificados.

Passando do curto para o media e longo prazo, da aposta na definição de uma estratégia capaz de articular o passado com os desenvolvimentos recentes da Universidade da Beira Interior, de modo a permitir definir com clareza o modo como nos queremos posicionar

no futuro, surge o Plano de Desenvolvimento Estratégico 2020 para a UBI, recentemente aprovado por unanimidade pelo Conselho Geral.

Nele se explicitam os grandes eixos e objetivos estratégicos da Universidade para os próximos oito anos, pelo que para as iniciativas e ações a empreender num horizonte temporal mais dilatado, contribuindo para uma maior estabilidade governativa.

Este plano constitui o final de um processo que se iniciou com a elaboração de um diagnóstico da evolução da Universidade nos últimos anos, e envolveu a participação de todos aqueles que têm responsabilidades na condução e implementação da estratégia a adotar, bem como de atores externos que integram a sociedade com a qual a Universidade se articula.

O Plano 2020 marca, simultaneamente, o início de um percurso aberto a incorporação de novos contextos e fatores emergentes, assumindo-se como o documento enquadrador e orientador do sistema de planeamento da Universidade, devendo os restantes instrumentos de planificação articular-se com as orientações estratégicas e promover a sua operacionalização.

O trajeto em direção à visão pretendida e conduzido por grandes prioridades, que constituem os quatro eixos de intervenção estratégica estruturados em torno de um conjunto de grandes objetivos que orientam as ações a desenvolver durante a implementação da estratégia.

O Eixo 1 - Uma Universidade que oferece serviços globais e coerentes de Ciência e Educação envolve o núcleo duro da atividade de uma instituição de ensino superior de forma necessariamente integrada.

Constituindo o ensino e a investigação os grandes pilares de funcionamento de uma Universidade, os seus níveis de excelência constituem, sempre, a sua principal referência de prestígio. A construção de uma estratégia de mudança e de reforço crescente da presença da UBI passa, por isso, pela capacidade de criar e assumir a excelência do nexos ensino-investigação como cultura organizacional e como abordagem prática da ação. A criação deste nexos exige procura de qualidade em ambos níveis, num processo de interação permanente.

o reforço da qualidade do ensino e uma prioridade estruturante da UBI, com atenção particular na formação integral dos estudantes, adequação da oferta formativa às necessidades das áreas de proximidade, afirmação da sua relevância nacional e melhoria da capacidade de atrair os melhores alunos. A oferta de ensino deve resultar e constituir

uma afirmação da capacidade científica e pedagógica da Universidade. A formação integral dos estudantes deve assumir-se como uma preocupação permanente, oferecendo uma qualificação científica e aplicada sólida, ao mesmo tempo que promove o seu desenvolvimento pessoal e a sua capacidade de participação cívica.

Importa que a UBI seja capaz de desenvolver um perfil próprio, reconhecido nacional e internacionalmente, de continuar a reformular o seu modelo institucional e organizativo da investigação e de estimular a procura de novas fontes de financiamento, bem como de promover, acompanhar e avaliar os resultados e processos de investigação.

A afirmação e a consolidação de um nexos ensino-investigação exigem uma forte vinculação da docência com a investigação científica. O que é distintivo do ensino universitário e, precisamente, a estreita ligação entre essas duas dimensões, que faz com que um docente-investigador seja capaz de incorporar nas suas atividades de ensino a evolução das ideias, resultados e aplicações da investigação, mantendo um ensino sempre atualizado e reforçando a curiosidade e o interesse dos alunos. Mas a investigação também ganha, porque o investigador aumenta sua capacidade de divulgação científica, aumenta o seu contacto com diferentes áreas de investigação e aumenta a capacidade de atração dos jovens para a investigação.

o Eixo 2 - Uma Universidade que ganha prestígio internacional e o Eixo 3 - Uma Universidade que assume um forte protagonismo na sociedade visam promover a abertura da universidade ao exterior, aos níveis nacional e internacional.

Num mundo cada vez mais globalizado, em que a produção de conhecimento deixou de ter fronteiras físicas e a cooperação interuniversitária, sob diversas formas, esta a impor-se como um novo paradigma de ação, nenhuma universidade pode ficar apenas confinada ao seu meio envolvente. A procura da internacionalização torna-se, por isso, uma condição indispensável para uma universidade se afirmar como ator relevante, tanto no plano internacional, como nos planos regional e nacional. E é este o desafio que hoje se coloca a UBI - assumir e praticar a internacionalização como uma componente indispensável para um desempenho excelente das suas funções básicas.

A sua afirmação enquanto Universidade global crescentemente internacionalizada não diminui a importância enquanto instituição de referência para o desenvolvimento da sua região de inserção. A UBI influencia naturalmente de forma muito positiva o país e a região onde se localiza. O diagnóstico realizado e a auscultação dos atores regionais revela, contudo que existe espaço para aprofundar a articulação da Universidade com a Sociedade, nomeadamente:

- na criação de conhecimento através da investigação segundo uma lógica muito orientada para a sua exploração por via do estímulo ao empreendedorismo e a transferência de tecnologia baseada em *spin-offs*, direitos de propriedade intelectual e consultoria;
- na promoção da aprendizagem ao longo da vida e do desenvolvimento profissional, segundo um modelo muito dirigido as necessidades atuais e potenciais da sociedade;
- na dinamização e desenvolvimento cultural e comunitário enquanto fatores cruciais para a coesão social e territorial, para o desenvolvimento sustentável e para o funcionamento dos sistemas nacionais e regionais de inovação.

Mais em concreto, a UBI devesse protagonizar um forte dinamismo na promoção de iniciativas de reforço da atratividade da região enquanto local para viver, assente na valorização da programação cultural, quer enquanto organizadora de eventos e produtora de conteúdos, quer enquanto formadora de públicos sofisticados e recetivos a novas linguagens de expressão artística e cultural.

Por último e igualmente importante, o Eixo 4 - Uma Universidade que ganha eficiência e aposta na qualidade serve de suporte aos restantes, garantindo a eficiência dos processos, monitorizando a eficácia dos resultados e promovendo a sustentabilidade da organização.

Os eixos estratégicos que a Universidade se propõe percorrer, para cumprir a Missão e a Visão que se fixou, são de uma grande exigência para todos os que na Universidade procuram equacionar os problemas do presente e que ousam "fazer" o futuro, uns e outros, enraizados no passado de que se orgulham.

O Eixo 4 é, assim, um eixo instrumental em relação aos restantes, aglutinando a estruturação dos grandes instrumentos que servem e suportam simultaneamente as linhas de ação a desenvolver nos outros eixos, facilitando e dando coerência às ações que partilham recursos. Engloba também o desafio de sensibilizar e mobilizar os diferentes níveis de gestão e toda a comunidade universitária para o contexto de mudança, conduzida pela adoção de uma estratégia comum que só será viável com o empenhamento coletivo.

Em síntese, o Plano 2020 e o plano da UBI. Trata-se de um instrumento estratégico, mas tem, igualmente, todas as condições para ser um elemento determinante na cultura organizacional da UBI, com a permanência que as valores fundamentais necessitam, mas também com a flexibilidade que as especificidades de cada Faculdade exigem.

Os quatro eixos estratégicos do Plano 2020 assumem-se como pilares fundamentais de um empreendimento aglutinador, de um projeto que cabe a todos nos implementar, que nos torne mais fortes e que permita a UBI enfrentar com otimismo os desafios do futuro.

Aproveito, por isso, esta ocasião solene para devolver o Plano 2020 a todos aqueles que contribuíram para a sua concretização, para que o tornem seu, esperando que nele encontrem um referencial e um apoio as decisões cada vez mais complexas e difíceis que quotidianamente se nos colocam, enquanto universidade.

Senhor Secretário de Estado

Minhas Senhoras e Meus

Senhores

Dentro de instantes terá lugar a outorga da mais alta insígnia académica com que a Universidade da Beira Interior distingue personalidades eminentes de reconhecido mérito que se notabilizem nos diferentes domínios, ou que tenham contribuído para o engrandecimento de Portugal ou da Universidade - o Doutoramento Honoris Causa - ao Senhor General António Ramalho Eanes.

A apresentação e o elogio do distinto doutorando cabem ao Ilustre Padrinho - o Senhor Doutor Eduardo Lourenço, eminente ensaísta e académico, detentor de uma obra vasta e ímpar que lhe tem granjeado as mais altas distinções, dentro e fora do país. O Premio Pessoa 2011 constitui o seu mais recente galardão.

Atrevo-me a afirmar que os traços de união entre Padrinho e Doutorando transcendem, em muito, as raízes comuns na região da Beira Interior e culminam, nas respetivas esferas de intervenção, em dois aspetos: na heterodoxia, isto é, na demarcação em relação às correntes dominantes, e na compreensão da identidade portuguesa, da sua projeção e do lugar de Portugal na arena internacional.

Sem querer sobrepor-me à nobre função de Padrinho, a qual, estou certo, o Senhor Doutor Eduardo Lourenço, melhor que ninguém poderá desempenhar, permita-me a honra de me referir, de forma necessariamente breve, às razões que me levaram a propor a atribuição do grau com o qual será investido o General António Ramalho Eanes. o meu agradecimento ao Senado da UBI que, unanimemente, compreendeu a importância deste ato e se lhe associou.

António dos Santos Ramalho Eanes destacou-se na defesa do regime democrático ao assumir a liderança das manobras militares de 25 de novembro de 1975 que estabilizaram o regime democrático e puseram termo ao processo revolucionário.

Presidente da República entre 1976 e 1986 promoveu, também no plano político, a derrota do projeto revolucionário, e atuou como o defensor do funcionamento das instituições democráticas e da estabilização das forças armadas, colocando-as como garante das escolhas legítimas do povo Português, expressas em eleições livres. Como Presidente da República, reorientou a posição de Portugal no mundo, estreitando as relações com os países da NATO, e reativando, numa nova ordem, as relações do país com os países emergentes das independências das ex-colónias.

Recebeu vários louvores e condecorações militares. Em 2006, defendeu a sua tese de Doutoramento intitulada "Sociedade Civil e poder político em Portugal", com a qual pretendeu contribuir para uma análise, séria e aprofundada, dos acontecimentos históricos recentes.

Afastado da vida política ativa, continua, enquanto elemento da sociedade civil, a intervir em assuntos que considera de relevância, especialmente cívica e cultural.

A UBI decidiu, assim atribuir o grau de doutor honoris causa ao General António Ramalho Eanes, pelo seu imenso contributo para a democratização do país e para a sua inserção entre as nações democráticas e desenvolvidas.

Mais não fazemos do que render uma justa e reconhecida homenagem, que também nos prestigia, a um dos mais influentes estadistas do nosso tempo, que, com a sua ação exemplar, influiu, de modo decisivo, no curso dos acontecimentos de um período particularmente conturbado como foi o do processo revolucionário, tendo, ainda, lançado as bases para a pacificação nacional e para a afirmação de Portugal no concerto das nações.

Senhor Secretário de Estado

Minhas Senhoras e Meus Senhores

A Universidade da Beira Interior empreendeu um processo transformador ao longo dos três últimos anos.

Mudou a sua estrutura por força de imperativos legais e para melhor corresponder as exigências de um nova Plano de Ação.

Mudaram os seus procedimentos para promover a melhor e mais eficiente gestão dos seus recursos humanos e materiais.

Mudaram os princípios que norteiam a sua ação para encorajar o debate de ideias e tornar os processos de tomada de decisão mais transparentes, participados e inclusivos.

Em comum, todas estas mudanças têm um denominador: as pessoas. As pessoas que a escolheram para investigar, ensinar, estudar e trabalhar e que com ela se relacionam.

Os resultados alcançados ao longo dos três últimos anos do percurso da Universidade da Beira Interior resultam da nossa ação coletiva e demonstram que, num contexto de total pluralismo e transparência, fomos capazes de abraçar a mudança e de construir os consensos necessários para através do conhecimento e do trabalho continuarmos a aspirar a coisas mais elevadas, cumprindo, assim, a nossa divisa *scientia et labore altiora petimus*.

Muito obrigado.

Anexo M

Discurso do Prof. António Fidalgo, 30 de abril de 2015

Ao mesmo tempo que comemoramos o 29º aniversário da Universidade da Beira Interior, estamos a celebrar os 40 anos do ensino superior na região. De facto, foi em 17 de fevereiro de 1975 que tiveram lugar as primeiras aulas lecionadas no Instituto Politécnico da Covilhã, cuja Comissão Instaladora, presidida pelo Dr. Duarte Simões havia tomado posse em 10 de outubro de 1974. Foram 143 os alunos que se inscreveram em 1974/75 nos cursos de bacharelato de Administração e Contabilidade e Engenharia Têxtil. Perto de 10% desses alunos viriam a fazer parte da comunidade académica como professores e técnicos. Quero aqui homenageá-los e agradecer-lhes o que fizeram e continuam a fazer pela UBI. Começo por referir os 3 docentes provenientes dessa primeira leva: o Prof. Mário Nunes, a51, já falecido, bem como os Profs. Rui Miguel, a7, e José Mendes Lucas, a126, todos eles do Departamento de Engenharia Têxtil. Depois referir as funcionárias a32 Maria Gabriela da Conceição Meireles, a71 Maria Júlia Mendes Vieira Ressurreição, aposentadas no último ano, e os sete funcionários presentemente em funções, a20 José Duarte Minhoto, a39 Maria José Constâncio Oliveira, a53 Ângelo Cleto, a55 Carlos Alberto Melo Gonçalves, a65 Victor Mendes da Mota, a81 Júlio Pina Bicho e a86 Fernanda Santos Azevedo. Neles homenageio todos os inscreveram, porque foi graças a esse ato inicial dos 143 que hoje temos uma universidade com perto de 7 mil alunos.

No passado dia 18 de abril houve uma especial comemoração dos 40 anos de ensino superior na Covilhã com um almoço de confraternização dos primeiros alunos inscritos, e que teve lugar no bar central da universidade. Dos 143, de que já faleceram 14, estiveram presentes 54. Houve um trabalho aturado e persistente para tentar localizar todos os alunos por parte da Comissão Organizadora do evento a quem aqui agradeço novamente, pedindo a permissão para destacar o papel dos *alumni* a55 Carlos Melo Gonçalves e a119 José Curto Pereirinha. A maior parte dos que não vieram foi por dificuldades de agenda, problema que teria sido obviado com um levantamento prévio e com uma maior antecipação da preparação do evento. É precisamente esse trabalho de levantamento sistemático e exaustivo de todos os que ao longo dos anos se inscreveram como alunos da UBI que iremos fazer com o Gabinete dos *Alumni*, que entrou em funcionamento no dia 30 de março deste ano, sob a

coordenação do Prof. João Leitão e a dedicação de uma técnica superior, a Dra. Dulce Santos.

Logo no lançamento da nova página web da UBI, ocorrido em fevereiro passado, contemplámos uma seção dedicada aos *Alumni*. A primeira coisa a fazer foi elaborar em base de dados a listagem de todos os antigos alunos do IPC, do IUBI e da UBI. A página está no ar e neste momento, além da entrada pela página inicial da universidade, tem também endereço próprio e direto: alumni.ubi.pt. Aí já é possível pesquisar pelo nome, pelo ano, e pelo curso, todos os que ao longo destas 4 décadas se inscreveram na UBI e que neste momento não se encontram inscritos. Foi um trabalho árduo levado a cabo pelos Serviços de Informática, nomeadamente pela Dra. Paula Fonseca, Marco Oliveira e Pedro Oliveira. Essa base de dados é a peça central do novo Gabinete dos *Alumni*. Para já iremos enriquece-la com o cruzamento com outras bases de dados parciais, algumas existentes na UBI, nomeadamente no Gabinete de Saídas Profissionais e em alguns departamentos, e outras nas redes sociais, em particular no *LinkedIn* e no Facebook. A nossa ambição é vincular todos os que aqui passaram a UBI, segundo o moto de que "uma vez ubiano, sempre ubiano". Vamos estabelecer uma relação forte com os antigos alunos. Estamos convencidos de que é um vínculo benéfico para ambas as partes, para os *alumni* e para a universidade. Dos 143 alunos iniciais 46 deles tiveram filhos inscritos na universidade, em alguns casos mais do que um filho, e já temos casos de *alumni* avós de atuais alunos.

É sobejamente conhecida a importância que tradicionalmente os *alumni* têm nas universidades americanas, e hoje assistimos a uma aposta generalizada das universidades nos seus *alumni* pelo mundo fora. Na sociedade em rede em que vivemos é crucial manter os laços que se criam num período crucial da vida, nos anos da formação universitária, que são também de maturação pessoal. Nesses anos se constroem amizades para a vida, se estabelecem vínculos pessoais que perduram muito para lá da vida académica. É toda essa dimensão de passado, de presente e de futuro que pretendemos valorizar com o Gabinete dos *Alumni*.

Alguns exemplos bem concretos servirão para esclarecer o enorme potencial que reside na ligação da universidade aos antigos alunos. Num jantar de antigos alunos no passado dia 21 de março, o primeiro organizado pela AUBI em Lisboa, dizia-me um antigo aluno, licenciado em Engenharia do Papel, que em todas as empresas líderes no sector da indústria papeleira portuguesa há licenciados da UBI. Só por si esse facto é excelente, nomeadamente sinal da qualidade da formação científica tecnológica aqui recebida. Mas podemos valorizar muito esse facto; primeiro através

do levantamento desses licenciados, sabendo onde cada um trabalha, e depois estabelecer uma rede entre eles próprios e deles com a UBI. O atual quadro comunitário de apoio, o Portugal 2020, privilegia a competitividade da economia portuguesa e que isso implica necessariamente uma estreita colaboração entre as empresas e as universidades. As empresas papeleiras portuguesas atravessam uma fase muito favorável nas suas exportações, mas precisam de inovação para enfrentarem os desafios que se anteveem no horizonte. Vamos então colaborar, estabelecer parcerias e candidaturas conjuntas aos fundos comunitários. Ao criarmos a rede dos antigos alunos licenciados em Engenharia do Papel estaremos a criar a base necessária para essas parcerias e candidaturas.

Em 11 de Maio haverá reunião do CRUP na Madeira. Com a ajuda do Gabinete dos Alumni estamos a organizar um jantar do reitor com os *alumni* madeirenses. Não será apenas um convívio, mas será também um momento de estreitar laços, de consolidar o universo ubiano nas relações pessoais, sociais e profissionais e sabemos o quanta isso conta. Esta é também uma forma privilegiada de reforçar a marca UBI e fomentar o orgulho de ser ubiano.

Desde que o nosso curso de Medicina foi criado já se licenciaram na UBI cerca de 600 médicos. E preciso saber desses licenciados, fazer chegar-lhes notícias da UBI, enviar-lhes regularmente um boletim sobre a sua *alma mater*, interessá-los pelo que aqui se passa e criar uma rede de solidariedade social e profissional entre eles. E o que vale para a Medicina vale para todos os cursos.

O Gabinete dos Alumni trabalhará com toda a universidade, com todos os departamentos e cursos, e não apenas com a reitoria. Com os alumni vamos fazer uma UBI muito mais vasta e extensa e, por conseguinte, muito mais forte. Convido toda a comunidade académica a envolver-se neste esforço e agradeço desde já os contributos que certamente nos chegarão de alunos, docentes e funcionários.

A UBI que ambicionamos espalhada pelo mundo exige que continuemos o trabalho que aqui na encosta nascente da Serra de Estrela se vem desenvolvendo há 40 anos. O Ubimedical, uma estrutura de investigação e de transferência de conhecimento encontra-se já em funcionamento, com os 8 laboratórios previstos no projeto inicial em atividade, e com start-ups já instaladas e a trabalhar. Quero em particular referir e louvar o Labfit, uma start-up de investigação e elevada capacidade tecnológica, que foi a primeira empresa a sediar-se ali e a começar a trabalhar. Tenho a certeza de que o seu exemplo frutificará e de que teremos novas empresas de ponta a instalar-se nesta nova

estrutura universitária. Com ela a UBI e a região estarão em muito melhores condições para elaborar boas candidaturas aos programas do Centro 2020 e de dar um contributo significativo ao relançamento da economia da região sobre novas bases.

Quero também realçar a execução atempada dos projetos lançados nos finais de 2013, no valor de 3 milhões de euros, perto de 800 mil euros do POVT destinado ao apetrechamento da Faculdade de Ciências da Saúde e do 2,2 milhões de euros vindos do Programa Mais Centro da CCDRC, a saber o Laboratório de Sistemas Electromecatrónicos com 456 mil euros, o Centro de Investigação em Ciências da Saúde com 576 mil, o Centro Clínico e Experimental em Ciências da Visão com 427 mil, o Laboratório de Fabricação, Fablab, com 545 mil, o Centro de Recursos Educativos Digitais com 176 mil, e o Segal - Space and Earth Geodesic Analysis Laboratory com 166 mil. Este reequipamento foi muito importante para os objetivos primeiros da instituição de ensinar e investigar, mas também significa custos porquanto financiados a 85%, cabendo a UBI completar os 15%. Significou isto um esforço financeiro proveniente de receitas próprias de mais de 350 mil euros.

Também a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas foi enriquecida com uma estrutura deveras importante para a investigação e pós-graduação, o espaço agora denominado Work-in, onde se situava o Cibercentro. A isso deve-se acrescentar a ligação da Faculdade à rede da universidade com fibra ótica, numa largura de banda de 10 Gb.

Por sua vez continuamos a investir na Biblioteca como espaço central da vida académica, tendo adaptado o espaço da antiga Livraria d' Avila para uma sala de estudo aberta 24 horas, os sete dias da semana.

Ou seja, apesar das enormes dificuldades financeiras que afetam a UBI, não temos deixado de apostar em melhorar as condições de estudo, ensino, investigação e transferência de conhecimento que constituem a nossa missão. Pois que é isso que devemos fazer, e isso que queremos fazer e, por conseguinte, é nisso que apostamos e investimos.

O esforço de investimento é tanto mais de sublinhar quanto a UBI continua a ser claramente subfinanciada, tanto em termos absolutos, *como* relativos. Encerramos o ano de 2014 com um défice de 1 milhão de euros, financiado pelos saldos.

Em todas as instâncias, junta da tutela, no CRUP, e ultimamente num encontro havido aqui na Covilhã dia 20 de abril com os deputados eleitos nos círculos eleitorais de Castelo Branco, do PSD e do PS, tenho chamado a atenção para esta injustiça, que é o

financiamento unicamente baseado no histórico e não na realidade vigente das instituições mediante uma fórmula de financiamento. Continuamos a pugnar tenazmente por um financiamento baseado numa fórmula, e não é só para nos ser mais favorável, mas porque é muito mais justo e adequado ao desenvolvimento das instituições de ensino superior.

Usando qualquer das fórmulas que têm estado em cima da mesa, desde a de 2007, da autoria do Secretário de Estado de então, Prof. Manuel Heitor, a última formula encomendada e apresentada pela tutela e da autoria do Prof. Carlos Costa, a UBI não apresentaria qualquer déficit e manteríamos os saldos que tanta falta fazem para mantermos o ritmo de investimento imprescindível a um bom ensino e a uma investigação de qualidade.

O futuro da UBI passa pelo esforço porfiado do presente. Sabemos as dificuldades que a UBI enfrenta bem assim *como* todas instituições de ensino superior, em particular as do interior do país. O desafio principal é claramente o da internacionalização, em particular a captação de alunos estrangeiros. Felizmente que essa tarefa é assumida hoje como prioritária a nível governamental e existe um grupo de trabalho das universidades a trabalhar com o Ministro Adjunto e do Desenvolvimento Regional para uma grande iniciativa de divulgação do ensino superior português nos mercados estrangeiros. Podemos dizer que os políticos acordaram para as enormes potencialidades que as universidades portuguesas têm na competitividade da economia nacional e na exportação de serviços de alto valor. Não duvido que dentro de 10 anos teremos um panorama muito diferente nas instituições de ensino superior em Portugal, em especial na composição do corpo docente, à semelhança aliás do que aconteceu com outros países, nomeadamente a Inglaterra. O ensino superior de qualidade no estrangeiro é um serviço cada vez mais valorizado em qualquer país do mundo. Portugal tem condições ímpares neste mercado, com cerca de 240 milhões de falantes espalhados pelos 5 continentes, com países em franca expansão demográfica, social e económica. Na reunião havida segunda-feira passado dia 27, com a comunidade de estudantes brasileiros na UBI, dizia a aluna Ana Rita, a frequentar o 4º ano de Engenharia Civil, que quando chegou os estudantes brasileiros eram uma raridade na Covilhã, apenas 3 na Faculdade de Engenharia. Hoje temos inscritos na UBI 170 alunos vindos do Brasil. Há que duplicar, triplicar, quadruplicar nos próximos anos esse número. Os testemunhos que temos recebido dos próprios alunos é de que o iremos conseguir. Mas os outros países de língua portuguesa também precisam de qualificar a sua população. É um

benefício mútuo. Nós lucramos, porque que temos excesso de oferta face à procura e porque ganhamos mundo com estudantes de outras partes, e eles lucram porque obtêm uma educação superior de qualidade a custos muito baixos, comparados com a oferta internacional.

Foram os alunos estrangeiros que nos permitiram manter em 2014/2015 o Mestrado Integrado de Engenharia Civil dentro da oferta do Concurso Nacional de Acesso. Foi um esforço extraordinário a sua captação, mas que valeu bem a pena. E assim continuaremos fazendo frente à grave crise demográfica com a captação de alunos de todas as partes do mundo, em particular do mundo lusófono.

5- Não quero terminar sem manifestar o meu apreço aos docentes e funcionários da UBI. Apesar da diminuição salarial de muitos (de quase todos) e do aumento de horas de trabalho nestes anos de crise, continuam empenhados em fazer da UBI uma universidade de qualidade. Muitos vivem verdadeiramente a universidade, sentindo-a como sua, briosos no trabalho que fazem e procurando fazer melhor. Não são raros os funcionários que levam trabalho para casa. Para todos os que trabalham na universidade, vivem e amam a UBI, o meu agradecimento. O nosso trabalho e o nosso empenho são a melhor garantia de que saberemos enfrentar os desafios que se nos colocam e de que o faremos com sucesso.

Anexo M

Discurso do Prof. Mário Raposo, 30 de abril de 2024

Começo por dar as boas-vindas a todas e a todos aqueles que aceitaram o nosso convite para estarem presentes neste dia comemorativo na nossa Universidade. A vossa presença neste anfiteatro reafirma o vosso compromisso e envolvimento com a nossa Universidade, muito obrigado.

Celebramos hoje o 30 de abril de 2024, o 38º Aniversário da nossa e vossa Universidade da Beira Interior. Celebramos também, este ano, os 50 anos de ensino superior na Beira Interior, data significativa para a nossa instituição e também para a região que a acolhe.

Foi o Decreto-Lei 402/73, de 14 de agosto, que criou então as universidades em Portugal e também o Instituto Politécnico da Covilhã, cujas aulas se iniciaram em fevereiro de 1975. Daí a razão para algumas distinções que iremos fazer hoje e que referirei mais adiante.

A instituição então criada começou uma árdua caminhada cheia de obstáculos, barreiras e entraves ao seu desenvolvimento e crescimento. Mas aquilo que não nos mata, faz-nos mais fortes e mais resilientes. Como tal, a instituição soube encontrar as estratégias necessárias para manter uma trajetória de progresso, de crescimento, de qualidade e afirmação, possibilitando que, em 30 de abril de 1986, se concretizasse a sua transformação em Universidade. Assim veio a consolidar-se num projeto estimulante, arrojado, inovador, sempre pautado por critérios de elevada qualidade, apesar do meio envolvente inicial agreste, da região de baixa densidade populacional, da falta de tradição académica, de acessibilidades difíceis a todos os níveis, da débil atividade económica e do fraco poder de influência política.

Desde essa data e até aos dias de hoje, a UBI soube encontrar caminhos que permitiram a sua afirmação, apesar dos ataques sucessivos à instituição, o mais grave dos quais se traduziu num subfinanciamento crónico a partir do ano de 2009 e que se estendeu até aos nossos dias. Presto aqui o meu reconhecimento a toda a comunidade académica que estoicamente resistiu e soube manter a qualidade do ensino e da investigação, num caminho de privações de várias ordens.

De facto, apesar dessa penúria financeira, assistimos ao esforço de todos para continuar a oferecer um serviço público de grande qualidade, tendo-se alcançado resultados de elevado nível, em todas as áreas.

Foi, finalmente, o Relatório da OCDE de 2022 que veio demonstrar perante todos a

realidade do financiamento da UBI, que durante 15 anos recebeu menos financiamento por aluno do que todas as outras universidades portuguesas, o que se revelou uma tremenda falta de equidade para com os nossos estudantes. A situação só começou a ser corrigida a partir dos Orçamentos de Estado de 2023 e 2024, com a promessa de continuar a ser corrigida até se atingir o orçamento real em 2027. Ao longo daquele tempo a UBI foi privada, em termos acumulados, de mais de 50 milhões de euros. O que teríamos já conseguido fazer se tivéssemos tido aquela verba!...

Salvaguardando as devidas distâncias e situações, permitam-me citar Camões, numa frase escrita nos Lusíadas a propósito dos Portugueses:

“Em perigos e guerras esforçados,

e mais do que prometia a força humana, e entre gente remota edificaram

um Novo Reino, que tanto sublimaram” (Também este ano se celebram os 500 anos de Camões)

Pois também a UBI e a sua comunidade académica, em local distante e remoto, tiveram o engenho, a habilidade e o empreendedorismo necessário para reagir e responder com grande responsabilidade, firmeza e dedicação, dando resposta com dignidade e elevação, demonstrando ao país que a instituição foi capaz de se transformar e atingir níveis de prestígio nacional e internacional, como o demonstra a posição nos *rankings* de várias ordens.

(Eu sei que os *rankings* valem o que valem e são criticados por muitos, mas também digo que vale mais estar lá, e a UBI está!).

Todos conhecem a transparência dos nossos números, a honestidade da nossa gestão e a ordem das nossas prioridades. Na UBI somos ambiciosos, mas também somos prudentes. Por vezes indignamo-nos, mas nunca deixamos de ser sensatos, respeitadores e leais para com o povo de Portugal e para com as Leis da República.

Digo, por isso, ao novo Governo que é necessário continuar a corrigir os desequilíbrios financeiros da UBI e que esperamos que nos compense através de um contrato-programa que possibilite a recuperação das infraestruturas, a construção de novos espaços pedagógicos, a recuperação das nossas infraestruturas desportivas, a recuperação das nossas cantinas e a estabilização dos nossos recursos humanos, docentes e funcionários de apoio e suporte.

A concretizar-se este apoio, a UBI saberá responder como sempre fez, através de uma escrupulosa utilização dos recursos, de uma transparente prestação de contas e de um compromisso cada vez mais acentuado para com a região, para com o país e para com a sociedade que nos suporta através dos seus impostos.

Nestes 50 anos de existência a UBI tem sido um farol de excelência académica, um espaço onde o conhecimento é cultivado e a inovação floresce. Mas, mais importante do que isso, tem sido um lar para os nossos alunos.

São eles o coração pulsante da nossa instituição, são eles que dão vida às nossas salas de aula, aos nossos laboratórios e às nossas atividades extracurriculares. Neste ano letivo, a UBI conta com mais de 9500 estudantes de vários graus de ensino, sendo que contamos com 720 alunos de doutoramento e cerca de 2000 alunos internacionais.

Ao longo da sua existência, a UBI já formou mais de 40 000 graduados, dando assim um importante contributo para a qualificação das pessoas, das organizações, das instituições da região e do nosso país, contribuindo significativamente para o desenvolvimento social, económico, científico, tecnológico, artístico e cultural, nacional e internacional. Quero, por isso, expressar, aqui e hoje, perante todos Vós, a minha profunda gratidão e reconhecimento a cada aluno atual e a todos os que por cá passaram, por terem escolhido a UBI como a sua casa do saber, e por terem confiado em nós para moldar o seu futuro. São eles que nos inspiram diariamente com a sua dedicação e entusiasmo face à universidade. São eles que nos estimulam na procura de ser cada vez melhores e no desenvolvimento de um projeto educativo que contribua para a continuação de um futuro sustentável. Como Instituição de ensino, temos a oportunidade, o dever e a responsabilidade de instruir e capacitar as próximas gerações de cidadãos e líderes com conhecimentos e habilidades necessárias para enfrentar com sucesso os desafios complexos do futuro.

Além do ensino, a investigação é outra pedra angular da nossa missão, sendo um elemento distintivo e diferenciador da atividade universitária. Na UBI valorizamos a busca pelo conhecimento e pela inovação como instrumentos de progresso. É comumente aceite que a qualidade do ensino ministrado numa Universidade depende da qualidade de investigação desenvolvida, e que um ensino de qualidade nas várias áreas do saber potencia a investigação que se pratica na academia. Ao longo dos anos, os nossos docentes e investigadores têm contribuído de forma significativa para o avanço do saber, em várias áreas do conhecimento, desde as ciências exatas, às ciências sociais e humanas, passando pelas ciências da engenharia, ciências da saúde e pelas artes. Os seus esforços

têm impacto, não só na comunidade académica, como na sociedade e na região envolvente, através da criação de soluções inovadoras para os desafios do mundo contemporâneo, sendo também um elemento crucial para atrair melhores alunos, para captar financiamento e para a interação com o mundo empresarial.

A UBI encontra-se atualmente envolvida em cerca de 158 projetos de investigação, incluindo 7 Agendas Mobilizadoras do PRR, envolvendo um financiamento total superior a 27 milhões de Euros.

A produção científica da UBI tem vindo a conhecer um crescimento consistente, tendo em 2023 sido publicados 1198 trabalhos científicos, sendo que cerca de 50% são publicados em Revistas de Primeiro Quartil. Foi um compromisso do nosso plano reitoral a abertura de um quadro para investigadores, tendo em vista a estabilização das carreiras. Neste contexto, a UBI candidatou 18 posições, no âmbito da FCT- Tenure. No âmbito da Aliança para o Conhecimento, foi por mim assinado, no início do mês, um protocolo com a tutela para a contratação de 5 investigadores, cujos concursos contamos abrir no decorrer do corrente ano 2024.

Num mundo onde a informação é poder, a Universidade desempenha um papel fundamental como fonte do conhecimento, de inovação e de progresso. No entanto, a verdadeira importância desse conhecimento resulta da possibilidade da sua transferência para o mundo empresarial, numa lógica de complementaridade. Além disso, a transferência de conhecimento promove o desenvolvimento económico e a competitividade. Ao colaborar com empresas e ao estimular o empreendedorismo, as universidades ajudam a impulsionar a criação de novos negócios, geram empregos, estimulam o crescimento económico e promovem o bem-estar social. Também aqui o papel da Universidade da Beira Interior tem sido notável pelo estímulo dado ao empreendedorismo, através do Gabinete de Empreendedorismo e Empregabilidade, do Gabinete de Transferência da Tecnologia e do UBIMEDICAL.

A UBI, por outro lado, foi pioneira na introdução de unidades curriculares em vários cursos que visam transmitir competências empreendedoras aos nossos estudantes. Por sua vez, o UBIMEDICAL funciona como um espaço de incubação de *start-ups* e um meio de aceleração de transferência de conhecimento via criação de empresas inovadoras. Neste momento, o UBIMEDICAL conta com 37 *start-ups*, e várias empresas já escalaram as suas atividades para o mercado, com benefícios evidentes para a economia da região e do país.

O impacto da UBI na nossa região é notório e transformou a mesma por completo. É um

verdadeiro “*spill-over*” do desenvolvimento e um farol de luz que ilumina e irradia o desenvolvimento. Seja de forma direta, via colaboração com empresas, organizações de caráter público, associativo ou privado, e ainda com as autarquias e as comunidades intermunicipais, seja de forma indireta, pelo dinheiro que a UBI investe através dos seus projetos e orçamentos, e também pelo dinheiro que a comunidade académica (professores, funcionários e estudantes) injeta na economia local, pelos recursos humanos altamente qualificados que forma e ainda pelo talento que retém e dissemina. O resultado está à vista de todos na Cova da Beira, basta comparar o seu desenvolvimento atual com a imagem de há 20 anos: mais habitações, mais urbanizações de qualidade, mais empresas de novos setores de atividade nos parques industriais da Covilhã e do Fundão, mais e melhores organizações públicas e privadas de cuidados de saúde, mais hotéis instalados e em instalação, mais associações de caráter cultural e recreativo, mais visitantes e turistas, mais atividades culturais nas nossas cidades, mais produtos agrícolas diferenciados e com forte imagem no mercado, entre outros aspetos.

A UBI tem hoje uma forte presença internacional, visível não só pelo número de alunos internacionais que nela fazem os seus estudos, pelos vários acordos ERASMUS, mas também pela presença ativa em Associações da Universidade, como a UNITA – Aliança Europeia de Universidades, da qual a UBI foi Universidade fundadora, e que conta agora com uma nova aprovação para o período 2024-2028 e com 10 universidades parceiras e 2 associadas. Saliente-se, ainda, a pertença ao grupo da Universidade de Tordesilhas e ao CRUSOE - Conselho de Reitores de Universidades do Norte e Centro de Espanha e Portugal. Ainda neste contexto, a UBI fortaleceu a sua capacidade de trabalho, ao reforçar o Gabinete de Internacionalização e ao criar o Gabinete UNITA.

As atividades de ensino, investigação e interação com a sociedade e o território não seriam possíveis sem a comunidade de pessoas que aqui trabalham. A UBI conta hoje com cerca de 1300 trabalhadores, considerando o corpo docente a tempo inteiro e parcial, os investigadores, os técnicos de apoio, administrativos e de gestão e o pessoal dos SASUBI.

Debatemo-nos com a necessidade de rejuvenescer o nosso corpo docente nos próximos anos. Na perspetiva de qualificação deste corpo, a atual Reitoria lançou um programa de abertura de concursos de promoção, tendo aberto 88 concursos para professores associados e professores catedráticos. Este número é por si só superior ao número total de concursos de promoção realizados em todas as outras Reitorias anteriores, somadas.

Procedemos à publicação de um novo regulamento orgânico dos serviços da nossa

Universidade, criando um conjunto de chefias intermédias de 3º grau para possibilitar a progressão por mérito aos nossos funcionários, através de concursos a lançar ainda este ano.

Nos SASUBI estão abertos vários concursos de admissão de pessoal para várias áreas, visando o reforço dos serviços de apoio aos estudantes e a perspectiva de rejuvenescimento do corpo de funcionários daquele setor.

Neste dia comemorativo não podíamos deixar de falar de algumas questões desafiadoras para o futuro que está já aí. Refiro-me, por um lado, às questões sociais e ambientais. Como instituição de ensino superior e investigação, temos o dever e a responsabilidade de educar e capacitar os nossos estudantes com conhecimentos e habilidades necessárias para enfrentar os desafios de sustentabilidade, integrando nos currículos académicos temas relacionados com a sustentabilidade e com as questões sociais, e a incentivar os nossos estudantes a serem proativos, participando em projetos práticos relacionados com aquelas temáticas. Além disso, devemos promover a sustentabilidade no nosso próprio *campus*, como está já a suceder com os projetos de eficiência energética, as políticas de reciclagem de resíduos, a promoção da mobilidade sustentável, prevendo-se também aumentar a infraestrutura verde.

Por outro lado, tenho a responsabilidade de chamar a atenção de todos para alguns desafios que podem constituir ameaças potenciais para a Universidade.

Saliento, entre outros aspetos:

- A situação demográfica – Portugal enfrenta desafios demográficos significativos, como o envelhecimento da população e o declínio da taxa de natalidade. Isto poderá vir a afetar o número de alunos que se candidatam à Universidade. Por isso, a UBI deverá estar atenta e desenvolver estratégias para atrair e reter alunos nacionais e internacionais, bem como adaptar programas e cursos às necessidades de formação ao longo da vida.
- A Inteligência Artificial – A rápida evolução tecnológica no campo da Inteligência Artificial (IA) está a mudar e irá mudar ainda mais a forma como vivemos, trabalhamos e aprendemos. A Universidade tem de estar na vanguarda desta revolução, adaptando e liderando a investigação que explore o potencial, mas acautele também os impactos éticos da Inteligência Artificial.
- A instabilidade política nacional – A instabilidade política poderá ter efeitos adversos no financiamento e na gestão das universidades. Cortes orçamentais e alterações na

política de educação superior podem trazer novos desafios a que é necessário prestar atenção e dar resposta adequada.

- As guerras e conflitos internacionais – apesar de Portugal ter uma relativa estabilidade quando comparada com outras regiões do mundo, a globalização e os inter-relacionamentos geopolíticos em que nos encontramos podem ter impactos significativos para a academia. Isto pode ter implicações na economia, na mobilidade de pessoas e até no envolvimento direto em conflitos, o que, sem dúvida, arrastaria os nossos jovens para a guerra.

- A saúde mental dos estudantes – é um facto que cada vez mais se nota um aumento de problemas relacionados com a saúde mental dos estudantes. Alguns estudantes ficam mais vulneráveis durante o período académico. Os momentos vividos durante a frequência das aulas, as relações criadas neste contexto e as dúvidas sobre o futuro podem ter um impacto negativo no âmbito psicológico, na vida social e no desempenho do aluno. Acresce ainda situações relacionados com a ansiedade, com a depressão, com o *burnout* e com o *stress*. Devo referir que a UBI candidatou um projeto para apoiar e ajudar a nossa comunidade de estudantes a enfrentar esta problemática. O projeto foi financiado em 340 000€ e irá desenvolver-se nos próximos anos.

Gostaria de fazer aqui um agradecimento muito especial aos patrocinadores dos diferentes prémios que quiseram, uma vez mais, associar-se à Universidade e, desta forma, premiar a qualidade, o mérito e a exigência no trabalho destes alunos e incentivar a sua inserção na vida ativa. Esta é também uma forma inequívoca de ligação da Sociedade à Universidade, da abertura e da cooperação da UBI com os vários agentes sociais.

Agradeço ao nosso orador convidado de hoje por ter aceitado o nosso desafio para proferir a palestra neste aniversário da UBI, o Dr. Anselmo Crespo, que foi aluno da UBI, onde concluiu a Licenciatura em Comunicação Social, tendo sido também membro do Conselho Geral da Universidade.

Anselmo Crespo é jornalista há mais de 20 anos em vários meios, desde a imprensa à televisão, da rádio ao digital. Passou por várias estações de comunicação social, sendo, desde março de 2022, Diretor de Novos Conteúdos da TVI e da CNN Portugal. Ao longo dos anos acumulou vasta experiência em gestão de equipas e de projetos, sendo comentador político e apresentando um programa nacional de análise política na CNN Portugal “o Contrapoder”.

Os recursos humanos são um fator muito importante para o sucesso das organizações. Sem as pessoas seria impossível fazer a Universidade funcionar. Por isso, para aqueles/as que hoje aqui irão ser mencionados por terem passado à situação de aposentados, o nosso agradecimento pelo trabalho desenvolvido em prol da Universidade. O nosso sucesso é uma conquista coletiva, recebam por isso a nossa gratidão e admiração. Felicidades para a nova etapa da vossa vida.

Aos recursos humanos da UBI e dos SASUBI que completaram 20 anos de permanência efetiva na instituição, iremos atribuir uma medalha, que mais não é do que o nosso reconhecimento e gratidão pela vossa dedicação à Universidade. Todo o sucesso é fruto de um grande trabalho de equipa e, quando todos trabalham visando o mesmo objetivo, conseguimos alcançar os nossos objetivos. Continuaremos a contar convosco, para que, juntos, possamos crescer e atingir novos patamares de qualidade, excelência e crescimento.

Dirijo também uma palavra de muito apreço a três personalidades que muito contribuíram para a nossa afirmação no passado e que hoje irão ser distinguidas por estarem claramente envolvidas nos 50 anos de Ensino Superior na Região, cada uma por motivos diferentes:

- O Professor Doutor Manuel José dos Santos Silva, pelos altos serviços prestados à Universidade da Beira Interior durante o seu período de vinculação profissional, de 19 de novembro de 1975 a 27 de maio de 2021, e pelos relevantes contributos para a expansão e afirmação da instituição e para o desenvolvimento da ciência e da cultura, ao longo da sua vasta carreira profissional como docente e investigador, que o notabilizaram junto de toda a comunidade académica nacional e internacional. Santos Silva viveu para a sua Faculdade de Engenharia e para o seu Departamento de Engenharia Têxtil, onde lecionou ao longo da sua permanência na Universidade e onde deixou a sua marca, mas não confinou o seu trabalho ao Departamento, pois foi, desde o início, um obreiro da construção da nossa UBI e, já no decurso do seu Reitorado, o maior defensor e lutador pela implementação da Faculdade de Ciências da Saúde e do seu curso de Medicina.

- O Dr. Pedro Roseta, pela sua intervenção preponderante, na qualidade de Deputado à Assembleia da República, na defesa do Instituto Politécnico da Covilhã e da sua conversão em Instituto Universitário da Beira Interior, que viria a concretizar-se em 1979. Natural da Covilhã, o Dr. Pedro Roseta é licenciado em Direito pela Faculdade de Direito de Lisboa. Foi técnico superior do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação, tendo colaborado na reforma educativa do ministro José Veiga Simão, juntamente com Adelino Amaro da Costa, Fraústo da Silva, Alberto Ralha e

Roberto Carneiro, entre outros. Exerceu cargos de destaque em diversas Universidades e entidades relacionadas com a Educação. Foi deputado à Assembleia Constituinte e em várias Legislativas. Em abril de 2002 foi empossado ministro da Cultura do XV Governo Constitucional, até julho de 2004.

- O Professor Doutor Fernando de Jesus, professor catedrático jubilado do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), que, em novembro de 1974, foi convidado pela Comissão Instaladora do Instituto Politécnico da Covilhã a prestar colaboração a esta instituição (juntamente com os Professores Mário Madureira e Rogério Fernandes Ferreira), na criação e orientação científica e pedagógica das disciplinas do Bacharelato em Administração e Contabilidade (BAC), o qual viria posteriormente a dar origem à licenciatura em Gestão de Empresas. No Instituto Politécnico da Covilhã, e nas instituições que lhe sucederam, publicou as lições para as disciplinas de Matemática, Estatística Descritiva, Econometria e Matemática Financeira, fundamentais para assegurar a qualidade do ensino nesta instituição de ensino superior que começava a afirmar-se e, conseqüentemente, para o prestígio da Instituição. O Prof. Fernando de Jesus representa, assim, nesta sessão, o corpo inicial de docentes desta Academia.

Por razões menos agradáveis, não podemos deixar de prestar, nesta sessão, o nosso tributo ao principal projetista do Polo I desta Instituição, o Arquiteto Bartolomeu Costa Cabral, falecido no passado dia 20 de abril. Aquele que foi um dos nomes mais importantes do segundo modernismo português, assinou o projeto, em 1973, do Edifício da 1ª Fase, do Instituto Politécnico da Covilhã, no designado Polo I. Iniciava-se, assim, uma ligação com a instituição que antecedeu a UBI e que inclui, entre outros, os projetos das 2ª, 3ª e 4ª Fases (entre 1974 e 1989), do Centro de Reprografia (1978), da 5ª Fase (1987-1991), da Quinta da Malufa (1988), do Centro de Informática (1991-1995), da Biblioteca Central (1998-2001) e do Museu de Lanifícios (1999-2005), conjunto urbanístico que constitui um legado patrimonial e arquitetónico de valor inestimável para a UBI e para a cidade da Covilhã.

Minhas senhoras e meus senhores, caros convidados

Como todas as organizações, a UBI enfrentou, ao longo da sua existência, fases de evolução e fases de revolução, relacionadas com o seu crescimento e com os contextos externos atrás referidos. Encontramo-nos perante um novo estágio de desenvolvimento da instituição que exige uma cultura de adaptação à mudança e a necessidade de reinventar um novo modelo de desenvolvimento. É nosso dever criar confiança, compromisso e envolvimento, quer a nível interno quer a nível externo.

São muitos os desafios que temos pela frente. Como nos ensinou Marie Skłodowska, mais conhecida por Marie Curie, “o caminho do progresso não é rápido nem fácil”. Todos os anos letivos são exigentes, sem dúvida, mas o mais importante é sempre o próximo, ainda que não possamos deixar de ter também uma visão de médio e longo prazo, para podermos planejar com sucesso o futuro da Universidade da Beira Interior, com a finalidade de atingirmos os objetivos estratégicos da nossa Universidade; uma Universidade baseada nos seus valores intrínsecos (inovação, proximidade, aprendizagem para a vida, diversidade, responsabilidade social, integridade académica, sustentabilidade e excelência); uma Universidade competitiva; uma Universidade que proporcione aos seus estudantes uma formação de qualidade e que contribua para o progresso da nossa sociedade.

As realizações passadas são motivo de satisfação e orgulho. Acreditamos que podemos fazer mais e melhor. Evoluir é o nosso compromisso.

Muito obrigado pela vossa atenção.

Anexo N

Análise descritiva da cerimónia do 30 de abril por anos e mandatos

		PARÂMETROS ANALISAR							
		Contexto da cerimónia	Exposições	Protocolo	Desenvolvimento do Evento	Aspetos Visuais e Sonora	Reação do Público	Aspetos Culturais e Sociais	Conclusões
Abn	Reitor	(Tipo: militar, religiosa, oficial, cultural, etc); Objetivo: celebração, inauguração, homenagem, etc.)	(Como foi planeada, organização, a quem foram dirigidos os discursos, etc.) Fatos: a logística e informação sobre o local, decoração, equipamento de som e imagem e acessibilidade)	Quem deu início à cerimónia foi o Reitor, cujo discurso referiu os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir. Discursou também o Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica, em nome da Associação Académica, doutoramento honoris causa do Comendador Sebastião Alves, participação do Com da UBI, entrega de medalhas a Docentes e Funcionários que pertenceram 20 anos de serviço na Instituição e ao Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica. Discursou também o Reitor, assistente de Protocolo, houve a participação de empresas que patrocinaram prémios de mérito.	(Pontualidade; descrição do "ambiente" durante a cerimónia; interação; como se comportaram os convidados/participantes)	(Decorção; o que foi utilizado e como contribuiu para o sucesso do evento; Música e sons; tipo de qualidade; fotografia e vídeo; como foi feito, profissionais ou não, registro de momentos especiais)	(Como reagiu às diferentes partes da cerimónia, se houve oportunidade de participação ativa?)	(Tradição ou costume específico durante a cerimónia; qual a importância para a comunidade ou grupo em que está envolvido)	(Avaliação global)
1986	Prof. Cândida Passos Morgado	Oficial, comemorativa do relacionamento com o setor, com inaugurações.	Os convites foram enviados a entidades locais e nacionais, empresas e outras.	Quem deu início à cerimónia foi o Reitor, cujo discurso referiu os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir. Discursou também o Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica, em nome da Associação Académica, doutoramento honoris causa do Comendador Sebastião Alves, participação do Com da UBI, entrega de medalhas a Docentes e Funcionários que pertenceram 20 anos de serviço na Instituição e ao Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica. Discursou também o Reitor, assistente de Protocolo, houve a participação de empresas que patrocinaram prémios de mérito.				A cerimónia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Capela de S. Martinho em direção ao Auditório das Sessões Solenes. Tratase de um evento de grande importância para a UBI, mas também para as diversas entidades que marcaram presença.	
2001	Prof. Manuel Santos Silva	Oficial, comemorativa do relacionamento com o setor, com inaugurações.	Os convites foram enviados a entidades locais e nacionais, empresas e outras.	Quem deu início à cerimónia foi o Reitor, cujo discurso referiu os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir. Discursou também o Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica, em nome da Associação Académica, doutoramento honoris causa do Comendador Sebastião Alves, participação do Com da UBI, entrega de medalhas a Docentes e Funcionários que pertenceram 20 anos de serviço na Instituição e ao Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica. Discursou também o Reitor, assistente de Protocolo, houve a participação de empresas que patrocinaram prémios de mérito.				A cerimónia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Capela de S. Martinho em direção ao Auditório das Sessões Solenes. Tratase de um evento de grande importância para a UBI, mas também para as diversas entidades que marcaram presença.	
2012	Prof. João Queiroz	Oficial, comemorativa do relacionamento com o setor, com inaugurações.	Os convites foram enviados a entidades locais e nacionais, empresas e outras.	Quem deu início à cerimónia foi o Reitor, cujo discurso referiu os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir. Discursou também o Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica, em nome da Associação Académica, doutoramento honoris causa do Comendador Sebastião Alves, participação do Com da UBI, entrega de medalhas a Docentes e Funcionários que pertenceram 20 anos de serviço na Instituição e ao Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica. Discursou também o Reitor, assistente de Protocolo, houve a participação de empresas que patrocinaram prémios de mérito.				A cerimónia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Capela de S. Martinho em direção ao Auditório das Sessões Solenes. Tratase de um evento de grande importância para a UBI, mas também para as diversas entidades que marcaram presença.	
2015	Prof. António Fidalgo	Oficial, comemorativa do relacionamento com o setor, com inaugurações.	Os convites foram enviados a entidades locais e nacionais, empresas e outras.	Quem deu início à cerimónia foi o Reitor, cujo discurso referiu os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir. Discursou também o Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica, em nome da Associação Académica, doutoramento honoris causa do Comendador Sebastião Alves, participação do Com da UBI, entrega de medalhas a Docentes e Funcionários que pertenceram 20 anos de serviço na Instituição e ao Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica. Discursou também o Reitor, assistente de Protocolo, houve a participação de empresas que patrocinaram prémios de mérito.				A cerimónia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Capela de S. Martinho em direção ao Auditório das Sessões Solenes. Tratase de um evento de grande importância para a UBI, mas também para as diversas entidades que marcaram presença.	
2024	Prof. Mário Raposo	Oficial, comemorativa do relacionamento com o setor, com inaugurações.	Os convites foram enviados a entidades locais e nacionais, empresas e outras.	Quem deu início à cerimónia foi o Reitor, cujo discurso referiu os progressos conseguidos até ao momento e o que pretendia fazer a seguir. Discursou também o Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica, em nome da Associação Académica, doutoramento honoris causa do Comendador Sebastião Alves, participação do Com da UBI, entrega de medalhas a Docentes e Funcionários que pertenceram 20 anos de serviço na Instituição e ao Prof. Manuel Santos Silva, Presidente da Associação Académica. Discursou também o Reitor, assistente de Protocolo, houve a participação de empresas que patrocinaram prémios de mérito.				A cerimónia começou ligeiramente atrasada, com o cortejo a iniciar na Capela de S. Martinho em direção ao Auditório das Sessões Solenes. Tratase de um evento de grande importância para a UBI, mas também para as diversas entidades que marcaram presença.	